



**O comportamento tribal e os principais *drivers* associados à interação
digital da subcultura *motard***

Bruno Miguel da Fonseca Ribeiro

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Marketing Digital

Esta versão contém as críticas e sugestões dos elementos do júri

Outubro – 2018



**O comportamento tribal e os principais *drivers* associados à interação
digital da subcultura *motard***

Bruno Miguel da Fonseca Ribeiro

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Contabilidade e Administração do
Porto para a obtenção do grau de Mestre em Marketing Digital, sob a orientação da

Professora Doutora Ana Pinto de Lima.

Resumo

No decorrer da pós-modernidade passou a considerar-se que sob a linha de estruturação social que rege uma sociedade, se aglomeram diferentes subculturas que tendem a se comportar de forma diferenciada. Estes agregados de indivíduos manifestam comportamentos sociais específicos e fortemente condicionados por determinados *drivers* (estímulos emocionais) que os impulsionam a interagir com e entre os seus pares.

Levando em consideração a existência de diferentes géneros de subculturas que partilham semelhantes características, depositou-se o foco da presente investigação sobre os *motards* portugueses, procurando compreender a forma como estes interagem por via digital.

Almejando o alcance deste objetivo, esta investigação recorreu ao potencial da Netnografia para ler e interpretar corretamente os padrões associados ao comportamento manifestado pela subcultura *motard* na Internet. Em decurso deste estudo, pretendeu-se descortinar a natureza da interação digital mantida por alguns dos elementos constituintes da subcultura *motard*, e a caracterização dos *drivers* que os influenciam a tomar parte ativa na mesma, nomeadamente, através da utilização das diferentes ferramentas digitais.

Os resultados mostram que é no espaço digital que o *motard* alcança os seus pares, por via dos fóruns de discussão e que os seus *drivers* mais relevantes são: viajar, prazer, convívio, camaradagem, desfruto, liberdade, descompressão, solidariedade e partilha.

Palavras-chave: Digital; *Drivers*; Interação; *Motard*; Tribal.

Abstract

In the course of the development of postmodernity it has come to be considered that under the line of social structuring that governs a society, there are different subcultures that tend to behave differently. These aggregates of individuals manifest specific social behaviors and are strongly conditioned by certain drivers that impel them to interact with and between their peers.

Taking into account the existence of different genres of subcultures that share similar characteristics, the focus of the present research is placed on Portuguese bikers, trying to understand how they interact digitally.

In pursuit of this objective, this research used the potential of Netnography to read and correctly interpret the patterns associated with the behavior manifested by the biker subculture on the Internet. In the course of this study, the intention was to discover the nature of the digital interaction maintained by some of the elements of the biker subculture, and the characterization of the drivers that influence them to take an active part in it, namely through the use of different digital tools.

The results show that it is in the digital space that the biker reaches its peers through discussion forums and that its most relevant drivers are: traveling, pleasure, socializing, fellowship, enjoyment, freedom, decompression, solidarity and sharing.

Keywords: *Biker; Digital; Drivers; Interaction; Tribal*

Dedicatória

A efêmera jornada da nossa existência será sempre composta por numerosos obstáculos. Castradores impasses que nos atrapalham ocasionalmente os planos que vamos rabiscando em folhas invisíveis. Nunca sabendo o que nos espera adiante, conseguimos dar somente um passo receoso de cada vez, munidos apenas com o rasgo de determinação que nos ilumina o ser.

Ainda assim, este tortuoso caminho não será percorrido no isolamento da nossa individualidade, mas sim na companhia de todos aqueles, presentes ou ausentes fisicamente, que nos confiam a esperança de que necessitamos para conseguir alcançar os nossos objetivos.

Será sempre por nós e por aqueles que silenciosamente depositam a sua mão no nosso ombro, que a cada obstáculo que nos surja, encontraremos no nosso âmago a força necessária para recomeçar.

E quantas vezes tive eu de recomeçar...

*“Recomeça....
Se puderes
Sem angústia
E sem pressa.
E os passos que deres,
Nesse caminho duro
Do futuro
Dá-os em liberdade.
Enquanto não alcances
Não descanses.
De nenhum fruto queiras só metade.
E, nunca saciado,
Vai colhendo ilusões sucessivas no pomar.
Sempre a sonhar e vendo
O logro da aventura.
És homem, não te esqueças!
Só é tua a loucura
Onde, com lucidez, te reconheças...”*

Miguel Torga, Sísifo

Agradecimentos

Aos meus pais. Seres benevolentes de incansável resiliência que nunca em momento algum, ousaram duvidar do potencial que em mim sempre residiu. Sem eles, nada do que neste momento se almeja alcançar poderia alguma vez ser exequível.

À minha irmã. Manifesta companhia de todos os meus términos e mais importante do que estes, de todos os meus tímidos recomeços.

Aos meus sobrinhos. Que possa este meu esforço demonstrar que nada será impossível de alcançar quando nos comprometemos a atingir as nossas metas com a devida determinação e sacrifício próprio.

Aos meus amigos. Companheiros de tribo e figuras incondicionais de todos os sucessos e fracassos que compõem esta minha singela existência.

A ela. Jovem companheira de tribo e enigmática figura que não me poupa à frieza da verdade, por mais acutilante esta possa ser.

Aos meus professores. Magníficas fontes de conhecimento e constante desafio intelectual que me forneceram as ferramentas para conseguir construir esta obra.

Ao meu conselheiro. Professor Doutor José de Freitas Santos. Pelo esclarecimento, estímulo e acompanhamento na preparação das bases para o desenvolvimento desta aventura.

À minha orientadora. Professora Doutora Ana Pinto de Lima. Pela orientação, partilha de conhecimento, dedicação e inabalável paciência, necessárias para a conclusão de um dos maiores desafios da minha vida.

A todos vós, os meus mais profundos e sinceros agradecimentos.

Lista de siglas e abreviaturas

CC – Centímetros cúbicos;

CV – Cavalo-vapor;

RIM – Rota Internacional Motonliners;

TI – Tecnologias de Internet.

Índice geral

Resumo	i
Abstract.....	ii
Dedicatória.....	iii
Agradecimentos	iv
Lista de siglas e abreviaturas	v
Índice geral	vi
Índice de tabelas	ix
Índice de figuras	x
Capítulo I – Introdução.....	1
1.1 Conceituação do tema	2
1.2 Objeto de estudo.....	3
1.3 Justificação da temática.....	4
1.4 Problema suscitado.....	5
1.5 Objetivo do estudo	6
1.6 Questões da investigação	7
1.7 Método proposto	8
1.8 Relevância da investigação	9
1.9 Organização da investigação	10
1.10 Calendarização	11
1.11 Conclusão	12
Capítulo II – Enquadramento teórico	13

2.1 Pós-modernismo.....	13
2.2 Subculturas	17
2.3 Teoria da tribo	20
2.4 <i>Linking value</i>	25
2.5 Marketing Tribal.....	26
2.6 Consumo pós-moderno	27
2.7 Interação digital.....	31
2.8 Conclusão	34
Capítulo III – Metodologia de investigação	35
3.1 Modelo e estrutura de investigação	35
3.2 Amostra	38
3.3 Processo de recolha de dados	43
3.4 Processo de análise de dados.....	47
3.5 Conclusão	48
Capítulo IV – Tratamento e análise dos dados	50
4.1 Tratamento de dados.....	50
4.2 Codificação de dados	54
4.3 Resultados	58
4.4 Comparação.....	61
4.5 Análise de conteúdo	63
4.6 Mapa conceptual do conhecimento	76
4.7 Resposta às questões de investigação.....	77

4.8 Conclusão	89
Capítulo V – Conclusões	90
5.1 Conclusões do estudo	90
5.2 Limitações	94
5.3 Futuras pesquisas.....	96
Referências	98
Anexos.....	101

Índice de tabelas

Tabela 1. Calendarização de tarefas a desenvolver	11
Tabela 2. Tipologia de comunidades de consumo	19
Tabela 3. Top de publicações do fórum Motonliners	42
Tabela 4. Modelo de registo de dados apurados	48
Tabela 5. Cobertura de dados	51
Tabela 6. Top de participação dos autores	52
Tabela 7. Coletânea de dados em estado bruto	53
Tabela 8. Top de autores com comentários selecionados	55
Tabela 9. Ranking de palavras com significado para a tribo	59

Índice de figuras

Figura 1. Esquema de relevância da investigação	9
Figura 2. Trevo tribal.....	22
Figura 3. Papéis na tribo	24
Figura 4. Modelo de investigação	36
Figura 5. Print-screen de estatísticas do fórum Motonliners	51
Figura 6. Esquemática de codificação	54
Figura 7. Esquemática de drivers	56
Figura 8. Esquemática de temáticas	57
Figura 9. Esquemática com maior número de ocorrências.....	58
Figura 10. Nuvem de palavras dos comentários.....	60
Figura 11. Mapa conceptual do conhecimento	76
Figura 12. Interação entre o motard e o espaço digital.....	79

Capítulo I – Introdução

Ao longo do seu percurso de vida, o ser humano tende a descobrir naturalmente um qualquer ofício ou ocupação que o estimula de forma particular e à qual este se dedica sem qualquer esforço ou sacrifício. Normalmente associado aos seus tempos livres, este género de ocupação desperta-lhe um conjunto específico de sensações de forte componente emocional que o envolvem e incitam a aprofundar o seu conhecimento e ligação ao tema.

Por direta incidência da relevância que esta ocupação passa a exhibir na vida do indivíduo, facilmente se compreende que este procure ampliar o seu conhecimento, quer por via da pesquisa individual, quer por via da recolha ou troca de informações junto de terceiros. A sede de conhecimento especializado tende a crescer com o seu envolvimento na temática, tornando-o mais exigente ao mesmo tempo que este se torna mais experiente.

Em devido momento, o que poderá ter começado como mera ocupação de tempos livres ascende a uma posição de maior pertinência, passando a representar uma preponderância significativa na sua vida, levando-o a encetar e demonstrar padrões comportamentais específicos.

Dado que vivemos em sociedade, será comum que diferentes indivíduos partilhem gostos idênticos, o que garante que com uma maior proximidade e envolvimento nestas ocupações, haja um forte estímulo para se procurar a interação com os pares. Assim, surge uma necessidade de convergir a um espaço físico ou digital para se experienciar momentos significativos junto daqueles que partilham os mesmos gostos e interesses, contribuindo para a construção de uma rede complexa de interações sociais.

O presente capítulo procura delinear a representação do que poderá ser entendido como uma ocupação mas na realidade assume a importância de um estilo de vida – uma forma distinta

de viver e socializar junto dos pares, elegendo o motociclo como objeto de culto e meio de interação social. Numa época em que o meio digital se expande e toca em praticamente todos os domínios, procura-se entender de que forma a influência das novas ferramentas digitais se manifesta em indivíduos que partilham esta mesma ocupação.

Assim, de modo a conseguir garantir o devido enquadramento da temática em análise, o capítulo organiza-se em onze subcapítulos: (i) Conceituação do tema; (ii) Objeto de estudo; (iii) Justificação da temática; (iv) Problema suscitado; (v) Objetivo pretendido; (vi) Questões da investigação; (vii) Método proposto; (viii) Relevância da investigação; (ix) Organização da investigação; (x) Calendarização e (xi) Conclusão. Através destes, procura-se instaurar as balizas que delimitam o caminho que a investigação deve percorrer, de modo a alcançar-se o objetivo final.

1.1 Conceituação do tema

No âmbito de estudo e intervenção do Marketing Tribal pode-se verificar que existem no presente momento, diferentes microgrupos que se agregam de forma espontânea, unidos de acordo com uma intrincada rede de ligações sociais específicas. A leitura e interpretação dos comportamentos destes microgrupos é particularmente singular, pois, estes tendem a não corresponder aos normais parâmetros homogêneos de segmentação tradicionalmente implementados pelos profissionais de Marketing.

Esta particularidade dificulta um acompanhamento próximo a estas coletividades mas representa simultaneamente excelentes oportunidades para os profissionais e as marcas que consigam efetivamente alcançar o núcleo destes coletivos e passem a disponibilizar uma oferta ajustada às suas necessidades.

Estas coletividades sendo agregadas essencialmente por influência do domínio social,

obedecem aos desígnios de uma intrincada composição de impulsos emocionais, também denominados de *drivers*, despertando assim um dos focos de estudo da presente investigação. Pela relevância que estes possuem, importará compreender se existe a possibilidade de enunciar os *drivers* mais recorrentes a induzirem determinado intento de ação no objeto de estudo, levando-o a interagir com outros por via física e possivelmente digital.

Sendo o espaço digital uma das áreas que evidencia maior progressão e desenvolvimento na sociedade, urge a necessidade de entendimento acerca dos padrões de comportamento e interação de todos os seus utilizadores, nomeadamente aqueles que pertencem a coletivos de uma natureza esquiva. A análise e compreensão destes dados poderá contribuir significativamente para o reforço dos pilares estruturais do Marketing Digital.

1.2 Objeto de estudo

O objeto de estudo desta investigação é uma comunidade de motociclistas portugueses, vulgarmente denominados no nosso país, e especialmente entre os seus pares, pela palavra de origem francesa – *motard*. Um microgrupo composto por diferentes indivíduos, provenientes de distintas origens, que se congregam em torno de um bem material (motociclo) que lhes serve de transporte mas igualmente como indutor de sensações, ascendendo assim ao lugar de objeto de culto.

As origens deste coletivo são antigas mas muitos dos seus rituais sociais traçam-se mais comumente até aos primórdios de existência dos *cafe racers*, membros de uma subcultura de amantes de motociclos que surgiu em Inglaterra, no início dos anos 50 do século XX.

Estes indivíduos conhecidos à data como *cafe racers*, *rockers* ou *ton-up boys* partilhavam entre si a paixão pelos motociclos, o rock e a velocidade, reunindo-se regularmente em cafés (por exemplo, o *Ace Cafe London*) próximos às estradas, onde por vezes, competiam em

corridas improvisadas. Esta paixão pela velocidade, pelo desafio e pelo risco, acabou por ser um dos elementos que ajudou a dar forma à mística que os envolvia, e que nos dias de hoje, os amantes dos motociclos ainda ostentam na sociedade.

Posteriormente, a realização de corridas junto aos cafés acabou por ser erradicada, todavia, não se desvaneceu a relevância do encontro social realizado nesses locais. Independentemente de se falar da subcultura dos *cafe racers* (oriunda de Inglaterra), dos *bousouzoku* (oriunda do Japão) ou da Harley-Davidson (oriunda dos Estados Unidos da América), cada qual com as suas próprias particularidades, poderá existir a possibilidade destes microgrupos conservarem na sua génese, a relevância dos mesmos elementos agregadores.

Por imposição direta deste particular estilo de vida, a proximidade física mantida entre estes indivíduos gera laços de relacionamento que se aprofundam significativamente por via da repetida interação que estabelecem nos seus encontros semanais. Apesar dos mais de sessenta anos que nos separam desde os tempos dos *cafe racers*, evidencia-se que ainda hoje permanece viva, a necessidade e o desejo de se perpetuarem alguns dos seus antigos rituais de socialização.

O objeto de culto destes indivíduos é meramente material mas a natureza da união que mantém este coletivo agregado será puramente de dimensão emocional.

1.3 Justificação da temática

Ao longo do processo de desenvolvimento e expansão da área de estudo do Marketing, têm vindo a ser aprimoradas as ferramentas e os mecanismos de análise do mercado e do consumidor, todavia, os nichos e os microgrupos que se encontram presentes em praticamente todos os mercados, constituem sempre desafios particulares quando não se

ajustam aos segmentos de análise estipulados.

A subcultura *motard*, por influência da sua própria natureza furtiva, tende a ser restrita e envolvida por uma mística singular, dificultando a leitura e interpretação dos seus reais móveis sociais. No entanto, conjugam um coletivo que mantém ativas intrínsecas ligações emocionais entre si, manifestando igualmente uma significativa tendência para influenciarem algumas práticas de consumo (motociclo e equipamento).

Se se associar estas características à raridade da sua presença enquanto tema académico, esta subcultura evidencia um potencial relevante para ser foco de investigação no domínio do Marketing Digital, especialmente quando esta ocorre sob o olhar escrutinador de um membro desta subcultura.

Sousa e Baptista (2014) lembram que o interesse do investigador no tema a estudar é bastante importante, pois como o processo de investigação tende a ser muito solitário, ter um interesse especial pelo tema revela-se um considerável fator de motivação. Desta forma, a temática sobre a qual a presente investigação haveria de recair acabou por surgir de forma espontânea, encontrando no Marketing Digital, o elo de ligação propício à sua entrada no processo de escrutínio da academia.

1.4 Problema suscitado

O comportamento social deste coletivo no espaço físico é particular e em acordo com os rituais que trazem significado aos seus elementos constituintes, no entanto, o espaço digital tem vindo a exercer um fascínio considerável sobre o indivíduo comum, pelo que muitas das suas práticas do dia-a-dia têm vindo a ser profundamente influenciadas e até mesmo modificadas.

Reconhecendo esta capacidade de influência sobre o indivíduo comum, será importante

procurar descobrir se os membros da subcultura *motard* padecem dos mesmos efeitos, recorrendo ao potencial da via digital e das suas ferramentas para interagir entre si, e se sim, de que forma o costuma fazer. A leitura e interpretação das práticas comunicacionais mantidas dentro deste espaço pode ser útil para facilitar o entendimento dos seus *drivers* e habitual comportamento social.

1.5 Objetivo do estudo

Sousa e Baptista (2014) entendem que a investigação consiste num processo de estruturação do conhecimento, tendo como objetivos fundamentais conceber novo conhecimento ou validar conhecimento preexistente. Assim, com base no corrente problema de investigação, procura-se desenvolver uma pesquisa que apure dados suficientemente relevantes para se satisfazer os objetivos definidos e trazer esclarecimento à temática.

Por via a se tornar exequível o esclarecimento do objetivo principal da investigação – a natureza da interação mantida entre a subcultura *motard* e o espaço digital – será necessário analisar a interação mantida entre os elementos constituintes desta subcultura, dentro das fronteiras invisíveis da Internet.

A via para a concretização deste feito está diretamente relacionada com a leitura, interpretação e recolha de uma significativa quantidade de publicações individuais, fixadas pela técnica escrita e publicadas dentro do espaço digital de um *blog*, fórum de discussão, rede social ou *website*, ao qual, estes indivíduos tendem a convergir por iniciativa própria. Pretende-se que o estudo decorrente dessa coletânea de dados permita conhecer a natureza da relação que se estabelece entre os elementos que constituem esta coletividade.

De modo a se conseguir esclarecer os objetivos secundários desta investigação pretende-se determinar a forma predileta de manifestação digital da subcultura *motard*, procurando

conhecer as vicissitudes associadas aos seus comportamentos. O procedimento implementado para os objetivos secundários será o mesmo a aplicar durante a procura pelo esclarecimento do objetivo principal, contando com o tratamento de dados recolhidos para delinear as questões secundárias em maior detalhe.

1.6 Questões da investigação

A pesquisa exploratória desta temática havia revelado uma natural evidência para se suspeitar que poderiam existir afinidades entre o conceito de tribo pós-moderna, segundo a perspectiva do Marketing Tribal, e o comportamento social da subcultura *motard*.

Assim, sabendo que a interação social da subcultura *motard* no plano físico é extremamente expressiva e significativa, despertou-se a necessidade de se compreender de que forma este coletivo de indivíduos interage no espaço digital. A subcultura *motard* floresce por via da interação mantida no plano físico entre todos os seus membros, porém permanece a interrogação acerca da natureza da interação que estes indivíduos possam manter no espaço digital, ambiente de excelência em qualquer sociedade contemporânea.

Desta forma, na procura pelo esclarecimento desta problemática, pretende-se compreender a existência de uma interação digital entre os elementos desta subcultura, e em caso afirmativo, como se manifesta. Para tal, a principal questão de investigação é:

- (i) Qual a natureza da interação mantida entre a subcultura *motard* e o espaço digital?

Outras questões específicas resultam de uma maior profundidade na problemática, suscitada essencialmente pela exposição ao Estado da Arte, e assim, as questões de investigação secundárias são:

- (i) Qual é a forma predileta para a subcultura *motard* se manifestar no meio digital?

- (ii) Quais são os principais *drivers* da subcultura *motard*?
- (iii) Poderá a interação digital reforçar o *linking value* que o *motard* procura?
- (iv) Pode o comportamento digital do *motard* estar suscetível a transformação ao longo do período de exposição à comunidade?
- (v) Pode a interação digital da subcultura *motard* resultar em *insights* de valor para as marcas?

No desenvolvimento da presente investigação, almeja-se recolher dados em profundidade suficiente para esclarecer todas as questões de investigação enunciadas.

1.7 Método proposto

Considerando a presença e agregação dos conceitos de subcultura e interação social no cerne desta investigação, é então necessário recorrer a um método de pesquisa que possua capacidade operacional para a desenvolver convenientemente. Assim, considerando-se a natureza do objeto deste estudo, pretende-se recorrer ao potencial da Netnografia para retratar a forma como esta subcultura se manifesta no espaço digital.

A operacionalização deste método requer a procura em alguns dos espaços digitais (*blogs*, fóruns, redes sociais e *website*) de maior relevo para esta subcultura se manifestar, procedendo-se posteriormente à recolha e aglomeração de dados em estado bruto, provenientes das publicações e comentários. A súmula destes mesmos dados será então submetida à ação de *software* de análise qualitativa, de modo a ser possível conhecer os conceitos mais relevantes, com os quais, posteriormente se procurará desenvolver um mapa conceptual do conhecimento.

1.8 Relevância da investigação

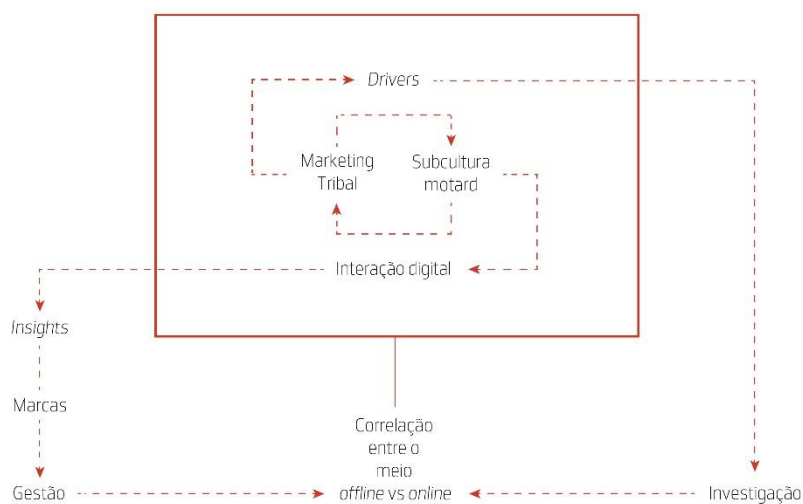
Devido à especificidade desta investigação e à natureza do seu objeto de estudo, estima-se que esteja associado à mesma um considerável índice de relevo, tanto para os académicos que se dedicam à investigação científica, como para as entidades que se dedicam ao mundo da gestão.

Com base nos conceitos previamente identificados – (i) Tribal, (ii) *Drivers*, (iii) Interação digital e (iv) Subcultura *motard*, obtém-se um agregado rico que aborda os seguintes conceitos nucleares:

- o Marketing Tribal e a interação digital, emergentes na sociedade,
- um constituinte social, a subcultura *motard*, pouco retratado academicamente, e ainda,
- um elemento composto por significativa componente emocional, os designados *drivers*.

Estes conceitos encadeiam-se numa sequência de interação social específica que vê o seu elemento de destaque suportado na correlação mantida entre o meio *offline* e o meio *online*, como mostra a Figura 1.

Figura 1. Esquema de relevância da investigação



(fonte: elaboração própria)

A investigação apresenta relevo para os investigadores académicos que se sintam atraídos pela análise e compreensão da natureza da correlação entre o meio *offline* e o meio *online*, bem como, pela leitura e interpretação dos principais *drivers* associados à subcultura presente nesta investigação.

As organizações podem encontrar especial relevo na interação digital, pois esta pode fornecer à gestão percepções valiosas acerca das práticas desta subcultura, facilitando a sua tarefa no processo de identificação e posterior satisfação das suas necessidades. Sendo esta, uma subcultura significativamente esquiva e que se comporta socialmente de forma muito específica, a recolha deste género de informações é particularmente árdua, pelo que pequenos dados podem ser bastante relevantes.

Dispostos os presentes argumentos, entende-se que no seu todo, a presente investigação configura uma conceção particular mas bastante atual e premente, podendo vir a revelar um rumo interessante para a estruturação de uma metodologia de entendimento da conduta social desta e de outras subculturas de natureza esquiva.

1.9 Organização da investigação

A estrutura de organização da presente dissertação suporta-se em cinco capítulos: (i) Introdução, (ii) Enquadramento teórico, (iii) Metodologia, (iv) Tratamento e análise dos dados e (v) Conclusões.

O primeiro capítulo contempla a introdução, na qual se procura efetuar uma contextualização dos principais temas associados ao processo de investigação, bem como, construir as balizas que delimitarão todo o procedimento de investigação.

O segundo capítulo apresenta o enquadramento teórico que sustenta o processo de investigação, seguindo-se o terceiro capítulo com referência à metodologia aplicada, e ao

processo de recolha de dados primários.

O quarto capítulo engloba o tratamento e análise de dados, de modo a ser possível conhecer resultados capazes de responder às questões de investigação.

Por fim, o quinto capítulo traz a debate as conclusões que resultaram desta investigação, bem como, a discussão dos resultados e possíveis implicações para o domínio do Marketing Digital.

1.10 Calendarização

Em decurso da arquitetura de desenvolvimento da presente dissertação, entende-se que as tarefas inerentes à concretização da mesma requer uma esquematização rígida que auxilie o investigador a manter a viabilidade do cumprimento dos prazos estipulados, segundo a Tabela 1.

Tabela 1. Calendarização de tarefas a desenvolver

Tarefas desenvolvidas	2017	2018	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pesquisa exploratória Referências			●	●												
Revisão da literatura				●	●	●										
Questões da investigação						●										
Identificação de fóruns							●									
Definição da amostra							●	●								
Recolha de dados						●	●	●	●	●						
Tratamento de dados										●	●					
Comparação de resultados												●				
Redação da dissertação				●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●		
Defesa da dissertação																●

(fonte: elaboração própria)

O cronograma contempla a organização temporal da investigação, segundo uma planificação de doze meses consecutivos, iniciando-se esta em Novembro de 2017 e terminando em Novembro de 2018. Ao longo deste período cumprem-se dez tarefas primordiais ao desenvolvimento de toda a investigação: (i) Pesquisa exploratória | Referências, (ii) Revisão da literatura, (iii) Questões da investigação, (iv) Identificação de fóruns, (v) Definição da amostra, (vi) Recolha de dados, (vii) Tratamento de dados, (viii) Validação de resultados, (ix) Redação da dissertação e (x) Defesa da dissertação.

1.11 Conclusão

A forma como as novas ferramentas digitais estão a moldar o mundo é mais do que evidente, o que acaba por suscitar a necessidade de um constante esclarecimento acerca da influência que estas exercem sobre diferentes áreas. Deste modo, pequenos coletivos que partilham um gosto comum encontram nestas novas soluções tecnológicas a hipótese de se aproximarem dos seus pares, vendo facilitado o processo de expansão do seu alcance. A relação que estes coletivos estabelecem com estas novas ferramentas e o modo como as utilizam revela um campo de pesquisa fértil e interessante para a academia, criando múltiplas oportunidades de investigação.

Ao longo dos últimos setenta anos, a cultura do motociclismo português tem vindo a crescer, transformando-se e disseminando-se um pouco por todos os quadrantes, manifestando interações bastante específicas mas de considerável pendor social. Conjugando uma natureza marginal mas de intensa proximidade, estes coletivos de *motards* encontram-se igualmente suscetíveis às influências exercidas pelos avanços tecnológicos, absorvendo-os nas suas práticas do dia-a-dia. Investigar a forma como os *motards* portugueses recorrem à utilização do meio digital configura uma iniciativa diferenciadora sobre um campo ainda muito pouco explorado.

A particularidade comportamental manifestada pelos *motards* poderá implicar a presença de *drivers* específicos que poderão estabelecer sincronismos interessantes dentro do domínio digital. Caberá assim ao enquadramento teórico desenvolvido no próximo capítulo, demonstrar a forma como estes conceitos podem relacionar-se, tendo como base, os estudos desenvolvidos no âmbito do domínio do Marketing Tribal.

Capítulo II – Enquadramento teórico

Este capítulo engloba a coletânea de pensamentos e conceitos desenvolvidos por diferentes académicos que se dedicaram ao estudo de subculturas e a forma como estas interagem na sociedade. Será de crucial importância conseguir compreender, de que modo os vários conceitos inerentes ao Marketing Tribal se conjugam, colocando o foco de investigação sobre um grupo de *motards* portugueses e elegendo-os como objeto de estudo.

Desta forma, o presente capítulo encontra-se organizado nos seguintes subcapítulos: (i) Pós-modernismo; (ii) Subculturas; (iii) Teoria da tribo; (iv) *Linking value*; (v) Marketing Tribal; (vi) Consumo pós-moderno, (vii) Interação digital e (viii) Conclusão.

2.1 Pós-modernismo

A década de 60 do século XX começou a emanar múltiplos sinais que anunciavam uma sociedade em mudança, na qual o transitório e o circunstancial passariam a ameaçar o constante e o permanente (Rodríguez, 2011). No seu desenrolar, esta época assistiu ao despertar de uma corrente de pensamento crítico que se demonstrou com capacidade autónoma para questionar, contestar e inovar os principais elementos dogmáticos impostos numa sociedade.

Denominada de pós-modernismo, esta corrente propôs repensar de forma generalizada os princípios da ciência, e em particular, os da teoria do Marketing (Cova, 1996). Revelava-se essencialmente como uma posição filosófica que questionava duramente as estruturas sólidas do modernismo, considerando-as como meras construções sociais arbitrárias e subjetivas (Rodríguez, 2011). Na base destas críticas, os pós-modernistas discutiam que o modernismo se tornara estreito, dogmático e unidimensional dentro da sua própria filosofia de trabalho (Firat & Venkatesh, 1995).

O termo pós-modernismo foi inicialmente empregue na Arquitetura, de modo a enfatizar ao longo da década de 60 do século XX, a rutura com o funcionalismo moderno e o pensamento racional (Cova, 1996). Procurou assim introduzir uma nova perspetiva sobre as Artes, a Arquitetura, a Ciência e as Humanidades, causando evidentes impactos na cultura contemporânea e na forma como o indivíduo passou a desenvolver as suas práticas de consumo (Torres, 2016). Inclusive no cerne da teoria do Marketing, onde a influência exercida por esta condição pós-moderna forçou o reajuste da forma como é teorizada, praticada, pesquisada e avaliada (Rodríguez, 2011).

Desde o seu nascimento, o pós-modernismo tem vindo a gerar amplas discussões acerca do que o próprio conceito poderá significar e delimitar (Rodríguez, 2011). Firat e Venkatesh (1995) entendem que as ideias de cultura, linguagem, estética, narrativa, modos simbólicos, expressões literárias e significados são elementos centrais no pós-modernismo. Cova (1996) refere que fragmentação, indeterminação e profunda desconfiança de todos os discursos universais ou totalizantes, acabam por ser a principal referência do pensamento pós-moderno.

Profundamente insatisfeita com os pilares de sustentação do modernismo, esta corrente revela-se bastante crítica das suas metodologias, observando, avaliando e instigando fluxos que inevitavelmente despertam no indivíduo, intrínsecas modificações que tendem a interferir nas suas decisões e nos atos do seu dia-a-dia. Em acordo com o conceito defendido pelo pós-modernismo, as experiências de consumo racionais, passam a dar privilégio a experiências coletivas e emocionais, através das quais, a compra se converte num processo simbólico, de procura de significação, referenciais coletivos e sentido de pertença (Torres, 2016).

A fragmentação da sociedade e dos seus principais hábitos de consumo figuram como evidentes catalisadores do individualismo pós-moderno (Cova, 1997). Um desejo que

desperta e cresce dentro do indivíduo e o leva a focar-se em si mesmo, acabando por inevitavelmente se retrair a uma posição de maior solidão. Uma consequência da moderna busca por libertação dos laços sociais (Cova, 1996).

Assim, apesar do desenvolvimento dos parâmetros e das normativas que regem a humanidade e o decorrente incremento do número, da dimensão e complexidade das suas sociedades, na realidade, o indivíduo acaba por se encontrar cada vez mais isolado.

Cova (1997) acredita que os produtos e os serviços disponibilizados ao consumidor contribuem para aumentar este isolamento individual, permitindo igualmente que o indivíduo se encontre em contato virtual com o mundo inteiro por via da assistência das ferramentas digitais. Este individualismo fragmentado tem sido acentuado pelo progresso tecnológico, uma vez que qualquer indivíduo pode agora ser o centro de uma rede, conseguindo alcançar praticamente tudo e todos de um forma muito simples (Silva & Santos, 2012). Ou seja, ainda que exista um contato global mediado por via de uma interface digital, na realidade, o indivíduo não deixa de se encontrar fisicamente isolado.

Desde a sua própria casa, sem nenhuma interação social de carácter físico, um qualquer indivíduo pode obter praticamente tudo aquilo que desejar (Cova & Cova, 2002). Torres (2016) refere que as novas tecnologias despertam o que poderá ser entendido por um processo de obsolescência social, em que a interação física não sendo estritamente necessária, acaba por contribuir de sobremaneira para o isolamento do indivíduo.

Trata-se de um processo de egocentrismo induzido pelo desenvolvimento tecnológico e pela disseminação generalizada da utilização diária dos computadores, acabando por modificar profundamente aquilo que agora representa o nosso dia-a-dia (Cova, 1997). Este inevitável desejo de estar presente no espaço digital toma um custo elevado, afastando o indivíduo de tudo aquilo que deveria ser verdadeiramente relevante à sua existência física.

Em certa medida, a pós-modernidade pode ser compreendida como um período de severa dissolução social e de extremo individualismo (Cova, 1997). Será esta a era do indivíduo que age de modo a dar destaque à sua existência e individualidade (Pinto de Lima & Brito, 2012). Cova (1996) afirma que o indivíduo rejeita os valores impostos e tudo aquilo que seja normal, ou no processo de se tornar normal, desejando poder fazer aquilo que realmente quer.

Trata-se então de um período em que desperta uma necessidade de maior liberdade e individualismo que incitam o indivíduo a evidenciar comportamentos diferenciadores em relação aos seus pares. Uma necessidade genuinamente humana para interagir, partilhar e criar grupos de interesse que acaba por originar novas formas de estar (Pinto de Lima & Brito, 2012).

O indivíduo pós-moderno, procurando ser liberto das suas restrições comunitárias, retorna a si mesmo e torna-se totalmente autónomo (Cova, 1997). Para lá da resolução de se poder comportar como a maioria presente na sociedade, existe a vontade de se comportar de uma forma diferente e bastante característica, ou seja, como uma minoria. A conquista do eu torna-se inevitável, tendo cada indivíduo a tendência para mostrar a sua própria personalidade e se diferenciar dos outros (Pinto de Lima & Brito, 2012).

Estas minorias que procuram alcançar a diferenciação em relação a terceiros, operam a uma escala extremamente reduzida mas em acordo com uma dinâmica social muito específica. Não se trata de mera agregação por homogeneidade ou imposição social mas em concordância com um impulso profundo e bastante significativo para o indivíduo. Cova (1997) refere uma tentativa de libertação das ligações sociais modernas e posterior tentativa de recomposição do universo social com base numa escolha emocional verdadeiramente livre.

Schouten e McAlexander (1995) defendem esta escolha emocional ao considerar que a força

organizativa mais poderosa que existe será o processo que envolve atividades e relações interpessoais que as pessoas desenvolvem na procura por atribuição de significado à sua própria vida. Será portanto uma procura solitária na procura pelos elementos que possuam uma significação com a qual o indivíduo se possa conectar.

Nesta nova era da pós-modernidade, urge no indivíduo um ímpeto que o impulsiona numa busca por um registo social característico de outros tempos, onde o denominador comum seria um coletivo bastante mais restrito, como o clã ou a tribo, dentro dos quais, conseguiria encontrar uma identificação conjunta.

2.2 Subculturas

O termo subcultura exhibe uma longa e interessante história dentro dos limites funcionais das áreas da Sociologia, da Antropologia e do Marketing (Borna, Stearns, & Sharma, 2007). Ao longo das últimas décadas, este conceito tem vindo a ser amplamente empregue em diferentes áreas académicas na tentativa de caracterização de movimentos paralelos ou antagónicos a um sistema social vigente. Esta contínua emergência de diferentes subculturas manifesta e reforça simultaneamente a presença da fragmentação na sociedade contemporânea (Ulusoy & Firat, 2018).

Deste modo, a sociedade pós-moderna assemelha-se a uma rede de micro grupos nos quais os indivíduos partilham fortes laços emocionais, uma subcultura comum e uma visão de vida (Cova, 1997). Na sua origem existe uma libertação das imposições sociais que o indivíduo ambiciona alcançar, acabando por ser empurrado para um plano narcisístico e isolado, porém, este fenómeno replica-se e acaba por se ver sincronizado com outros idênticos. Ulusoy e Firat (2018) defendem que a condição da fragmentação não promove apenas o individualismo mas também o despertar de coletividades.

Coletividades estas que procuram expor e defender valores distintos daqueles que prevalecem em maioria dentro de uma sociedade. Schiele e Venkatesh (2016) defendem que as subculturas anseiam por perseguir objetivos diferentes, e em alguns casos, diretamente opostos aos valores socialmente comuns. As próprias narrativas expressas por aqueles que optam por ser membros de subculturas exibem padrões de antagonismo em relação a imposições institucionalizadas (Ulusoy & Firat, 2018).

Compreende-se então que as subculturas anseiam por permanecer à margem da sociedade, procurando manter-se intactas nos seus princípios. Estes grupos tendem a constituir-se devido à insatisfação com a cultura dominante em questões de gosto, língua, música, arte e uma variedade de preocupações simbólicas, espirituais e materiais (Schiele & Venkatesh, 2016).

Na eminência desta possibilidade de se despertarem várias subculturas por indução de uma fragmentação social, surgem diferentes visões acerca do que este conceito poderá na realidade conseguir englobar. As subculturas tendem a ser definidas como grupos existentes dentro de uma larga cultura que partilham um ou mais dos seguintes elementos: (i) valores, (ii) normas, (iii) padrões de comportamento, (iv) crenças, (v) experiências comuns, (vi) significados culturais associados a respostas cognitivas e afetivas, (vii) fatores ambientais, (viii) importância de domínios motivacionais, (ix) combinações de situações sociais que formam uma unidade funcional, (x) pressupostos, (xi) meios de expressão simbólica, (xii) compromisso partilhado com uma classe de produto, (xiii) marca, ou (xiv) atividade de consumo, (xv) artefactos materiais, (xvi) forma de vida, (xvii) etnicidade, ou (xviii) outra característica demográfica (Borna *et al.*, 2007).

Diferentes autores conseguem encontrar distintos focos de estudo dentro da extensa área associada ao conceito das comunidades. No que concerne ao domínio do Marketing e ao

relevo que o momento de consumo traduz para os seus académicos, encontra-se o trabalho de Schouten e McAlexander (1995) que identifica as Subculturas de Consumo, Muniz e O'Guinn (2001) analisaram as Comunidades de Marca e Cova (1996) caracterizou as Tribos de Consumo. Estas teorias apresentam características particulares e significativamente diferenciadoras mas nascem da mesma permissa de existência de grupos mais pequenos dentro de uma dada sociedade.

Uma subcultura de consumo caracteriza-se como sendo um subgrupo da sociedade que se reúne por si mesmo, segundo um compromisso partilhado com uma classe particular de produto, marca ou atividade de consumo (Schouten & McAlexander, 1995). A comunidade de marca é uma comunidade especializada, sem vínculo geográfico, baseada num conjunto estrutural de relacionamentos estabelecido entre admiradores de uma marca (Muniz & O'Guinn, 2001). Por outro lado, a tribo de consumo será definida como uma rede heterogénea de indivíduos – em termos de idade, género, rendimento, etc – que se encontram interligados por uma paixão partilhada ou emoção (Cova & Cova, 2001).

São várias, as definições de subcultura possuem algumas semelhanças entre si mas alcançam pouco consenso em Marketing e na pesquisa académica (Borna, *et al.*, 2007). Neste sentido, Canniford (2011) sintetiza os elementos basilares de três das mais relevantes tipologias de consumo, sob a forma de uma tabela comparativa, como se apresenta na Tabela 2.

Tabela 2. Tipologia de comunidades de consumo

Forma	Subcultura de consumo	Comunidade de marca	Tribo de consumo
Foco	Atividade	Marca	Linking value
Estrutura de poder	Hierarquia dos principais membros	Hierarquia dos principais membros e gerentes de marca	Difusa, democrática, rede híbrida
Propósito	Sociabilidade, resposta à alienação	Uso da marca, sociabilidade	Sociabilidade, paixão
Intervalo de tempo	Longo termo	Longo termo	Transitória
Estrutura	Lenta na mudança	Lenta na mudança	Fluída, movimentação rápida
Posição social	Marginalizada	Socialmente incorporada	Móvel

(fonte: adaptado de Canniford, 2011)

A tribo de consumo é a que revela um comportamento mais difuso, transitório e fluído, enquadrando perfeitamente os novos comportamentos sociais. As tribos formam-se, dispersam-se e reorganizam-se como outra coisa qualquer, refletindo a constante mudança de identidade do consumidor pós-moderno (Muniz & O'Guinn, 2001).

Ao contrário das subculturas, as tribos não padecem de subversões impostas por instituições dominantes e, ao contrário das comunidades de marca, as tribos não elegem marcas icônicas como foco das suas experiências de consumo (Goulding, Shankar, & Canniford, 2013). As tribos configuram, portanto, um elemento de estudo particularmente relevante, sobretudo pela natureza do seu foco principal, o *linking value*.

2.3 Teoria da tribo

Ao longo da história, a palavra tribo foi empregue para retratar aglomerados de indivíduos que se mantinham unidos por influência do parentesco, da língua, dos hábitos ou das tradições que partilhavam entre si. Este termo que deriva da Antropologia, costuma ser empregue para caracterizar sociedades arcaicas, nas quais, a ordem social seria mantida sem a existência de uma unidade de poder centralizado (Cova & Cova, 2002).

Cova (1996) entende que a pós-modernidade não é apenas o tempo do indivíduo, mas igualmente o tempo da tribo. Recorrendo a esta denominação arcaica, tenta retratar o distinto comportamento social manifestado por estes indivíduos que agora procuram viver mais intensamente as suas vidas, segundo os seus próprios desígnios. Um comportamento que de tão diferente do evidenciado na sociedade se acaba por tornar particular, e sendo-o, sugere a necessidade de implementação de abordagens de estudo igualmente distintas.

Cova e Cova (2001) afirmam que a palavra tribo descreve a emersão de valores quase arcaicos: uma sensação de identificação local, religiosidade, sincretismo e narcisismo de

grupo, sendo a dimensão da comunidade o denominador comum. Um coletivo social muito mais circunscrito que se relaciona de forma próxima e bastante particular, agrupando-se em torno de um elemento material naturalmente agregador.

Esta proposição de uma nova dimensão de tribo sugere que o indivíduo seja um decisor independente e com uma paixão particular por um objeto ou uma dada temática (Greenacre, Freeman, & Donald, 2013). Sendo que o que os congrega se baseia na partilha de uma paixão (Canniford, 2011). Então estas novas tribos surgirão de uma aliança que se suporta na conjugação de gostos e paixões, o que leva os seus constituintes a celebrar conexões e a partilhar experiências entre si (Pinto de Lima & Brito, 2012).

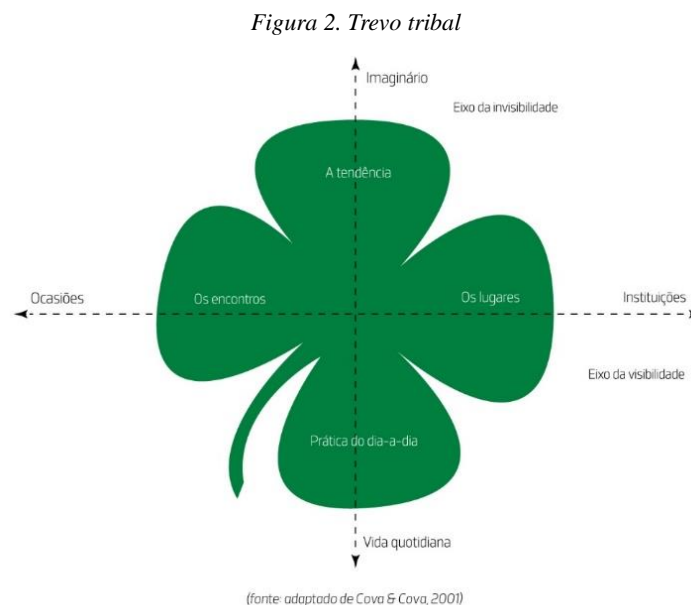
As tribos pós-modernas são instáveis, de pequena dimensão, afetivas e não se encontram unidas por nenhum dos parâmetros que regem as sociedades modernas, mas sim pela partilha de emoções, estilos de vida, novas crenças e práticas de consumo (Cova & Cova, 2001). Segundo Pinto de Lima e Brito (2012), as tribos compreendem grupos heterogêneos de pessoas unidas por uma paixão comum ou uma partilha de sentimentos. Sendo que através da partilha desta paixão com outros consumidores, o indivíduo constrói relacionamentos e acaba por partilhar informação (Greenacre *et al.*, 2013).

Trata-se portanto de uma existência efémera manifestada apenas por via dos símbolos e rituais mantidos presentes pelos seus membros (Cova, 1997). O significado destes símbolos tribais não existe de forma isolada, sendo construído dentro da própria cultura tribal, por negociação e interpretação dos indivíduos presentes nessa subcultura específica (Cova & Cova, 2002). Pinto de Lima e Brito (2012) entendem igualmente que o envolvimento que motiva a comunhão entre os seus membros pode ser demonstrado por símbolos ou sinais presentes nos locais de culto.

A interação social que estas novas tribos manifestam não será de todo isolada, pois na

realidade, as tribos podem chegar a ocupar espaços físicos. A tribo ou a representação de alguns dos seus membros, pode decidir reunir e manifestar os seus rituais em espaços públicos, salas de reunião, locais de encontro, de culto ou comemoração (Cova & Cova, 2002). Esta manifestação pública poderá ser impactante o suficiente para em alguns casos envolver-se diretamente com a restante sociedade. Metaforicamente estes sinais de interação social podem ser detetados no próprio ambiente (Cova & Cova, 2001).

Cova e Cova (2001) recorrem à esquemática de um trevo tribal para descrever estes mesmos sinais que traduzem diferentes comportamentos manifestados por parte dos elementos de uma tribo, como se apresenta na Figura 2.



Segundo este modelo, a evidência física da tribo encontra-se representada no eixo horizontal, o que inclui os momentos em que esta se reúne e os lugares físicos ou digitais onde convergem. No eixo vertical, encontram-se os sinais provenientes das atividades manifestadas no dia-a-dia, bem como as tendências e outros constituintes de fantasia e imaginação que fluem pela sociedade (Cova & Cova, 2001).

Os encontros regulares que estas tribos organizam em espaços públicos, podem em alguns casos, atrair a atenção de curiosos que de alguma forma se sentem aliciados com o seu

propósito, ampliando a dimensão e o impacto social desta manifestação. Por via da realização destes encontros despertam-se oportunidades para reafirmar e fortalecer os valores subjacentes do grupo, ao mesmo tempo que eles se aproximam e ajudam o indivíduo a unir-se com a tribo (Cova & Cova, 2001).

Por incidência das transformações provocadas pela pós-modernidade, estes grupos heterogêneos procuram encontrar uma organização social bastante diferente da tipicamente estabelecida. O status social – a posição estática de um indivíduo numa das classes sociais da modernidade – tende a ser progressivamente substituída por uma configuração social mais dinâmica e flexível dentro da tribo pós-moderna (Cova, 1996).

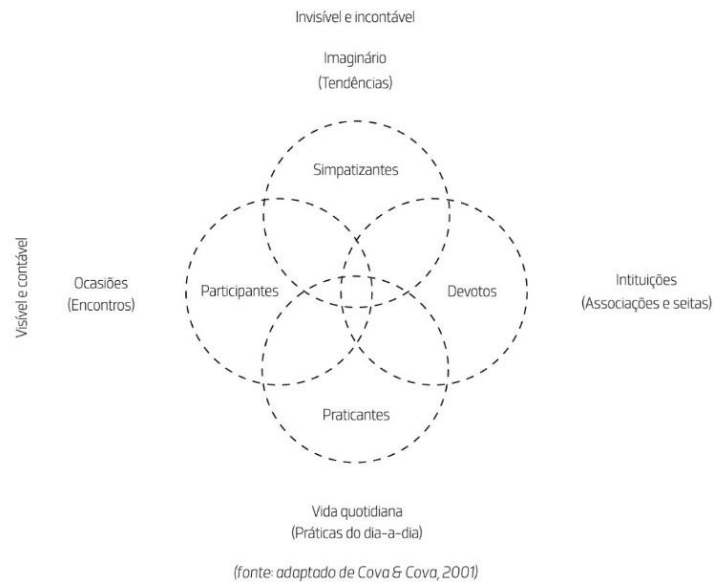
Sem a influência de limites impostos pelo seu estrato social, o indivíduo pode adotar diferentes posturas, envergando pontualmente máscaras distintas que de uma forma particular, o conseguem identificar. Cada indivíduo pode pertencer a mais do que apenas uma tribo e assumir diferentes papéis e tarefas em todas elas (Silva & Santos, 2012).

Assim, ele consegue controlar a sua identidade de “fim-de-semana” sem causar significativa tensão com a sua identidade de trabalho exibida no seu dia-a-dia, podendo ser membro de diferentes comunidades de prática com ideologias radicalmente distintas, enquanto se mantém participativo através de práticas sociais de interação mútua (Goulding, *et al.*, 2013).

Para Torres (2016), os indivíduos têm a possibilidade de assumir diferentes imagens em contextos distintos: trabalho, casa e entre amigos. Cova (1997) entende que o indivíduo pós-moderno detém a possibilidade de pertencer a distintas tribos, dentro das quais, pode assumir diferentes papéis de acordo com o seu próprio intento.

Com base na esquemática do trevo tribal, Cova e Cova (2001) sobrepõem uma nova construção gráfica que retrata a possibilidade de existência de diferentes tipos de comportamento ou papéis dentro da tribo, como mostra a Figura 3.

Figura 3. Papéis na tribo



No seio da tribo, os membros podem adotar quatro papéis diferentes: simpatizante, devoto, praticante e participante (Cova & Cova, 2001). A forma como os indivíduos assumem os seus papéis está diretamente relacionada com o modo como se comportam dentro da própria tribo e em relação aos seus homólogos.

- (i) O simpatizante será aquele que mantém uma relação marginal e distante;
- (ii) O participante será o que se reúne em ocasiões especiais;
- (iii) O praticante faz parte de forma regular nas atividades da tribo;
- (iv) O devoto estará envolvido de forma mais profunda e duradoura.

Estaremos agora próximos a um conceito atualizado do que outrora representou uma tribo, sendo este definido como uma rede de indivíduos heterogêneos em termos de género, idade, classe social, rendimento, habilitações literárias ou estado civil mas que encontram entre si,

uma ligação por via da partilha de uma paixão ou emoção comum (Cova & Cova, 2001). Aliás, é a partilha de uma paixão comum que se traduz na emoção que une os membros da tribo (Greenacre *et al.*, 2013).

2.4 *Linking value*

Em plena pós-modernidade dá-se o aparecimento de um movimento de reversão que se traduz numa procura desesperada pela ligação social (Cova, 1996). Assim, o conceito de tribo figura como o caminho que os consumidores decidem percorrer para regressar a valores que permitam o estabelecimento de laços emocionais com um produto, mas mais ainda, com outros consumidores (Silva & Santos, 2012). Isto significa que na esfera do consumo pós-moderno, entende-se que o indivíduo não procura apenas por produtos ou serviços que lhe permitam alcançar a tão desejada liberdade, mas sim pela possibilidade de criar um *link* (ligação emocional) com outros membros da tribo e até mesmo com a própria marca.

Silva e Santos (2012) entendem que o *linking value* se traduz na habilidade que o produto ou serviço manifesta em estabelecer ou reforçar os laços entre os indivíduos. Desta forma, este *link* que se cria e aprofunda será mais relevante para o indivíduo, do que propriamente o produto que os poderá identificar enquanto equivalentes (Cova & Cova, 2001).

Segundo Torres (2016), para estes agrupamentos tribais, o valor ou significado simbólico do produto que desejam surge como imagem de ligação social (*linking value*) e não como mera imagem funcional. Quanto maior for a contribuição de um produto ou serviço no desenvolvimento e reforço do laço tribal, maior será considerado o seu *linking value* (Cova & Cova, 2002). Pinto de Lima e Brito (2012) apontam para a proliferação de grupos motivados pelas mesmas paixões, interesses e opiniões, dentro dos quais, o *linking value* será bastante mais importante do que a própria funcionalidade dos objetos que os unem.

O estudo de Cova e White (2010), demonstra que o *linking value* representa uma mais-valia para marcas que desenvolveram uma comunidade de consumidores entusiastas, atribuindo-lhes uma clara valorização quando comparadas com outras marcas que não estimularam o aparecimento destas comunidades.

2.5 Marketing Tribal

Por indução dos fluxos de mudança despertados com a pós-modernidade, o Marketing passa a ser visto como uma atividade de criação de produtos e serviços destinados a facilitar a proximidade e a reunião de indivíduos no tempo das tribos, despertando o que será entendido por Marketing Tribal (Cova, 1996). Após a década de 80 do século XX, o Marketing Tribal começou a ganhar expressão e passaram a ser confirmados alguns dos seus conceitos elementares: tribalismo, ligação social, união e comunidades (de Almeida, Simões, Silva, & Bem-Haja, 2017).

Esta teoria tribal surge como sendo uma conceptualização alternativa da forma como os grupos sociais se formam e comunicam (Greenacre, *et al.*, 2013). É assim uma nova organização social que traduz uma natureza bastante particular, passando a demonstrar que as tribos são como novos jogadores a exercer um papel importante no contexto do Marketing (Silva & Santos, 2012).

Um elemento vital na abordagem do Marketing Tribal é aceitar que este coletivo não procura o estabelecimento de guiões culturais rigorosos, tradições ou rituais. Os consumidores pertencentes às tribos ambicionam o destaque necessário para improvisar performances, segundo um processo contínuo de criatividade e inovação (Canniford, 2011).

Isto desperta desafios destinados aos indivíduos que sejam criativos e que se encontrem preparados para abandonar os tradicionais meios de segmentação demográfica e psicográfica,

pensando *outside of the box*, de modo a se aproximarem convenientemente da tribo (Goulding *et al.*, 2013).

Esta nova vertente do Marketing nasce da constatação de que para além dos consumidores se envolverem com as marcas, também estabelecem vínculos com outros consumidores (de Almeida *et al.*, 2017). Assim, a crença do Marketing Tribal é de que o indivíduo pós-moderno procura os produtos e serviços que além de lhe permitirem ser livre, lhe possibilitem a criação de um *link* com outros, a uma comunidade, a uma tribo. Ou seja, produtos e serviços que possuam um valor de utilização, mas acima de tudo, um *linking value* (Cova, 1996).

Esta nova visão do Marketing identifica uma rede de consumidores heterogêneos, em termos demográficos e psicográficos, ligados por uma paixão, sentimentos comuns generalizados, e emoções partilhadas capazes de gerar ações coletivas (de Almeida *et al.*, 2017).

2.6 Consumo pós-moderno

Os novos mercados constituídos por tribos que manifestam uma diversidade de preferências e experiências provocam uma fragmentação no consumo, despertando sérias dificuldades de segmentação, o que acaba por impor grandes desafios à investigação de Marketing (Torres, 2016). Quando comparadas com os segmentos de consumo, as tribos não se revelam fáceis de identificar através de variáveis modernas de Marketing (Cova & Cova, 2002).

Esta natureza heterogênea do coletivo contesta o princípio basilar da segmentação, através da qual, o Marketing sempre procurou agregar num mesmo segmento, indivíduos possuidores de características homogêneas, de modo a entender e prever as suas necessidades e os seus comportamentos de consumo.

Schouten e McAlexander (1995) corroboram este pensamento, uma vez que referem que ao

escolherem como gastar o seu dinheiro e o seu tempo, os indivíduos não se comportam sempre de acordo com as categorias analíticas presentemente aceites na segmentação em Marketing. Ainda assim, esta tendência natural para a heterogeneidade não constituirá um problema ao relacionamento intertribal. Na realidade, a heterogeneidade pode existir dentro de uma tribo sem que se danifique a habilidade desta para funcionar ou partilhar informação (Greenacre *et al.*, 2013).

Uma vez que estes coletivos não respondem aos procedimentos tradicionais da pesquisa de Marketing, apresentam naturais entraves a todos os especialistas e marcas que os decidam estudar. Torna-se difícil providenciar uma orientação de gestão confiável quando as tribos mudam constantemente o que fazem, onde o fazem e o que compram ao longo do processo (Canniford, 2011). A fragmentação e o pluralismo do consumo pós-moderno tendem a criar sérios desafios aos *marketeers*, na procura pelo entendimento sobre o comportamento do consumidor e a melhor forma de satisfazer os seus desejos individuais e necessidades fragmentadas (Torres, 2016).

Segundo Canniford (2011), as tribos encontram-se constantemente em mudança, pelo que se torna crucial que o *marketeer* se mantenha próximo e atento aos elementos que possam padecer de modificações. Uma vez que se tratam de coletivos heterogéneos, os elementos passíveis de gerar modificação poderão ser bastante diversificados, incrementando a dificuldade de monitorização.

As principais diferenças que distinguem as tribos dos tradicionais segmentos psicográficos devem-se essencialmente ao seu curto período de vida e à sua diversidade (Cova & Cova, 2001). Como tal, não podem ser dissecadas e estudadas pelas características homogéneas que possuam, tal como acontece nos segmentos de um mercado, mas podem ser aceites como sendo diferentes e compreendidas pela sua particularidade. Cova e Cova (2001) defendem

que as tribos se concentram no laço ou no *link* que mantém os elementos dentro do coletivo, portanto, deverá ser sobre esse elemento que o foco de análise deverá residir.

Para Greenacre *et al.* (2013) a teoria tribal supera um dos desafios práticos de conceitualizar um sistema social, enfatizando a necessidade do *marketeer* se focar na paixão da tribo. Por via deste foco, abre-se um caminho direto para a cultura da tribo, conseguindo que o negócio possa apresentar uma compatibilidade ou partilha dessa mesma paixão. Esta ação garantirá a possibilidade de se providenciar uma satisfação conveniente das necessidades dos elementos da tribo, alcançando uma posição favorável junto dos mesmos. Os *marketeers* que consigam entender a estrutura e *ethos* de uma subcultura de consumo poderão lucrar se satisfizerem as suas necessidades (Cova, 1996).

Estudos realizados sobre culturas de mercado demonstram que existem benefícios no consumo comunal e explicam as formas através das quais, os gestores de marca poderão alavancar as subculturas e as comunidades de marca (Goulding *et al.*, 2013).

Tratando-se de um comportamento diferenciado que ocupa um espaço particular dentro de uma sociedade, uma dada marca poderá ser bastante beneficiada, caso o identifique convenientemente e saiba como o explorar. Contrariamente às perspectivas mais negativas, a fragmentação do consumo pós-moderno evidencia um potencial enorme para o aumento do consumo e, em especial para a diversificação de marcas da mesma categoria de produto (Torres, 2016).

Deste modo, os desenvolvimentos no domínio do Marketing Tribal têm vindo a emitir indícios de que os gestores devem providenciar plataformas ou caminhos, através dos quais, os consumidores possam criar comunidades, significados e valor para eles mesmos (Canniford, 2011). Caso a marca lhes dê espaço e liberdade para usarem da sua criatividade, e posteriormente decida interagir com eles, poderá ser mais fácil de identificar e

compreender os seus verdadeiros intentos, satisfazendo-os convenientemente.

Kozinets (1999) defende que quanto mais os *marketeers* conseguirem abastecer os membros das comunidades virtuais de consumo com significado, conexão, inspiração, pretensão, mistério e sentido de propósito, estando estes relacionados com as suas identidades de consumo, maior será a propensão destes consumidores se tornarem e permanecerem leais.

Sendo um coletivo que manifesta comportamentos de consumo específicos, significa que é necessário um procedimento de análise e abordagem especializado. Cova e Cova (2001) afirmam que a oportunidade de análise depende da vontade para descartar o pensamento tradicional de estudo do Comportamento do Consumidor e adotar uma nova lógica que coloque o *link* no centro da investigação. No entanto, abdicar dos procedimentos tradicionais de análise de grandes segmentos de mercado, de modo a implementar processos de foco concentrado em nichos não está seguramente ao alcance de toda e qualquer organização.

A dificuldade que se desperta desta nova oportunidade impõe que se abandone o pensamento mecanicamente focado sobre um determinado segmento, e se abrace o conceito de *link* enquanto elemento central na análise que deve ser efetuada. A complexidade da avaliação surge do entendimento dos *drivers* que se encontram na origem do comportamento particular dos elementos de determinada tribo. Será por via da leitura e decorrente interpretação deste elemento crucial na relação social das tribos que se conseguirão recolher os *insights* essenciais à caracterização deste coletivo e das suas principais práticas de consumo.

Este conceito de *link* denomina a presença de uma forte ligação entre os membros de uma tribo, sugerindo a existência de uma proximidade física bastante significativa, mesmo quando não se encontram reunidos. De certa forma, os membros de uma tribo nunca estão sozinhos, pois pertencem real ou virtualmente, a uma vasta comunidade informal (Cova & Cova, 2001). Esta noção de laço ou de *link* emocional estabelecido e mantido entre o coletivo

reforça a segurança com que envergam e se comportam, segundo os papéis que assumem perante os seus pares.

As tribos de consumo dão forma a coletivos bastante particulares, tanto no pensamento como no comportamento que exibem. Estes indivíduos não querem ser guiados mas desejam liderar na qualidade de ativistas e participantes. Por esta mesma razão é que as tribos não podem ser geridas através de meios convencionais (Canniford, 2011). Ou seja, se estes coletivos se comportam de uma forma particular, significa que a forma de os alcançar irá requerer uma abordagem igualmente particular e em acordo com a sua natureza evasiva.

2.7 Interação digital

Ao longo dos últimos anos, tem vindo a tornar-se evidente que a generalidade dos indivíduos se expõe cada vez mais ao mundo digital e aos *social media*. Isto acontece por várias razões, incluindo o papel que assumem enquanto consumidores sempre que procuram informação sobre os produtos, quando os compram e os consomem, ou quando comunicam com outros acerca das suas próprias experiências (Stephen, 2016).

Hamilton e Hewer (2010) afirmam que é nas redes sociais que as pessoas preferem passar grande parte do seu tempo livre. Desta forma, à medida que o consumidor se torna mais sofisticado na utilização da Internet, maior será a tendência para iniciar a recolha de informações provenientes de terceiros (Kozinets, 1999). Ao ler acerca das experiências dos outros, este poderá questionar os indivíduos ou toda a comunidade virtual, tornando-se eventualmente num participante ocasional ou frequentador das discussões mantidas pelo coletivo.

Sendo improvável que venham a substituir os encontros físicos ou a informação proveniente dos media tradicionais, as interações de natureza digital representam um suplemento

relevante ao comportamento social e de consumo (Kozinets, 1999). Em alguns casos, as redes de interação social evoluem em decurso da vantagem informativa que oferecem aos seus participantes. Isto acontece, uma vez que o indivíduo tende a estabelecer um laço específico sempre que responde a um pedido de informação colocado por um outro utilizador (Greenacre et al., 2013).

Independentemente da sua localização, a possibilidade de criação de um caminho para esta interação social expande-se significativamente. A existência de computadores ligados numa rede de alcance mundial permitem que o indivíduo ultrapasse qualquer limitação geográfica e temporal, encontre outros e se reúna em grupos, de acordo com uma vasta panóplia de interesses culturais, subculturas e afiliações sociais (Kozinets, 1999). Por via da assistência das novas tecnologias de comunicação e informação, a capacidade de comunicação e interação do indivíduo acabam por ser significativamente incrementadas.

Providencia-se por esta via um contato quase real entre os indivíduos, diluindo as suas fronteiras geográficas e culturais (Pinto de Lima & Brito, 2012). Assim, por apetência a novas Tecnologias de Internet (TI) e dos computadores, a construção de uma realidade virtual é um fenómeno que surge entre os mais jovens agrupamentos tribais (Torres, 2016).

Dentro do espaço digital, existe lugar para todos aqueles que desejem interagir com os seus pares, através do recurso a uma imensidão de diferentes ferramentas e plataformas. O mundo *online* apresenta uma variedade de fóruns e outros meios de expressão social, cada um oferecendo diferentes desafios e oportunidades que chegarão ao coração do consumidor (Kozinets, 1999). No entendimento de Pinto de Lima e Brito (2012) este será o espaço ideal para os consumidores estarem próximos daqueles que partilham as mesmas emoções, opiniões e informações acerca de uma marca, produto ou serviço.

O espaço digital conseguirá ser simultaneamente um elemento com capacidade de agregação

mas também de propagação. Torres (2016) entende que através da Internet é possível encontrar e seguir comunidades virtuais tribais, uma vez que estas não possuem uma geografia física, mas sim virtual. Ainda que as tribos tentem reviver o arquétipo comunitário típico de uma vila, estas comunidades não se definem somente em termos espaciais, dado que alguns dos seus membros usam os mais recentes meios de comunicação na constituição de tribos virtuais (Cova, 1996).

De Moraes e de Abreu (2017) referem que o aparecimento das redes sociais *online* se tornou num fator de fortalecimento das tribos, auxiliando no processo de comunicação que ocorre ao nível intertribal e intratribal. Não será de todo surpreendente que as tribos se encontrem a providenciar tão significativa contribuição na Internet, uma vez que a Web 2.0 facilita significativamente o diálogo e a participação (Hamilton & Hewer, 2010). Por esta via digital tornou-se extremamente simples difundir uma mensagem ou um pensamento e receber o devido *feedback* (Pinto de Lima & Brito, 2012).

Este poderá igualmente ser o espaço ideal para aproximar indivíduos que normalmente se agreguem no espaço físico, ou por outro lado, poderá ser o ponto de encontro de desconhecidos que posteriormente transportem esta aproximação digital para o espaço físico. Torres (2016) menciona que segundo uma perspetiva do consumo tribal, as comunidades virtuais e as redes sociais configuram um fenómeno interessante, apresentando um potencial enorme para ações de consumo coletivo e de contágio social.

As redes sociais que manifestarem a capacidade para aproveitar a vitalidade e as capacidades da Web 2.0, enquanto habilitadora e instigadora da comunidade e da tribo, irão conseguir alcançar o sucesso (Hamilton & Hewer, 2010). Neste sentido, tendo em consideração a propensão dos fóruns digitais de discussão para as interações sociais de diferentes comunidades, estes espaços adquirem particular relevo.

Pinto de Lima e Brito (2012) entendem que os fóruns de discussão podem ser caracterizados como comunidades tribais, uma vez que partilham emoções, experiências, opiniões, demonstram heterogeneidade nos seus relacionamentos e celebram o valor das suas conexões com simbolismo. São espaços multifacetados, normalmente associados a uma determinada temática e compostos por quantidades significativas de dados de relevo, resultantes de vários anos de interação digital mantida entre os seus constituintes.

2.8 Conclusão

Perante as forças sociais de transformação impostas por uma sociedade pós-moderna, existem sempre aqueles que procuram viver em acordo com os seus próprios desígnios, mesmo que isso signifique manter-se à margem de uma maioria. O fenómeno das subculturas tem vindo a proliferar ao longo das últimas décadas mas a sofrer igualmente uma constante transformação por incidência dos fluxos sociais, acabando por derivar em diferentes variações que são estudadas pela academia.

Dentro deste âmbito, o trabalho desenvolvido por Cova (1997) encontra nos *motards*, um claro exemplo do que representa uma tribo. Um coletivo heterogéneo composto por diferentes indivíduos que partilham gostos e interesses, agregando-se em torno de um objeto de culto, na procura por uma ligação emocional com os seus pares. Operando dentro do espaço digital, esta tribo não se pode escudar da influência que as redes sociais e outras plataformas manifestam, expondo a necessidade de entender como a mesma se processa.

Assumindo o conhecimento apreendido por via deste enquadramento teórico, encontram-se estabelecidas as bases fundamentais para suportar a investigação em acordo com uma metodologia que se encontre associada à natureza do objeto de estudo. No próximo capítulo apresenta-se a organização estrutural do método de investigação a implementar.

Capítulo III – Metodologia de investigação

No desenvolvimento da presente investigação procura-se recorrer a uma metodologia de natureza qualitativa com capacidade para avaliar os comportamentos de uma tribo com as características que este objeto de estudo exhibe. Pelas singularidades que uma tribo tende a demonstrar, existe a preocupação em enveredar por um caminho rico para a pesquisa de dados mas sem optar por uma ação intrusiva.

A efemeridade e comportamento esquivo associado a este particular género de tribo requerem que se opere de forma cuidadosa, de modo a não colocar em risco a oportunidade de observação das manifestações espontâneas de interação social do alvo deste estudo.

O presente capítulo representa um dos segmentos de maior relevância nesta investigação, expondo a sua estrutura e a metodologia implementada. A técnica de investigação Netnográfica revela-se uma ferramenta particularmente relevante numa época em que o espaço digital explode com novas plataformas e oportunidades.

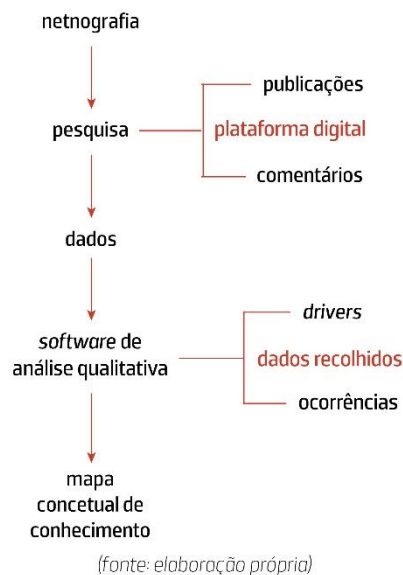
Na procura pelo correto esclarecimento das suas funcionalidades e potencial de aplicação, a disposição deste capítulo está suportada em cinco subcapítulos: (i) Estrutura de investigação; (ii) Amostra; (iii) Processo de recolha de dados; (iv) Processo de análise de dados e (v) Conclusão. Com base nestes cinco subcapítulos é possível particularizar convenientemente os passos necessários para operacionalizar este método de análise, procurando compreender corretamente a sua mecânica de ação.

3.1 Modelo e estrutura de investigação

No decurso do abrangente alcance providenciado pela revisão de literatura foi possível compreender em profundidade diferentes conceitos próximos ao domínio da tribo, aferindo a mecânica que apresenta as melhores condições para suportar a investigação. Com base nos

conceitos apreendidos foi possível criar um modelo de investigação, como exemplifica a Figura 4.

Figura 4. Modelo de investigação



A estrutura deste modelo é bastante incisiva mas absolutamente funcional, consistindo na aplicação de uma técnica de investigação (Netnografia) na pesquisa dentro de uma plataforma digital, por dados que possam ser trabalhados num *software* de análise qualitativa. O resultado dessa mesma pesquisa será organizado em conceitos que posteriormente servirão para construir um mapa concetual de conhecimento.

Nas etapas iniciais do desenho de uma esquemática de investigação, o investigador é confrontado com o melhor caminho a seguir para se proceder à aquisição de dados, através da possibilidade de recorrer à implementação de diferentes técnicas. Estas técnicas representam o conjunto de processos operativos que permitem a recolha de dados empíricos, sendo uma parte fundamental de todo o processo de investigação (Sousa & Baptista, 2014).

Devido ao teor da presente investigação e por forma a ser possível sustentar o seu propósito, entende-se que será necessário recorrer à utilização de fontes de informação que forneçam dados primários (dados nunca antes utilizados).

Entre as fontes de dados primários, consideraram-se os seus principais instrumentos (entrevistas individuais, *focus group*, técnicas projetivas, observação e questionário) e as valências associadas a cada um destes, bem como, as próprias limitações e imposições de que se poderia padecer ao longo do desenvolvimento desta investigação. A escolha das ferramentas a utilizar foi ponderada, pois na aplicação a este objeto de estudo, algumas das suas características poderiam ser condicionantes de uma boa prática de investigação.

Tomando em consideração a natureza do objeto de estudo, depreende-se que se uma tribo pode incluir indivíduos oriundos de diferentes locais e pertencentes a qualquer segmento da sociedade, a escolha da metodologia que permitirá o acesso a estes terá de ser particularmente ajustada à multiplicidade de características que lhes estejam associadas.

A associação dos principais instrumentos das fontes primárias às características da natureza de um objeto de estudo como a tribo, evidencia uma natural tendência para se valorizar o processo de observação. Assim, entende-se que a pesquisa por observação não participante, através dos recursos que a Internet providencia, possui um elevado potencial para suportar esta investigação.

A técnica de observação sendo um procedimento de recolha naturalista, permite que a investigação aconteça dentro do seu ambiente natural, minimizando a ação da interferência do investigador. Pretende-se que haja a possibilidade de este estar entre os elementos em observação, de modo a ser possível observar, registar e compreender os comportamentos, interações ou eventos, a partir de um ponto de vista privilegiado.

A partir do interior do grupo, o investigador usufrui da oportunidade de se envolver nos acontecimentos que se encontra a estudar, mantendo como principal finalidade, a observação e registo *in situ* dos mesmos. Esta proximidade garante uma leitura mais fidedigna e focalizada nos elementos que possuem verdadeiro significado para aqueles que sejam alvo

de pesquisa, contribuindo significativamente para o sucesso da investigação.

3.2 Amostra

A problemática que se encontra no cerne desta investigação procura compreender a forma como os elementos da tribo *motard* interagem dentro do espaço digital, particularizando a exposição desta ação social dentro dos limites de uma rede social, de um fórum de discussão, de um blog ou de um *website*. Esta pretensão inviabiliza que a amostra possa ser aleatória, uma vez que será necessário proceder à recolha e posterior análise dos dados que têm vindo a ser publicados pelos membros que frequentem este espaço digital.

Desta forma, na definição do universo em estudo, não se revela importante efetuar qualquer distinção acerca das suas características geográficas, demográficas, psicográficas ou comportamentais, uma vez que uma tribo pode e deve ser constituída por todo e qualquer indivíduo que se identifique com a mesma, com os seus membros e com o seu objeto de culto.

Em palavras de Pinto de Lima e Brito (2012), as tribos compreendem grupos heterogéneos de indivíduos que se aproximam por partilha de uma paixão comum ou sentimentos. Assim sendo, neste caso em particular, o foco elementar desta caracterização demonstra que existe potencial para que esta amostra possa alcançar significativa diversidade.

No cerne de uma investigação reside a necessidade de recolher e processar dados que sustentem a mesma, corroborando ou refutando a problemática que lhe deu origem. Sousa e Baptista (2014) referem que os dados empíricos são uma parte fundamental do processo de investigação.

O espaço digital apresenta múltiplas soluções para todos aqueles que pretendam criar e desenvolver um espaço público ao qual possam convergir diferentes indivíduos interessados

num tema. O potencial comunicativo e naturalmente agregador associado aos *blogs*, fóruns de discussão, *websites* ou redes sociais consegue ser verdadeiramente impressionante, todavia, nota-se que as características de conceção de cada um destes espaços lhes conferem aptidões diferenciadas no estímulo da interação social.

As redes sociais, para além de agregarem muitos indivíduos, suportam-se significativamente na valorização da componente visual (fotografias e vídeos) mas não estimulam o desenvolvimento de complexas interações sociais, das quais se possam absorver informações relevantes para o propósito da investigação. Um outro inconveniente associado às redes sociais prende-se com a efemeridade de exposição que a informação possui, dado que sendo uma plataforma que assenta numa organização vertical, não permite o fácil acesso ao histórico de interações.

Uma das tribos *motards* mais famosas em Portugal, o Motoclube de Faro, possui um *website* (<http://www.motoclubefaro.pt/>) através do qual divulga algumas das informações associadas às suas práticas, porém, apesar de ser um espaço que conta com mais de 4.448.751 visitas (a 28/01/2018), não permite descobrir como os mais de 400 membros oficiais desta tribo interagem digitalmente, pois não existe suporte tecnológico que lhes confira verdadeira oportunidade de interação.

Em Portugal, encontramos bons exemplos do potencial comunicativo e do alcance que um blog pode atingir, como será o caso do “Passeando pela vida...” (<https://passeandopelavida.com/>), da *motard* Gracinda Ramos. Através da publicação de crónicas ricas em informação e com um complemento de excelente composição visual, a autora consegue alcançar um número significativo de visitas (478,646 – a 17/02/2018). Ainda assim, a principal limitação prende-se com o foco individual que normalmente se encontra no cerne de criação de um *blog*, limitando significativamente a possibilidade de

existir verdadeiro equilíbrio na interação social.

Por outro lado, os fóruns de discussão sendo espaços propícios à fomentação da interação social por via da técnica escrita, tendem a constituir as Ágoras da contemporaneidade, permitindo que os seus membros intervenham, apresentem dúvidas ou prestem informações ao restante coletivo. Esta disposição democrática coloca a ênfase na narrativa escrita, valorizando-a e incentivando o utilizador a expressar-se perante a coletividade, pelo que surge a possibilidade de se recolher informação relevante acerca da temática que os agrega e entusiasma.

A pesquisa efetuada permitiu entender que o enquadramento desta tribo com a tipologia de um fórum de discussão é funcional, e apesar das modificações sociais, ainda é frequentemente utilizado. Esta ferramenta confere um potencial significativo para os membros desta tribo se expressarem e interagirem entre si, despertando discussões ricas e entusiasmantes acerca do seu objeto de culto. O resultado surge sob a forma de tópicos, publicações e comentários que acabam armazenados na base de dados do fórum, garantindo a possibilidade de recolha e agregação de informação significativamente relevante para suportar uma análise.

De um modo geral, podem ser encontrados fóruns de motociclos com características (i) generalistas (como por exemplo o <http://motonliners.pt/>), (ii) relacionados com um segmento de mercado (como por exemplo o <http://moto125cc.forumotion.com/>), (iii) focados apenas numa marca (como por exemplo o <http://www.bmwmotoclube.com/bmwforum/>), ou ainda, (iv) especializados num dos modelos de uma dada marca (como por exemplo o <http://forum.hornetportugal.com/>).

Considerando as particularidades anteriormente referidas, a escolha recai sobre um fórum de discussão generalista, uma vez que este género de espaço tende a receber uma maior

variedade de *motards*. Esta diversidade pode contribuir para uma amostra mais rica em termos de motivações e perspetivas partilhadas pelos próprios membros da tribo.

No âmbito da catalogação dos fóruns portugueses de motociclos com uma natureza generalista, destaca-se o Motonliners. Um dos espaços mais movimentados na comunidade de *motards* portugueses, contando com um arquivo digital composto por 91.844 (a 17/02/2018) publicações, organizadas em 2.584 tópicos que foram iniciados e discutidos ao longo dos últimos quatro anos (a publicação mais antiga no fórum remonta aos primeiros dias de Novembro de 2014).

Este fórum de discussão providencia aos seus membros um espaço digital onde podem iniciar ou participar em discussões acerca da temática dos motociclos, estando este categorizado em acordo com uma estrutura composta por oito temas principais:

- (i) Comunidade Motonliners;
- (ii) Ser motociclista;
- (iii) O mundo das motos;
- (iv) Garagem;
- (v) Marcas;
- (vi) Desporto em duas rodas;
- (vii) Classificados;
- (viii) *Offtopic*.

Dentro de cada um destes oito temas principais, existem outras subdivisões que procuram organizar e especializar a informação que é disponibilizada ao utilizador. Uma análise mais pormenorizada a estas subdivisões permite classificar a sua arquitetura e enunciar as suas áreas de especialidade, como se demonstra pelo Anexo 1.

À data de 17 de Fevereiro de 2018, a análise às publicações que recolheram o maior número de comentários permitiu a construção de uma tabela que traduz as temáticas que suscitaram maior interesse para esta comunidade debater, como demonstra a Tabela 3.

Tabela 3. Top de publicações do fórum Motonliners

	Título	Autor	Respostas	Visualizações	Categoria	Período
1	Vídeos pouco comuns	n00ble	1.277	97.610	Geral	02/12/2014 a 02/02/2018
2	Inspecções de motociclos de cilindrada superior a 250cc avançam em 2016?	MagJet	716	62.483	Consumidor, entidades oficiais e lei	03/06/2015 a 25/01/2018
3	Quais pneus?	inc_pt	692	52.847	Peças e componentes	25/05/2015 a 09/10/2017
4	Fotos pouco comuns	gordep	629	70.398	Geral	19/11/2014 a 16/01/2018
5	Negócios absurdos	Almareado	590	40.075	Compras e vendas	07/07/2016 a 31/01/2018
6	Chateia-me... Claro que me chateia	carlos-kb	466	47.527	Imagem do motociclista/episódios do dia-a-dia	27/07/2015 a 31/12/2017
7	Action cams	7pires	365	73.507	Geral	01/12/2014 a 21/01/2018
8	Tópico das perguntas básicas	carlos-kb	325	33.204	Geral	22/07/2015 a 28/09/2016
9	Negócios nada absurdos	nelsonajm	319	18.700	Compras e vendas	12/10/2016 a 17/12/2017
10	A aventura começa	Shady	309	68.715	Escola de condução e segurança	06/01/2015 a 21/03/2015

(fonte: elaboração própria)

Na génese deste fórum de discussão reside o esforço de alguns dos membros do extinto fórum Motonline.pt, espaço digital bastante mais antigo (2004 – 2014) e de profunda riqueza informativa, que procuraram evitar a dispersão total dos membros desta tribo. Com o nascimento do Motonliners garantiu-se o retorno de muitos dos antigos membros do Motonline, no entanto, a quantidade de informações que existia nas suas bases de dados perdeu-se definitivamente com o encerramento deste espaço.

O fórum Motonliners possui quatro anos de existência, pelo que encerra em si mesmo, uma quantidade significativa de tópicos e comentários contendo informações bastante diversas. Esta investigação procurará efetuar um levantamento exaustivo das publicações e comentários partilhados publicamente por diferentes elementos desta comunidade, com o intuito de recolher dados que possam posteriormente ser compilados num aglomerado de diferentes informações.

Ao longo deste processo, procurar-se-á manter um registo atualizado do número de publicações, comentários e páginas lidas na construção desta coletânea de dados. Kozinets (2002) defende que por razões de precisão da investigação, os investigadores devem manter uma contabilização aproximada do número de mensagens e páginas *web* lidas, bem como o número de diferentes participantes envolvidos no processo.

A consulta ao fórum Motonliners – a 17 de Fevereiro de 2018, evidenciou que o mesmo possuía à data, um total de 708 utilizadores registados, sem indicação de outros dados de natureza geográfica, demográfica, psicográfica ou comportamental. Pela presença neste fórum, depreende-se que possam ser *motards* portugueses, aspirantes a *motards* ou terem um interesse com a temática dos motociclos.

Neste fórum não é necessário efetuar o registo de *login* para aceder à maior parte dos conteúdos, o que demonstra que aqueles que se encontram registados manifestam algum interesse em estabelecer contacto com os restantes membros e participar nas discussões.

Como acontece na maioria dos fóruns digitais, a leitura das publicações no Motonliners é livre, todavia, a publicação de comentários ou abertura de tópicos implica efetuar o registo. Desta forma, os 708 utilizadores registados contribuíram de algum modo para a construção dos 2.584 tópicos (a 17/02/2018) e 91.844 comentários (a 17/02/2018) que formam o núcleo informativo deste espaço digital.

3.3 Processo de recolha de dados

A metodologia de investigação escolhida é a Netnografia, uma técnica de investigação interpretativa desenvolvida por Kozinets (2002) para identificar comportamentos de consumo manifestados dentro do espaço digital. Considerando as suas gèneses próximas à da Etnografia, esta técnica conjuga práticas de investigação oriundas da Antropologia com

o estudo de culturas que se manifestem no espaço digital, e ainda, comunidades formadas através de uma comunicação mediada por uma interface digital (Kozinets, 2002).

Enquanto técnica de investigação de Marketing, a Netnografia recorre à utilização de informação publicamente disponível em fóruns *online*, de modo a conseguir identificar e compreender as necessidades e os elementos influenciadores de determinados grupos de consumo (Kozinets, 2002). A natureza desta técnica de pesquisa em conjugação com a potencialidade da Internet, enquanto principal veículo de investigação, revela-se extremamente significativa para uma sociedade crescentemente digital. Por incidência do crescimento da interação e participação *online* dos consumidores, passa a existir um enorme potencial para as investigações netnográficas mostrarem o seu valor (Hamilton & Hewer, 2010).

Segundo Kozinets (2002), a operacionalização desta técnica de investigação contempla o cumprimento de cinco etapas:

- (i) Entrar numa dada comunidade (por parte do investigador);
- (ii) Recolher e analisar informação;
- (iii) Assegurar uma interpretação crítica e metódica;
- (iv) Investigar com disciplina e ética;
- (v) Validar os dados recolhidos (junto dos membros da comunidade em estudo).

As suas principais valências denunciam que poderá ser uma técnica mais rápida, simples, barata, natural, adequada e menos intrusiva que algumas das outras técnicas de investigação normalmente implementadas em diferentes tipos de estudos. Todavia, apresenta igualmente algumas limitações, nomeadamente uma maior subjetividade, maior período dedicado à recolha e posterior análise de dados, impossibilidade de extrapolar resultados, formação de amostra por objetivos (não aleatória), desconhecimento da sua composição demográfica,

ausência de contacto visual e desconhecimento da amostra.

A técnica Netnográfica implica ainda a exigência de que o investigador seja um especialista na temática em investigação, de modo a que consiga reconhecer, ler e interpretar convenientemente os dados. Ainda antes de iniciar o contacto ou o processo de recolha de dados, o investigador deverá contextualizar-se com as principais características (membros, comportamentos, interesses e linguagem) das comunidades *online* em questão (Kozinets, 2002). Tal garante que o investigador não sofra de qualquer impedimento causado pela descontextualização da temática e possa fazer uso de todas as suas capacidades de observação e de análise.

A primordial função desta técnica de investigação será a de analisar as comunidades de consumo, através da leitura de gostos, desejos, necessidades, símbolos, fatores de influência na decisão de compra, associações à marca e associações a situações de consumo, pelo que se entende que poderá ajustar-se perfeitamente ao objetivo desta investigação. Tal permite alcançar o entendimento acerca do discurso e interações de indivíduos mantidas através de meios tecnológicos, acerca de tópicos diretamente relacionados com o mercado (Kozinets, 2002).

Na génese deste procedimento encontra-se a recolha de impressões genuínas, provenientes de verdadeiros consumidores, em resposta a questões que se despertam espontaneamente no interior da própria comunidade. Tratando-se de uma investigação que decorre posteriormente ao acontecimento da própria publicação dos comentários, não existe qualquer risco de influência ou contaminação prévia dos dados recolhidos, garantindo assim uma leitura fiel e realista da opinião do indivíduo.

Com base no potencial desta técnica de investigação, procura-se desenvolver uma pesquisa que consiga abranger a totalidade do espaço de interação digital selecionado, dentro do qual,

a tribo *motard* manifesta a sua presença. É crucial descobrir neste espaço um considerável número de interações, de modo a ser possível compor um aglomerado suficientemente estruturado de dados, proveniente de vários membros da comunidade.

Esse aglomerado de conteúdos será posteriormente submetido ao tratamento de um *software* (o MAXQDA) de análise de dados qualitativos, de modo a ser possível descobrir os principais conceitos referenciados por alguns dos membros desta tribo. Este *software* permite a contabilização de palavras, traduzindo por representação numérica, a relevância que estas possuem para aqueles que as escreveram. Por direta inferência do número de repetições que ocorreram pode ser aferida a preponderância que certas palavras possuem para determinado indivíduo, compreendendo assim a verdade que existe no seu texto.

Na posse dos dados apurados, será consultada a opinião de membros da tribo *motard* mas de uma forma que não influencie diretamente os resultados da verificação. No cumprimento desta etapa, contar-se-á com a experiência do investigador e a proximidade que este mantém em relação à sua própria tribo, facilitando a abordagem junto dos elementos que constituem esta coletividade.

Na fase seguinte utilizam-se os conceitos apurados para suportar a criação de um mapa concetual de conhecimento, através de uma composição gráfica que evidencie os principais elementos intrínsecos ao padrão de comportamento social deste coletivo.

Bar e Mentch (2017) referem que programas similares ao R-CMap providenciam um interface gráfico que consegue guiar facilmente o utilizador através de um processo analítico de mapeamento de conceitos. Tal simplifica em larga medida, o entendimento que deve ser feito no processo de assimilação de um qualquer conteúdo, focando a atenção do leitor nos elementos considerados fulcrais à explicação da sua temática.

O mapa conceptual de conhecimento obtido, é novamente sujeito a uma consulta junto da tribo *motard*, antes de se reunirem todos os elementos de relevo à investigação e apurarem as principais conclusões e eventuais limitações da mesma.

3.4 Processo de análise de dados

Ainda antes do processo de investigação se iniciar, foi considerada a possibilidade de se expor perante a tribo em observação, o objetivo da presente investigação, todavia, entendeu-se que a partilha desta informação poderia condicionar o comportamento futuro dos seus membros e enviesar os seus resultados. O ambiente social presente dentro deste fórum é deveras peculiar, pelo que seguramente se daria aso a uma contaminação dos dados recolhidos. Uma vez que o anonimato dos membros se encontra evidentemente salvaguardado pela utilização dos seus *nicknames*, entendeu-se que este formato de observação não participante não estaria a quebrar nenhuma norma ética de investigação.

Com base no método de investigação escolhido, definiu-se que esta coleta deveria incidir inicialmente sobre o conteúdo mais antigo (Novembro de 2014) presente no fórum Motonliners. Isto significa que dentro de cada um dos temas principais do fórum, se procura iniciar a recolha de dados a partir do tópico mais antigo, e por derivação, do comentário mais antigo existente em cada um destes tópicos. Desta forma, a verificação e análise de todos os comentários conseguirá ser sistemática e totalmente controlada.

Esta procura focar-se-á especificamente sobre os comentários que contenham referências aos impulsos emocionais que induzam a determinado comportamento nos elementos *motards*, bem como, aqueles que se relacionem com as interações sociais que estes indivíduos estabelecem por via digital.

Para fazer o registo manual dos dados apurados, criou-se uma tabela que sumariza ao longo das várias etapas de recolha, os principais elementos recolhidos, como consta da Tabela 4.

Tabela 4. Modelo de registo de dados apurados

Variáveis	Resultados
Período de análise	-
Tópicos relevantes	0
Comentários recolhidos	0
Páginas de fórum relevantes	0
Páginas de dados recolhidas	0
Palavras recolhidas	0

(fonte: elaboração própria)

A tabela 4 sumariza o processo de recolha de dados, contribuindo para que no término desta recolha de dados seja possível estratificar e quantificar a coletânea de dados apurados ao longo da investigação, bem como, tentar identificar atempadamente o momento em que se alcance a saturação de dados.

3.5 Conclusão

O desenho da arquitetura de investigação presente neste capítulo ajuda a compreender o potencial que a Netnografia possui para avaliar os comportamentos de uma tribo com as características manifestadas pelos *motards* portugueses. Esta técnica apresenta limitações evidentes, porém, existe nela uma manifesta capacidade para abraçar a diversidade e a profundidade de opiniões partilhadas no espaço digital.

A amostra que se encontra sob investigação é particular e ainda bastante desconhecida da academia, o que a reveste de um interesse bastante rejuvenescido, ainda assim, chama a si todos os elementos identitários identificados por Cova (1996). Com uma componente social de enorme relevo, esta amostra garante o acesso a um núcleo coeso, heterogéneo e diversificado.

Em virtude da implementação da metodologia que o presente capítulo descreve, torna-se possível recolher e posteriormente agregar, as informações necessárias para o tratamento e análise de dados presente no próximo capítulo.

Capítulo IV – Tratamento e análise dos dados

Independentemente da metodologia escolhida, a fase de análise dos dados recolhidos é uma etapa fundamental no processo de investigação (Sousa & Baptista, 2014). Será por via do seu desenvolvimento que se conseguirá assimilar o veredicto inscrito nos dados apurados e responder às questões definidas nesta investigação.

O presente capítulo incide sobre o tratamento e decorrente análise de dados obtidos por via da operacionalização da técnica de Netnografia sobre o fórum Motonliners. Este processo consiste num fragmento crucial da ação de pesquisa, garantindo vir a ser possível conhecer os resultados que posteriormente são utilizados no esclarecimento dos objetivos gerais e específicos da investigação.

Assim, a estrutura deste capítulo baseia-se em oito subcapítulos: (i) Tratamento de dados; (ii) Codificação de dados; (iii) Resultados; (iv) Comparação; (v) Análise de conteúdo; (vi) Mapa conceptual do conhecimento, (vii) Resposta às questões de investigação e (viii) Conclusão.

4.1 Tratamento de dados

No seguimento de um exaustivo processo de leitura, interpretação e posterior recolha, efetuado ao longo de 20 semanas (18/02/2018 – 30/06/2018), foi possível garantir uma coletânea vasta e diversificada de dados. Este agregado resultou de uma metódica verificação e análise primária aos comentários partilhados entre alguns dos membros que constituem a tribo *motard* do fórum de discussão Motonliners.

À data da conclusão deste processo de recolha de dados, os números resultantes da dinâmica social existente no fórum haviam incrementado significativamente em todas as suas variáveis. Durante a caracterização da dimensão da amostra a 17/02/2018 existiam 91.844

comentários, 2.584 tópicos e 708 utilizadores, no culminar da recolha de dados, em 30/06/2018, estes números ascendiam a 98.385 comentários, 2.807 tópicos e 825 utilizadores, como se apresenta na Figura 5.

Figura 5. Print-screen de estatísticas do fórum Motonliners



Por limitações temporais não foi possível efetuar o tratamento total destes 98.385 comentários, dado que já se havia ultrapassado o prazo máximo de recolha, segundo a calendarização inicialmente definida. O processo de leitura e interpretação de uma base de dados desta magnitude revelou-se significativamente demorado, o que corrobora uma das limitações apontadas por Kozinets (2002) à Netnografia.

No entanto, foi possível alcançar mais de 90% de cobertura desta base de dados, relegando para o final, o tópico (Primeira moto ou moto seguinte) que seria aquele que à partida apresentava a menor probabilidade de conter comentários relevantes à investigação, como consta na Tabela 5.

Tabela 5. Cobertura de dados

Variáveis	Totais	Lidos	Percentagem
Tópicos	2.807	2.539	90,45%
Comentários	98.385	89.109	90,57%

(fonte: elaboração própria)

No que diz respeito aos participantes, entre os 825 que à data da conclusão da recolha de dados se encontram registados, existem diversos indivíduos assíduos e bastante participativos, colaborando intensamente na construção e manutenção da dinâmica social do fórum.

Com base nos dados referentes às suas intervenções construiu-se a Tabela 6 que os classifica hierarquicamente, segundo um volume global de participação.

Tabela 6. Top de participação dos autores

	Autor	Comentários	Média mensal	Tópicos	Média mensal	Registo
1	carlos-kb	9.634	224,04	177	4,11	Novembro de 2014
2	LoneRider	8.530	224,47	158	4,15	Abril de 2015
3	michelfpinto	5.929	137,88	16	0,37	Novembro de 2014
4	nelsonajm	4.370	101,62	66	1,53	Novembro de 2014
5	OFFICER	4.196	97,58	85	1,97	Novembro de 2014
6	vindaloo	2.821	82,97	11	0,32	Agosto de 2015
7	marco.clara	2.637	65,92	47	1,17	Fevereiro de 2015
8	MagJet	2.186	53,31	75	1,82	Janeiro de 2015
9	dfelix	2.082	48,41	49	1,13	Novembro de 2014
10	ClaXav	1.994	56,97	51	1,45	Junho de 2015

(fonte: elaboração própria)

Somente a cargo destes dez *motards* permanece a publicação de 44.379 comentários (num universo total de 98.385) e 735 tópicos (num universo total de 2.807), demonstrando a preponderância que possuem dentro desta tribo. Aferindo o número de meses em que estes indivíduos se encontram registados no fórum torna-se ainda possível deduzir a média mensal de comentários e de tópicos publicados.

Esta síntese de dados permite verificar a significativa diferença que existe entre os elementos mais participativos neste fórum de discussão, especialmente aqueles que ocupam as três primeiras posições (carlos-kb, LoneRider e michelfpinto). O número de comentários publicados por estes três primeiros *motards* denota uma predisposição impressionante para gerar discussão e contribuir para a construção de um espaço rico em informação.

Em relação aos comentários, assumiu-se desde o início da investigação a relevância que a componente emocional possui para o *motard*, passando a ser esse um dos elementos

primordiais de foco na seleção dos mesmos. Assim, esta triagem procurou detetar indícios associados aos *drivers* que impulsionam o *motard* na interação tribal, tanto no plano físico como no plano digital.

Aliás, uma das maiores surpresas terá sido justamente a forma como a tribo *motard* encara e lida com o meio digital. A sua preocupação com a temática da transformação social por influência do advento digital acabou por se revelar inesperada mas relevante, especialmente pela área de estudo em que esta dissertação se insere.

Por esta mesma razão, ao longo de todo o processo de leitura e seleção dos comentários, procurou-se recolher os mesmos na íntegra, valorizando toda a extensão do seu conteúdo e de modo a não enviesar os resultados. Não foi feita nenhuma alteração propositada aos mesmos, excetuando a devida correção ortográfica.

Se um comentário encerra a exposição de uma ideia que o seu autor pretende transmitir à comunidade, entendeu-se que somente recolhendo o mesmo no seu formato completo se salvaguardaria a isenção da análise. Por via desta opção, o volume de páginas compiladas com os comentários recolhidos tornou-se vasto, tendo este sido sumariado na Tabela 7.

Tabela 7. Coletânea de dados em estado bruto

Variáveis	Resultados
Período de análise	18/02/2018 a 30/06/2018
Tópicos relevantes	100
Comentários recolhidos	363
Páginas de fórum relevantes	1.107
Páginas de dados recolhidas	165
Palavras recolhidas	43.912

(fonte: elaboração própria)

Será justamente o conteúdo presente nesta coletânea de páginas que suporta a presente

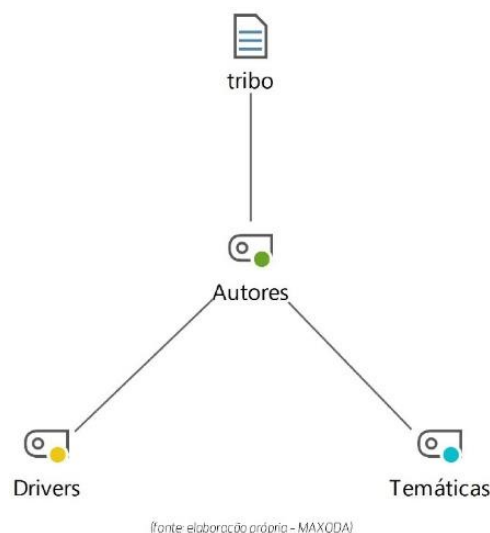
investigação acerca da interação digital desta tribo *motard* em Portugal. A informação presente nestas páginas foi sendo arquivada convenientemente em ficheiros digitais, de modo a que na sua fase final de recolha, estes dados pudessem ser transferidos para o *software* de análise qualitativa.

Simultaneamente foi mantido um registo em formato *xlsx* relativo a todas as informações apuradas, de modo a entender a evolução da quantidade de dados recolhidos, bem como, auxiliar na identificação do momento de saturação de informação.

4.2 Codificação de dados

Aquando da incorporação destes dados no *software* de análise de dados qualitativos, procedeu-se à codificação dos mesmos, acabando por construir uma estrutura organizacional que veio a ser composta por três dimensões principais – autores, *drivers* e temáticas, como se apresenta na Figura 6.

Figura 6. Esquemática de codificação



Esta codificação é relevante para compreender a forma natural como os dados se agregam, facilitando no processo de entendimento dos padrões de ocorrências presentes nos mesmos. O processo de codificação passou por várias etapas até se conseguir construir a esquemática

presente na Figura 6.

A primeira etapa consistiu em codificar os 363 comentários recolhidos com os nomes dos respetivos autores, conseguindo-se verificar imediatamente que a autoria dos comentários ficou a cargo de somente 82 *motards* (ver anexo 2). Por via desta codificação, tornou-se possível saber qual o autor de determinado comentário e a preponderância que o mesmo passou a manifestar entre os restantes autores deste aglomerado de dados.

Esta catalogação dos comentários selecionados permitiu a construção da Tabela 8 que traduz a principal organização hierárquica por autoria.

Tabela 8. Top de autores com comentários selecionados

Posição	Autor	Comentários selecionados
#01	LoneRider	54
#02	carlos-kb	32
#03	michelfpinto	17
#04	dfelix	15
#05	OFFICER	14
#06	MagJet	12
#07	nelsonajm	12
#08	marco.clara	10
#09	Nfilipe	10
#10	nunomsp	9

(fonte: elaboração própria)

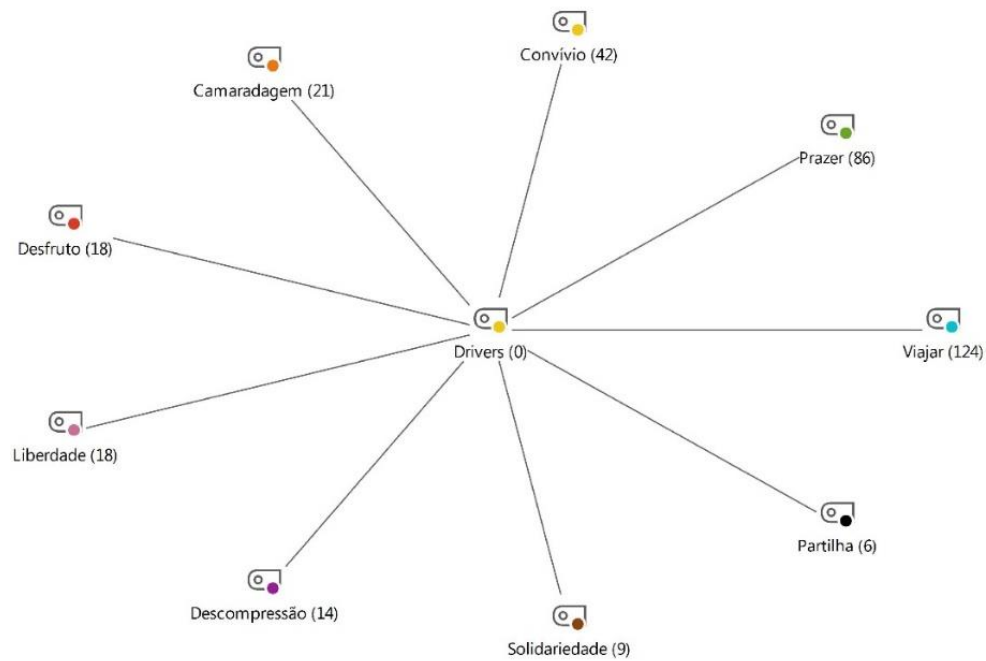
Neste novo *ranking* encontram-se presentes oito dos autores mais participativos do fórum (ver Tabela 6), reforçando novamente a preponderância do conteúdo partilhado pelos *motards* presentes nas três primeiras posições (LoneRider, carlos-kb e michelfpinto). De uma forma geral, os dez indivíduos presentes nesta tabela foram responsáveis pela publicação de 185 dos 363 comentários recolhidos, o que representa 50,68% da totalidade dos mesmos.

A segunda etapa no processo de codificação procurou identificar e representar os principais

drivers que estimulam estes *motards* a agir dentro e em prol da tribo. Este momento no processo de codificação teve a necessidade de se basear na interpretação de texto, analisando a narrativa inscrita em cada um dos comentários do fórum. Esta análise foi sendo desenvolvida ao longo de todo o período de recolha de dados, assimilando constantemente os temas e perspectivas mais comuns a estes *motards*.

O resultado desta análise identificou a existência de nove *drivers* (viajar, prazer, convívio, camaradagem, desfruto, liberdade, descompressão, solidariedade e partilha) que se sobressaíram naturalmente ao longo de todo o processo, conforme se apresenta na Figura 7.

Figura 7. Esquemática de drivers



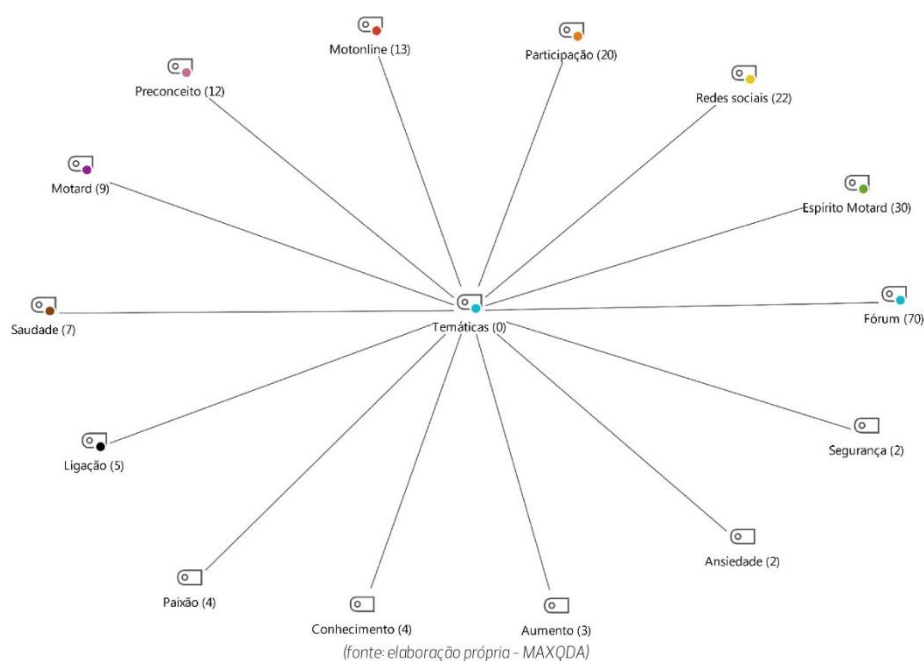
(fonte: elaboração própria - MAXQDA)

A codificação efetuada através deste *software* de análise qualitativa permitiu a contagem e identificação numérica das ocorrências associadas a estes *drivers*, dispondo-os hierarquicamente sob uma ordem que acaba por traduzir a sua relevância. Assim, podemos verificar que o *driver viajar* obteve 124 ocorrências, o *driver prazer* obteve 86 ocorrências e o *driver convívio* obteve 42 ocorrências, tornando-se estes nos três mais importantes impulsos emocionais que estimulam os *motards* desta tribo.

Os restantes seis *drivers* alcançaram um número de ocorrências que se encontra relativamente próximo, o que acaba por reforçar a importância que o *motard* encontra em poder viajar de motociclo, sentir prazer em usar o mesmo, e ainda, experienciar o convívio junto dos seus pares.

A terceira fase da codificação surge com identificação da presença de temáticas específicas que estes *motards* abordam recorrentemente nos comentários. Não sendo denominadoras de impulsos que estimulem estes *motards* a agir, revelam apesar de tudo, significativa importância para os mesmos. Procedeu-se então à codificação destas temáticas, procurando aferir o peso que as mesmas possuem dentro dos comentários recolhidos, como se verifica pela Figura 8.

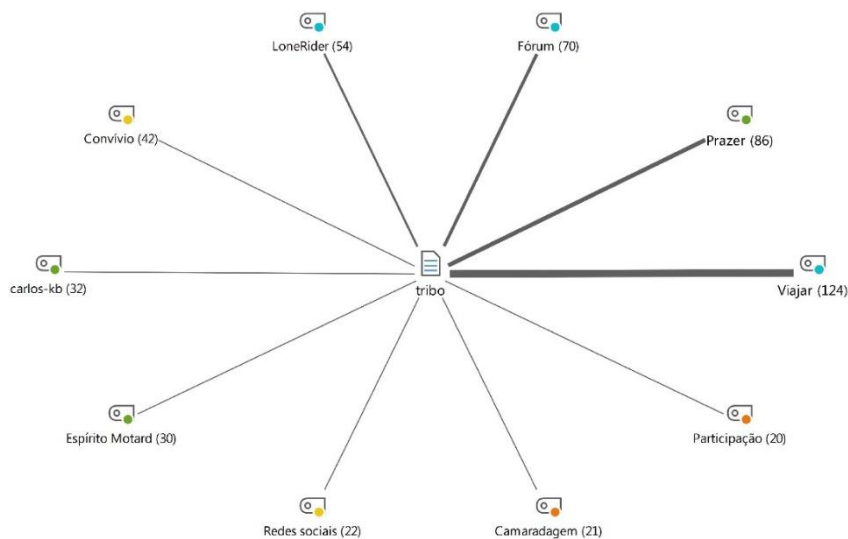
Figura 8. Esquemática de temáticas



Uma vez mais, a esquemática apresentada pelo *software* MAXQDA permite aferir facilmente a relevância que estes assuntos manifestam, por denominação do número das suas ocorrências. Entre estas, verifica-se que *fórum* (70 ocorrências), *espírito motard* (30 ocorrências) e *redes sociais* (22 ocorrências) dominaram os lugares cimeiros das temáticas abordadas por estes *motards*.

Agregando estas três dimensões (autores, *drivers* e temáticas) pode-se construir uma esquemática que demonstra de forma geral, os dez elementos que reúnem maior número de ocorrências ao longo do processo de codificação, como consta da Figura 9.

Figura 9. Esquemática com maior número de ocorrências



(fonte: elaboração própria – MAXQDA)

Entre estes dez elementos inscrevem-se quatro *drivers* (viajar, prazer, convívio e camaradagem), dois autores (LoneRider e carlos-kb) e quatro temáticas (fórum, espírito motard, redes sociais e participação).

4.3 Resultados

Tendo como base, os dados apurados por implementação da técnica da Netnografia, o *software* de análise qualitativa permite gerar diferentes estilos de análise, sendo a frequência de ocorrências uma opção basilar neste gênero de estudo. Esta análise sendo bastante simples mas absolutamente lógica, evidencia a preponderância que dada palavra possui para o autor, garantindo a possibilidade de traçar um fio condutor à medida que se afere o ciclo de repetições ocorrido.

Devido à natureza da estrutura gramatical da Língua Portuguesa, as palavras utilizadas regularmente nos comentários recolhidos são essencialmente advérbios, preposições e substantivos, levando a que não consigam de forma isolada, representar os *drivers* em que se sustentam as suas vontades e desejos. Para isso torna-se necessário descer um pouco mais na tabela, alcançando a sua 18ª posição para encontrar a primeira palavra com verdadeiro significado para esta tribo, como se verifica pela Tabela 9.

Tabela 9. Ranking de palavras com significado para a tribo

Posição	Palavra	Ocorrências
#18	mota	299
#30	andar	175
#32	fórum	150
#45	moto	115
#59	tempo	97
#70	pessoal	79
#85	gosto	65
#96	grupo	58
#99	motas	57
#109	estrada	53

(fonte: elaboração própria)

Este *ranking* das principais ocorrências de palavras resume claramente o que será mais relevante para os membros desta tribo – *andar de mota*. Aliás, a expressão “*andar de mota*” surge *ipsis verbis* por 107 vezes nos comentários recolhidos, o que revela ser uma expressão bastante utilizada pelos *motards* para traduzir a vontade de conduzir o motociclo.

Como seria de esperar numa investigação desta natureza, o motociclo alcança o protagonismo em toda a extensão da tabela apresentada, conseguindo ocupar simultaneamente três das suas posições (mota, moto e motas) com 471 ocorrências em 363 comentários recolhidos.

Figura 10. Nuvem de palavras dos comentários

amigos Andar **andar** caminho conversa convívio curtir **curvas** destino
espírito estrada estradas Facebook **fórum** fóruns gosto grupo
grupos liberdade malta membros momento momentos **mota**
motard motas **moto** motociclismo motociclistas motos paisagem **passeio**
passeios percurso **pessoal** pessoas prazer quilómetros redes respeito
sentimento **tempo** viagem viagens viajar vida viver volta voltas vontade

Esta composição gráfica suporta-se no número de ocorrências das palavras, atribuindo-lhe um peso que se traduz pelo tamanho da fonte utilizada para representar essa mesma palavra. Neste caso, evidenciam-se as dez palavras anteriormente apresentadas, entre outras 40 palavras que lhes seguem no *ranking*, concedendo um especial destaque para as palavras – *mota*, *andar* e *fórum*. Afere-se desta forma, a preponderância atribuída ao meio digital e ao que este consegue proporcionar a esta interação estabelecida entre *motards*.

Para quem não está familiarizado com a linguagem utilizada no meio do motociclismo, estas palavras poderão ser absolutamente aleatórias, porém, quando encadeadas entre si, conseguem traduzir desejos e intenções frequentemente vividos dentro deste universo.

Entre os comentários recolhidos podemos encontrar com elevado número de ocorrências as seguintes expressões: desejo em andar (175 ocorrências) de mota (299 ocorrências), fazer (140 ocorrências) umas curvas (48 ocorrências), sentir (25 ocorrências) prazer (50 ocorrências) na condução (15 ocorrências), estar (48 ocorrências) em convívio (22 ocorrências), ter tempo (97 ocorrências) para viajar (17 ocorrências), sair (20 ocorrências)

em viagem (42 ocorrências), viver (18 ocorrências) em liberdade (38 ocorrências).

A componente emocional presente nestes comentários e nas palavras que os constituem é uma constante, demonstrando que o comportamento desta tribo se encontra sob direta influência da mesma, o que corrobora o foco inicial da investigação. Tal como Cova (1996) referenciou nos seus estudos, existe uma grande vontade por parte do *motard* em encontrar o seu próprio momento de prazer, juntando-se aos seus pares na procura por uma ligação social que deriva da partilha desta paixão pelos motociclos. Agora verifica-se que esta procura estabelece igualmente estreitos laços com o meio digital.

4.4 Comparação

No planeamento do processo de implementação desta metodologia de investigação, encontrava-se prevista a comparação do resultado dos dados apurados, por consulta de *motards* que apesar de não fazerem parte do universo do fórum Motonliners, pertencem igualmente a este mundo do motociclismo. Aproveitou-se a proximidade que o investigador mantém com a tribo de *motards* do Furadouro, com o intuito de se exprimirem acerca da temática em estudo.

Quando abordados acerca do que os impele a ser *motards*, notou-se que as suas mentes se perdem na procura por palavras que o justifiquem. Alguns referem que o desejo pelos motociclos já é bastante antigo, não conseguindo definir o preciso instante em que tudo se despertou, como demonstra o seguinte comentário:

“Ando de mota por gosto. Já desde muito novo.” (Neca, 12/08/2018)

Pela faixa etária que alguns destes *motards* possuem (> 45 anos), entende-se que viveram os primórdios do despertar do culto do motociclismo em Portugal, numa época em que os motociclos com grande cubicagem ainda não eram comuns e se recorriam às vulgares

motorizadas de 50cc.

De uma forma geral, apercebe-se facilmente o peso emocional que os suporta e motiva a participar na tribo, tornando difícil a intenção de o particularizar por palavras. Ainda assim, a liberdade e o retorno social que obtêm do convívio que usufruem com os seus pares possui um destaque significativo, dando-lhes alento para percorrer a estrada na companhia dos amigos.

Isso é um bocado complicado de explicar... É pelo sinónimo de liberdade que temos quando estamos a andar; é pelo facto de pegar na mota e sair sem destino porque o destino é sempre secundário, o que interessa é andar e com isso junta-se a companhia dos amigos. O próprio vestir do equipamento é ritual que gosto bastante. (Soundwave, 19/08/2018)

Pela particularidade desta forma de estar, ser *motard* não será algo que se escolha, necessitando da existência de determinados traços de personalidade e de um conjunto específico de *drivers* que estimulem o indivíduo a entrar e manter-se dentro da tribo.

“Liberdade. Libertação. Permitir-me ir. Conduzir. Focar-me. Sentir a brisa na cara e ter a certeza que é ali que quero estar. Não é uma escolha, somos escolhidos. Conviver. Partilhar a emoção, as curvas, saber quando acelerar. Parar só para ver, depois continuar. Porque a estrada é o destino.” (Unicorn, 19/08/2018)

Esta procura individual pelo prazer, pela aventura e pela sensação de liberdade converge no espaço físico que os agrega e incentiva-os a procurar o desfruto de um caminho diferente que se descobre a cada nova viagem.

A partilha de experiências que uma aventura motard pode oferecer, a liberdade de um caminho que pode ser descoberto pela mota. (MMAia, 19/08/2018)

A leitura destas motivações acaba por ser simples e transversal, especialmente naqueles que convergem a um local com a tradição do motociclismo como é o caso do Furadouro. Segundo a interpretação das palavras destes indivíduos, ser *motard* não será uma missão solitária,

sendo antes um percurso sinuoso que os encaminha por estradas que partilham na companhia dos seus pares, rumo a um qualquer destino onde resida a sua liberdade.

Apesar desta comparação entre congregação física e digital, notam-se claras semelhanças no *modus operandi* manifestado pelo *motard*. Na procura pelo seu momento de prazer e liberdade, o *motard* dirige-se a um espaço físico ou digital específico, encontrando um forte núcleo de convívio que o preenche por completo e o estimula a viver de uma forma particular.

“Se viesse aqui de carro ficava ali no canto e ninguém falava comigo. De mota todos falam com todos” (Neca, 12/08/2018)

Neste sentido, não se encontram quaisquer diferenças comportamentais, quer se refira o espaço físico ou o espaço digital. Será em ambos os casos, o instante em que o *motard* procura um local específico, por exemplo o Furadouro ou o Motonliners, a determinar a sua exposição à tribo e a lançar as fundações para que ocorra a sua integração. O seu posterior desejo em encetar práticas comuns de socialização e convívio é que ditarão a maior ou menor participação nas lides da tribo.

4.5 Análise de conteúdo

Além da contabilização de ocorrências e a identificação de padrões semânticos presentes na súmula de palavras recolhidas, existe ainda a análise e interpretação de conteúdo que resultou da leitura integral de 89.109 comentários presentes no fórum Motonliners. Desta análise resultou um conhecimento aprofundado sobre os principais traços de personalidade manifestados pelos participantes e da forma como estes se relacionam nesta tribo *motard*.

Este fórum de discussão ainda é bastante recente, todavia, o seu alicerce principal de interação suporta-se num núcleo relacional antigo e bastante próximo. Não existe nenhuma estrutura de poder instituída, apesar de haver um fundador (OFFICER) responsável pela criação, supervisão e manutenção do fórum de discussão. Apesar de ser vulgarmente

apelidado de “*Patrão*”, não é o elemento mais participativo nos encontros físicos, tratando-se na realidade de um título despido de verdadeira influência.

A sua *persona* padece de um misto de reverência e subestimação, pois é graças à sua perseverança que o fórum se criou e ainda existe, por outro lado, será um dos poucos *motards* da tribo a defender publicamente a necessidade de obedecer às regras impostas pelo código da estrada. Isto demonstra que neste espaço todos possuem um valor idêntico, não existindo uma hierarquia ou um estatuto naturalmente adquirido, nem mesmo para o elemento fundador.

Todos os *motards* presentes na tribo podem intervir e opinar livremente, sendo estimulados pelos mais *antigos* a tomar a iniciativa e organizar encontros entre os restantes membros. Ainda assim, nota-se uma certa tendência natural para alguns membros demonstrarem maior à-vontade para interagir e atuar no seio da tribo, quer seja por influência de características de personalidade, quer seja por se sentirem totalmente integrados neste meio.

Este núcleo referencial é composto por alguns dos elementos mais participativos (carlos-kb, dfelix, Johnny_1056, LoneRider, MagJet, marco.clara, michelpinto, nelsonajm, n00b1e, OFFICER, quatropiscas, Rod e vindaloo) desta tribo, indivíduos que possuem uma larga experiência no mundo do motociclismo, permitindo enriquecer diariamente este espaço com uma multiplicidade de opiniões, informações e experiências.

Esta vontade em partilhar o conhecimento que possuem com os restantes membros da tribo consome significativas quantidades de tempo, essencialmente devido à enorme quantidade de tópicos e comentários que surgem diariamente. Acompanhar o desenvolvimento dos tópicos em que decidem participar revela-se uma tarefa exigente e de constante necessidade de verificação de novidades. Constata-se ainda que grande parte desta partilha ocorre durante o horário laboral, o que demonstra que estes indivíduos pensam recorrentemente nesta

temática, mesmo quando deviam possuir o dever ético de se focarem noutros assuntos.

A facilidade com que estes *motards* passaram a conseguir interagir digitalmente com os seus pares foi crucial para fomentar as relações que mais tarde viriam a solidificar, usando como catalisador, os inúmeros passeios e encontros que organizavam nos seus tempos livres.

“Bem já me passou, escrevo este post para me apresentar de novo pois já me registei nesta "casa" em 2008 altura em que não abdicava deste belo fórum e onde conheci belos amigos.” (Janeco, 28/11/2014)

Desta forma, estes *motards* descobriram que ao recorrer ao fórum podiam alcançar aqueles que partilhavam dos mesmos gostos, independentemente da sua localização geográfica, encontrando a afinidade necessária para estabelecer relações de proximidade e confiança. Apesar de mais tarde o projeto Motonline ter terminado, estas relações perpetuaram-se no tempo e no espaço, tendo vindo a originar a criação de um novo projeto – o Motonliners.

“Posso dizer o seguinte, a criação deste fórum veio à baila pelo fim do velho Motonline. E o que me fez criar o fórum foi precisamente continuar a existir interação não só cibernética, como pessoal, entre os seus membros.” (OFFICER, 18/10/2016)

Este novo espaço de discussão surgiu com a missão de voltar a reunir aqueles que durante anos conviveram diariamente no Motonline, servindo como porto de abrigo aos elementos desta tribo. O propósito deste empreendimento digital revela assim ser a socialização despertada e mantida viva, por via da procura de uma ligação social e a partilha da paixão que nutrem pelos motociclos.

“Sim, também já deu para ver que há por aqui alguns 'lobos do asfalto', gente com 'curriculum' nesta paixão do motociclismo.” (LWillow, 06/12/2016)

Com o desenvolvimento do novo fórum de discussão surgiram diferentes intervenientes, porém, a ação primordial tem sido mantida pelo núcleo duro que zela arduamente pela prosperidade da tribo. O principal foco desta tribo reside justamente na possibilidade de

criação de uma ligação com outros *motards*, dado que a procura pelo prazer de utilização do motociclo pode ser efetuada a solo.

“Gosto de passeios com o pessoal pelo convívio em si, não pelo resto, já que andar de mota também se faz sozinho.” (OFFICER, 07/11/2016)

Esta ligação social encontra-se sustentada por uma complexa mecânica emocional que estes *motards* partilham entre si, apesar das claras diferenças que as suas personalidades manifestam de forma regular.

“A diversidade/pluralidade de personalidades/temperamentos 'funde-se' facilmente num ideal comum de boa-disposição, gosto pelas motas, respeito e companheirismo.” (LWillow, 02/06/2017)

Sendo a tribo composta por indivíduos originários de diferentes estratos sociais, acabam por reunir no mesmo espaço, personalidades e experiências de vida completamente distintas. Na grande maioria dos casos esta diversidade de personalidades e temperamentos é facilmente conjugável, contudo, existiram casos em que as diferenças se tornaram irreconciliáveis, levando os membros desta tribo a restringir a sua participação no fórum ou abandonar definitivamente este espaço.

Recentemente ocorreram algumas desistências por parte de membros muito participativos (Fz1000, quatropiscas e Rod), que por diferentes razões decidiram eliminar definitivamente as suas contas neste fórum. Seria de esperar que ao partilhar o mesmo objeto de culto e os mesmos *drivers*, esta tribo conseguisse ultrapassar as suas diferenças para poderem saborear em pleno as suas similitudes, porém, a interação digital tende a dar aso a desavenças bastante complicadas de solucionar.

Avaliando a forma como o Fz1000 foi sendo tratado ao longo do tempo, especialmente pelo LoneRider, pelo Johnny_1056 e pelo jpsimoes, dir-se-ia que o convívio físico é importante para solidificar as relações que se estabelecem digitalmente e adquirir um estatuto que

permita ao *motard* apresentar e defender a sua opinião sem ser constantemente criticado ou desvalorizado. Uma espécie de ritual de passagem que o certifique como sendo um genuíno elemento da tribo aos olhos dos restantes.

“Depois há o tal "requisito" não participaste em passeios, portanto és inferior, um fórum de motas é para participar, seja fisicamente, seja atrás do ecrã para quem não tem vida para estar de passeio ao fim de semana, mas aqui há sempre um ou mais a julgar, como se fossem alguma coisa de especial.” (Fz1000, 06/03/2018)

Existir apenas enquanto utilizador digital refugiado atrás de um ecrã e de um *nickname*, mesmo que muito interventivo na generalidade das discussões do fórum não é garantia suficiente para merecer o respeito dos restantes. Sem que este respeito exista, a presença de comportamentos tipificados como *bullying* cibernético acaba por ser recorrente, especialmente se a vítima não possuir maturidade suficiente para relativizar uma situação desta natureza.

Uma das formas de se conseguir ultrapassar esta problemática passa por dar o salto para o plano físico, reunindo-se presencialmente com a restante tribo. Há que provar que se é um *motard* real e convicto, o que apenas será possível por via da interação física e do convívio que resulta dos seus encontros e viagens.

“Mas a tua participação no fórum não se deve cingir apenas ao aspeto cibernético da coisa. Aparece nos encontros, mostra-te, faz-te a estrada com o pessoal...”
(carlos-kb, 18/10/2016)

Apesar de este ser um espaço digital, encontra-se latente uma enorme ânsia em recorrer a provas que possam ajudar a personificar os *nicknames* que os restantes membros utilizam e materializar os motociclos que dizem possuir. Aquando da chegada de um qualquer novo *motard*, um dos primeiros pedidos a ser feito é a apresentação do motociclo por via da devida divulgação de fotografias.

“Bem-vindo Calado. Tens uma KTM Duke 690? Apresenta a moto ao pessoal na

secção ao lado (a minha mota)!” (michelfpinto, 06/03/2018)

No domínio digital os confrontos e insultos verbais surgiram de forma esporádica, todavia, quando se encontravam fisicamente focavam-se na reunião do coletivo e nas suas viagens, não havendo qualquer registo de uma eventual escalada de conflito. Todas as crónicas dos encontros ou passeios realizados traduziram sem exceção, profundas expressões de bem-estar e realização pessoal pelos momentos de convívio que partilharam e pelos trajetos de grande beleza que encontraram nessas viagens.

“Não me vou alongar, mas considero que este encontro foi mesmo muito especial. Inesquecível. Combinámos ir andar de mota e fomos. E como hoje já o transmiti sinceramente, não me recordo em muito tempo de me ter sentido tão bem num passeio de mota. Nem em cima da minha própria mota.” (vindaloo, 30/05/2016)

A realização destas viagens, algumas delas significativamente longas para um só dia (várias centenas de quilómetros), revela uma enorme ânsia em usufruir do convívio com os companheiros de estrada e do prazer de condução do motociclo. A realização destas viagens revela ser um ritual de enorme importância neste meio, servindo para aproximar e fortalecer as relações que se despertam por via digital.

“Apesar de haver muitas formas de entender esta coisa de motociclismo, o mototurismo é sem dúvida a sua forma mais gratificante.” (LoneRider, 04/01/2017)

Inclusive, a tribo propõe-se a sacrifícios partilhados para que seja possível que um dos seus membros esteja presente nestas viagens, estimando acima de tudo a sua companhia. Na edição de 2015 do encontro Norte & Sul, um dos membros mais jovens – Shady, não possuía condições financeiras para efetuar a viagem de várias centenas de quilómetros e ainda ter de almoçar com os companheiros no restaurante, pelo que a tribo se prontificou a dividir o custo do seu almoço e assim poder usufruir da sua companhia.

“Se o pessoal se decidir pelo restaurante, fazemos como fizemos ao Rodinho, na volta do Regresso do Rod... pagamos-te o almoço, a dividir por todos, isto só para

que possas estar presente!” (carlos-kb, 05/05/2015)

Na edição de 2016 do mesmo evento, o fundador do fórum encontrava-se sem motociclo e com baixa disponibilidade financeira, pelo que um dos membros da tribo sugeriu uma contribuição coletiva para se poder alugar um motociclo.

“Pessoal, a ideia surgiu numa conversa há pouco com outros users. Visto o big boss (Officer) estar "desmotado", e nunca ter participado num passeio do fórum que ele próprio criou, que tal o pessoal se juntar (participantes e não participantes), e entre todos (que quisessem, evidentemente), pagarmos-lhe o aluguer de uma moto para ele poder marcar presença no passeio?” (carlos-kb, 03/06/2016)

Estas ações representam bem o enorme apreço que existe na tribo pelo convívio e pela ligação social, especialmente por terem existido membros que contribuíram nesta coleta, apesar de não terem podido estar presentes no evento.

“Pessoal, apesar de não ir, contem com contribuição minha para alugar uma moto ao patrão!” (quatropiscas, 04/06/2016)

Demonstra-se assim a existência de uma franca possibilidade de se criarem profundos laços sociais dentro da tribo, alcançando um nível de solidariedade e camaradagem admirável. Independentemente das diferenças que os distinguem enquanto indivíduos, no plano físico existe uma evidente facilidade de se focarem no que os aproxima enquanto iguais.

“O que interessa é o convívio e camaradagem, independentemente dos cc e dos cv da burra que cada um monta.” (carlos-kb, 25/01/2018)

Na generalidade das ocasiões, os membros desta tribo procuram reunir semanalmente com outros que habitem perto das suas zonas de residência, sendo a zona de Lisboa e arredores bastante representativa dentro deste espaço digital. Locais como a Arrábida, Bombarral ou Cabo da Roca possuem considerável tradição motociclista, sendo pontos de interesse elementar nos principais percursos dos *motards* que vivem mais a sul do país.

“As manhãs de domingo no cabo da roca não deixa de ser algo... Social. Nenhuma

outra razão justifica tanta gente se junte no mesmo local se não existisse determinada afinidade... Que são as motos.” (dfelix, 24/12/2014)

Todavia, além dos encontros e passeios semanais de menor distância, estes *motards* desenvolvem anualmente esforços significativos para realizar viagens com diferentes envergaduras. O encontro Norte & Sul procura agregar durante um ou dois dias, *motards* provenientes de todas as zonas do país, levando-os a percorrer um itinerário com várias centenas de quilómetros e muitas curvas.

“Foi bom ver um passeio deste fórum com cerca de 20 motos e com presenças praticamente de norte a sul.” (OFFICER, 10/07/2016)

A Rota Internacional Motonliners (RIM) é um desafio ainda mais audaz, consistindo em percursos que podem ultrapassar o milhar de quilómetros divididos entre território português e espanhol, durante três ou mais dias de viagem.

“Sem dúvida, o importante é o convívio e o que isso proporcionou a todos os que fizeram parte da RIM.” (michelpinto, 02/06/2017)

Esta exposição ao mototurismo encontra-se muito presente no ambiente do fórum, sendo bastante comum que muitos destes *motards* percorram Portugal de norte a sul em procura de curvas, lugares históricos e paisagens com grande beleza natural.

“Adoro andar de moto no geral...em particular gosto de fazer mototurismo/passear e de conhecer/revisitar sítios.” (cabs, 17/11/2014)

De um ponto de vista de Marketing, afigura-se um significativo potencial lucrativo neste nicho de mercado, dado que o mototurismo estimula a procura por locais históricos e de grande beleza, quase sempre distantes dos principais centros urbanos. Isto significa que necessitam de planear trajetos, escolher locais para almoçar, jantar e dormir, sem que exista preparação arquitetónica nesses locais para receber clientes que se desloquem de motociclo. Aqueles que tenham em consideração esta nova vertente de turismo poderão marcar a

diferença, conseguindo valorizar facilmente o investimento e obter um retorno significativo.

Todos os *motards* que praticam o mototurismo à escala nacional e internacional adquirem reconhecimento acrescido no seio da tribo, na medida em que passam por um processo desafiante que os ajuda a construir uma ampla e distinta experiência do que representa ser *motard*.

“Um gajo que faz quase dois milhares de quilómetros para fazer umas curvas com o pessoal (mesmo que tenha aproveitado para outros afazeres de carácter pessoal por cá), aparece na zona Oeste, brinda-nos com um festival de condução com uma moto de quase 300 kgs em ordem de marcha, e arranca de regresso à capital do Reino de Aragão... Tem legitimidade para chamar aqui no fórum, de tenrinhos a todos e quaisquer uns.” (carlos-kb, 02/06/2016)

Ser *motard* representa uma forma de estar particular e normalmente próxima da dificuldade e do sacrifício, porém, fazer mototurismo será particularmente desafiante pela constante exposição aos elementos e ao risco, durante as extensas viagens que fazem. Naturalmente que em decurso da conquista destas adversidades, o reconhecimento que existe por estes *motards* é significativamente maior, mesmo dentro de uma tribo sem arquitetura hierárquica.

Uma das figuras mais enigmáticas e participativas (LoneRider) deste fórum de discussão será justamente uma das mais experientes e genuinamente apaixonadas pelo mototurismo, ainda que seja igualmente uma personagem revestida de enorme controvérsia. De personalidade intempestiva e mordaz, figura como um indivíduo que não possui filtros ou restrições, apoiando-se na liberdade de expressão para dizer o que quer, quando quer e como quer.

A tribo reconhece que a sua maneira de receber os novos membros tende a ser excessiva mas passou a ver a mesma como sendo um teste por prova de fogo. Após algumas experiências de interação a sua natureza torna-se familiar e apreciada pela frontalidade, porém, para os

incautos que chegam a este fórum e desconhecem este comportamento, a recepção que os aguarda chega a ser chocante.

“Ora palavrão! Já lambi que, mesmo que te queira afugentar, vens vacinado e tal... Aposto que até já vens com o olhal lubrificado e tudo para a praxe do taco de basebol revestido com pregos de meio solho.... Katano, nem te podemos falar do Imposto Revolucionário nem nada...” (LoneRider, 11/05/2018)

Uma leitura atenta a esta natureza agressiva acaba por identificar este comportamento anômalo como sendo um teste à fibra e resiliência daqueles que se apresentam à tribo. Com o crescimento significativo do número de novos condutores, existe uma vontade em testar e escolher aqueles que possuem potencial para serem verdadeiros *motards*.

“Este fórum é feito por quem nele participa e nele acrescenta algo.... mas só cá está quem quer e se identifica com o mesmo... e irremediavelmente, são também estes que cá fazem falta.” (carlos-kb, 07/03/2018)

Apesar da redução do número de participantes nos fóruns ao longo dos anos, não lhes interessa acumular utilizadores incógnitos mas sim reunir membros realmente participativos nas lides da tribo, tanto as que ocorrem ao nível físico como ao nível digital. Nota-se que muitos utilizadores apesar de não se terem sentido melindrados com a recepção, não chegaram a dar continuidade na participação, o que acaba por não beneficiar a continuidade da tribo ou do fórum.

“Ou seja, o Fórum deve ser levado a sério na brincadeira. Como tal acho que os eventos que nele se organizam devem ser mimados e cuidados, sempre tendo em conta que é isso que vai fomentar o Motociclismo e criar momentos que ficam na memória dos seus membros.” (LoneRider, 10/04/2018)

A sua insistência recorrente em incentivar todos os encontros e passeios que se decidam organizar, denomina um profundo desejo em que se criem laços fortes entre os membros da tribo. Este indivíduo demonstra uma particular sensibilidade para compreender a importância do *linking value*, sabendo perfeitamente o poder que existe na partilha de uma

paixão e o retorno que tal interação pode trazer a uma tribo. Assim, o seu comportamento evidencia sinais de que prefere que fiquem no fórum por paixão aos motociclos e verdadeira dedicação à tribo.

“Todos devemos ter cuidado com a nossa escrita, e contra mim falo, não é do meu desejo que ninguém se vá embora, porque até ao momento em que desiste, faz sempre falta.” (LoneRider, 10/04/2018)

Apesar de possuir o que poderá ser definido como mau génio, será um dos *motards* mais viajados, experientes e respeitados deste fórum. O seu conhecimento das estradas europeias é invejável e a sua capacidade de planeamento de itinerários de viagem é soberba. Mesmo estando presentemente emigrado no nordeste de Espanha, não deixa de ser um dos três elementos mais participativos do fórum e o grande mentor da realização anual da RIM.

“As viagens de mota são especialmente boas para alimentar a auto estima, abrir os horizontes e melhorar na condução e domínio da tua montada.” (LoneRider, 22/11/2017)

Por várias vezes fez a viagem (vinda e ida) de mota desde Aragão até Portugal, somente para usufruir da companhia destes *motards*, demonstrando a importância que o convívio dentro do mundo dos motociclos para ele representa.

“Não podia deixar de enaltecer a grande surpresa, que foi a presença inesperada do Lone Rider no passeio.” (carlos-kb, 02/10/2016)

Sofrendo de influência constante por parte de alguém que vive o motociclismo com esta energia, torna-se compreensível o contágio que ocorre aos restantes *motards* da tribo, estimulando-os a aprofundar as suas aventuras no domínio do mototurismo. Este *motard* (LoneRider) em específico gosta bastante de escrever crónicas pormenorizadas das muitas viagens que faz sozinho, enriquecendo-as com imensas fotografias que tira aos locais por onde passa, acabando por suscitar uma enorme atratividade dentro do fórum.

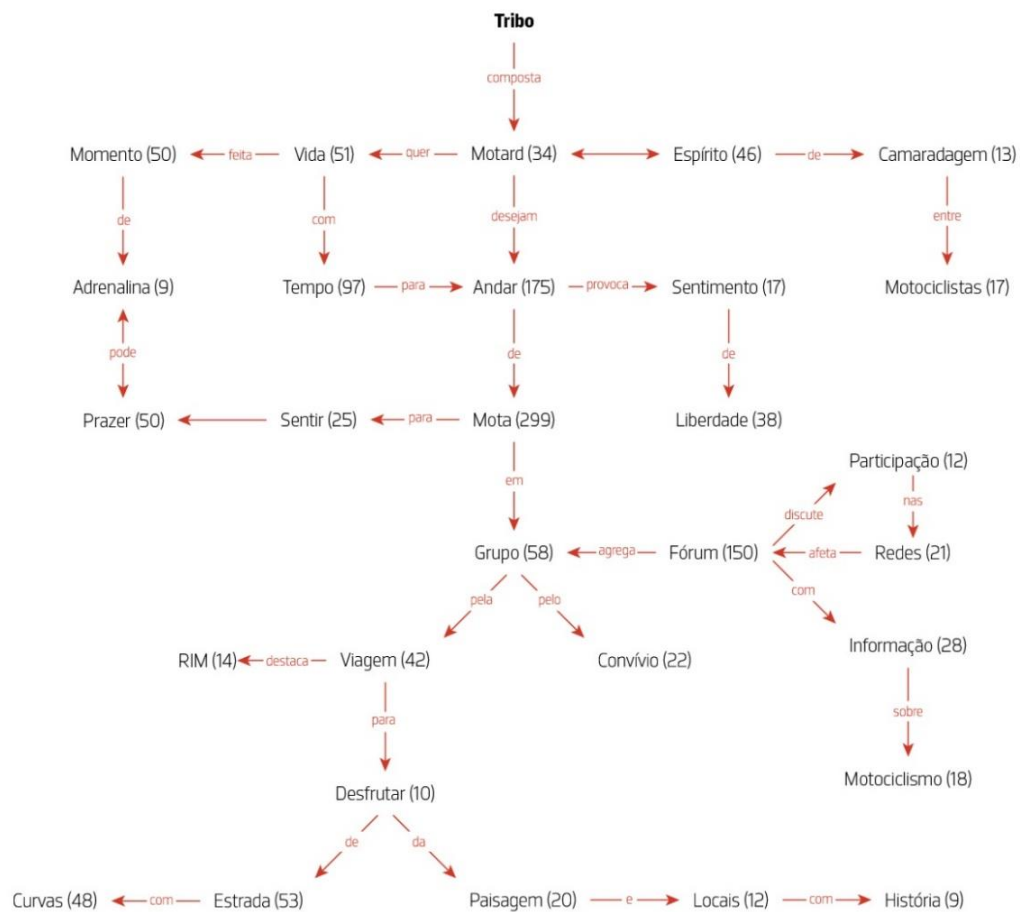
Do aglomerado de todas estas viagens e crónicas resultou um espólio soberbo composto por narrativas pormenorizadas, fotografias e vídeos das melhores paisagens e locais históricos que o nosso país possui. Sendo recordações que permanecem armazenadas para a posteridade, estes tópicos de crónicas tendem a acumular bastantes páginas com comentários, demonstrando o enorme relevo que os membros desta tribo lhe atribuem. Aliás, entre todos os tópicos existentes, aqueles que normalmente reúnem maior número de páginas e de comentários serão justamente os que dizem respeito à organização dos eventos e os que posteriormente relatam a sua concretização por via das suas crónicas.

Vendo agora por um outro prisma a profunda modificação que as redes sociais trouxeram à sociedade, entende-se a natural dificuldade que existe para um fórum de discussão conseguir subsistir e ver o seu número de participantes ascender significativamente. Especialmente um que tende a receber quase todos os novos visitantes de forma agressiva e intimidatória. Ainda assim, constata-se que o fórum de discussão reúne as características ideais para o *motard* interagir com a sua tribo, dado que apesar de se suportar no poder da palavra e da narrativa, permite igualmente a partilha da componente visual, tanto por via da divulgação de fotografias como de vídeos.

4.6 Mapa conceptual do conhecimento

No seguimento da relevância atribuída ao conjunto de palavras apuradas ao longo da investigação, construiu-se um mapa conceptual do conhecimento que as agrega graficamente, de modo a ser possível compreender a relação que estabelecem entre si dentro do fórum Motonliners, como demonstrado pela Figura 11.

Figura 11. Mapa conceptual do conhecimento



(fonte: elaboração própria)

A sua organização esquemática procura trilhar uma linha de pensamento que sintetize os principais pontos de interesse no comportamento do *motard*, representando os estímulos que os levam a procurar a interação social, quer por via do espaço físico, quer por via do espaço digital.

Este mapa conceptual do conhecimento foi posteriormente exibido à anteriormente referida

amostra de *motards* do Furadouro, procurando entender se os mesmos compreendiam e concordavam com a sua esquematização. De um modo geral, estes *motards* identificam-se com os componentes e a organização do mapa, especialmente no que ao convívio diz respeito, reforçando o valor que o resultado dos dados apurados na investigação possui.

Pelas parcas indicações demográficas aferidas durante a fase de recolha de dados, este conjunto de *motards* veteranos não será o que hoje elege os fóruns e as redes sociais para interagir com os seus pares, pois possuem os seus laços relacionais estruturados há imensos anos, preferindo dar privilégio à interação física que semanalmente procuram naquele espaço.

Aliás, estes *motards* veteranos revelam elevados índices de necessidade do reforço do *linking value*, na medida em que mesmo quando não se proporcionam as condições climatéricas ideais para se deslocarem de motociclo ao Furadouro, marcam a sua presença fazendo-se deslocar de automóvel. Só por si, esta ação demonstra um apreço significativo pelo laço relacional que deriva da partilha da paixão por este objeto de culto.

Por via deste paralelismo estabelecido entre o meio *offline* e o meio *online*, denota-se que existe uma proximidade significativa e genuína entre o que o *motard* vive no seu dia-a-dia e o que partilha ou procura por via digital, mesmo quando se tratam de diferentes gerações de membros da tribo *motard*. Demonstra igualmente que este objeto de culto induz sensações de prazer transversais a várias gerações que vivem intensamente este espírito *motard* e procuram usufruir do convívio que se lhe está naturalmente associado.

4.7 Resposta às questões de investigação

Em decurso do processo de leitura e recolha dos comentários presentes dentro do fórum Motonliners, tornou-se possível compreender melhor a forma como os membros desta tribo organizam o seu pensamento em relação a algumas temáticas e os pontos de vista que

defendem. Este entendimento da mecânica interna do fórum e das suas dinâmicas sociais simplificou o processo de construção de respostas às questões da investigação.

O posterior tratamento desta coletânea de dados através do *software* de análise de dados qualitativos, tornou possível o entendimento do relevo que determinadas palavras demonstraram possuir dentro desta tribo, pelo que a conjugação de ambos os processos possibilitou a elaboração de respostas à questão principal e restantes questões secundárias, definidas no início da investigação.

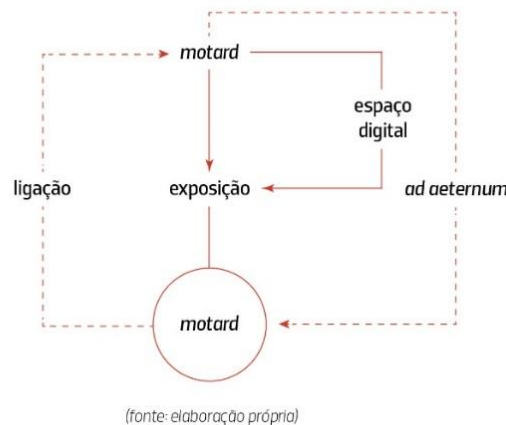
(i) Qual a natureza da interação mantida entre a subcultura *motard* e o espaço digital?

Sendo o *motard* um indivíduo que se distingue do padrão social pela sua forma de estar, acaba por na realidade poder fazer parte de uma tribo que se pode encontrar bastante dispersa no espaço físico. Assim, encontrar aqueles que partilhem de gostos similares e interesse no mesmo objeto de culto pode revelar ser uma tarefa significativamente árdua.

Neste sentido, o espaço digital apresenta qualidades únicas para providenciar a exposição inicial de que o *motard* necessita para conseguir alcançar os seus pares. Incidindo cirurgicamente sobre espaços onde se possam direccionar indivíduos que se interessem por esta temática, o *motard* adquire a oportunidade de interagir com os seus semelhantes e estabelecer uma relação que se mantenha funcional ao longo do tempo.

Esta ponte que se estabelece por via digital é crucial para identificar aqueles que partilham dos mesmos interesses, acabando por fortalecer o impulso que levou o *motard* a chegar até ali, como se verifica na Figura 12.

Figura 12. Interação entre o motard e o espaço digital



Em decurso do processo de comunicação interpessoal que se desperta, podem surgir relações de proximidade que se mantêm ativas, mesmo na ausência do meio digital.

“Somos um fórum onde a maior parte dos utilizadores ativos se conheceram através do fórum e mantém contato dentro e fora dele.” (ClaXav, 14/03/2018)

O espaço digital representa desta forma uma ferramenta preciosa para a constituição da tribo e decorrente incorporação de novos membros, bem como, será a espolleta que origina relações de amizade entre indivíduos que partilham interesses semelhantes e o gosto pelo mesmo objeto de culto.

(i) Qual é a forma predileta para a subcultura *motard* se manifestar no meio digital?

A opinião expressa pela grande maioria dos membros desta tribo demonstra que o canal preferido para os *motards* interagirem digitalmente enquanto coletivo ainda será o fórum de discussão. Pode ser facilmente possível detetar a presença de *motards* a utilizar outras

plataformas comunicacionais (blogs, redes sociais e *websites*), porém, o nível de informação, interação social e a profundidade de relacionamento estabelecida dentro destes espaços não alcança aqueles que o fórum de discussão sempre manifestou.

Este espaço digital demonstra um potencial inesgotável para um membro da tribo questionar, explicar ou apenas trocar impressões com os seus pares, envolvendo-se numa complexa rede comunicacional que lhe permite ampliar profundamente os seus conhecimentos na temática dos motociclos e fortalecer as relações sociais estabelecidas por via desta plataforma.

Devido à sua forma de construção, todo o conteúdo que a dado momento é partilhado entre a tribo permanece armazenado e devidamente organizado em setores compartimentados, sendo possível aceder ao mesmo a qualquer instante, tornando-se esta numa enorme vantagem em relação às redes sociais e ao seu típico funcionamento de publicação vertical.

“A questão é que nas redes sociais a informação é altamente efêmera e não classificada. Tudo é guardado no "mesmo saco", sem distinção. E uma publicação que tenha interesse, passados uns dias, está irremediavelmente perdida nas catacumbas dessa mesma rede...” (carlos-kb, 29/09/2015)

Configurando um espaço de excelência para a interação social, o fórum de discussão garante uma oportunidade valiosa para os *motards* aprofundarem os seus conhecimentos técnicos, enquanto fomentam igualmente solidificação da relação social que vão construindo entre si.

“Os fóruns dão 1000 a 0 em relação ao Facebook, uma vez que permitem a estruturação de informação, diálogo de qualidade e não procuram influenciar o comportamento das pessoas, que ficam sedentas de "likes". Mas é uma pena que comecem a ser uma espécie em vias de extinção.” (Serzedo, 13/12/2017)

Todavia, os próprios membros desta tribo têm presente na consciência que as redes sociais vieram alterar profundamente o comportamento social do indivíduo comum, tendo estes novos hábitos alterado a preponderância que os fóruns de discussão vinham a granjear na sociedade.

“Aproveitando este tópico, digo que ainda fico admirado como este fórum vai tendo a atividade que tem, com o aparecimento do Facebook e do YouTube, apenas estes 2 formatos mataram praticamente 99% da vida dos fóruns, infelizmente.” (Nfilipe, 11/04/2018)

Ainda assim, nem todos os indivíduos caem nas malhas de atratividade do efémero das redes sociais, estando programados para valorizar outras formas de comunicar e de suportar os seus processos de interação social.

“O que não faltam no Facebook são grupos de motociclismo, e como plataforma de discussão é péssima. Os tópicos ficam todos misturados, as discussões perdem-se com respostas escondidas que passam despercebidas no tempo pois só as novas visíveis... E pior que tudo, não dá para pesquisar...” (dfelix, 11/05/2015)

Esta problemática de carácter social chega a ser bastante discutida entre os membros desta tribo, evidenciando uma clara preocupação dos mesmos com a temática e com o rumo que a comunicação interpessoal está a tomar.

“Desde há uns tempos (ou anos) me tenho apercebido que hoje em dia as pessoas estão em locais públicos como cafés e restaurantes, em família e entre amigos, e a imagem mais recorrente é a de ver uma mesa inteira a olhar para o respetivo ecrã, a interagir virtualmente no Facebook, e a ignorar as pessoas que se encontram no mesmo espaço físico.” (MagJet, 13/12/2017)

Este tema encontra-se latente e desperta verdadeira preocupação, não apenas pela baixa afluência que causa aos fóruns de discussão mas pelo profundo dano que se desperta silenciosamente na sociedade. Para uma tribo de indivíduos que estima particularmente o convívio e a interação física mantida em todos os seus rituais, estes novos comportamentos induzidos pelas ferramentas digitais evidenciam uma cisão fraturante com o espírito *motard* que era intensamente vivido em Portugal durante as décadas de 80 e de 90 do século XX.

(ii) Quais são os principais *drivers* da subcultura *motard*?

Sendo esta tribo naturalmente constituída por indivíduos com características heterogéneas, a

forma como cada um destes sente e experiencia o mundo dos motociclos pode ser significativamente distinta, mesmo que em alguns momentos se alinhem determinadas semelhanças.

“Cada um sabe o prazer que tira da moto à sua maneira... Uns depressa, outros devagar, uns em estradas serpenteantes, outros no meio do mato a encher a menina de lama e outros retiram o prazer a lavar e a meter a máquina a brilhar...” (pneves33, 05/06/2017)

Todavia, apesar das limitações que alguns membros revelam na procura por palavras que simbolizem o que os estimula a agir, verifica-se facilmente que no cerne destes *drivers* existe uma conotação emocional deveras preponderante.

“Ter e andar de moto é um ato emocional, ligado a escolhas mais emocionais do que racionais.” (MagJet, 18/11/2017)

A caracterização das razões que os levam a ser *motards* e a interagir com outros que também o são revela-se complicada de sintetizar, na medida em que estes evidenciam uma clara dificuldade em traduzir por palavras a carga emocional que lhes é despertada quando vivem esta dinâmica. Ainda assim, o apuramento de dados demonstrou que existem alguns pontos de concordância na denominação dos seus principais *drivers* motivacionais.

Ainda que diferentes *motards* utilizem diferentes palavras para definir estados de espírito semelhantes, algumas destas perceções acabam por ser constantes e suportadas pela contagem semântica de palavras. Assim, os *drivers* mais recorrentemente enunciados pelos membros da tribo presente no fórum Motonliners foram:

Viajar;

“Fazer a volta ao mundo de moto! Pegar em meia dúzia de coisas e siga para a estrada! E cada dia é um dia diferente, sem grandes planos, somente viver o momento.” (michelfpinto, 21/01/2017)

Prazer;

“Ultimamente andar de moto tem-se tornado um prazer imenso ao qual não dispense e um vício tremendo. Andar de moto é aquele conforto emocional, aquela libertação de stress, aquele efeito meditacional, isto é quando não se anda dentro da cidade!”
(Nfilipe, 16/10/2016)

Convívio;

“É fazer amigos com o gosto comum, e partilhar umas voltas e umas jantaradas com eles, mesmo que as conversas não passem de meras baboseiras e boa disposição!”
(nunomsp, 02/06/2017)

Camaradagem;

“Os meninos que foram à RIM, perceberam nessa pequena aventura que aquilo foi muito mais que ir dar um passeio mais alargado de moto. Algumas peripécias por que passaram nesses 3 dias (e 4 para alguns), fez-lhes criar laços de respeito, entreajuda e camaradagem, que quem ficou de fora, não perceberá.” (carlos-kb, 02/06/2016)

Desfruto (paisagem);

“Outras é ir a desfrutar do lugar, sentir os cheiros, estar envolvido pela natureza, partilhar esse momento com quem me acompanha, ou sentir uma calma e um estado de pura harmonia interior inexplicável.” (michelpinto, 02/06/2017)

Liberdade;

“Para mim andar de moto é andar livre, sem nada que nos prenda, é a sensação de não ter asas e conseguir voar.” (Serzedo, 02/06/2017)

Descompressão;

“Eu se não fosse a moto já tinha dado em maluco! Tenho dias desgraçados no emprego, mas só de saber que saio e faço 20kms de moto na descontra até casa, até fico mais animado! Os psicólogos/psiquiatras iam à falência se todos nós andássemos de moto!!!” (Mr.Ricky, 10/03/2016)

Solidariedade;

“O contributo para o aluguer da moto é o mínimo que qualquer utilizador deste fórum devia fazer, obrigado por manteres isto a andar para a frente.” (ClaXav, 10/07/2016)

Partilha;

“Aliás sou um gajo que gosta imenso de partilhar (mas não tudo) então adoro andar de moto com a minha pendura, foi comigo que andou a primeira vez, assimilou muito bem todas as dicas que lhe fui dizendo.” (LuisDrager, 13/12/2016)

Esta diversidade de *drivers* retrata um quadro emocional de profunda complexidade enquanto reforça simultaneamente a heterogeneidade dos membros desta tribo, dado que permite ler e interpretar, a convergência de diferentes formas de viver esta paixão pelos motociclos. Estes *motards* podem ter origens e percursos de vida completamente díspares, no entanto, no momento de viverem e experienciarem o seu objeto de culto, existe um sincronismo relevante nas suas ações comportamentais.

(iii) Poderá a interação digital reforçar o *linking value* que o *motard* procura?

O enquadramento teórico realizado denunciou a relevância que a procura pelo *linking value* possui para os membros da tribo, tornando-se este num dos elementos centrais na sua ação comportamental. Mais do que apenas estimar o objeto de culto pela sua relevância ou utilidade, existe uma evidente necessidade de estabelecer uma ligação social que se exponha por meio desse mesmo objeto de culto.

“Mas pertences a esta casa tal e qual como eu, e eu respeito-te mesmo sem me conheceres ou e a ti, para mim és meu companheiro do asfalto porque partilhamos um gosto em comum.” (Caroço, 01/12/2016)

Mais do que uma mera procura por um determinado produto, estes indivíduos possuem um desejo genuíno em estabelecer relacionamentos sociais com os seus pares, desejando

encontrar aqueles que partilham os mesmos gostos e interesses. Desta forma, aproveitando a constante evolução da tecnologia, passam facilmente a valorizar os novos métodos e as plataformas que lhes permitam alcançar esse fim.

“Um fórum, bem oleado, bem administrado e neutro no seu núcleo é uma excelente sala de debates, um sítio onde se pode aprender, rir, divergir, argumentar e fazer amizades!” (LoneRider, 18/10/2016)

A interação social que a generalidade dos membros manifesta no fórum demonstrou significativa tendência para o reforço dos laços sociais, à medida que se incrementa o nível e a profundidade da comunicação mantida dentro deste espaço. Quanto mais oportunidade tiverem para discutir diferentes assuntos entre si, maior será a probabilidade de poderem encontrar afinidades, o que contribuirá decididamente para reforçar o *linking value* que procuram alcançar.

“Chico, não pondo em causa a tua avaliação feita ao conteúdo do fórum, não esqueças porém um aspeto muito importante... 70% ou mais dos users ativos aqui conhecem-se pessoalmente, rolam juntos na estrada ou simplesmente são colegas ou conhecidos de longa data... E é natural, tal como à mesa de um café, entre amigos, que se discutam assuntos mais sérios ou com conteúdo... Como outras coisas mais off-topic, à margem ou até com alguma dose de veneno ou picardia.” (carlos-kb, 18/10/2016)

Em decurso do desenvolvimento social alcançado dentro dos tópicos em que escrevem os seus comentários, surge uma maior proximidade que tende a ser transportada para o plano físico por via dos inúmeros encontros e passeios que organizam, acabando por fortalecer os laços presentes em ambas as realidades.

“Em contraponto, já acho que este fórum tem o efeito contrário. Primeiro, promove a realização de encontros, tainadas e passeios com os quais já muito de nós beneficiaram, valendo muito para além do mundo virtual.” (MagJet, 13/12/2017)

A interação digital manifesta significativo potencial para incrementar o *linking value*, porém,

este será sempre mais profundo quando é complementado pela interação ocorrida no plano físico. O espaço digital surge como uma espoleta que inicia uma reação em cadeia que atinge o seu auge no momento em que os intervenientes convivem fisicamente, reafirmando e fortalecendo os valores da tribo.

“Foi um dia muito bem passado, foi uma organização excelente, e acima de tudo, vi amizade, vi que afinal somos uma família já bem grande, tolerante e humilde, apercebi-me que a nossa forma de estar neste mundo é semelhante, e que independentemente de onde vimos, o que importou a todos foi: com quem estamos, peço a todos que não deixem que nada interfira nem estrague esta grande amizade que já é bem patente neste Grupo.” (Caroço, 17/07/2017)

Será então nesse momento que os encontros e passeios regularmente organizados por estes *motards* alcança o seu pináculo, servindo como elemento agregador e solidificador destes laços despertados no espaço digital. Após o despontar desta proximidade, a maioria das relações tendem a vingar e perpetuar-se no tempo.

(iv) Pode o comportamento digital do *motard* estar suscetível a transformação ao longo do período de exposição à comunidade?

Através da leitura de comentários foi possível acompanhar o processo de evolução de vários membros desta tribo, desde o instante em que se apresentaram à comunidade até ao momento em que alcançaram um estatuto dignificante entre os seus pares. O caso do Shady é o mais particular, pois ainda é bastante jovem, tendo efetuado a sua inscrição no fórum quando ainda não possuía o título de habilitação de condução de motociclo.

“Boas eu sou o famoso rookie. Aquele que quer muito uma moto mas tá difícil só para tirar a carta. Serei futuro portador de uma moto ainda a definir mas com aquela inclinação para uma NX400.” (Shady, 16/11/2014)

A impressão imediata que induziu no seu momento de chegada foi de insegurança, inibição e inexperiência, sendo que após alguns meses de participação dentro do fórum, o Shady

passou a conseguir demonstrar calma, segurança e alguma experiência acumulada. Passou assim rapidamente de um estatuto de indivíduo inexperiente e com sede de conhecimento na temática para um membro integrado, capaz de receber outros e os auxiliar no processo de integração na tribo.

“Parabéns pá ! Adquiriste um canhão do palavrão. Mete fotos da mota.” (Shady, 06/01/2016)

Acompanhando este crescimento da sua *persona* digital, denota-se a presença de uma clara intenção em ajudar através da partilha do *know-how* que foi construindo, apoiando os que chegam a se ambientarem com relativa facilidade. Ocorre então um momento de passagem de testemunho, no qual aquele que outrora foi recebido pelos mais *antigos* da tribo, assume agora a responsabilidade de receber os novos membros que se apresentam.

O caso do Shady é um exemplo bastante propício, na medida em que quando se apresentou à tribo ainda não tinha a habilitação de condução ou um motociclo, o que aos olhos dos mais experientes pode reduzir o seu *valor*, e poucos meses mais tarde, a sua presença tinha-se tornado de tal modo estimada dentro do fórum que a própria tribo custeou o almoço para que pudesse estar presente num dos encontros Norte & Sul.

Neste sentido, pode-se considerar que quando decidem ficar neste espaço, existe uma clara transformação comportamental entre o instante em que o *motard* se apresenta de forma inibida à comunidade, e aquele em que passa a interagir sem restrições junto dos seus pares, especialmente depois de ter convivido com eles no espaço físico e reforçado os laços que os une.

(v) Pode a interação digital da subcultura *motard* resultar em *insights* de valor para as marcas?

Os *motards* usam recorrentemente do poder comunicativo que possuem dentro de um fórum

de discussão para partilharem a sua própria opinião e experiência de utilização do motociclo e restante equipamento que possuem. No decurso desta partilha voluntária de informação surgem *insights* que podem ser relevadores para quem opera dentro deste mercado, pois resulta de opiniões genuínas de consumidores especializados na temática, emitidas sem qualquer tipo de filtro, condicionante ou interesse velado.

“Não apreciei especialmente os comandos, pois os vários botões (piscas, seleção, buzina, etc..) são de dimensões algo minimalistas, complicando inicialmente o seu controlo.” (carlos-kb, 27/01/2018)

Denota-se que sempre que se dá o lançamento de um novo motociclo ou peça de equipamento, ocorre uma partilha significativa de opiniões próprias, muitas delas baseadas nas suas experiências de consumo e interação mantida com o produto (*reviews/test-drives*).

“O motor não é uma melhoria...é uma evolução. Para melhor. Está muito bem afinado, é suave sem perder na força que aquele motor deposita no pneu traseiro. Fiquei impressionado com o comportamento do motor. Não bate em baixas, tem mais binário em baixas rotações, em 6ª marcha, a 30km/h acelerei e não se queixou sem se deixou ficar. Respondeu prontamente e com vigor. Não é nenhum míssil, mas mete respeito.” (Lusitanian, 21/05/2016)

A partilha que ocorre destina-se essencialmente a gerar a discussão entre os membros da tribo, todavia, o teor destes comentários é importante pois detém dados relativos à livre expressão de diferentes consumidores. Se uma marca estiver atenta e recetiva a proceder à recolha deste género de informações, seguramente que conseguirá aperfeiçoar o produto que desenvolve com base nos *insights* presentes na súpula do conhecimento adquirido.

“E eu acho que a R6 ficaria engraçada com motor triple (Yamaha anda aí?)” (Rod, 15/09/2015)

Trata-se de um processo árduo de obtenção de informações, dado que podem existir massivas quantidades de fóruns de discussão especializados na temática dos motociclos, porém, o retorno desta ação de pesquisa será significativamente valioso na construção de um produto

ajustado às verdadeiras necessidades do consumidor. E tudo isto sem existir qualquer investimento significativo como aquele que deriva da operacionalização de ferramentas de pesquisa normalmente implementadas pelos Departamentos de Marketing.

4.8 Conclusão

Este processo de análise dos dados recolhidos despertou temáticas interessantes à investigação, mostrando o quanto uma pesquisa desta natureza consegue ser imprevisível mas igualmente enriquecida com a diversidade de conteúdo. Sempre que uma amostra se apresenta estimulada e participativa, como aconteceu com a tribo *motard*, o resultado é o acesso a uma miscelânea rica e diversificada de dados.

Por via da leitura e interpretação destes dados torna-se possível ao Marketing compreender os principais estímulos desta tribo e desenvolver respostas estratégicas às suas necessidades. Porém, para lá do entendimento do comportamento digital e dos *drivers* que levam os *motards* a procurar um espaço de convívio, foi particularmente relevante ter contato com as consequências da ascensão de novas plataformas sociais.

A preponderância com que as novas redes sociais têm vindo a modificar comportamentos na sociedade acabou por ser evidente, não apenas pelas repercussões sobre o fórum mas pela perfeita noção que os *motards* possuem daquilo que os rodeia no seu dia-a-dia. A recorrente referência ao processo transformador que se tem despertado ao longo das últimas duas décadas demonstra o poder que reside no meio digital e a velocidade com que este se impõe e transforma o nosso tempo.

É com base no tratamento e análise de dados presente neste capítulo que se lançam as fundações para suportar as conclusões desta investigação, vindo estas a ser expostas com a devida particularidade no próximo capítulo.

Capítulo V – Conclusões

5.1 Conclusões do estudo

Este último capítulo encerra o processo de investigação desenvolvido em torno da tribo *motard*, exibindo as conclusões que os dados apurados permitiram depreender. Sendo que estes foram obtidos em acordo com uma metodologia restrita e bastante focalizada, a amplitude de extrapolação destas conclusões é essencialmente nula, mantendo a sua validade apenas quando considerada dentro dos limites impostos por esta investigação.

Na procura pelo entendimento do método que a tribo *motard* utiliza para se manifestar digitalmente, aferiu-se a polivalência que o fórum de discussão possui para estimular a coesão de um coletivo desta natureza. De forma mais particular, esta investigação permitiu identificar dentro do fórum Motonliners, a presença de um ambiente de interação social bastante vigoroso, suportado por um núcleo duro de relacionamentos antigos, despertados inicialmente por via do extinto fórum de motociclismo – Motonline.

A ocorrência de um acontecimento de ascensão e declínio de uma plataforma digital de interação social, como foi o caso do fórum Motonline, permite entender a complexidade da relação que alguns membros desta tribo estabelecem junto daqueles que partilham os mesmos interesses. Em dado momento, os utilizadores de então cruzaram-se com outros por via digital, e apesar do término da plataforma que lhes permitia a interação, encontraram caminhos alternativos para perpetuar essa relação e devoção.

Terá sido assim que o Motonliners surgiu, o que prova que os *motards* recorrem ao potencial do espaço digital para expandir o seu alcance e influência social, construindo e reforçando laços que posteriormente salvaguardam, mesmo que mais tarde se venham a afastar desses canais digitais. A facilidade com que estas ferramentas digitais permitem encontrar e

estabelecer formas de interação com aqueles que partilham os mesmos gostos, contribui de forma decisiva para o crescimento e expansão da popularidade de uma tribo como a *motard*.

No geral, são indivíduos focados em si mesmos e na satisfação que encontram ao utilizar de diferentes formas o objeto de culto que é o motociclo. São essencialmente indivíduos do género masculino, provenientes de diferentes estratos sociais e com diferentes objetivos de vida, contudo, decidem comportar-se de forma distinta daquela que prevalece em maioria na sociedade portuguesa. No presente momento, ser *motard* não é tão elitista como seria nos anos 80 do século XX, porém, não deixa de ser um estilo de vida diferente do que tende a ser a norma social em vigor no Portugal do século XXI.

Aquilo que os une é tão e somente a paixão por um veículo que apesar de em alguns casos ser utilizado como meio de transporte regular, ascende e ultrapassa largamente esse estatuto. Para estes indivíduos, é a porta de entrada que os transporta a uma outra realidade, a um espaço único e intransmissível, onde encontram a sua própria forma de viver intensamente a vida. Sendo que o elemento que torna a tribo especial acaba por ser justamente a incomensurável vontade de conviver e partilhar esta paixão com os seus companheiros de estrada.

Não se evidencia a presença de uma estrutura de poder rígida, sendo que apesar de existirem alguns membros que se destacam pelo seu elevado nível de participação, a orientação da tribo é completamente democrática. A influência que um dado membro venha a revelar dentro da tribo encontra-se assim apenas dependente do seu comportamento e participação no fórum, existindo a possibilidade da sua *persona* se modificar, evoluir e adquirir uma maior desenvoltura durante todo o período em que se encontra ativa neste espaço.

Existe total liberdade para agir, dependendo sempre da vontade do coletivo a realização dos encontros e passeios, quer sejam estes de maior ou menor envergadura. Aliás, a previsão de

sucesso de uma proposta de passeio ou evento será justamente determinada pelo volume de adesão à mesma. Ainda que a logística inerente à presença de um elevado número de *motards* numa via de trânsito seja complexa, o *linking value* que deriva destes momentos de proximidade e partilha desta paixão revelam-se únicos e memoráveis para os participantes.

As temáticas abordadas dentro deste fórum de discussão são vastas, técnicas e significativamente próximas a esta especialidade, evidenciando uma clara valorização da disciplina do mototurismo. Por esta mesma razão, recomenda-se que o Marketing preste a devida atenção aos diversificados *insights* que vertem destas interações, pois no domínio do turismo em motociclo reside um nicho de mercado de crescente valorização.

O nosso país é excecionalmente vocacionado para o setor do turismo, especialmente pela materialização das suas paisagens idílicas e a existência de excelentes estradas de traçado sinuoso (como a N222). Complementar estes recursos com a oferta de condições especificamente vocacionadas para os *motards*, pode representar uma oportunidade relevante para o domínio da gestão e alavancar uma ação preponderante na divulgação do nosso próprio país.

A componente turística apresenta enorme relevo para esta tribo, tornando-se no pináculo do próprio desenvolvimento individual enquanto *motard*. Por via da realização de viagens longas por território nacional e europeu, conjugam-se simultaneamente os vários elementos que estimulam os seus principais *drivers*: viajar, prazer, convívio, camaradagem, desfruto, liberdade, descompressão, solidariedade e partilha, contribuindo para a construção de experiências e memórias únicas.

Os fóruns de discussão acabam assim por se tornar num espaço propício para a organização e partilha destes eventos, operando eficientemente ao longo de todas as etapas de preparação, realização e posterior divulgação. Quem partilhar estes mesmos gostos e interesses, ficará

seguramente deliciado, não apenas pelo uso da componente visual mas principalmente pelo poder da palavra e da narrativa que a acompanham. Esta investigação verificou que apesar da profunda vibração no comportamento de muitos *motards*, o que acaba por se alinhar com a restante sociedade, as novas soluções de interação digital não se encontram ao nível do que os fóruns de discussão nos habituaram ao longo dos últimos vinte anos.

Passamos rapidamente de um momento em que o indivíduo se dedicava à construção de uma *persona*, dentro de um espaço digital que fervilhava com opiniões e informações técnicas, para um outro em que se oferecem demasiadas opções com poucas diferenças entre si, acabando por diluir o seu foco de atenção. A ilusória facilidade com que agora acedemos à informação digital anula em parte a necessidade de absorver o conhecimento que verte dos mais experientes, contribuindo para a perda dos hábitos de relacionamento interpessoal.

Numa época em que se incrementa a valorização pelo instantâneo e o efémero, poderá vir a ser bastante difícil manter um fórum de discussão em funcionamento efusivo durante muitos anos. Assim, com a queda de espaços desta natureza, caem igualmente as diversificadas coletâneas de informação compartimentada, construídas por via da participação conjunta de indivíduos com larga experiência teórica e prática. Caem também os registos dos ensinamentos provenientes de todos aqueles que aprenderam noutros tempos, quando ainda não havia a necessidade de se recorrer aos meios digitais para descobrir as soluções dos problemas do dia-a-dia.

Deve-se aproveitar este momento para refletir no processo de transformação social que as redes sociais despertaram, bem como, no caminho em que nos colocam. A indubitável atração pelo instantâneo e o efémero estará a permitir que se amplie o conhecimento? Ou simplesmente a ocupar diariamente as massas com repetições cíclicas de mensagens sem verdadeiro conteúdo?

Um fórum de discussão necessita de um grupo coeso que se dedique à construção regular de conteúdos informativos que se revelem apelativos e possam atrair novos intervenientes, conseguindo desta forma, renovar o ciclo natural de vida do fórum. O Motonliners tem a felicidade de contar com três indivíduos (LoneRider, carlos-kb e michelfpinto) altamente dinamizadores e participativos, tornando todo o espaço num local cativante. No entanto, com a constante oferta de novas plataformas digitais de comunicação, será difícil de manter atratividade numa tarefa tão consumidora de tempo, como será a de ler e escrever de forma construtiva num fórum de discussão.

Seguramente que as plataformas digitais continuarão a sua metamorfose, despertando modificações profundas na forma como a sociedade interage, o que fará com que a tribo *motard* continue a procurar forma de se ajustar. Uma vez que os seus *drivers* possuem uma componente emocional bastante forte, a vivência e interação física com o seu objeto de culto despertará sempre a intenção de partilhar com outros as experiências vividas e procurar o reforço do *linking value*.

5.2 Limitações

No culminar desta investigação não podem deixar de se salientar as limitações que o meio *online* apresenta para uma investigação desta natureza, bem como, aquelas que se encontram diretamente adjacentes à Netnografia, como a impossibilidade de extrapolar resultados e o desconhecimento da amostra que castram significativamente a sua ação operacional.

Isto significa que os resultados obtidos e as conclusões apuradas tornam-se sempre muito específicos e apenas vigentes enquanto a tribo analisada permanecer agregada no espaço que ocupou aquando da investigação. Sempre que aconteça uma problemática como a que ocorreu com o antigo fórum Motonline, toda a informação acaba por se perder, desvanecendo a relevância atribuída aos dados recolhidos e processados. Contudo, o resultado alcançado

por via do cumprimento da presente investigação revelou-se bastante satisfatório, fazendo incidir a luz da observação da academia sobre uma temática apaixonante mas ainda muito pouco inquirida.

O fórum Motonliners permitiu o acesso a uma abrangência de conteúdos considerável, todavia, esta permaneceu limitada pela ainda bastante recente fundação desta plataforma digital, bem como, pelas alterações comportamentais que as redes sociais desencadearam na sociedade portuguesa ao longo dos últimos anos. O crescente aparecimento de múltiplas plataformas digitais e as suas diferentes formas de interação disputam o mesmo número de intervenientes, acabando por diluir e dispersar as suas participações.

As redes sociais que contemplam uma componente gráfica com significativa preponderância, acabaram por espoletar complexas modificações no panorama geral da interação social. Torna-se evidente que plataformas que vivem essencialmente da imagem e do impacto instantâneo, adquirem enorme vantagem sobre outras que consomem vastos recursos temporais na sua utilização, como será o caso particular dos fóruns de discussão.

Esta limitação contribuiu significativamente para a castração da possibilidade de existência de uma maior quantidade de membros na tribo e dados em estado bruto, o que poderia facilitar no processo de particularizar as vicissitudes da tribo *motard*. Um estudo que pudesse ter incidido sobre a base de dados do antigo fórum Motonline conseguiria ser bastante mais robusto e particularizado, nos comportamentos da tribo *motard*. Todavia, o espaço temporal necessário para o processamento de uma base de dados desta dimensão seria diretamente proporcional ao elevado interesse que a mesma revelaria.

A leitura singular de enormes quantidades de dados é árdua, mesmo quando estes se encontram devidamente organizados, como costuma ser apanágio dos fóruns de discussão. Os 98.385 comentários existentes neste fórum (a 30/06/2018) não puderam ser totalmente

processados em tempo útil, o que revela a enorme dificuldade que existe em analisar um espaço digital por via desta técnica de pesquisa. O retorno da sua aplicação é amplamente rentável, porém, extremamente difícil de alcançar em tempo útil.

Deve ainda ser salientada a dificuldade que existiu em encontrar um *software* gratuito que oferecesse a possibilidade de tratar uma quantidade de dados significativa como a que faz parte desta investigação. A utilização de alguns *softwares* em período experimental é uma hipótese, contudo, algumas destas ferramentas (como o Tropes Zoom, ou o ATLAS.ti) limitam o número de palavras, o número de códigos ou o número de citações. Por ação destas limitações, acabaram por se dar muitos retrocessos no processo de investigação, dificultando a culminação do mesmo.

Por fim, uma referência especial deverá ser atribuída ao sucedido com o Motonline, pois este foi crucial para entender a verdadeira fragilidade associada aos dados digitais e a franca possibilidade de desaparecimento dos mesmos, em caso de descontinuidade de um projeto coletivo. Sempre que surja uma qualquer problemática sem aparente possibilidade de resolução, todos os dados inscritos nessas bases de dados podem ser perdidos, e com eles, a hipótese de se analisar informações valiosas que a dado momento se inscreveram nesses múltiplos processos comunicativos.

5.3 Futuras pesquisas

Verificou-se que entre os membros mais participativos do Motonliners ainda existe uma predisposição recorrente para a participação em diferentes fóruns da especialidade, tanto nacionais como internacionais. O interesse que estes indivíduos manifestam em determinadas áreas do motociclismo quando conjugado com a diversidade de fóruns específicos à sua disposição, resulta na possibilidade de fazerem parte de diferentes tribos dentro do espaço digital.

Deste modo, recomenda-se que futuras investigações dentro da temática do Marketing Tribal ampliem o seu alcance a diferentes fóruns de motociclismo, procurando corroborar ou refutar a possibilidade dos mesmos membros desta tribo estarem presentes em diferentes espaços de interação digital. Cova e Cova (2001) apontam para a possibilidade do indivíduo envergar diferentes papéis em tribos distintas, pelo que existe relevância para se enveredar por essa investigação.

Assim, poderia ser possível aferir se os principais *motards* aqui observados manifestam parecenças comportamentais em tribos distintas, ou se por oposição, revelam comportamentos e formas de interação completamente díspares. Será que existe uma linha invisível que orienta os *motards* a adotar determinado comportamento dentro de uma tribo?

Referências

- Bar, H., & Mentch, L. (2017). R-CMap – An open-source software for concept mapping. *Evaluation and Program Planning*, 60, 284-292.
- Borna, S., Stearns, J. M., & Sharma, D. (2007). Subculture: A bargain concept in Marketing Education. *Journal for Advancement of Marketing Education*, 11, 35-42.
- Canniford, R. (2011). How to manage consumer tribes. *Journal of Strategic Marketing*, 19(7), 591-606.
- Cova, B. (1996). The postmodern explained to managers: Implications for marketing. *Business Horizons*, 39(6), 15-23.
- Cova, B. (1997). Community and consumption: Towards a definition of the “linking value” of product or services. *European Journal of Marketing*, 31(3/4), 297-316.
- Cova, B., & Cova, V. (2001). Tribal aspects of postmodern consumption research: the case of French in-line roller skaters. *Journal of Consumer Behaviour*, 1(1), 67-76.
- Cova, B., & Cova, V. (2002). Tribal marketing: The tribalisation of society and its impact on the conduct of marketing. *European Journal of Marketing*, 36(5/6), 595-620.
- Cova, B., & White, T. (2010). Counter-brand and alter-brand communities: the impact of Web 2.0 on tribal marketing approaches. *Journal of Marketing Management*, 26(3-4), 256-270.
- De Almeida, H. M. R., Simões, D., Silva, C., & Bem-Haja, P. (2017). Tribal Marketing: Portuguese Adaptation and preliminary psychometric results of tribalism, team brand loyalty, team brand value and personal/group identity questionnaire. *Marketing*, 38(29), 35.

- De Moraes, T. A., & de Abreu, N. R. (2017). Tribos de consumo: representações sociais em uma comunidade virtual de marca. *Organizações & Sociedade*, 24(81), 325-342.
- Firat, A. F., & Venkatesh, A. (1995). Liberatory postmodernism and the reenchantment of consumption. *Journal of Consumer Research*, 22(3), 239-267.
- Goulding, C., Shankar, A., & Canniford, R. (2013). Learning to be tribal: facilitating the formation of consumer tribes. *European Journal of Marketing*, 47(5/6), 813-832.
- Greenacre, L., Freeman, L., & Donald, M. (2013). Contrasting social network and tribal theories: An applied perspective. *Journal of Business Research*, 66(7), 948-954.
- Hamilton, K., & Hewer, P. (2010). Tribal mattering spaces: Social-networking sites, celebrity affiliations, and tribal innovations. *Journal of Marketing Management*, 26(3-4), 271-289.
- Kozinets, R. V. (1999). E-tribalized marketing?: The strategic implications of virtual communities of consumption. *European Management Journal*, 17(3), 252-264.
- Kozinets, R. V. (2002). The field behind the screen: Using netnography for marketing research in online communities. *Journal of Marketing Research*, 39(1), 61-72.
- Muniz, A. M., & O'Guinn, T. C. (2001). Brand community. *Journal of Consumer Research*, 27(4), 412-432.
- Pinto de Lima, A., & Brito, C. (2012). An Examination of the Tribal Community Dimensions of ICT Users. *Journal of Internet Commerce*, 11(4), 291-308.
- Rodríguez, F. A. (2011). El Marketing y la Postmodernidad: Nuevos desafíos ante un nuevo contexto. *Revista de Comunicación*, 10, 129-146.
- Schiele, K., & Venkatesh, A. (2016). Regaining control through reclamation: how

consumption subcultures preserve meaning and group identity after commodification. *Consumption, Markets & Culture*, 19(5), 427-450.

Schouten, J. W., & McAlexander, J. H. (1995). Subcultures of consumption: An ethnography of the new bikers. *Journal of Consumer Research*, 22(1), 43-61.

Silva, S. C., & Santos, M. C. D. (2012). How to capitalise on a tribe. *The Marketing Review*, 12(4), 419-436.

Sousa, M. J., & Baptista, C. S. (2014). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios*, 5ª Edição. Lisboa, Pactor.

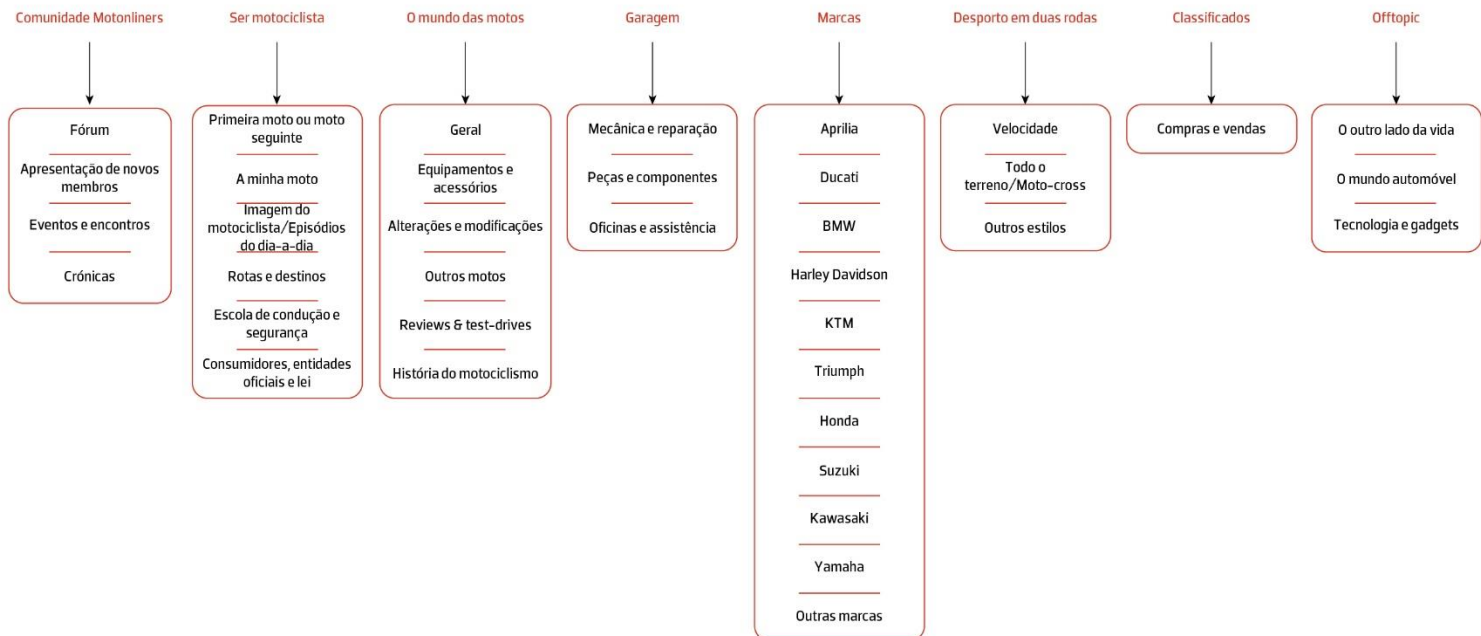
Stephen, A. T. (2016). The role of digital and social media marketing in consumer behavior. *Current Opinion in Psychology*, 10, 17-21.

Torres, A. I. (2016). Pós-modernidade e Consumo: Desafios ao Neo-Marketing. *European Journal of Applied Business and Management*, 2(1).

Ulusoy, E., & Firat, F. A. (2018). Toward a theory of subcultural mosaic: Fragmentation into and within subcultures. *Journal of Consumer Culture*, 18(1), 21-42.

Anexos

Anexo 1. Estrutura do fórum Motonliners



(fonte: elaboração própria)

Anexo 2. Comentários recolhidos

Número	Autor	Comentário recolhido
1	carlos-kb	<p>Boas... Com o fim do motonline, houve pessoal que ficou como que numa "realidade paralela". Claro que o não se registarem aqui, pode ter que ver com falta de tempo de se mudarem para aqui, ou por desconhecimento de que isto existe, ou ainda porque simplesmente não querem ou estão interessados. Ainda assim...</p> <p>Cadê Caroço? Gasoline? JohnnyBGood? Johnny_1056? KotaXXL? Kota1000RR? Rycardo? Rui_YZF750? Muddvein? Maverick? Amota? Milagaia? FJdomingues? Speedmaster? Bikesforever? E outros tantos que tais, cujo nick agora não me ocorre?</p> <p>Alguns até se sabe por onde andam e são fáceis de contactar... E os outros?</p> <p>É verdade que só faz falta quem está... Ainda assim, penso que seriam muito bem-vindos aqui e a sua participação seria sempre relevante para este espaço.</p>

2	carlos-kb	<p>Dfelix... O bikesforever fez umas aparições recentes no motonline.</p> <p>O speedmaster tinha participações incisivas e que enriqueciam muito a informação. Sabia escrever, argumentar e discutir os vários assuntos.</p> <p>O ST4S, não metendo em causa o que ele sabia ou contribuía, tinha um sério problema de convivência, e não admitia que houvesse opiniões divergentes da dele. Depois aquela postura de que o que dizia era "solum veritatem", e quando os argumentos faltavam, recorria à ofensa pessoal, levou-o a ter vários problemas com uns quantos users (eu incluído). E já antes, enquanto Eurofan, foi bastante penalizado (no tempo da "mão de ferro"), pela sua postura agressiva e ofensiva.</p>
3	dfelix	<p>Eu também tenho um "problema de convivência"...</p> <p>E também tive picardias com ele!</p> <p>Independentemente disso, sempre achei o contributo no que diz respeito a informação era enorme! Era dos gajos que introduzia assuntos novos sobre motos e isso era das razões me faziam voltar lá nas fases que só se falava de smartphones e política.</p> <p>Numa fase em que ele andava mais calminho... Acho também que passou a ser um bocado vítima de caça às bruxas.</p>
4	carlos-kb	<p>É de todo verdade. Tanto que referi atrás, que não metia isso em causa.</p> <p>A questão é que um fórum serve para debater ideias, por mais opostas (ou até estapafúrdias) que sejam, mas numa base de respeito por cada um. E alguém que quando confrontado com opiniões divergentes dizia coisas do tipo "és burro... Opinião mais pateta... Eu tenho razão e vocês não... etc...", em lugar de contra-argumentar, só mostrava não saber lidar muito bem com os demais.</p> <p>Nisso, o ST4S / Eurofan era exímio.</p>
5	tkm_[pt]	<p>Depois de ter esquecido a password, e ter ficado sem poder responder, e depois de ver o fórum antigo a ir ao ar, não esperava voltar a ver a comunidade.</p> <p>Ainda só vi que tinham criado um novo há pouco tempo e por sorte, ao pesquisar uns assuntos da carta A no Google.</p> <p>Posso tentar convencer o meu grupo a voltar a inscrever-se mas, infelizmente, voltaram-se todos para o Facebook. Pelo menos, quando perguntarem "Porque não te inscreves no Facebook?" posso responder com "Porque não te inscreves no Motonliners?".</p>
6	LoneRider	<p>O fórum dá muito trabalho, que penso que é levado a cabo de forma altruísta e voluntária pelo Officer.</p> <p>Dos que por cá andam todos os dias e aqueles que voluntariamente o desejam fazer, parecia-me correto que ajudássemos nas despesas do domínio.</p>

		<p>Quem concorda?</p> <p>Quem quer ajudar?</p> <p>Quanto devemos contribuir?</p> <p>Quem trás as grades de cerveja?</p> <p>Espera lá, aqui não posso estar no gozo...</p>
7	OFFICER	<p>Mensagens enviadas a quem pediu dados. Agradeço desde já a todos os que estão a querer contribuir, o excedente será sempre usado no fórum, agradecendo na mesma a ideia do enxoval</p> <p>Quanto aos autocolantes, já se tinha pensado nisso e cada vez mais parece-me fazer sentido.</p>
8	OFFICER	<p>Vou dar como fechado este tópico.</p> <p>A todos os que quiseram contribuir, um muito obrigado! De qualquer forma, este fórum será sempre mantido na melhor possibilidade que exista!</p> <p>Mesmo quando o meu tempo ficar menor, não esquecerei de manter aqui a casa arrumada</p>
9	OFFICER	<p>Ora bem, já devem ter reparado que ando algo ausente do fórum. Não se preocupem, ainda estou por cá e só não venho mais por não conseguir.</p> <p>Como alguns daqui sabem, tive recentemente uns acontecimentos infelizes na vida, sendo que o tempo ficou mais escasso. A juntar a isto, estou com muito trabalho e a mudar de casa, sendo que tenho um bebé a caminho e é para daqui a pouco tempo.</p> <p>Sendo assim, crio este tópico para vos alertar desta ausência, no entanto, vou cá dando um olho.</p> <p>Caso exista algum problema no fórum, ou alguma situação a resolver por cá, utilizem por favor o botão de reportar mensagem ou tópico ou contactem-me. Assim que possa, passo logo por cá para resolver.</p> <p>Entretanto presumo que lá para meados de março ou mais tardar Abril a coisa já esteja resolvida.</p>
10	LoneRider	<p>Ok patrão!</p> <p>Desde já um abraço apertado ok?</p> <p>Da minha parte vou fazendo policiamento para impedir a monotonia!</p> <p>Resolve lá a tua vida, trata de que a miúda tenha a criança sem grandes sobressaltos e anda de mota!!!</p>
11	michelpinto	<p>Um Abraço David.</p> <p>O fórum nós no entretanto vamos tomando conta dele, não te preocupes.</p>
12	Rod	<p>Já sabes, se precisares, a malta está no sítio do costume</p>

13	LoneRider	<p>É pá vou-me confessar.</p> <p>Nunca fui certinho, sempre pus muita ironia na minha escrita e as vezes começo bem e termino a descambar.</p> <p>Nos últimos dias vivi algo surrealista que eu pensava nunca viver nas próprias carnes. Existe aí fora um sítio onde não podes ser tu, onde te tens que moldar à imagem de quem gere este sítio. Ora eu, na minha inocência e parafernália neuronal começo a picar o pessoal e brincar e curtir cenas maradas e eles, os Deuses, dizem que não pode ser assim.</p> <p>Katano, o que é que eu fiz de mal!?</p> <p>Já percebi que eles, os Deuses, querem fazer deste mundo (das motas) uma coisa certinho, com regras e cheia de procedimentos protocolares, aos quais eu tanto me revelo em Contra.</p> <p>E depois lembro-me do Motonline, no seu período de auto gestão e da grande anarquia que por lá se viveu e dos ghosts que faziam o que queriam e lhe dava na veneta...</p> <p>Entrei neste fórum, o Motonliners.pt para rever e saber de nomes pelos quais tenho carinho e deixei-me andar por ver que aqui o ambiente é saudável, quer dizer, anda para aí o FZ e o Cloud mas no fundo até são gajos porreiros (só a avó é que não devia ter nascido); podemos expor os nossos pontos de vista, construir amizades e ser sincero mesmo com palavrão incluídas.</p> <p>Aqui nesta casa existe liberdade de expressão e eu agora sei o que é que isso vale.</p> <p>Para isso, convém chamar as coisas pelos nomes, e o David iniciou algo muito grande, dedica-lhe tempo e trata de manter a máquina bem oleada. Atualmente dá gosto ver o layout no computador, mostra de bom critério e muito bom gosto.</p> <p>A todos aqueles históricos do Motonline, Caroço, Carloskb, Rod, Basike, Janeco, Michel, Marco que imprimiram essa filosofia neste novo espaço e que, para mim, foi uma aposta ganha.</p> <p>Aproveito também para incentivar todos aqueles que andam por cá há pouco tempo (como eu) para participarem, pensarem em fazer aqui as suas atividades, e embeberem-se deste espírito que no fundo é o mesmo espírito de um grupo de amigos que gosta de motos.</p> <p>Eu!</p> <p>Eu estarei aqui para o que der e vier!</p> <p>Onde é que é a ida!?</p>
14	michelpinto	<p>O que te aconteceu foi que foste dar umas facadinhas aí a um fórum qualquer do lado, mas depois percebeste que o fórum que tens em casa é o melhor que</p>

		<p>podes ter!</p> <p>Como aqui não se aproveita nenhum, e cada um tem uma panca maior que o outro, o pessoal por cá (salvo raras exceções, ou nem por isso) vai-se entendendo!</p> <p><-- Momento sério--></p> <p>Infelizmente a intolerância e a liberdade é posta em causa a maioria das vezes pelas próprias pessoas... A liberdade dos outros chateia, só a liberdade deles interessa.</p> <p><-- Fim momento sério--></p> <p>E se tiveste de volta dos "problemas" estiveste bem diria eu!</p>
15	LoneRider	<p>Pelo que sei existe um número mínimo de Post para poder o fórum na íntegra. Não nos podemos esquecer que o fórum é, e deve ser, uma fonte de informação aberto a toda a gente.</p> <p>Acho que o Patrão tem uma atitude correta no que se refere às medidas de segurança para proteger tanto os utilizadores do fórum, como o conteúdo vertido nele.</p>
16	hjjs	<p>Concordo...E foi precisamente para aceder a essa mesma informação que me registei e aqui estou.</p> <p>E tem sido uma "fonte" de conhecimento deveras importante.</p> <p>Deixei este "bitaite" apenas por achar a situação estranha.</p>
17	Pvale	<p>E pá eu participo pouco e ultimamente não escrevo nada praticamente. Mas não há dia que não venha aprender mais alguma coisa com o que esta malta escreve e aproveito para ficar bem-disposto com as os post mais "loucos" que vão aparecendo.</p> <p>De resto a kinder tem-se mexido sempre que possível, basta não chover que sai logo da garagem.</p> <p>E verdade seja dita, quando não se percebe do assunto, mais vale estar calado, aprender, e depois sim, opinar</p> <p>Mas falo por mim. Claro</p>
18	paulinhov	<p>Eu não participo muito, mas gosto sempre de passar por aqui e ler os assuntos que por aqui publicam. Para além do mais sempre se vai aprendendo algumas coisas com esta malta e até para ficar bem-disposto com algumas publicações engraçadas. Depois se não participo mais vezes é porque certos assuntos é porque não os percebo e mais vale estar calado e ir aprendendo com a malta mais experiente.</p> <p>Já é um vício agradável vir aqui todos os dias e ler os post que aqui se publicam.</p>

19	LoneRider	<p>Olá!</p> <p>Abro este tópico para que se debata sobre a proposta dos eventos fixos do fórum (os que se tem que organizar todos os anos).</p> <p>Eu acho que devem ser três:</p> <p>Morfes de Natal – a ser organizado por um voluntário, num local à escolha pelo organizador (restaurante, salão de eventos, casa particular, etc) onde se celebra o aniversário do fórum, se deseja umas festas felizes e donde se sabe quem vão ser os voluntários dos eventos fixos do ano seguinte.</p> <p>Convinha que não se repetisse sempre os mesmos.</p> <p>Outro ponto é o de fazer donativos para que o Patrão possa manter a máquina a todo o vapor sem ter que estar a por do seu próprio dinheiro.</p> <p>RIM - Rota Internacional Motonliners.pt - a ser organizada por um ou mais voluntários, Trata-se de uma rota cuja parte do seu percurso é feito fora do país, com tempo de duração a ser definido, assim como dias em que se realiza, rota, locais onde dormir e comer, tudo isso a cargo da organização.</p> <p>Norte & Sul - Passeio convívio que pretende juntar representantes de todas as partes do país.</p> <p>O organizador é um voluntario que decide percurso e local onde comer ou dormir (caso necessário)</p> <p>O ideal seria organizar este evento no princípio do verão.</p> <p>Aqui fica a proposta, esperando mais propostas ou ideias que complementem está.</p> <p>Tudo se pode fazer, basta ser construtivo!</p>
20	carlos-kb	<p>Boas pessoal. Já repararam que nos últimos dias praticamente contam-se pelos dedos de uma mão as participações em novos tópicos / posts?!</p> <p>Até mesmo os patrões têm estado ausentes (um deles trabalha muito, diz ele... o outro simplesmente desapareceu (*)) !</p> <p>Será que o fórum motonliners entra no seu período de agonia? Já temos todos os assuntos debatidos? Falta de novidades? De notícias? Ainda pessoal de férias (não acredito muito nesta)? Simples desmotivação ou desinteresse?</p> <p>A ver se começam a ser desvendados alguns dos novos modelos para 2016 (estamos em época disso)... Para ver se isto "agita" mais um pouco.</p> <p>Até o tópico das motos, no fórum autohoje, "mexe" mais que isto!</p> <p>Senão daqui a pouco estamos como o (recente e ressurgido) fórum do motonline.pt, que praticamente morreu na "sala de partos", ou o fórum da motociclismo.pt, que continua aquela coisa insossa e sem grande interesse.</p> <p>(*) Admin's a abandonar o "barco"... Aonde é que isto é familiar?!</p>

21	rruella	Eu passo por aqui todos os dias, as vezes comento algo, meto um tópico sobre a nova cara da negona e vou, mas na ideia de malta de férias.
22	Fz1000	Faltam membros. Normalmente são sempre as mesmas caras a comentar.
23	OFFICER	Eu estou cá, vejo tudo. The all seeing eye. Membros até são bastantes, participativos é que nem tanto.
24	pneves33	O tempo agora não está tão quente...está tudo a aproveitar para andar de mota... Quando começar a chuva...vá de enfiar as motas na garagem e vir pro fórum...Espero.
25	MagJet	No meu caso é verdade que estive um pouco afastado do fórum. Hoje coloquei um tópico e estou à espera de mais desenvolvimentos no restauro de uma Honda antiga (outra) para também atualizar. Gosto muito do ambiente deste fórum. Claro que o peso da participação não pode cair sempre em cima dos mesmos, pelo que assim à primeira sugiro (também) que convidem amigos que gostem de motas e peguem de estaca aqui no fórum. Quanto aos foristas já registados... Toca a participar mais, senão levam castigo (eu incluído)!
26	cabs	Também notei isso um bocadinho nos últimos dias, mas acho que uma fase dessas de vez em quando é normal. Eu até costumo cá vir mais que uma vez por dia, se puder... Mas sou mais de participar com um grande testamento de vez em quando, do que participar mais regularmente nas mais diversas discussões. Pode ser uma coisa a tentar mudar da minha parte
27	tkm_[pt]	Setembro não é um mês conhecido por gerar "movimento". O pessoal gastou as energias todas nas férias, e com o início do trabalho/ano escolar, muita gente fica atarefada e sem muito tempo para outras atividades. Eu dou um salto cá todos os dias mas só participo se tiver algo que dizer em algum tema específico. Se calhar, o que o fórum precisava era de uns tópicos semanais como aquele do Launch Control, para por a malta a discutir temas mais interessantes do mundo das motas.
28	dfelix	Prefiro clicar no "mensagens novas" e ter poucas... Do que resmas de tópicos cheios de palavrão. Ainda assim, sempre vai merecendo a visita. As redes sociais têm matado os fóruns... Infelizmente. Espero que este se mantenha. Prefiro este formato ao do Facebook...

29	carlos-kb	<p>A questão também é, e salvo ínfimas exceções, há quanto tempo não vemos serem abertos tópicos com temas que mereçam realmente discussão e troca de opiniões?</p> <p>E mesmo que sejam abertos, poucos são os que participam de modo coerente e assertivo... E estes são sempre os mesmos que se contam quase pelos dedos de uma mão.</p> <p>Ao invés, disso (e como acabei de dizer num tópico ali ao lado), prefere-se atafulhar isto com "palhaçada".</p> <p>Sempre disse, que se um fórum fosse 100% "sério", também perdia desmotivava. Mas quando essa "palhaçada" e participação "acriançada", se torna regra e não a exceção, resulta naturalmente nesse óbvio desinteresse.</p> <p>A questão é que nas redes sociais a informação é altamente efémera e não classificada. Tudo é guardado no "mesmo saco", sem distinção. E uma publicação que tenha interesse, passados uns dias, está irremediavelmente perdida nas catacumbas dessa mesma rede...</p> <p>E é nisso que acima de tudo um fórum sai a ganhar, mantendo-se como um manancial de informação mais perene e que pode ser atualizado a todo o instante.</p>
30	cabs	<p>Isto para o fórum funcionar bem não pode ser nem 8 nem 80.</p> <p>É certo que um gajo cá vir e haver imensas mensagens mas o grosso ser a malta a disparatar e divagar no off-topic e a encher aquilo de palha, não é bom. Uma pessoa acaba por não ler todas as mensagens, ou se lê não se mete porque aquilo já não é uma discussão sobre o assunto mas sim dois ou mais amigos na brincadeira (e nas picardias saudáveis). Além disso também é (evidentemente) mau para encontrar informação, ou para algum novo membro ler um tópico de início.</p> <p>Nestes casos o ideal era transferir a brincadeira para o chat, ou criar outro tópico, para essa(s) coisas. E acima de tudo é de evitar bater sempre na mesma tecla e no mesmo "ceguinho" (no que se refere a off-topic)</p> <p>Por outro lado, algum off-topic é sempre inevitável e ainda bem! A não existência de off-topic, nem de alguma brincadeira/bocas/picardias/conversa de café, torna isto uma "treta". Já me ri muitas vezes a ler o que por aqui se escreve nessas situações e se não fosse isso o fórum era bem mais parado e limitava-se a uns tópicos de apresentação, umas dúvidas com duas ou três respostas, um relato de uma ou outra voltita e esporadicamente outras coisas.</p>
31	dfelix	<p>São raros porque também não há grandes novidades para debater.</p> <p>Uma vista de olhos pelos websites da especialidade dá para perceber que</p>

		<p>tirando resultados desportivos e eventuais novos modelos para o próximo ano... Pouco ou nada sobra!</p> <p>Porque isso faz parte do "espírito motard" que predomina entre nós...</p> <p>Sejamos realistas:</p> <p>Não existe cultura de motociclismo... E a que temos é bastante "pimba".</p> <p>Se retiras os eventos cliché, as habituais "voltas dos tristes" que são predominantemente gastronómicas e as habituais rivalidades entre proprietários de diferentes marcas... Pouco ou nada sobra!</p> <p>Mudam-se as modas mas na realidade é o que sempre tivemos...</p> <p>Mesmo na "Era" Motonline era assim! Tinhas era mais gente a escrever...</p> <p>Porque existiam menos plataformas.</p> <p>Essa é a principal razão porque gosto deste formato.</p> <p>Consigo nos fóruns reutilizar informação que me levou algum tempo a escrever. Nas redes sociais perde-se no tempo e quase sempre no ruído de discussões sem sentido.</p>
32	ClaXav	<p>Desculpem lá a minha intromissão neste tópico, sendo eu um recém-inscrito neste fórum e sendo este um tópico para os utilizadores pertencentes ao núcleo duro desta "organização".</p> <p>Concordo totalmente com o comentário anterior.</p> <p>A este fórum faz falta duas coisas, massa (número de participantes) e coesão. Uma coisa que já reparei é que os próprios utilizadores mais ativos neste fórum estão inscritos noutros do mesmo género e com participação / colaboração ativa nada de errado nisso (não existe nenhum contrato de exclusividade) mas também não trazem nada de novo para aqui nem tópicos nem novos membros (que eu saiba).</p> <p>Claro com mais gente será mais fácil a aparência de coesão. E Isso levará a um crescimento exponencial, uma vez que toda a gente gosta de pertencer ao grupo 'vencedor' . Deveria haver por parte da organização uma preocupação em cativar novos membros para o fórum, dado que este estará neste momento na posição de explodir, no bom sentido (o tal crescimento exponencial), ou no mau sentido (perda dos membros atuais por falta de conteúdo que os próprios considerem úteis para si mesmo).</p> <p>As parcerias que se falam noutro tópico aqui do fórum poderá ajudar nesse sentido, desde que não se ambicione apenas os benefícios imediatos.</p> <p>Uma parceria com escolas de condução, bastaria apenas divulgação por ambas as partes e passeios de batismo após tirar a carta, ajudava todos.</p> <p>Neste caso acho que a divulgação deste excelente fórum (pelas pessoas e conteúdo) será mais importante que descontos comerciais.</p>

		Ideias de um idiota.
33	carlos-kb	<p>Mas isso é transversal a qualquer outro tema. Seja um fórum de automobilismo, modelismo, de brinquedos, de arquitetura ou até de bordados e crochet.</p> <p>Ainda assim, no motociclismo, vamos tendo sempre material fresco.</p> <p>A questão prende-se também com o número limitado de membros que temos aqui... E especialmente dos que poderemos considerar como "ativos".</p> <p>Mas essa coisa do "espírito motard" não era fazer o cumprimento em "V" quando nos cruzamos (e que muitos levam a mal se não obtêm resposta)... Ir a concentrações em "carneirada" com as vestes do motoclub, e parar sempre que vemos um "parceiro" enrascado?</p> <p>Aliás, tu que até também tens uma BMW, e só por esse facto, deves estar farto de ser acusado de nem sequer teres "espírito motard"... Porque, aos olhos dos demais, quem tem uma BMW, não cumpre nenhuma das três premissas acima mencionadas!</p> <p>Concordo perfeitamente... Primeiro porque havia sempre alguém, naquele bem maior universo de membros com postura mais ativa, a trazer algo de novo. E claro, não havia as ditas redes sociais (até já haviam, mas serviam quase exclusivamente para o "engate") e demais "espaços" aonde gastar o tempo. E o mIRC cansava ao fim de algum tempo, quando descobrias pelo tipo de palavreado que a suposta gaja com quem teclavas, era na realidade um gajo!</p>
34	PSantos007	<p>É verdade que o Facebook veio roubar clientes aos Fóruns, isso é um facto.</p> <p>Existem vários de motos por lá (Facebook), eu faço parte de alguns. Também andam algo estagnados.</p> <p>Também existe mais gente a andar de moto, digo, Scooters, para esses o foco é mais nos Fóruns de estilo, marca ou modelo de moto, por exemplo o Clube Português de Maxi-Scooters, o Fórum Hayabusa, Pan-European, VFR, etc...</p> <p>Pessoalmente tenho a sensação que as pessoas se dedicam mais ao generalista nas redes sociais, para motos, o recém-encartado ou o que adotou as 125, tão logo obtém as informações de que precisa deixa de ir aos Fóruns a não ser que tenham muitos users, assim já vale mais a pena pois tem convívios regulares e viagens.</p> <p>Não é culpa do novo Fórum, já nos seus últimos anos, o Motonline também andava estagnado, com pouca participação, são aqueles que mais teimaram na sua sobrevivência que participam agora no novo. Irredutíveis.</p> <p>Ainda outra teoria é que as motos como objeto de paixão e desejo, de vício, já não são o que era, hoje em dia as motos são mais vistas como ferramentas</p>

		<p>do que qualquer outra coisa, o seu interesse na busca de informação para elas é puramente técnico, não existe uma cultura associada vincada.</p> <p>Quantos dos users daqui andam de scooter e falam sobre elas? Pois claro. Apenas dou o exemplo das duas rodas mais usadas atualmente.</p> <p>Eu tenho agora uma Honda SH 300i e já vi o que existe no nicho de Fóruns sobre as scooters, nada a ver com o que existe aqui, é outro mundo.</p> <p>As pessoas procuram associar-se aquilo que lhes diz mais respeito.</p>
35	dfelix	<p>O número de membros "ativos" só afeta a quantidade de off-topic na mesma discussão!</p> <p>Mesmo nos "bons tempos" do antigo Motonline os conteúdos de qualidade dependiam dum número bastante restrito de utilizadores.</p> <p>No fim já poucos sobravam. E contam-se pelos dedos de uma mão os que migraram para aqui.</p> <p>É possível. Como não frequento "mecas" cá do burgo suponho que seja essa a realidade. Só porque sim.</p> <p>Mas os senhores da BMW também não me curtem.</p> <p>Talvez porque apesar de ser proprietário de uma continuo a achar que os produtos da marca são demasiado overpriced face á qualidade que oferecem.</p> <p>Todo o terreno é propício para o "engate"!</p> <p>E o mundo das motos é fértil! Já dizia o velho ditado: Em terra de machos, quem tem palavrão é Rainha. (acho que é assim!)</p>
36	quatropiscas	<p>Depois de 3 semanas no continente norte-americano, entre férias e trabalho, deparo-me com este tópico.</p> <p>Eu já participo em fóruns online para aí há uns 15 anos e já passei por muitos. Também participei num que era de um grupo de amigos meus da Faculdade de Ciências da UL. Esse fórum de pessoal da FCUL acabou por morrer e, na altura, até se discutiu porquê e a opinião mais consensual foi mesmo o facto de uma percentagem significativa dos membros se conhecer pessoalmente.</p> <p>Isso não tem nada de mal do ponto de vista teórico mas, do ponto de vista prático, o que acaba por acontecer é haver muitas conversas que acabam por acontecer noutros fóruns que não «O Fórum» propriamente dito, pois se aquele fosse o único canal de comunicação entre aquelas pessoas, as discussões aconteceriam ali e não em chats paralelos (ou entre uns canecos no bar do C5 da FCUL). Muitos dirão que 90% do que é dito nessas conversas é treta, mas também surge muito conteúdo que não é discutido aqui. O facto de muitos membros se conhecerem pessoalmente, leva muitas vezes a picardias saudáveis e muitas private jokes que deixam quem está de fora à nora e até com algum sentimento de que está a mais.</p>

		[Manoel de Oliveira] Pronto, só a minha humilde opinião e partilha de experiência de vida. [/Manoel de Oliveira]
37	carlos-kb	<p>Ah... Ainda por cima queres pic-nic de "fogareiro"! (pensava que tinhas dito algo do género de "cada um levar o quer papar "... e isso pressupõe mais a bela da sandocha.</p> <p>O desgraçado que ficar incumbido do gralhador... Nem vai andar de mota, nem vai comer (como de costume)!</p> <p>Para além dos trabalhos preparatórios de "abastecimento" e montagem do estaminé... E depois os trabalhos finais de "limpeza" e desmontagem.</p> <p>Como digo, é coisa inconcebível para quem queira andar mesmo de mota.</p> <p>Continuo a preferir devorar quilómetros (de moto)... Parar, sentar, comer, pagar... Arrancar e devorar (ainda) mais quilómetros! Mais simples, acabas por gastar o mesmo, e não dá tanta chatice nem trabalho.</p> <p>Ainda me lembro um almoço de ida à Batalha – Expomoto (ainda tinhas tu a NC30), que o pessoal, com organização dos Kotas, tinha decidido ir almoçar à churrasqueira do costume, ali na Cruz da Légua (em que gastas numa refeição completa 10 euros), e o Xôr Pires não apareceu, porque decidiu fazer "birra" de que devíamos ir ao Lidl comprar qualquer coisa para o almoço e comer-se algures numa berma de estrada.</p>
38	LoneRider	<p>Eu acabo por ficar indignado.</p> <p>Afinal de contas o que é isto?</p> <p>Um fórum para dar continuidade ao antigo?</p> <p>Ou um fórum que aproveita os mephorr's cimentos do antigo Motonline mas com identidade própria?</p> <p>Se o pessoal pensa na segunda opção contem comigo.</p> <p>Eu acho que a agonia do fórum só reside se pensarmos no passado e não olharmos para o futuro. A maioria dos fóruns, para além das redes sociais, definha por causa dos elos de coesão desaparecerem. Refiro-me aos mais veteranos, carismáticos e em muitos casos líderes de grupo de users que habitam os fóruns.</p> <p>Todos somos necessários, mas sem estes elementos o fórum dispersa-se e morre.</p> <p>Para mim, que sou um elemento tóxico, gostaria de apelar aos mais ativos e experientes que não deixem isto à deriva, porque com o tempo novos virão com essa capacidade de orientar o fórum no seu caminho.</p> <p>O princípio do fim do Motonline foi o seu período de auto gestão, fazendo passar uma imagem de falta de coesão entre administração e moderação. Fica aqui o toque à administração.</p>

39	dfelix	<p>São fases...</p> <p>E tenho uma teoria sobre isso.</p> <p>Apesar disto ser um espaço aberto, acaba por existir um núcleo duro.</p> <p>Sobretudo malta que já vinha do antigo motonline, e que portanto bate tecla há muito tempo.</p> <p>E alguns mais recentes que foram sendo absorvidos pelo caminho.</p> <p>O resultado é que isto se tem tornado mais parecido a uma tasca onde conhecidos se juntam para mandar postas de pescada que propriamente um fórum de motociclismo.</p> <p>Com tudo o que de bom e mau isso possa ter.</p> <p>Da malta que aparece nova, só os que têm capacidade de alinhar no espírito continuam por cá...</p> <p>Uma espécie de triagem...</p> <p>Depois como a maioria da malta até está minimamente informada sobre o mundo do motociclismo... Não há grande coisa para se debater.</p> <p>A alternativa é medir pilinhas... Ou papos de palavrão.</p> <p>E claro que isto dependendo dum grupo restrito de pessoas... Basta que um o outro se afaste um pouco para se notar na estatística!</p> <p>Provavelmente 2/3 dos participantes do CPMoto (para não confundirmos com o CPM) é precisamente malta que ainda há pouco tempo descobriu as duas rodas através da lei das 125.</p> <p>Sim... Há um alto grau de ingenuidade e tenrinhice.</p> <p>Porém, há lá um individuo com uma capacidade incrível de lançar temas para debate.</p> <p>Uns interessantes, outros nem por isso... Mas que acaba por gerar debate e participação.</p> <p>No antigo motonline havia uns quantos gajos que tinham essa capacidade.</p> <p>Tenho saudades do Speedmaster que não deixava escapar qualquer novidade e lançava de imediato tópicos sobre esses temas.</p> <p>E até do ST4S... Que embora menos consensual tinha uma visão muito própria das coisas que levava a discussões porreiras.</p> <p>Tu próprio és um dos poucos (para não dizer o último) que sobra que até lançava uns temas com pés e cabeça.</p>
40	LWillow	<p>Este cenário que descreves é comum a praticamente todos os fóruns (de motociclismo... e não só), é tudo uma questão de tempo para que aconteça.</p> <p>O importante é que esse tal 'núcleo duro' tenha a sensibilidade para conseguir 'fazer pairar à sua volta' outras esferas de participantes que pouco a pouco o integrem mesmo que aconteçam algumas saídas desses membros, isto é,</p>

		<p>manter um núcleo-duro não tão duro assim, conseguir uma 'linha da frente' com capacidade de regeneração. Acho que o Motonliners é um exemplo muito satisfatório desta situação e com 'altos e baixos' acho que tem condições para se ir mantendo 'à tona de água', até porque conseguiu e tem promovido uma 'descentralização', integrando membros ativos de Norte a Sul.</p> <p>O CP-Moto está a entrar na sua fase sazonal preferencial: Outono/inverno, pois é um fórum que vive/sobrevive no 'virtual' (sem a componente 'on the road'). A esmagadora maioria dos membros inscritos não faz mototurismo nem tão pouco 'passeatas ocasionais'. É um fórum sem dinâmica 'no terreno', com a agravante de querer manter um ar 'sisudo' no virtual. Sem o Sapiens aquele fórum não tinha qualquer pulsação e já tinham 'fechado a loja'. O facto de integrar muitos noobies (pessoal da '1ª mota') dá-lhe alguma 'esperança de vida' pois sentem-se mais 'confortáveis' naquele habitat. Não sei se é 'tática' dos administradores ou algo de espontâneo, mas este 'fechar portas' aos 'tarimbados' pode vir a seres-lhes benéfico e útil para virem a ter condições de também criarem um 'núcleo duro' estável ao nível dos 'low-profile' (pois com os 'outros' isso não estaria 'garantido')</p> <p>Neste momento parecem-me ser os únicos 2 fóruns 'generalistas' de motas com atividade regular sendo muito mais fácil aos 'extrovertidos' do motonliners irem lá palavrão umas postas de pescada', do que o sentido inverso.</p> <p>O 'espírito' do Motonliners leva sempre vantagem nesta comparação pois, devido á sua 'dinâmica fora-de-portas', mesmo que o fórum acabasse iria sempre acontecer algo através dos contactos e amizades pessoais que se foram consolidando 'para lá do virtual' (nem que fosse num grupo de What'sUp).</p>
41	LoneRider	<p>Yup!</p> <p>Claro que ajuda!</p> <p>Mas prontos pá, serve este tópico para (periodicamente) fazer refletir o pessoal sobre o que pode oferecer ao fórum e aos amigos de forma que este se mantenha vivo.</p> <p>Uma das pessoas que traz ao fórum conteúdo de qualidade é o Marco pá!</p> <p>Assim que estiver com ele dou-lhe uma biqueirada nas canelas como reconhecimento da coisa.</p> <p>O track day spirit é algo subjacente que quase pertence ao ADN do fórum.</p> <p>No entanto, reconheço que limita bué quem pouco anda de mota, dado que, já não são um pontinho nos espelhos de alguém, o problema é que não são um pontinho em espelho nenhum!</p> <p>Devíamos em conjunto refletir como recuperar esses users, porque afinal de</p>

		<p>contas somos todos uma grande família, que vive em igualdade e respeito mútuo pela postura do próximo no Motociclismo (Katano, já pareço um erudito).</p> <p>Ó Pires pá, vem cá por ordem aqui no curral pá!</p>
42	LoneRider	<p>Eu acho que se está a levar muito em sério o que aqui se escreve é muito pouco em sério a existência deste fórum.</p> <p>Ou seja, o Fórum deve ser levado a sério na brincadeira. Como tal acho que os eventos que nele se organizam devem ser mimados e cuidados, sempre tendo em conta que é isso que vai fomentar o Motociclismo e criar momentos que ficam na memória dos seus membros.</p> <p>Dinamitar a organização dos eventos ou desistir dos mesmos só porque apareceu algo melhor para fazer não é ter em conta os pilares deste fórum.</p> <p>Atenção isto não é um ataque a quem quer que seja, é uma opinião fundamentada em factos, pelo qual já refleti e aconselho a que todos o façam.</p> <p>É neste ponto, no fomentar a existência de momentos de convívio e confraternização entre os membros que se deve levar a sério o fórum. Existem muitos, que em algum momento da sua vida, abdicam de estar com os seus para participar nestas atividades e enriquecer-se com elas. Criar problemas, muitos deles com base ideológica ou desistir da organização dos eventos a meio, não só gera desconfiança como desmotiva a participação, quer nos eventos, quer nos assuntos a debate.</p> <p>O que se escreve nesses assuntos pá, uns são mais brutos do que os outros, outros mais sensíveis, outros com menos sabedoria, mas são coisas que eu diria efémeras comparado com os momentos que se podem viver nos eventos. Todos devemos ter cuidado com a nossa escrita, e contra mim falo, não é do meu desejo que ninguém se vá embora, porque até ao momento em que desiste, faz sempre falta.</p> <p>Mas também acho que não se deve por as culpas em alguém só porque beltrano ou sicrano bateu com a porta.</p> <p>Recordem que só o user em questão tem esse poder e salvo os administradores, ninguém tem poder para expulsar ninguém.</p>
43	Nfilipe	<p>Aproveitando este tópico, digo que ainda fico admirado como este fórum vai tendo a atividade que tem, com o aparecimento do Facebook e do YouTube, apenas estes 2 formatos mataram praticamente 99% da vida dos fóruns, infelizmente. Há uns anos atrás era bastante frequentador de um fórum em específico e foi precisamente pelo Facebook e YouTube que tudo lá morreu e deixei de lá ir. Mas prefiro infinitamente frequentar um fórum para aprender algo do que o Facebook ou grupos de Facebook. YouTube gosto e por vezes</p>

		<p>um vídeo é muito mais explicativo e claro que apenas leitura. Ainda assim gosto da interação dos fóruns, coisa que YouTube já não tem, é mais um desfilar de comentários sendo maior parte deles completamente inúteis ou irrelevantes para o que quer que seja quanto ao vídeo em questão.</p>
44	MagJet	<p>Desde há uns tempos (ou anos) me tenho apercebido que hoje em dia as pessoas estão em locais públicos como cafés e restaurantes, em família e entre amigos, e a imagem mais recorrente é a de ver uma mesa inteira a olhar para o respetivo ecrã, a interagir virtualmente no Facebook, e a ignorar as pessoas que se encontram no mesmo espaço físico.</p> <p>Por outro lado, já todos ou quase todos teremos lido notícias ou estudos que referem que as redes sociais tornam as pessoas mais infelizes, porque confrontadas diariamente com as (aparentemente) vidas perfeitas dos amigos do Facebook.</p> <p>Há já umas semanas que desativei a conta do Facebook por me ter apercebido da inutilidade da interação que por ali se vive.</p> <p>Em notícia de hoje do JN, um ex-administrador do Facebook diz que se sente "tremendamente culpado" por ter participado na construção de uma ferramenta que está agora a "destruir a forma como a sociedade funciona".</p> <p>Acreditar que o "os ciclos de retroalimentação a curto prazo, impulsionados pela dopamina que criamos, estão a destruir o funcionamento da sociedade". São desprovidos de qualquer "discurso civil", com "informações erradas e inverdades".</p> <p>Como vice-presidente, Palihapitiya tinha a função de gerir e aumentar o número de utilizadores da rede social. "No fundo, todos sabiam que algo mau poderia acontecer". E o problema, acrescentou, "não é americano nem está relacionado com as mensagens patrocinadas pela Rússia. É global".</p> <p>Na palestra, feita no mês passado na Stanford Business School mas só agora noticiada pelo website especializado em tecnologia "The Verge", Palihapitiya pediu à audiência que descansasse das redes sociais: "Encorajo-vos, todos, a interiorizar a gravidade do problema", disse. "Se alimentarem a besta, ela irá destruir-vos".</p> <p>"Vocês não se apercebem, mas os vossos comportamentos estão a ser programados", avisou, defendendo que as redes sociais estão a "danificar as bases fundamentais de como as pessoas se comportam e se relacionam".</p> <p>Admitindo que não tem uma boa solução para resolver o problema, assume que ele próprio não usa a sua página de Facebook. Sem papas na língua: "Eu não uso esta palavra e não permito que os meus filhos usem esta palavra".</p> <p>Contudo, não deixou de realçar que o Facebook tem pontos positivos e</p>

		<p>garantiu que o dinheiro que lhe pagaram pelo trabalho que fez na empresa irá ser usado no apoio a causas mundiais.</p> <p>As declarações de Palihapitiya seguiram-se às de Sean Parker, presidente fundador do Facebook, que, também no mês passado, criticou duramente a empresa por "explorar a vulnerabilidade da psicologia humana", criando uma "contínua alimentação da validação social".</p> <p>Em contraponto, já acho que este fórum tem o efeito contrário. Primeiro, promove a realização de encontros, tainadas e passeios com os quais já muito de nós beneficiaram, valendo muito para além do mundo virtual.</p> <p>Para além disso, está cheio de "mentirosos", por isso ninguém vai ao engano quanto às virtualidades das máquinas e capacidades dos seus donos, promovendo um convívio salutar e cheio de off-topic.</p> <p>O que vos parece?</p>
45	Serzedo	<p>Concordo plenamente, basta ver os comentários das notícias, bem como quando se está numa mesa com mais pessoas, a sociedade está a ficar "parva". Daí eu ter eliminado a minha conta em 2011, foi a melhor coisinha que eu fiz, ainda por cima só andava a ver ursinhos e comentários parvos.</p> <p>Os fóruns dão 1000 a 0 em relação ao Facebook, uma vez que permitem a estruturação de informação, diálogo de qualidade e não procuram influenciar o comportamento das pessoas, que ficam sedentas de "likes". Mas é uma pena que comecem a ser uma espécie em vias de extinção.</p>
46	carlos-kb	<p>Acho que tudo, no fundo, acabam por ser ferramentas desta era de tecnologia e informação.</p> <p>E como qualquer ferramenta, apenas compete a cada um saber para que fim as quer usar... E sobretudo o modo como as usar. E aqui é que está o "busfílis" da questão.</p> <p>O Facebook ou as demais redes sociais não "destroem vidas". Elas servem precisamente como mais um meio de interação entre pessoas, meio esse que depois pode ser usado de diferentes formas, umas mais erróneas que outras... Depende apenas de cada um!</p> <p>Agora, se o modo pouco inteligente, despudorado, abusivo ou irrefletido como as redes sociais são usadas por muitos, escancara portas e cria uma falsa ilusão de vida perante os demais, já é problema do foro pessoal de cada um.</p> <p>Depois é o modo como a informação passa e é consumida.</p> <p>Não é por alguém ter uma conta aberta de Facebook que é obrigada a desvendar tudo o que se passa dentro da sua respetiva esfera pessoal... Nem a subentender, ajuizar ou tomar como razão toda a restante informação que lhe chega, dos demais, porque essa informação quase sempre é parca ou</p>

		<p>desfasada.</p> <p>Agora... Num fórum a informação organiza-se, mantém-se e fica perene. Por isso eu gosto especialmente deste formato!</p> <p>Numa rede social, não se consegue chegar ao mesmo patamar de discussão... Simplesmente porque essa mesma informação é descartável e de consumo rápido.</p>
47	mr_trecolarec o	<p>Viver NO Facebook é uma tristeza, mas hoje em dia viver SEM Facebook conforme o grupo de amigos e família também pode ser estar-se a colocar de parte.</p> <p>Como em tudo na vida, há que haver contenção e usufruir que baste sem ser um excesso ou dependência.</p> <p>Em termos de convívio e conversa para mim o fórum é muito melhor. Facebook é mais ágil nas partilhas, mas com whatsapp hoje em dia até prefiro mandar logo direto para os amigos ou grupos de amigos.</p> <p>O Facebook nem conseguiu fazer o meu filme de 2017 de tal é o meu nível de partilha.</p>
48	dfelix	<p>Há malta que vive nas redes sociais.</p> <p>São opções. Não censuro ninguém por usar uma ferramenta que oferece inúmeras vantagens no que diz respeito a interagir com outros virtualmente quando de formas mais convencionais seja por impossibilidade ou preguiça não aconteceria.</p> <p>Se é pra criticar... Que se aponte o dedo a quem diz que não gosta e fala mal, mas depois estão sempre lá batidos.</p> <p>Fórums é algo muito diferente.</p> <p>Habitualmente envolvem um tema que leva a malta a registar.</p> <p>A malta pode se registar só pela temática sem ter propriamente o objetivo de fazer amigos.</p> <p>E apesar do Facebook permitir algo parecido com os grupos, o formato "imediato" que até pode funciona no âmbito de rede social parece pouco adequado nos conteúdos informativos. Numa questão de dias perde-se e fica complicado voltar a consultar.</p>
49	marco.clara	<p>Confesso que sou mais um que eliminou a conta do FB, há mais de dois anos.</p> <p>Por mais que me esforçasse por controlar a palavrão que aparecia no meu "feed", sentia que não o conseguia fazer. E dei por mim a - involuntariamente - passar tempo (que não tinha) a sacar sistematicamente do telemóvel para ver o que havia de novo.</p> <p>Após uma semana de "ressaca" a coisa passou e nunca mais pensei nisso.</p> <p>Ignorei a malta que dizia "sabes que podes ter e perder pouco tempo com isso"</p>

		<p>(logo a seguir sacando do telemóvel para mostrar uma publicação a complementar um raciocínio qualquer). E agora sinto-me bem comigo mesmo quando estou num jantar ou num café a conversar e a conviver com aqueles com quem estou, em vez de viver a solidão em grupo e a olhar para o telemóvel.</p> <p>Na minha opinião, um fórum como este não tem nada a ver e está muito longe dos efeitos nocivos de uma rede (anti)social como o Facebook.</p>
50	Caroço	<p>Andei aqui a vasculhar o fórum todo á procura do tópico do comportamento nas voltas do motonline.</p> <p>Como tenho pouco tempo para me dedicar a isso, alguém tem ai o link???? É que está lá a minha resposta.</p> <p>Mas adiante, os fóruns são diferentes das redes sociais????? Bom, lá vivo eu noutra mundo certamente, porque ambos não existem na net e ambos não são um canal de comunicação entre pessoas, porque isto é simples, infelizmente, lá voltamos ao mesmo que é a picuinhice do que um faz e do que o outro não faz ou do que existe e do que não existe.</p> <p>O vosso erro é simples, e a culpa não é do Facebook, dos fóruns, ou dos outros, o erro é única e simplesmente vosso.</p> <p>Porque não sabem regar o uso destes meios, seja fóruns, Facebook, ou o que quer que seja relacionado, COM A INTERNET.</p> <p>Atenção que eu poderia falar profissionalmente sobre o caso, mas se existe uma coisa que me jurei logo quando esta casa começou, foi nunca juntar trabalho com lazer (sim é uma regra) porque se falasse aqui profissionalmente, sei que ia falar para o boneco, iria ser contestado por pessoas que tem outra visão e opinião do que é isto, pior, com teorias de conspiração como já aqui li, o erro mantem-se e a razão é a mesma, falta de regra.</p> <p>Eu trabalho neste mundo, e não sou nem mais nem menos que ninguém, mas sendo a minha área profissional, acho que tenho uma palavra a dizer, ou pelo menos uma opinião:</p> <p>Eu não dependo das redes sociais e muitos menos dos fóruns, eu rego a minha vida, dedico tempo ao trabalho, dedico tempo á família, dedico tempo aos amigos, dedico tempo às motos, e dedico tempo á internet, mails, ferramentas, redes sociais, fóruns e até aos coitados que por falta de vida pessoal dedicam toda a sua vida á internet na procura daquilo que não têm na vida real.</p> <p>Só bebe vinho quem quer, só come carne quem quer, só vem a minha casa quem quer ou quem eu quero, só usa a internet quem quer, e só entram em websites da internet quem quer.</p>

		<p>Quem critica o que faz ou o determinado efeito que cada website faz na vida de alguém, é porque É BURRO, e porque quer sê-lo, ou pura e simplesmente, imita os outros.</p> <p>E ser correto é o mesmo, não gosta de carne, põe de lado no prato, não gostas do Facebook, apaga a tua conta.</p> <p>Raramente vejo pessoas a falar porque não comem carne.</p> <p>O que não entendo, é porque falam tanto da internet, ou do comportamento dos outros, e não se vem ao espelho.</p> <p>Mas resumindo a razão disto tudo, falar não é comunicar???</p> <p>Quantos me chamam falador pelos cotovelos por eu falar demais quando estamos juntos????</p> <p>Tudo a mesma palavra.</p> <p>REGREM-SE E DEIXEM DE SE IMPORTAR COM OS OUTROS.</p> <p>Aí o Facebook, a internet, e até o que os outros estão a fazer na mesa ao lado, deixará de fazer sentido para vocês.</p> <p>Palavra.</p>
51	pedromt07	<p>Eu até sou uma pessoa "viciada" nas redes sociais, mais concretamente Facebook e Instagram, porque gosto de ver/partilhar conteúdo fotográfico e estou inserido em bastantes grupos no Facebook, o que me ajuda a estar em contacto com muita gente do mundo das motas e da faculdade. Mas uma coisa que detesto e raramente o faço, é ir sair à noite/dia para estar com os amigos ou uma/s gaja/s e estar com o telemóvel na mão. Naquele momento o que importa é o presente e o resto pode esperar para que eu chegue a casa. Coisa que muitas pessoas não fazem e que é um tipo de turn off, pelo menos para mim. Detesto mesmo aquele pessoal que está no café, no cais ou num jantar e está no Instagram/Facebook/Whatsapp/Messenger/mensagens. E isso sim, nos meus olhos, é o erro da sociedade atual.</p>
52	pedromt07	<p>Não sei se esse é o termo correto, talvez seja. O que quis dizer é que eu sempre fui educado que quando uma pessoa fala num grupo ou até individualmente, devo prestar o "máximo" de atenção, nem que seja por respeito. Já mandei pessoas para o palavra porque estava a falar com elas e estavam no telemóvel.</p> <p>Agora o uso moderado de redes sociais não faz mal nenhum, porque hoje em dia são bastante úteis. Já conheci montes de pessoas graças ao Facebook.</p> <p>Uma coisa é verdade, o uso destas redes em demasia pode originar uma menor capacidade de interação social. Isso até já se vê nos putos.</p>
53	Furras	<p>O meu avô que já tem 73anos e todos os dias tem que dar o passeio dele, já teve motas de todo o tipo e feitio.</p>

		<p>Numa conversa sobre motas e andar de mota ele diz-me o seguinte "quando ando de mota sinto que tenho vinte anos outra vez", acho que perante isto não tenho mais a acrescentar ao tópico</p>
54	KOK	<p>Eu até curto passeios, coletivos ou não, isso depende sempre da "coletividade"...</p> <p>Até ao momento, o pessoal daqui do fórum que conheci pessoalmente, parece-me tudo boa onda e acessível, e sem aquele ar de superioridade que tende a afastar-me de tal maneira que era até capaz de fazer os 180º numa rotunda a 70km/h...</p> <p>E esse facto ajuda a encontros ocasionais que, desde que possa, irei com prazer.</p> <p>O meu maior problema é a disponibilidade. Como trabalho de segunda a sábado, resta-me alguns domingos de manhã para dar uma voltinha, nunca muito elaborada porque normalmente é nesse dia ao almoço que consigo estar com a família.</p>
55	ClaXav	<p>Passeio porreiro, malta porreira com um solzinho porreiro.</p> <p>Espero que todos tenham chegado bem.</p> <p>Porreiro pá.</p>
56	Cloud	<p>HAHAHA grande Cláudio Mr Kok, até ficaste melhor nessa foto que na seguinte hahahaha</p> <p>Eu só curtia o inc a gozar comigo por ir deitado na moto</p> <p>Passeio pequenino mas deu para o que interessa, fazer umas curvas, umas retas, conversar com pessoal porreiro e beber um fino hehehe</p>
57	ClaXav	<p>É só preguiçosos pá, de manhã é que se começa o dia.</p> <p>Acredito que custe levantar cedo, principalmente se fomos tarde para o saco.</p> <p>Mas andar de mota ao nascer do dia (exagerado), é um espetáculo.</p> <p>Nisto o Carlos-kb tem toda a razão (nisto e noutras coisas também).</p>
58	Axel	<p>Não me arrepende NADA em ter finalmente conseguido entrar no mundo das motas, mesmo indo contra tudo e todos da família e afins</p> <p>Palavrão o corpo os verão desde a uns anos para poder comprar a minha mota e pagar a carta mas agora SIM, SIM FINALMENTE consigo ter aquela sensação que só quem anda de mota percebe.</p> <p>Não quero sair de casa, está frio, vou ter uma aula de palavrão com um professor que me dá vontade de dormir, no entanto até saio cinco minutos mais cedo só para poder dar uma voltinha antes de lá chegar</p> <p>Acho que sou o único da utad que está feliz a chegar de manhã para ter aula</p> <p>Ainda agora, só de saber que tenho de ir para braga, fico feliz só para fazer a palavrão do trajeto. Trajeto o qual antes ficava palavrão por fazer porque ia</p>

		demorar 2 horas pela nacional de carro ou apanhar seca de autocarro. Palavrão, já estou é a perder tempo aqui. Vou é andar de mota.
59	michelpinto	E tens uma estrada fantástica para Braga que é pela serra do Alvão! Bem, de Vila Real para Braga qualquer uma das estradas são brutais para fazer de mota! Se tiveres juízo terás muitos momentos inesquecíveis e com o tempo o pessoal à tua volta aceitará a tua escolha. Se tiveres uma atitude responsável também os deixarás mais relaxados.
60	Mr.Ricky	Eu se não fosse a moto já tinha dado em maluco! Tenho dias desgraçados no emprego, mas só de saber que saio e faço 20 quilómetros de moto na desconta até casa, até fico mais animado! Os psicólogos/psiquiatras iam à falência se todos nós andássemos de moto!!!
61	MagJet	Então foi hoje: "Até ao momento encontram-se 500 membros registados." Parabéns ao fórum por este marco histórico. Coisas positivas do fórum até ao momento? Aspetos a melhorar? Qual é a vossa opinião?
62	OFFICER	Coisas a melhorar: Mais participação! Aqui fica o meu contributo.
63	LoneRider	Coisas a melhorar!? Curtir muito nas saídas (mais ainda), que o Patrão e o moderador fantasma paguem o imposto revolucionário. A minha opinião é que isto é um vespeiro de considerável importância, sendo um fórum bastante ativo e com um futuro promissor. A chave deste desastre está precisamente num administrador que se centra em olear bem a máquina e num moderador que, mesmo sendo fantasma, está-se marimbando para os users. Houve há bem pouco tempo a divulgação de umas estatísticas sobre os users mais ativos que, na minha opinião, são o pesadelo de qualquer administrador de um fórum. Ora isso põe em sentido os demais foreiros e faz com que a sua participação seja tímida e bem comportada. Claro que existem exceções, como o Kok que é tão bom ou melhor nas ferrovias do que a fazer rotundas.
64	Rod	A melhorar? Mais participação, com informação útil... (upsss estou a falar contra mim próprio)
65	Pvale	Já é um número considerável, é verdade que a participação é de um número bem menor, mas ainda assim não deixa de ser um fórum cheio de conteúdo útil

		Parabéns ao Fórum
66	KOK	<p>Alinho nessa coisa das cervejas, e coiso, para celebrar... Esta ou outra palavra qualquer.</p> <p>Coisas positivas tem, sempre ou não andaríamos por cá...</p> <p>Desde informação útil na parte ciclística, como técnica na parte mecânica, passando pelas novelas, para quem gostar do género e, como não podia deixar de ser, acaba por se fazer algumas boas amizades.</p> <p>Não me ocorre nada para melhorar. Costumo focar-me precisamente no oposto</p> <p>Não percebi muito bem o que queres dizer com "ferrovia": Se ando sempre "direitinho" ou "corto sempre a direito".</p> <p>Mas vindo de ti, aposto que foi elogio.</p> <p>No entanto preocupa-me se pensaste nisto antes ou depois do vídeo sobre "Azia" que vi.</p> <p>Pode tirar credibilidade à coisa...</p>
67	MagJet	<p>Depois do belo passeio de domingo pela N108, em que tive a oportunidade de conhecer pessoal simpático e de levar um amigo que (ainda) não está registado no fórum que também passou bons momentos de convívio, lembrei-me do seguinte.</p> <p>E por que não cada um de nós convidar os seus amigos que andam de moto para se juntarem ao fórum, abrindo assim espaço a uma maior divulgação do fórum e a novas oportunidades de convívio (até porque no norte ainda somos poucos).</p> <p>Entretanto, vou dando a conhecer o fórum sempre que posso...</p>
68	LoneRider	<p>Contigo não sei!</p> <p>Mas com a tua moto!</p> <p>Agora a sério...</p> <p>O pessoal quer mais pessoal a curtir o fórum?</p> <p>Um fórum só é porreiro se tem bom ambiente, se desenvolve atividades e se tem uma base de dado bem arrumada e rica em informação.</p> <p>Isso gera uma satisfação pessoal que faz correr a palavra.</p> <p>Se há gajo aqui no fórum que gosta de desestabilizar sou eu, porque sou do contra e muitas vezes incorreto.</p> <p>Se há gajo que constrói aqui no fórum é o kabe, e se não fosse pela blu já o tinham avisado e banido. Mas como tem esse defeito o pessoal deixa-o estar.</p> <p>Agora sinto falta das gajas!</p> <p>Precisamos de um componente feminino para nos por a prova, capaz de criar conspirações e intrigas o suficientemente interessantes para pormos em</p>

		<p>dúvida a nossa existência.</p> <p>Mulheres rijas, como a Kota ou a Gracinda, para não falar na minha mãe, capazes de por respeito aqui na jaula!</p> <p>Pronto, pronto já me calei...</p> <p>Eu só estava a opinar!</p>
69	MagJet	Este fórum está destinado para coisas grandiosas!
70	MagJet	<p>Apenas falo em convidar amigos e conhecidos que sejam boa onda! Muito longe da ideia de colocar anúncios em sites a convidar qualquer um a entrar!</p> <p>Assim o fórum pode crescer, mas crescer bem.</p>
71	OFFICER	<p>Toda a publicidade é bem-vinda, até porque um fórum é feito por quem cá anda e por quem nos recebe quando entramos.</p> <p>Se houver gente mal-intencionada, é para isso que existe moderação. Tenho que ver esse vídeo do cager</p>
72	Sonia-pendura	Antigamente escrever em fóruns era moda, havia muitos fóruns e o Motonline era gigante com muitos membros de todo o País. Os tempos mudam e agora as pessoas preferem o Facebook. Não deixo de vir aqui de vez em quando e adoro o Fórum e os membros que já conheço. Gosto de recordar os bons encontros que fiz parte. Trazer novos membros é sempre bom mas para isso têm que ser ativos, se for membro só para ser, não vale a pena.
73	FabioBrasil	<p>Participo de fórum aqui no Brasil e percebo que as redes sociais tiraram um pouco público de fóruns,</p> <p>Eu prefiro aqui, pois a informação é mais direcionada e fácil de encontrar, enfim, espero que nunca os fóruns nunca morram...</p>
74	mr_trecolarec o	<p>Só depende dos utilizadores para que um fórum continue a funcionar.</p> <p>Há que participar com boa informação, com boa disposição de modo a que seja uma mais valia vir ao fórum.</p> <p>Senão cada vez menos vimos, menos informação há, menos vêm os outros utilizadores etc etc.</p>
75	Pianoman	<p>Concordo absolutamente. A informação no Facebook é efémera e dificilmente pesquisável.</p> <p>Os fóruns, pelas suas estruturas, organização e eficácia de pesquisa têm um potencial maior.</p> <p>Digo potencial, precisamente porque quando não há moderação que mova, controle ou, até por vezes apague, alguns posts de claro off-topic e que não se enquadram no tema do tópico, então a clareza perde-se e o utilizador que procura informação sobre um determinado tema não a encontra.</p> <p>É por isso que defendo alguma moderação nos fóruns. Sou absolutamente</p>

		contra a censura mas deve haver algum controle. A questão é a fronteira entre censura e moderação...
76	ChicoMPM	<p>O fórum obviamente é de qualidade! E principalmente muito informativo! Porém é um bocado inativo, e por consequência as pessoas vão abandonando, tal como eu o fiz, fiquei sem entrar durante uns 6-7 meses. Por isso é que eu uso poucos fóruns Portugueses, são quase sempre "cidades fantasmas" ou com pessoas arrogantes com falta de SEXO! Este é um misto, como tudo na vida, porém se o pessoal fosse mais ativo tenho a certeza que iriam registar-se mais pessoas, a primeira coisa que eu faço antes de me registar em um fórum é ver os posts, se forem posts de há dois meses atrás eu simplesmente não me vou dar ao trabalho de criar uma conta</p>
77	OFFICER	<p>Mas este fórum até tem posts diários, assim como bastantes tópicos semanais novos, não é por aí. É mais porque a maioria ultimamente prefere perder tempo nas redes sociais</p> <p>Olha o caso do 7pires, que prefere meter fotos no Facebook dos tempos do Motonline que já ninguém se lembra</p>
78	jofra	<p>Bem, opinião de um gajo pouco ativo</p> <p>De facto o fórum tem bastante atividade e tópicos interessantes, mas acho que peca por ter um enorme off-topic, começo a ler algo sobre um determinado tema e do nada dou por mim a ler algo que nada tem a ver, um gajo fica meio perdido</p>
79	LoneRider	<p>Antes não havia medo de ser tenrinho e o pessoal comentava e tal...</p> <p>Agora todos acham que aquele que já cá anda pouco podem trazer de novo. Os canais audiovisuais na Internet espalham informação, muita má informação diga-se de passagem, que é muito mais interativa é certo, mas não serve para mais que alimentar o ego de que divulga essa informação.</p> <p>É aquele que se mostre desconforme enfrenta-se às táticas pouco democráticas que anulam qualquer dissidência.</p> <p>Um fórum, bem oleado, bem administrado e neutro no seu núcleo é uma excelente sala de debates, um sítio onde se pode aprender, rir, divergir, argumentar e fazer amizades!</p> <p>Mais completo impossível.</p> <p>Chico, não tenhas medo de escrever ou mandar uns batatas, vou cá estar eu para te chamar tenrinho, para te ajudar, para te avisar e para te mandar uns caldaços sempre que precisas. Não te preocupes porque só se perdem as que caem no chão.</p> <p>Até eu às vezes preciso!</p> <p>Mas até para isso o fórum é bom.</p>

		Para a transmissão de valores!
80	carlos-kb	<p>Chico, não pondo em causa a tua avaliação feita ao conteúdo do fórum, não esqueças porém um aspeto muito importante... 70% ou mais dos users ativos aqui conhecem-se pessoalmente, rolam juntos na estrada ou simplesmente são colegas ou conhecidos de longa data... E é natural, tal como à mesa de um café, entre amigos, que se discutam assuntos mais sérios ou com conteúdo... Como outras coisas mais off-topic, à margem ou até com alguma dose de veneno ou picardia.</p> <p>Mas a tua participação no fórum não se deve cingir apenas ao aspeto cibernético da coisa. Aparece nos encontros, mostra-te, faz-te a estrada com o pessoal...</p> <p>Verás que o fórum irá adquirir toda uma outra dimensão.</p>
81	OFFICER	<p>Posso dizer o seguinte, a criação deste fórum veio à baila pelo fim do velho Motonline. E o que me fez criar o fórum foi precisamente continuar a existir interação não só cibernética, como pessoal, entre os seus membros.</p> <p>A ideia principal era continuar a existir passeios, pois passeios em grupo fazem-nos desanuviar e trocar ideias que nenhum fórum permite.</p> <p>Isto porque, num fórum podemos trocar ideias como em qualquer outra plataforma, mas o fórum é ótimo para combinar voltas</p>
82	dfelix	<p>Ó ChicoTPM,</p> <p>Isso de querer pessoal ativo num fórum cuja malta tem falta de sexo é capaz de dar palavrão...</p> <p>E tens de me dizer quais os fóruns de motociclismo não-portugueses que utilizas.</p> <p>Estou registado nuns quantos que consulto com regularidade por razões científicas e nenhum me parece ser muito diferente.</p> <p>Aqui até se fala menos do Trump.</p> <p>A mais dura realidade.</p> <p>Mesmo em outros temas que não o motociclismo vejo mais gente a colocar conteúdos nos grupos de Facebook que nos fóruns da especialidade.</p> <p>O que é uma palavrão.</p> <p>A informação nas redes sociais vai sendo empurrada para baixo com o passar dos dias.</p> <p>E por norma nem se chega a ela quando se pesquisa nos motores de busca.</p> <p>Perde-se muita coisa importante.</p> <p>Agora não dá para ser tenrinho!</p> <p>Sobretudo quando os assustas com as tuas belas respostas aos tópicos de apresentação!</p>

83	Nfilipe	<p>Hoje fui até Peniche pelo lado do Bombarral e fui curtir umas curvas como nunca tinha feito. Aliás acho que nunca tinha ido curtir as curvas do Bombarral e a que dizer que fazem justiça a sua fama. A estrada é muito boa, fica-se com vontade para mais. De salientar também que a estrada que vai de sobral de monta agraço a bucelas é do palavrão para curtir a aprender a fazer umas curvas a maneira.</p> <p>Ontem e hoje andei de mota mais a puxar pelo físico e a curtir umas curvas do que pela parte turística de descoberta de novas zonas e cidades. Ainda sou muito verde nesta cena, há que admitir mas ainda hei-de fazer umas curvas à lone rider, tipo daqui a 20 anos!</p> <p>Tenho constatado que para mim é mais fácil inclinar a mota junto com o corpo para um lado do que para outro, no meu caso, para o lado direito é mais fácil. Para o lado esquerdo parece mais difícil e por vezes sinto grande insegurança de me inclinar muito. Existe mais pessoal aí assim? Outra cena que as vezes me passa pela cabeça quando começo a inclinar a mota, é a imagem de haver terra ou óleo na curva, perco logo a vontade de fazer a curva com alguma velocidade.</p> <p>Ultimamente andar de mota tem-se tornado um prazer imenso ao qual não dispenso e um vício tremendo. Andar de mota é aquele conforto emocional, aquela libertação de stress, aquele efeito meditacional, isto é quando não se anda dentro da cidade!</p> <p>E isso tudo, foi um divagar de pensamentos aqui para os meus camaradas motociclistas. A única coisa que me arrependo é não ter pegado nas motas mais cedo. Haja saúde, gasolina e pneus para queimar.</p>
84	Nfilipe	<p>Palavrão mais ao vício da mota, ainda hoje peguei nela mas quando cheguei a Alenquer começou a chover e voltei para trás.</p> <p>Bom ler que não sou o único com dificuldades a curvar para um dos lados.</p> <p>Bom post mestre lone. Sabes que isto da mota tem muito que se lhe diga, um gajo pode pensar que já sabe qualquer coisa até ao dia que apanha um susto devido a falta de capacidade de agarrar/segurar a mota em certa altura e logo se manca que afinal até não sabe grande coisa. Eu já fiz quase 10 mil quilómetros mas quase todos os quilómetros foram feitos em modo turismo, ir de ponto A a ponto B, dar umas gasadas aqui e ali para apimentar a coisa e tal. Estas últimas vezes foi mais puxar pelo físico em cima da mota, e uma delas nem levei top-case ao que me parece fazer grande diferença na altura de curvar com a mota.</p> <p>A mota é uma daquelas cenas que fornece varias emoções, podemos ir nas calmas, sem grandes acelerações, inclinações e tirar uma satisfação grande só</p>

		<p>pelo prazer de andar de mota. O que até é o caso de muita gente, que nem estão aí para grandes velocidades. Pessoal das choopers que o diga! Bem mas mesmo que eles queiram mais, esse tipo de mota também não permite muito mais!</p> <p>Outro tipo de emoções é por vezes agarrar na mota e esticar mudanças, fazer curvas com grandes inclinações, puxar pelos limites. Algo que já necessita claro está de perícia e técnica.</p> <p>Mas ainda estou muito verdinho, numa das curvas desta ultima volta quando já ia inclinado para fazer a curva, deparei-me com piso com buracos e mesmo pequenas lombas no alcatrão o que me fez instintivamente endireitar a mota e devido a isso passar para o sentido contrario da faixa de rodagem, sorte foi não vir ninguém do outro lado, senão teria ido provar o alcatrão novamente mas desta seria pior que levava com o carro nos palavrão!</p> <p>Mas muitas dessas curvas foram feitas com o palavrão fora do assento e é de notar que quando passava por certas pessoas que vinham no sentido inverso, algumas ficavam a olhar para um gajo como eu fosse assim meio apanhado do clima! Nada que me aborrecesse porque cada curva que me deitava e puxava mais por mim, só me dava um sorriso e satisfação ainda maior. Mas é preciso ter uma grande dose de controle, puxar pelo acelerador é fácil, talvez demasiado fácil e se a gente perde a noção das nossas limitações, é num piscar de olhos que a mota salta fora da estrada.</p> <p>Adoro andar mota mas ainda não consegui ultrapassar o facto que depois de fazer uma viagem grande, tiro o capacete, olho para o espelho e tenho um cabelo com um penteado que parece de alguém que fugiu do manicómio mais próximo. É inconveniente para o palavrão!</p>
85	carlos-kb	<p>Na próxima RIM vamos mas é cravar ao Lone, para incluir no programa de trabalhos, um curso de condução avançada...</p> <p>Afinal deveremos sempre transmitir aos demais, os ensinamentos adquiridos ou que já nos foram dados.</p>
86	carlos-kb	<p>Hum... Olha que teoria sem prática, é palavrão...</p> <p>Mas a prática sem o devido apoio teórico, podes meter os pés pelas mãos!!!</p> <p>Há coisas que estão intrínsecas à experiência do fazer, mas se tiveres uma base fundamentada de como se faz e porque se faz, tanto melhor.</p> <p>E ninguém melhor que o Lone para o confirmar, que já fez uma "catrefada" de cursos deste tipo.</p>
87	MrOverclock	<p>Eu acho que cada um encara o "andar de mota" de maneira diferente. Dá logo para ver isto quando o tema é andar quando chove. Eu por exemplo não tenho problema nenhum, outros (muitos) há que "nem pensar nisso, gosto de andar</p>

		<p>seco".</p> <p>Eu ando de mota diariamente para ir para o trabalho há mais de um ano. Ao fim-de-semana vou à terra ter com os meus pais e vou de mota também. Este fim-de-semana estava a chover e não me apeteceu levar o carro. E não é por isso que entretanto perdi a pica ou o prazer. Vá... Não me digam que é preciso mais de um ano para perder a pica</p> <p>Hoje por acaso não sei o que me passou pela cabeça decidi vir para o trabalho de carro (quer dizer... foi mais numa de ver se ainda tinha bateria... como pegou, siga) Comecei logo mal o dia a ficar mal-humorado... Demorei muito mais tempo e a viagem é muito mais chata... Mesmo que sejam só 10~15 min de viagem... Ok, não perdi tempo a tirar a mota da garagem, o carro já estava na rua, não perdi tempo a vestir as calças impermeáveis, etc... Mas não é a mesma coisa.</p>
88	nelsonajm	<p>Camarada Magjet...</p> <p>Para mim andar de mota é tão bom como lavar a mota, desmontar gaja e fazer-lhe as manutenções, depois ir andar com ela novamente... Meter-lhe "zargolina"... E voltar a sair... Tirar-lhe uma foto e tal... Parar num tasco e pedir uma bifana, sentar-me e ficar a olhar para ela... mano... Qualquer coisa que envolva ter de estar perto de minha querida "marreca"... É sempre muito bom... Para mim andar com ela não chega... Isso fazia-o com qualquer mota... Com esta que tenho ando com ela e faço mais um monte de coisas... Percebes-me?</p>
89	marco.clara	<p>Também tenho este livro, e gostei bastante. Não me revejo muito naquilo que o Paulo Moura fez, em termos de uma "viagem de mota". O que ele fez torna a história interessante, porque lhe dá material de escrita sobre lugares, acontecimentos e pessoas. Mas (tirando alguns apontamentos que faz pelo meio, sobre o assunto) acaba por tirar um pouco a "mota" da "viagem".</p> <p>Nas viagens que fiz (de mota), invariavelmente, quando me quedava muito tempo num local começava a sentir "comichões", e passado um bocado já estava a pensar "bora lá andar de mota". E sei de uns quantos companheiros aqui do fórum que partilham da mesma doença...</p> <p>Mas é verdade que são os ditos lugares, acontecimentos e pessoas que fazem as histórias que depois guardamos para contar. E até determinam os lugares que acabamos por visitar. Recordo-me por exemplo de, em três dias em que rolei pelo norte e no meu desconhecimento da região, aquele velhote que me serviu um rosé fresquinho em frente à Casa de Mateus, e que em dois dedos de conversa fez com que me desviasse do caminho que tinha traçado, para visitar Provesende. Acabou por ser um dos locais que boas memórias me</p>

		deixou!
90	MagJet	<p>Revejo-me completamente com esse tipo.de experiências.</p> <p>E, já agora, não tenho memória de já ter passado por Provesende. Vai para a lista.</p>
91	michelpinto	<p>Ora bem, uma que me lembro bem foi no ano passado na estação de serviço de Montemor-o-Novo ao irmos para as nossas férias encontramos um casal já mais velho, ele português e a senhora espanhola que meteram conversa connosco, principalmente a senhora que gostava muito de motos. Partimos um pouco antes e ao passarem por nós já na estrada a senhora começou a filmar uma primeira vez, e depois começaram a andar mais devagar de modo a passarmos e tirar-nos fotografias! Uma situação diferente mas engraçada.</p> <p>Outra foi em França ao anoitecer, a entrar em uma floresta começou a chover muito e estando um nevoeiro cerrado, e não tínhamos nada para a chuva, vimos uma casa com um tipo de garagem aberta e parei lá a moto. Com o barulho a família veio à janela ver o que se passava. Pedi-lhes desculpa por parar sem permissão que estávamos só à espera que a chuva acalmasse um pouco. Acho que não perceberam muito (falei em Inglês, não sei Francês) do que dizia e um pouco receosos devem ter percebido que era por causa da chuva e deram a entender-nos por gestos que podíamos ficar.</p> <p>Existem muitas outras mais mas não vou encher o tópico de histórias. No geral as pessoas ficam admiradas de termos ido de tão longe de moto, metem conversa, etc. É uma forma diferente de se viver uma viagem e as pessoas também se relacionam de forma diferente por isso.</p>
92	LoneRider	<p>Viajar de moto!?</p> <p>Isso não vale nadinha!</p> <p>Essa coisa de andar sempre a fazer parte da paisagem não tem pica nenhuma. Aquela ansiedade que te faz sair às 2h da manhã de casa é frustrante.</p> <p>Essa tranquilidade que se sente quando, por fim te montas na moto e sentes o ar na tromba...</p> <p>...e comesas a contar os traços descontínuos da estrada...</p> <p>...de forma decrescente...</p> <p>...principalmente quando não tens destino!</p> <p>Impagável pá!</p> <p>Essas paragens para ver um monumento, as intermináveis visitas guiadas, a descoberta de um povo medieval, aquele penhasco sem fundo, tudo isso que nos obriga a parar e contemplar tem uma recompensa no fim.</p> <p>Voltar a montar de novo na Moto!</p> <p>Em Março deste ano fiz o Caminho e a peregrinação tomou outra dimensão</p>

		<p>para mim, pois Artax demonstrou que também se pode viajar espiritualmente encima de uma moto.</p> <p>Mais que isso, viajar em moto é a vertente mais espiritual do culto da moto.</p> <p>Ontem saí ao monte com Artax e...</p> <p>Hoje tenho os ombros e braços todos doridos, mas sinto-me ansioso para voltar a perder-me pelo monte!</p>
93	MuscleCruiser	<p>Eu estou a reinar, se pensarmos assim não saímos da cama, podemos meter mal o pé no chão, torcer e bater com a cabeça na cómoda e fazer uma lesão interna e bater as botas em 3h.</p> <p>Esquecendo as imagens chocantes, se calhar às vezes provocam dormência emocional ao invés de alertar, as ações in loco junto dos condutores são as que devem surtir mais efeitos.</p> <p>Pessoalmente nunca participei/organizei nada, ainda tá tudo muito verde hehe</p>
94	carlos-kb	<p>Fui ainda vários anos a Faro, em que a primeira coisa que se fazia, mal se chegava à concentração, era guardar os capacetes, que só se voltavam a pegar, para a viagem de regresso. Lá todas as deslocações eram feitas sem capacete, e as autoridades faziam tábua rasa do CE naqueles dias.</p> <p>Mas o pior dos acidentes que vi acontecer diante dos meus olhos, foi também em Faro... E nesses dias em que se andava sem capacete.</p> <p>Se hoje o faria, mesmo que houvesse novamente condescendência das autoridades? Por todas e mais algumas razões...Definitivamente NÃO!</p> <p>Até porque, não obstante da parte de segurança, andar de moto sem capacete e tirar real partido do momento, é complicado... Especialmente quando quase não se conseguem abrir os olhos a partir de certos ritmos... E se ficam com os olhos a "chorar".</p> <p>P.S. - As imagens gore não me chocam... Até porque sou adepto das terapias de impacto, em certos casos.</p>
95	LoneRider	<p>Ora bem, isto é um assunto sensível, com muitos detalhes a ter em conta, pelo que estou seguro de que me vou esquecer de alguma coisa.</p> <p>Primeiro, não é o mesmo um passeio de 300 quilómetros que uma viagem de 3000.</p> <p>Espero que tenham todos isso bem claro.</p> <p>Mas existem várias coisas em comum.</p> <p>O primeiro necessário é que o organizador esteja atento a vários condicionantes do evento.</p> <p>O trajeto tem que ser apelativo e ter em conta o tipo de motos que podem ou não participar no mesmo.</p> <p>O número de participantes é condicionante para determinado tipo de rotas,</p>

		<p>assim como importante se existem refeições pelo meio.</p> <p>O organizador tem que ter habilidades de Road Líder, ou pelo menos ter bem claro o que se propõe à comunidade. Depois, se o grupo for numeroso, deve ser dividido por grupos menos numerosos onde um elemento (pelo menos) tenha habilidades como Road Líder e saiba as estradas por donde vão passar. Isto quer dizer que a maior número de membros maior cuidado com a organização. Um detalhe importante será de criar pontos de reagrupamento ao longo da rota e que todos os Road Líderes tenham os contactos dos outros. Nos pontos de reagrupamento, previamente determinados, o Organizador/Road Líder deve constar que estão todos, e fazer briefing da etapa que se segue, para recordar aos membros do grupo pontos de interesse ou estradas para curtir.</p> <p>Se não és organizador e vais apenas porque o pessoal é porreiro ou porque as estradas são porreiras debes fazer o seguinte.</p> <p>Estudar a rota a seguir e ter bem claro onde estão os pontos de reagrupamento. Ao princípio da rota debes estar, palavrão, palavrão e ter o depósito da tua moto cheio. Deves avisar de qualquer particularidade importante ao Organizador/Road Líder. Por exemplo, uma autonomia à Super Duke (120km).</p> <p>Se encontras algum companheiro avariado ou acidentado não debes abandoná-lo à sua sorte.</p> <p>Mantém-te com ele porque o Road Líder tem o dever de vir ao teu encontro. Se tens um andamento lento debes estar seguro de que no próximo ponto de reagrupamento o pessoal estará todo à tua espera, assim como se te chamas Espargaró e as curvas te chamam, não debes nunca saltar um ponto de reagrupamento. Convém que, neste último caso estiques o animal mas nunca chegues a perder de todo o contacto com o grupo, sendo que se esticar o animal várias vezes, tens as emoções renovadas a cada esticadela.</p> <p>Estou certo que me esqueci de muitos detalhes, que vocês me vão lembrar mas o que pretendo dizer é que o grupo deve sempre ter intenção de permitir que coexistam de todo tipo de motos e estilos de condução.</p> <p>Porque cada um tem a sua maneira de tirar partido da sua moto e isso é tão respeitável como o gosto por mulheres ou homens.</p> <p>Um grupo não deve forçosamente ser coeso, mas deve ter uma disciplina de respeito básico.</p> <p>Isso requer entre outras coisas espírito de entreaajuda e alguma capacidade de não sobrepor os interesses próprios ao do semelhante em situações concretas e pontuais.</p>
--	--	---

		Que se abra o debate por favor.
96	nunomsp	<p>Aqui vai o meu ponto de vista:</p> <p>Um passeio em grupo não é o mesmo que uma corrida.</p> <p>Se um grupo sai junto, deve regressar junto. - Não se abandona um companheiro!</p> <p>Todos os elementos devem conhecer o itinerário previsto.</p> <p>Um passeio é um passeio que deve privilegiar o convívio e a apreciação da paisagem e não uma corrida ou um evento de exibicionismo individual.</p> <p>Cada elemento é responsável por vigiar o que vai imediatamente atrás. Se o de trás pára por qualquer razão, o da frente também pára e assim sucessivamente para evitar divisões.</p> <p>Os abastecimentos devem ser efetuados todos ao mesmo tempo para que o grupo não tenha de parar de 20 em 20 quilómetros sempre que alguém se lembra que está quase sem combustível.</p> <p>As ultrapassagens devem ser feitas uma após outra e em segurança.</p> <p>Deve-se evitar ultrapassagens e manobras arriscadas entre elementos do grupo.</p> <p>As motas devem manter uma distância segura entre si.</p> <p>Em caso de dúvidas/divergências sobre o percurso, o organizador decide (para o bem ou para o mal).</p> <p>Importante ter o número de contacto do organizador para qualquer eventualidade antes e durante o passeio.</p>
97	MagJet	<p>Excelente tópico!</p> <p>O ponto de vista do Lone é correto e evita chatices do ponto de vista de perda de elementos durante o percurso e da não desagregação do grupo. E é positivo se nesse passeio for claro desde o início que há diferenças de andamento entre os vários participantes.</p> <p>O Nuno tem razão ao referir que um passeio não é uma corrida, e também se pode definir no início que o grupo anda todo junto.</p> <p>Contudo, quer se veja um passeio como formado por um conjunto de subgrupos ou por apenas um, o que penso que não deve haver nunca é considerações sobre supostas faltas de habilidade, de potência da mota, desabafos de quem acha que se devia ter esperado, ou outras picardias do mesmo género.</p> <p>Se alguém vai a um evento desse tipo é porque se identifica com alguns dos participantes, e não se deve criar um estado de espírito em que alguém jure que nunca mais participa num passeio do género.</p> <p>Mais uma vez, acredito que qualquer experiência menos positiva pode não ter</p>

		<p>lugar se se definir um conjunto de regras como as que o Lone sugeriu.</p> <p>Não estou a falar de mim, porque das vezes em que participei com pessoal do fórum correu tudo maravilhosamente bem, com o respeito devido entre todos.</p>
98	vindaloo	<p>Muita regra para algo que é para ser fixe.</p> <p>Bom senso, um mínimo de respeito pelo outro e vontade de andar de mota.</p> <p>Vai-se e regressa-se assim.</p>
99	nunomsp	<p>Da minha experiência, passeios em grupo é com 4 ou 5 motas no máximo.</p> <p>A partir daí... Tudo se torna penoso se o nível de andamento não for homogéneo.</p> <p>Mas de vez em quando lá vem um passeio em que se juntam mais de 10 motas que vão de 125 até muitos CC, de choppers até R's... E pronto... Já sei ao que vou e já não espero andamentos mais despachados mas privilegia-se os tempos de paragem e convívio.</p>
100	cabs	<p>Acabo por andar muito mais vezes sozinho do que em grupo, precisamente porque num grupo por muito integrados que estejamos, nunca devemos/podemos fazer o que queremos.</p> <p>Sozinho tenho 100 % de liberdade para parar, visitar o que quero, comer onde quero, para andar a 40km/h numa estrada de serra ou para, na mesma estrada, andar perto do meu limite, para meter-me na autoestrada e chegar cedo a casa ou para dizer "que se lixe" e chegar já de madrugada, para poder fazer desvios e sobretudo para não ter que fazer grandes planos.</p> <p>Isto sem ser sozinho só será possível com um grupo muito pequeno de gente que conhecemos muito bem!</p> <p>Dito isto já andei (e vou continuar a andar) em grupos. Já andei em diferentes grupos, em nenhum me senti desrespeitado ou fora, mas há alguns que me identifico mais.</p> <p>Ando de vez em quando com amigos que só têm 125cc (ainda domingo fiz 380 quilómetros com um). É um ritmo mais lento, mas respeito evito passar dos 90-100.</p> <p>Já andei com malta aqui do fórum. Tirando a parte do grupo ser muito grande e heterogéneo (e algumas peripécias), a coisa até funciona bem. O ritmo geral não foi mau, quem tem mais habilidade segue um pouco e depois espera. As regras do bom senso estão lá, sem serem levadas demasiado a sério!</p> <p>Já andei com malta do fórum NC da zona centro (nenhum passeio "oficial"). Gosto de ir beber um café/copo com eles mas rolar nem tanto. Curiosamente (digam o mal que quiserem das ditas cujas), pelo menos naquele grupo, abusam muitas vezes da velocidade (tipo 120-140 entre duas rotundas em plena cidade) e não há grandes regras e coesão.</p>

		<p>Já andei com malta do trabalho (voltas pequeninas), grupo pequenino, motas muito diferentes mas até funcionou bem. (Tirando a parte de ser humilhado por uma honda pcx numa estrada de curvas)</p> <p>O Grupo com que ando mais vezes costuma ter até 10 motas (embora por vezes se juntem mais, ou nos juntemos nós, em inventos), é o grupo com que mais me identifico. É o grupo mais certinho em termos de regras, mas ninguém fala delas...estão lá naturalmente. Atestamos todos, estamos todos mais ou menos a horas, ninguém ultrapassa ninguém, ninguém faz planos demasiado completos e fechados, ninguém vai muito em cima nem é deixado muito para trás.</p> <p>Mas nem é pelas regras que me identifico, é mais pelo estilo de condução e objetivos da voltinha. As velocidades são tipicamente as que eu faria numa volta a solo, há lá mais gente que quer visitar as coisas, que gosta de parar para uma foto, etc.</p> <p>Já estou a escrever de mais, mas basicamente o que quero dizer é que independentemente de regras do bom senso e do tamanho do grupo, vai haver sempre pessoas/grupos onde as coisas correm melhor e onde "andamos de mota em casa".</p> <p>Fora isso concordo que é importante algumas coisas:</p> <p>À frente, uma das pessoas mais experientes do grupo, que conheça minimamente o percurso (ou tenha gps/mapa seja o que for);</p> <p>Se o grupo for grande também deve ir uma atrás e/ou haver comunicação (intercomunicadores, ou paragens esporádicas por exemplo), todos devem manter a distância de segurança;</p> <p>O ritmo cruzeiro deve ser minimamente confortável para todos. Se alguém quiser ir curtir um pouco, quiser acelerar curtir as curvas ou as retas longas a abrir, faça-o! Mas por favor ultrapassem o resto dos membros do grupo com respeito, sem excessos, evitem razias ou ultrapassagens lá do fundo da fila com diferenças de velocidades parvas (pelo menos na mesma faixa).</p>
101	vindaloo	<p>Já eu não acho que tem de ser 'alguém' a falhar.</p> <p>Quando alguma coisa falha, falha o grupo.</p> <p>A falha só é individual se for deliberado.</p>
102	OFFICER	<p>Li 13 páginas na diagonal, no entanto, cá vai o meu ponto de vista.</p> <p>Um passeio em grupo para mim é um passeio onde se curte umas curvas e retas com o pessoal amigo ou whatever. No entanto, deve existir sempre alguma moderação de quem vai à frente, no que toca a velocidade.</p> <p>De qualquer forma, já fui a diferentes passeios e com diferentes organizações.</p> <p>Já fui a passeios onde os mais lentos ou as motas mais fracas vão à frente para</p>

		<p>marcar passo. Já fui a outros onde os mais lentos acabam por ficar para trás.</p> <p>Quanto a mim, sou um gajo que gosto de rolar nas calmas, já tive a minha dose de adrenalina e não a procuro nas motas. Gosto de andar de moto pela liberdade em si e pelo gosto que está cá, não pela adrenalina/velocidade.</p> <p>Posto isto, fico normalmente para trás, tento cumprir o CE quanto baste e não cometo grandes excessos. Por norma, tento ver mais ou menos o percurso para não me perder caso fique para trás.</p> <p>Gosto de passeios com o pessoal pelo convívio em si, não pelo resto, já que andar de mota também se faz sozinho.</p> <p>Portanto, a conclusão é que acho que deve haver sempre moderação na velocidade mas cada um é livre de o fazer como achar melhor. Existir andamentos diferentes é normal.</p> <p>O que coloquei acima responde a tudo isto que foi dito pelo LoneRider. Sou um gajo que anda devagar, pode ser lento, pode não ser, depende do ponto de vista.</p> <p>Vou ao meu ritmo, palavrão completamente para o ritmo dos outros, quem quiser espera, quem não quiser que se palavrão</p> <p>PS: Já agora houve uma mensagem reportada neste tópico que não percebi a razão, portanto, não houve qualquer interação da minha parte.</p>
103	thejuv	Pegar na mota e percorrer os 5 continentes com todo tempo do mundo!
104	Johnny_1056	<p>Boas;</p> <p>Acima de tudo coisas que dêem gozo, isso pode passar por provas desportivas a fazer uma viagem à minha maneira a algum local que povoe o meu imaginário.</p>
105	michelfpinto	Fazer a volta ao mundo de mota! Pegar em meia dúzia de coisas e siga para a estrada! E cada dia é um dia diferente, sem grandes planos, somente viver o momento.
106	marco.clara	Poderá não ser bem a resposta à questão colocada, mas gostava um dia de ter um negócio relacionado com mototurismo, e poder viver disso.
107	ISA MAR	<p>Para mim, a maior maluqueira que eu desejo realizar é ir na MINHA moto (NÃO numa scooter, mas moto com mudanças, nem que seja uma 125) conhecer algum do pessoal do Fórum, no jantar de natal deste ano que vocês andam aí a combinar. Isso sim, seria uma grande maluqueira para mim. Penso que consigo. Tenho até dezembro para aprender a conduzir e conto com o Fórum para me ajudar no incentivo e na ajuda da escolha da minha primeira moto. Hoje andei 30 minutos em linha reta, sem desequilíbrios e sem cair, travando bem. Para a semana vou comprar outra aula e vai correr melhor de</p>

		certeza.
108	vindaloo	<p>Votei realização pessoal. O voto egoísta.</p> <p>Eu acho que para mim a grande 'maluquice' seria algo relacionado com motociclismo aventura. Por mais voltas e desvoltas que se dê na estrada, existe um caminho sem fim ainda por descobrir fora dela.</p>
109	Karlytus	A minha prenda está a caminho. Um escape novo. Pra 2017 desejo acima de tudo ter mais tempo para rolar. Abraço a todos e boas festas!
110	nunomsp	<p>Boas festas a todos.</p> <p>Para 2017, três desejos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Que a gasolina não acabe; - Ir ver a prova de WSBK a Portimão; - E uma das duas opções: dar uma volta pelos Picos de Europa ou participar 1 ou 2 dias na RIM.
111	LWillow	<p>Para 2017 os meus desejos motociclísticos são essencialmente não ter quedas e poder participar em passeatas onde se juntem boas paisagens e bons companheiros. Em relação à montada não irá haver novidades, a VFR800X Crossrunner vai continuar a dormir cá em casa, é daqueles modelos que 'nem é carne nem é peixe' mas que me satisfaz o suficiente para achar que iria 'torcer a orelha' caso a trocasse (embora a tentação de comprar uma BMW S1000 XR esteja sempre presente).</p> <p>Boas Festas!</p>
112	LoneRider	<p>É pá eu desejo que vocês palavrão os vossos problemas todos, todos os dias!</p> <p>Que as curvas nunca acabem!</p> <p>Que algum objetivo que foi planeado se atinja.</p> <p>E que venham para aqui mandar bitaites todos os dias.</p> <p>Eu!?</p> <p>Eu vou ter um 2017 bastante cheio de cenas para fazer, mas se, para além de andar de mota, conseguir voltar a por o meu pai a andar de mota novamente sou um gajo muito feliz!</p>
113	MagJet	<p>Para 2017 desejo que algures antes do Verão já possa haver uma Alazzurra transformada com algum bom gosto.</p> <p>E que as viagens que faça sejam inesquecíveis.</p> <p>E, já agora, mais um capacete, agora para a menina de Varese... (embora me pareça que isso seja ainda para 2016)</p>
114	michelpinto	Que todas as voltinhas que já mentalmente planeei se concretizem!
115	Moto2cool	Desejos motociclistas para o ano que vem? Que possamos todos gozar as nossas motas com segurança. E o mais que vier em equipamento ou montada

		será sempre bem-vindo
116	michefpinto	<p>Andar com pendura é um espetáculo desde que a pendura saiba o que tem de fazer e não tenha medo. Claro que por vezes acontece não ir atenta(o) e levares uma cabeçada ao travar... Mas essa da tomatada nunca me aconteceu.</p> <p>Com a mota parada ou a baixa velocidade notas bastante o peso, isso não existe como fugir, e quanto mais pesada for mais notas.</p> <p>De resto é a mesma coisa, e não se deixa de curvar por causa disso, até agarra mais nas saídas de curva!</p>
117	LuisDrager	<p>Boas malta.</p> <p>Ora Penduras. Nunca tive stress com isso.</p> <p>Aliás sou um gajo que gosta imenso de partilhar (mas não tudo) então adoro andar de mota com a minha pendura, foi comigo que andou a primeira vez, assimilou muito bem todas as dicas que lhe fui dizendo.</p> <p>Na ZZR:</p> <p>Em relação a condução em andamento noto a mota muito mais segura e equilibrada, a traseira fica bem mais agarrada ao chão.</p> <p>Só a noto quando ela tem que se ajustar, normalmente acontece em estrada muito retas.</p> <p>Em manobras... Se necessário salta fora.</p> <p>Na Dragstar:</p> <p>Nem a noto.</p> <p>Gosto imenso de andar com pendura.</p> <p>Sem duvida que a mota influencia e muito a condução com e sem pendura.</p> <p>Uma vez com pendura na XJ6. Deixou de ser um passeio prazeroso para ser um suplício.</p>
118	Nfilipe	<p>Hoje finalmente vou buscar a mota a oficina. Finalmente, quase 2 meses lá para ser reparada em que tive uma queda quase parado enquanto circulava numa rotunda.</p> <p>Sabendo que finalmente posso ter mota para me divertir ao fim de semana, abri o google maps excitado para criar uma volta mas depois de 1 ano que tenho a mota, aliás faz só para o mês que vem 1 ano, e quase 12mil quilómetros já feitos, começo a sentir dificuldades grandes em fazer voltas.</p> <p>Sou da zona de Lisboa, e de Lisboa ate a zona de Leiria, quase todos os sítios interessantes e sugeridos para ver já lá fui, incluindo a zona litoral, Nazaré, Peniche... E afins, Lisboa ao Alentejo o mesmo, o mesmo de Lisboa a Beja.</p> <p>Logo começa a ficar difícil fazer voltas. Isto é fazer voltas interessantes de ir e vir no próprio dia.</p> <p>Sei que há amantes das 2 rodas para todo o gosto mas eu gosto essencialmente</p>

		<p>de sair de moto para viajar e conhecer sítios onde nunca tive, gosto também de pegar na moto quase todos os fim de semanas para sair mas não gosto de voltas curtas, menos de 100 quilómetros não tem piada e ir varias vezes aos mesmo sítios também não é o que mais gosto de fazer, a não ser que seja um sitio muito bom e que não tenha tido tempo para o ver bem, assim justifica voltar.</p> <p>Ideias para onde ir, ate existem muitas mas como gosto de andar de moto todos os fim de semanas, voltas mais alargadas com muitos quilómetros exigem mais tempo, dinheiro e pernoitar em algum sítio, o que faz com que o planeamento tenha de ser feito com mais cuidado e com disponibilidade de euros necessária. E eu não posso fazer voltas alargadas de dois dias todos os fim de semanas, pelas razões óbvias, ser pobre! Aliás todos os meses já seria um luxo!</p> <p>Há ai pessoal as vezes a querer dar umas voltas mas depois não ter ideias para onde ir? Ou não querer sair para os sítios do costume?</p>
119	LoneRider	Não importa o destino, mas sim o caminho que se faz.
120	LWillow	<p>Eu ainda não esgotei as alternativas viáveis para fazer passeios 'de fim-de-semana' . No final do mês vou até ao Talasnal e zona da Sertã (ir e vir no mesmo dia). Se quiseres alinhar dá uma apitadela !</p> <p>O meu 'problema' não é a falta de ideias para fazer umas 'moto-tours' , é mais arranjar companhia para alinhar nelas. Não tenho muito feitio para rolar sozinho feito 'lonesome cowboy' .</p>
121	nelsonajm	<p>Era isto que ia dizer... As vezes não é preciso passeios de 300, 400, 600 quilómetros... Basta sair um pouco de moto.</p> <p>Há alturas que basta tira-la da garagem e sair e dar uma volta de 30 minutos... É o suficiente para nos sentirmos melhor.</p>
122	carlos-kb	<p>NFilipe... Em Portugal, poucos sítios há aonde ainda não fui de moto, sejam a 50 ou a 500 quilómetros de onde moro.</p> <p>E a única zona para onde nunca fui de moto (Alto Douro e nordeste Transmontano), vou preencher essa lacuna com a RIM do próximo mês.</p> <p>A questão está em como abordas cada volta. Podes até conhecer os pontos de paragem, cidades, monumentos, miradouros, etc... mas agora a forma como podes chegar até lá, é que pode ser completamente diferente.</p> <p>Como te disseram não interessa para onde se vai, mas como se vai... E é aqui aonde reside a grande nuance do viajar de moto. Ao invés de escolheres um percurso direto a um local, não te foques tanto nesse local, mas como e por onde poderás ir até lá... E "cria" uma história dentro desse itinerário...</p>

		<p>Algumas das crónicas deste fórum podem-te ajudar nesse aspeto.</p> <p>Um bom exemplo foi o passeio das pontes... Podes subir o tejo da sua Foz até à sua entrada em território nacional... Mas fazê-lo ziguezagueando pelas suas 15 pontes e passando nas estradas que a elas dão acesso (algumas delas bem secundárias), foi uma experiência bem mais interessante que fazer Lisboa até às Portas do Rodão de forma direta.</p> <p>Outro bom exemplo foi o "passeio dos Garfistas"... A costa alentejana e os seus pontos mais turísticos, já o fiz dezenas de vezes... E naquele dia, ao percurso mais comum e que toda a gente escolhe (pelo litoral), adequámos o cruzamento de toda a Serra do Cercal desde Odemira até Santiago do Cacém (aquela a que toda a gente foge por causa das curvas)... Acabou por ser um fartote e uma ótima experiência.</p> <p>Pensa sempre numa viagem como uma serie de troços somados... E agora em cada um desses troços, molda-o e adequa-o da melhor forma e da melhor maneira, por itinerários que desconheças... E vais ver que sempre que saís de moto, terás uma nova e mais gratificante experiência, seja em 100... Ou em 700 quilómetros!</p>
123	carlos-kb	<p>Pois eu sou o inverso... Apesar de gostar de rolar em grupo e fazê-lo regularmente, também prezo imenso poder fazer um "Lone Ride" (não confundir com o "espanhol" que para aí anda meio desnortado), aonde sou dono do tempo, do andamento, das paragens e dos locais aonde passar.</p> <p>Muitas vezes nessas voltas sozinho (ou simplesmente com a minha mulher), o poder a todo o momento alterar, escolher e arbitrar todos ou alguns pormenores da viagem, sem justificações e sem questões aos restantes, também é uma mais-valia.</p> <p>O viajar em grupo pode até ser problemático quando existam diferenças grandes entre as motos envolvidas, seus condutores, tipos de andamento, preferências e vontades de cada um.</p>
124	Nfilipe	<p>Lwillow já vi o vosso tópico, ir pelas IC's e AE's não é muito estimulante mas sim, entendo que tenha que ser porque são muitos quilómetros, o dia para ir também não me dá muito jeito, que é ao domingo. Se puder ainda digo algo, já lá estive no lago azul em ferreira do Zêzere e é muito bacano.</p> <p>Para mim o destino é igualmente importante não só a viagem em si, gosto de sair de moto e andar a passear pelas vilas/cidades durante algum tempo mas fazer percursos por estradas diferentes ainda que seja para as mesmas zonas, é de facto uma boa ideia. Só não quero é ser apanhado de surpresa em caminhos de terra batida em que a top case cometa suicídio!</p>

125	LoneRider	<p>Quem quiser saber que procure, que pergunte.</p> <p>Para mim é um Motociclista como outro qualquer, implicado, dedicado e companheiro.</p> <p>Não é mais que ninguém, ele mesmo o diz, mas está no direito de chamar a atenção aqueles que se pensam mais que alguém, que em vez de estarem a ser Motociclistas, estão a excluir-se a si mesmos.</p> <p>Eu...</p> <p>Eu sou apenas um grão de areia que curte andar de mota, curte falar de motas, viajar de mota, saltar de mota e mais alguma coisa de mota!</p>
126	marco.clara	<p>Confesso que também não sei quem foi o Tó Manel... O único Tó Manel "semi-famoso" que ouvi falar no mundo das motas era um tipo que acho colaborava com o Motojornal, mas não deve ser o mesmo...</p> <p>O texto é bom. Basicamente um motociclista é alguém que anda de mota (e que não se limita a falar sobre andar de mota).</p>
127	nunomsp	<p>É óbvio que Motociclista é quem anda de mota, tal como automobilista é quem anda de automóvel e ciclista é quem anda de bicicleta. Isso é assim por definição.</p> <p>Existem outras distinções, podem haver motociclistas que são aficionados por motas e que se interessam e gostam de saber tudo e mais alguma coisa sobre motas, e esses podem ser considerados conhecedores de motas e da sua mecânica, enquanto outros, podem simplesmente preferir montar a mota e dar-lhe uso utilitário, lúdico ou ambos e não tem de ser criticados por isso (podemos gostar muito de mulheres e não nos especializarmos em ginecologia).</p> <p>Há ainda o poético espírito motard, que se baseia essencialmente numa cultura de respeito e entreajuda. E essa sim está em decadência fruto da sociedade cada vez mais egoísta e banhada de vaidades em que vivemos.</p> <p>Dito isto: vamos mas é andar de mota e beber uns copos.</p>
128	nelsonajm	<p>Eu sei lá o que sou... palavra... Só sei que gosto de motos... velhas... Será que isto faz de mim motociclista... Ou um gajo com mau gosto...</p>
129	dfelix	<p>Quase fico com vontade de começar a chamar toda a gente de "tenrinho", passar uns quantos atestados de incompetência a proprietários de alguns modelos da moda e com sorte ser banido de tudo o que são fóruns e grupos de motociclismo!</p> <p>Só para ser coerente com essa Afirmar que anda de moto "desde os 16 anos e só tirou carta de carro quando fez 50"... Que foi estafeta... Que usou durante 30 anos a moto como veículo do dia-a-dia e lazer... Que viajou pelo mundo de moto... etc... parece-me uma monumental exibição da pilinha.</p>

		<p>Só que... Pelos vistos faz diferença!</p> <p>Se o "tomanel" tivesse descoberto as motos recentemente ao abrigo da lei das 125 será que tinha a mesma credibilidade?</p> <p>Certamente que não!</p> <p>E o mais provável era o lonewolf comentar o artigo chamando-o de "tenrinho"! mensagem fofinha.</p> <p>Tenho alguma dificuldade em perceber essa parte da "decadência", do "egoísmo" e das "vaidades".</p> <p>Mas como não ando nisto das motos há tanto tempo quanto o "tomanel" provavelmente sou demasiado "tenrinho" para entender!</p> <p>Concordo totalmente com a primeira parte do que escreveste!</p> <p>Por muito que tentasse não conseguiria descrever melhor.</p> <p>No entanto, quanto à questão do espírito motard parece-me que a coisa é um pouco mais complexa:</p> <p>A esmagadora maioria das pessoas gosta de se sentir parte duma "tribo".</p> <p>De se identificar com um estilo de vida. E o motociclismo é um meio fácil de obter isso.</p> <p>Qualquer xoninhas que compre uma moto, comece a frequentar fóruns e aparecer nos spots habitais rapidamente arranja um monte de "amigos".</p> <p>Num instante fica com a sensação que faz parte duma espécie de irmandade!</p> <p>Só que... Nem toda a gente é igual.</p> <p>Há quem se esteja completamente a palavrão para esta vertente social da coisa. Tal como muita gente nem sequer se identifica!</p> <p>E pelos vistos são estes que facilmente passam por presunçosos que não entendem o "espírito motard".</p> <p>Isto torna-se evidente sempre que se volta à tradicional e obrigatória discussão sobre o cumprimento em V.</p> <p>Será um ato assim tão "egoísta", "decadente" e "vaidoso" não ter pachorra pra levantar a mão toda a vez que se passa por outro gajo de moto?</p> <p>Será que somos "mais motociclista" que os outros se o fizermos?</p> <p>Já o respeito e entreajuda são características que definem... As pessoas.</p> <p>E as pessoas não se definem pelo veículo que conduzem.</p> <p>Exceto os taxistas! E os ciclistas! E os gajos que andam de GS! E os que conduzem moto ao abrigo da lei das 125!</p>
130	Nfilipe	Como diz o outro, deixem-se de tretas vão mas é andar de moto!
131	nunomsp	Ó dfelix, não digo que é negativo ou positivo entender o "espírito motard", só digo que há motociclistas que o vivem, e há os outros que não.

		<p>Quanto às vaidades, é simples e nos tempos que correm é o que não falta. Este tema dá pano para mangas.</p>
132	hjs	<p>O "espírito", no sentido de entreajuda e camaradagem, deveria ser um valor inerente à condição humana.</p> <p>Desta forma não estaria em causa o "espírito" motard, ou clubista ou automobilista, etc, mas sim um valor que deveria estar presente entre todos os seres.</p> <p>Do que vale um qualquer destes "espíritos" se no fim do dia tiramos o capacete e continuamos (salvo-seja) a ser uns palavrão uns para os outros?</p> <p>São retóricas diferentes, não me identifico com nenhuma.</p> <p>Há algum pergaminho/bíblia do motard, motociclista, ciclista? São apenas as experiências/vivências de cada um e a interpretação individual que cada um lhes atribui.</p> <p>Não sou mais que ninguém e ninguém é mais que eu no que diz respeito à minha condição humana. Uns tens mais expertise numas coisas outros noutras... Ao fim ao cabo estes "espíritos" que mencionei não passam de "medições de genitália" para de alguma forma justificar/aumentar o ego de cada um, em relação a eventuais falhas que identificamos em nós próprios.</p>
133	nelsonajm	<p>Até concordo... mas...</p> <p>Quando comecei a andar de mota... minha... Não emprestada ou à pendura... Foi há 25 anos... E nessa altura... Quando se andava de mota na estrada e nos cruzamos com outro "gajo" também ele de mota... Era motivo de festa... Daí muito provavelmente o cumprimento... Era comum caso estivéssemos parados na berma... Alguém que passasse de moto, que parasse... Eram tão poucos os que andavam de moto... E nessa altura... Uma moto parada por uma qualquer "birra" era coisa que se conseguia dar a volta e prosseguir viagem... Salvo se o motor tivesse agarrado... Ou era uma vela, ou uma fuga, qualquer coisa... Sempre simples... Hoje não é assim... Caso ela faça uma "birra" tens de chamar o reboque ou um qualquer Doutorado para conseguir comunicar com ela e saber a causa da "birra"... E a questão de cumprimentar ou parar para pelo menos perguntar se está tudo bem... Não se coloca... Muito provavelmente ao número de motos que hoje existe nas estradas... É que se um gajo hoje vai a levantar o braço a tudo o que é mota... Sujeita-se a um grande esbardalhaço... Não o fazemos nem nunca fizemos enquanto andávamos dentro dos nossos carros...</p> <p>Era comum fazer viagens para Castelo Branco sem nunca me cruzar com outra moto... Hoje se vou meter gasolina ao posto de abastecimento, certamente passo por pelo menos umas dez motos... E se for a Lisboa, só num</p>

		<p>dia, vejo e passo por tantas motos quantas aquelas que passavam por mim durante 2 anos... Isto há 25 anos...</p> <p>Hoje por Lisboa é ver dezenas de motos estacionadas em inúmeros locais..., nos idos 90... Não se viam motos... ponto...</p> <p>Deve ser por isto... Digo eu...</p> <p>Honestamente... eu... Deixei de cumprimentar... Ou levantar o braço... Ou seja o que for... E não me sinto menos motociclista por isso... Sou-o à minha maneira, no meu tempo, no formato que mais me apraz... Mas isto sou eu... Um gajo com muito mau gosto... Que gosta de Suzettes...</p>
134	hjs	<p>Não julgo que por ser mais banal, fruto do desenvolvimento, andar de mota que esse tipo de atitudes se perderam.</p> <p>Muito provavelmente, levanto mais depressa a mão a um gajo que passe por mim numa zona mais "rural" do que em Lisboa... Até por uma questão de segurança.</p> <p>Agora não é por estar em Lisboa que não exista quem o faça ou mesmo pare para te tentar desenrascar quando parar na berma por alguma motivo.</p> <p>Já me aconteceu ter de parar na berma da A8 junto ao IKEA por ter o top-case aberto. Passou um jovem por mim (de mota) que parou para saber se era preciso alguma coisa. Atitude que eu também faria... Agora, tudo depende do local, horas, meio etc.</p> <p>Consideras-te um tipo "pioneiro" porque és de uma altura em que haviam poucos motociclistas e face à banalidade que se tornou ter mota, esse sentimento foi desaparecendo, sob a tua perspetiva.</p> <p>Logicamente que cada um sente à sua maneira o "andar de mota", retirando daí o prazer/conveniência que necessite.</p>
135	MagJet	<p>Vou responder conforme a disposição do momento.</p> <p>O prazer de andar de mota começa antes de andar. Já percebi que só tiro verdadeiro prazer em rodar numa mota que já tenha restaurado.</p> <p>Do género: quem te viu antes, e como estás agora!</p> <p>Nos passeios propriamente ditos, os melhores são sozinhos, longos e para sítios onde nunca tenha estado, ou pelo menos onde não tenha estado de mota.</p> <p>Às vezes pegar na mota para ir só ao café também é bom.</p> <p>Ou seja, sou um gajo muito esquisito!</p>
136	Velasquez87	<p>Depois de ter lido o outro tópico... Não é fazer consumos certamente</p> <p>Se gastar menos melhor, se não fun bike, diversão e curvas têm de andar de mãos dadas</p>
137	OFFICER	<p>Bem eu nem disse aqui a minha mas cá vai, apesar de contrária à maioria certamente.</p>

		<p>Ao contrário do que pensam, não é fazer consumos ou o que seja. É o sentimento de liberdade, apanhar com o vento na tromba, ver a paisagem, fazer parte dela.</p> <p>Isto para mim é o que me dá prazer, que num carro não existe. Não importa que seja numa 50 ou numa 1000cc, o prazer vai ser o mesmo.</p> <p>A mim não me dá o mínimo prazer andar a 200kmh, o prazer é sentir o passeio, ver toda a sua paisagem circundante. Há quem tenha prazer com a adrenalina, mas para isso existe tantas outras coisas. A mota é algo único, podendo proporcionar adrenalina mas ao mesmo tempo prazer. E para ter prazer numa mota não vejo que seja necessário obter qualquer adrenalina.</p>
138	hjs	<p>Nunca fui gajo de motas. Nunca achei grande piada... Até tirar a carta e comprar a 1ª (e única até ver).</p> <p>Gosto de estar em casa sem nada pra fazer, pegar na dita e simplesmente rolar.</p> <p>Ir sem destino, sem horários, sem nada... Só eu e a paisagem.</p> <p>Sinto-me bem, não penso em mais nada se não aquele momento em que ali vou relaxadíssimo. Paro em qualquer lado para fazer um xixi e retomo, paro num tasco qualquer no meio do nada para uma sandes de presunto e 3 dedos de tinto e arranco novamente.</p> <p>Dá-me prazer reparar em coisas que, ao ter já passado de carro milhões de vezes nunca tinha reparado nelas.</p> <p>Gosto de motociclar por causa disto, acho que é um bom escape depois de uma semana de trabalho.</p> <p>E é isto</p>
139	nunomsp	<p>Para mim é o sentimento de liberdade.</p> <p>O sentimento de voltar a sentir-me como um puto com um brinquedo novo.</p> <p>É estar em cima dela a curvar, sem ter que pensar em mais nada senão em seguir a trajetória até à próxima curva! Sentir a adrenalina das acelerações, das travagens no limite...</p> <p>É fazer amigos com o gosto comum, e partilhar umas voltas e umas jantaradas com eles, mesmo que as conversas não passem de meras baboseiras e boa disposição!</p>
140	LoneRider	<p>Na maioria dos processos hormonais a adrenalina é concorrente para se sentir prazer.</p> <p>Visto isto, numa maior ou menor escala, andar de mota deve divertir.</p> <p>Andar de mota é liberdade.</p> <p>Para aqueles que entendem não é preciso dizer mais nada. Para quem não entende, por mais que o tentes explicar, jamais o vão entender.</p> <p>Eu comecei nisto para conhecer mundo, ver as paisagens, falar com os outros.</p>

		<p>Depois descobri a loucura, a rebeldia e o castigo, amadureci à força, criei calo num assento que não era o da mota.</p> <p>A determinada altura conheci os mortos, os mutilados e decidi lutar para que não voltasse a acontecer.</p> <p>Despi-me por uma causa, participei em outras tantas, mas sempre que me precisava de encontrar era ali, no lombo dela.</p> <p>Nela viajei pela Europa, campos de batalha, Castelos, montanhas, museus, cidades, locais míticos e deslumbrantes, passei a fazer parte da paisagem...</p> <p>Hoje...</p> <p>Hoje encontro-me no mesmo sítio de sempre, onde sempre me quero encontrar, no lombo dela!</p>
141	FerroH	<p>A estrada, MUITA estrada mesmo... Estrada...</p> <p>Sentir o motor... E enquanto o sinto e ouço o que ele me diz, o motor... Estou ao mesmo tempo, na minha mente a ver mesmo a funcionar por dentro, em tudo...</p> <p>Não importa se a velocidade... Se o ritmo é muito ou pouco, tudo se sente na mesma!...</p> <p>No fim da viagem, quando se vai dormir continua... Mas aí já no sonho...</p> <p>Sempre a ver o motor por dentro e agora todo o conjunto... A Moto.</p> <p>Ao outro dia acordei e tudo me continua na mente... É assim desde que me conheço, todos os dias, todas as horas!... As Motos.</p> <p>E sim, o vento na tromba, o cheiro... Sentir também o chassis...</p> <p>E mais não digo... Porque isso guardo para mim.</p> <p>Loucura total!...</p>
142	Serzedo	<p>Para mim andar de mota é andar livre, sem nada que nos prenda, é a sensação de não ter asas e conseguir voar.</p> <p>É ir na estrada e não ter preocupação com horários nem com lugares de estacionamento cheios.</p> <p>É uma liberdade que se dá no espírito, é algo que relaxa, tranquiliza e faz com que sejamos felizes por ser motociclista, todos os dias a todas as horas.</p> <p>É uma liberdade e ansiedade que nos faz querer atingir destinos cada vez mais longe, motivados por todos aqueles que conheço e por todos aqueles que fazem viagens que tanto admiramos, sim são vocês que nos fazem sentir orgulhosos de sermos motociclistas e querer atingir novas metas.</p> <p>É algo que nos faz sentir num estado de emoção quando viajamos juntos.</p> <p>Por vezes quando vamos juntos caímos em nós a ver uma bela paisagem e a desfrutar de tão belo momento, quando vamos num enlatado não vemos nada disto, nem sentimos os mesmos aromas.</p>

		<p>É por tudo isto e por outras coisas que nós não conseguimos exprimir que dizemos:</p> <p>Andar de mota não é uma maneira de me fazer transportar, é uma maneira de me sentir livre e bem comigo mesmo.</p> <p>“Não tento explicar às pessoas porque é que ando de mota.</p> <p>Para os que compreendem, nenhuma explicação é necessária!</p> <p>Para os que não compreendem, nenhuma explicação é possível...”</p> <p>"V"</p>
143	pedromt07	<p>Não é uma coisa que se escreve mas que se sente.</p> <p>Ou então o mesmo que um cão sente quando mete a cabeça fora da janela do carro!</p> <p>Mas uma coisa que considero muito importante, é a forma como conheces pessoas que de outra forma nunca conhecias, e te ajuda a explorar o "mundo"</p>
144	Fz1000	Velocidade, curvas, perigo e chegar a casa todo partido.
145	Moto2cool	<p>Agora vou ser completamente original</p> <p>O prazer de andar de mota é andar de mota, não se descreve, nem se explica, vive-se.</p> <p>Sentas-te na mota, rodas o punho e está lá tudo. Sais da mota, segues o caminho e levas o espírito contigo, mas deixas o prazer na mota.</p> <p>O prazer de andar de mota é mesmo andar de mota (e esta, hein?)</p>
146	Serzedo	Sinto-me mais livre a andar de mota... Que de carro, até porque um gajo anda sem cinto e sem uma jaula a prender-te lá dentro.
147	Fz1000	<p>Não é cliché nenhum, é verdade, aquele bocadinho em que se vai de mota não se pensa nas palavras pessoais, somos nós e a máquina.</p> <p>Podes estar cheio de problemas mas naquele momento és livre.</p> <p>Ou então a ser perseguido pela popo, naqueles instantes em que não comes com o cacete também aprecias bem a liberdade.</p>
148	GN250	<p>Andar de mota é poder apreciar tudo o que nos rodeia, seja devagar, seja rápido.</p> <p>Gosto deste vídeo,</p> <p>É sair, deixar os problemas ou o que seja</p> <p>Naqueles dias que estão mais baixos e dizem vou andar de mota, vou superar isto e chegam mais tarde revitalizados, com outra vontade de viver, de enfrentar o dia.</p> <p>Outra coisa é quando somos mais impacientes ao volante de um carro, e de mota reina a calma, o perigo impõe respeito, mas também nos deixa alerta e nos impulsiona,</p>

		Só há duas coisas que não aprecio mesmo nada vento forte e chuva.
149	michelfpinto	<p>Para mim andar de mota tem duas vertentes diferentes e com um espírito distinto.</p> <p>Ando de mota como meio de transporte "rápido" para o trabalho, fugindo por entre o trânsito e problemas de estacionamento. Aqui posso por vezes ter realmente prazer na condução, mas dado o trajeto que faço, é essencialmente a forma mais eficiente que tenho de ir trabalhar, e não tiro geralmente o prazer que gostaria nisto.</p> <p>A outra vertente que essa sim a que me preenche e me fez andar de mota é o desfrutar o momento, da viagem e da condução em si.</p> <p>Existem momentos em que tenho um gozo enorme puxar por ela e subir rotações, sentir e ouvir a mota em crescendo... Existem momentos que é o fazer um monte de curvas a bom ritmo e ir empenhado em fazê-las e rápidas...</p> <p>Outras é ir a desfrutar do lugar, sentir os cheiros, estar envolvido pela natureza, partilhar esse momento com quem me acompanha, ou sentir uma calma e um estado de pura harmonia interior inexplicável. E esta vertente é a que para mim é realmente andar de mota.</p> <p>Poderia alongar-me muito mais, mas o essencial acho que está cá.</p>
150	OFFICER	<p>Desengana-te. Até porque tenho moto e uso-a estritamente para lazer, felizmente não preciso dela no dia-a-dia e assim evito quase por completo o que o Dfelix referiu.</p> <p>Uso-a para meu belo prazer sem necessidade de criar riscos para não chegar atrasado ao trabalho. Daí que gosto de sentir a viagem por mais curta que seja, porque para me deslocar de A para B tenho outras opções mais enfiadas e rotineiras.</p>
151	Rik	<p>Meteste com o officer... pimba</p> <p>Vou partilhar aqui algo que me fez pensar muito nesta questão!</p> <p>Tenho um tio que fez motocross deste pequeno, que a vida toda dele sempre andou e anda a volta das suas motos. Andando agora com tracers ou lá como se chamam, a fazer grandes viagens com os amigos. E eu fiz a mesma pergunta que fazem aqui no fórum.</p> <p>Resposta: "Sobrinho, uma coisa é certa motos e carros não foram feitos para andar na mesma estrada, deves ter sempre isso em atenção. Mas uma coisa também é verdade, o Homem não foi feito para ser "infeliz". Se andar de moto te faz ter um sorriso na cara, se o passar destes anos nunca tiraste da ideia tirar a carta e comprar a tua máquina, então sê "feliz".</p> <p>Isto foi um pouco antes de ter-me inscrito no fórum.</p> <p>Bom fora isto, só discorda-mos em uma coisa. Eu digo-lhe que quero comprar</p>

		uma desportiva e ele insiste para ir para as tracers ou super tracers ou lá o que é!!!!
152	n00b1e	<p>"Liberdade"?</p> <p>Ou apenas ficção?...</p> <p>"Prisão"?</p> <p>Também não exageremos...</p> <p>Ora, algures aqui no meio estará alguma "verdade"... Ou pelo menos a minha "verdade"...</p> <p>Está a "liberdade" de poder traçar um destino e não ter de me preocupar grandemente com atrasos do trânsito ou em descobrir estacionamento quando chego.</p> <p>Mas também estará a "prisão" de ter que parar a mota em local "à vista" para tentar que lá continue, e de preferência ainda inteira, quando voltar a ela.</p> <p>A "liberdade" de abrir um sorriso de cada vez que se apanha uma série de curvas "à maneira" contra a "prisão" de saber de antemão que em qualquer saída dessas mesmas curvas em vez do expectável sorriso posso encontrar uma mancha de óleo, gasóleo ou mesmo um simples amontoado de terra e pedras no local errado e que me termine ali a viagem, ou pior.</p> <p>A "liberdade" de poder acabar a viagem mesmo à "porta do destino" contraposta pela "prisão" de ter que carregar toda e qualquer bagagem "às costas".</p> <p>A "liberdade" de sentir o vento a soprar no corpo contrabalançada pela "prisão" do ruído constante e incessável desse mesmo vento nos ouvidos.</p> <p>A "liberdade" de irmos sentindo todas as mínimas variações de temperatura conforme se vai saltado entre as sombras e o sol na estrada contra a "prisão" da falta dum "abrigo" quando o sol nos aperta, parado, ou quando aquele aguaceiro "imprevisto" nos encontra.</p> <p>Etc., Etc., Etc...</p> <p>Em suma e para mim...</p> <p>Não é mais...</p> <p>Não é menos...</p> <p>É apenas...</p> <p>Diferente!</p>
153	pneves33	<p>Cada um sabe o prazer que tira da mota a sua maneira... Uns depressa, outros devagar, uns em estradas serpenteantes, outros no meio do mato a encher a menina de lama e outros retiram o prazer a lavar e a meter a máquina a brilhar...</p> <p>Eu tiro prazer quando lavo a mota, quando levo a mota para o trabalho na vez</p>

		do carro e demoro o dobro do tempo no regresso a casa e o caminho da volta ganhou quilómetros... Quando pego numa das motas numa aula e vou a frente do aluno a ditar o ritmo da volta e vê-lo a acompanhar...quando acordo e decido que durante aquela manhã me faço a estrada e vou até onde ela me levar...devagar ou depressa, pouco me interessa...
154	dfelix	<p>É por aí...</p> <p>Pegas num gajo triste e sem interesses na vida.</p> <p>Metes o gajo a andar de moto!</p> <p>Num curto espaço de tempo vai conhecer um vasto número de pessoas novas. Rapidamente começa a absorver todo o folclore que existe em torno do motociclismo.</p> <p>Passa ser alguém feliz. Integrado. E onde estes clichés potenciam o sentimento de cumplicidade.</p> <p>Muita coisa muda na vida desse gajo.</p> <p>Mas na sua essência... Continua a ser um triste!</p> <p>Ainda há uns dias estava a conversar sobre isto com um dos "tristes" que me dou bem daqui:</p> <p>Registei-me no antigo motonline em 2004. Quase obrigado por outro triste muita porreiração... Que hoje já nem anda de moto!</p> <p>Em 13 anos (!!!) já perdi a conta à quantidade de líricos que aparecem a divagar sobre o andar de moto.</p> <p>A quantidade dos que acabam por despachar a moto supera largamente a quantidade dos que ficam!</p> <p>Escreves com toda a razão!</p> <p>Mas depois de tantos relatos dentro e fora das paredes do motonliners não deu para resistir.</p>
155	Nfilipe	<p>Eu ando de mota, logicamente porque gosto e ate apesar de perceber a palavra liberdade usada neste contexto, não acho que seja a palavra certa. Se existe muitas vantagens para quem anda de mota também existem muitas desvantagens.</p> <p>A mota para mim será sempre superior ao carro em termos de emoções porque não dá para comparar andar enclausurado dentro de um compartimento que é o carro com o a vontade que temos na mota.</p> <p>Mas já se disse e concordo, mota não é só coisas boas, isto aquilo e o outro.</p> <p>Um gajo tem que andar com um olho no burro e outro no cigano, parece que há sempre alguém desejoso de nos mandar uma trancada, é as curtas manutenções que a mota exige, é ter uma garagem para ela dormir, é andar artilhado ate aos dentes em caso de queda, é rezar para que depois da curva</p>

		<p>não haja óleo ou gravilha, ou os dois!</p> <p>E mais, e andar de mota com chuva ou aquele frio que ate bate nos ossos?</p> <p>Nestes casos, gosto muito é do meu carro! Ahaha</p>
156	marco.clara	<p>Honestamente, depois de muita opinião ler neste tópico, não percebo qual é o problema da palavra "liberdade".</p> <p>Não percebo as críticas a quem se sente livre quando anda de mota. Independentemente de ter a mota há 1 ano, 10 anos ou 50 anos. Independentemente de pagar imposto na gasosa, no IUC ou no que for. Porque é que isto tem de ser uma "visão romântica" da coisa, se diz respeito apenas e só a cada um, e à forma como cada um vive a coisa?</p> <p>Todos nós fazemos coisas que nos fazem sentir algo. Quem são os outros para decidir o que cada um sente? Quem são os outros para interpretar o que alguém quer dizer quando diz que se sente livre? Se alguém se sente livre a andar de mota, a andar de bicicleta ou a andar a pé, qual é o problema? Porque é que esse alguém tem de ser apelidado de lírico por causa disso? Seria mais livre a andar de autocarro?</p> <p>Parece-me que os que criticam os outros e que os rotulam de "carneirada", fazem eles próprios parte de uma outra "carneirada" bem pior, aquela que tem de ser do contra só porque sim.</p> <p>Edit: "by the way", a pergunta do tópico era sobre o que é para um o "prazer" de andar de mota, e não o "incómodo" de andar de mota...</p>
157	Tiago Rosado	<p>Resumindo... As duas rodas extras de um carro são um estorvo (olha eu a cuspir para o ar...tenho a mota na oficina e tenho tido necessidade do carro!!!)... Mota é um meio para produzir e alcançar felicidade... E esse mesmo meio dá-me a liberdade de produzir a felicidade da maneira que eu quiser (Depressa, devagar, deitado, etc.)...</p>
158	pedromt07	<p>Faz o que eu digo, e não o que eu faço. O mundo é todo hipócrita, get used to it</p> <p>Enquanto discutiam o que era liberdade, fui andar de mota e foi bastante libertador</p>
159	nelsonajm	<p>Há coisa de 3 semanas fui dar uma volta de mota com dois amigos... A verdade é que o que nós gostamos é de andar de mota... E não é preciso ter de fazer muitos quilómetros... Saímos de manhã... Deviam ser umas 9:30 um quarto para as dez... Mais coisa menos coisa... eu... Era o mais novo... E quem tinha a moto mais nova... Por isso já estão a ver no que ia dar... O gajo mais novo tinha 41 anos e a mota 24 anos... Os outros dois, um com 48 e o outro com 50...</p> <p>Bem... isto para contar... que lá arrancámos... e já nos estávamos a queixar do</p>

		<p>calor dos casacos, dos capacetes e das luvas... mas lá fomos... andámos o dia todo... eh pá... mas é que andamos mesmo o dia quase todo a rolar pá... parámos só para almoçar... o passeio foi para a zona de Leiria...</p> <p>Quando a fome apertou... Paramos literalmente na berma da estrada numa sombra e abancamos no meio do chão e sacamos dos queijos e enchidos que tínhamos trazido nas mochilas, pão de canela também havia... águas... frescas... Porque estavam congeladas quando saímos... Conversa daqui, conversa dali, conversa para acolá...e quando demos por ela... Tínhamos estado parados a almoçar umas 3 horas... À sombra duns eucaliptos... é que a porra do tempo passou num instante...</p> <p>Entretanto, arrumar coisas... e arrancar novamente para cumprir o itinerário combinado... uma paragem para abastecer... e uns quilómetros mais tarde... alguém se queixou que lhe doíam os ombros e precisava de parar... felizmente estávamos quase a chegar a Muge... mais uns minutos e paramos à porta do Silas... bifanas para todos...</p> <p>Quando demos por ela... "eh pá... Estamos aqui à mais de uma hora... Se calhar é melhor arrancar..." pagamos e demos às de Vila Diogo... Nova queixa do calor dos casacos, das luvas e dos capacetes... Mas lá fomos...</p> <p>Cheguei a casa eram quase 8 da noite, mais coisa menos coisa... E o incrível... Só com 302 quilómetros feitos...</p> <p>Isto é umas das formas que gosto de andar de mota.</p>
160	nunomsp	<p>Fui um dos que falei em sensação de liberdade, e reafirmo-o não por ser um cliché mas porque é verdade.</p> <p>Nos dias em que saio para andar de mota (e digo andar de mota apenas com a finalidade de andar de mota e não usá-la como meio de transporte), o sentimento é de liberdade. Liberdade de horários, liberdade porque o telemóvel fica como um mero utensílio para registar as chamadas perdidas, liberdade porque vou em cima dela apenas concentrado na condução ou em observar a paisagem, liberdade porque o destino é o que me apetecer em cada momento.</p> <p>Não vejo necessidade de entrar por aí porque talvez seja a palavra que melhor define o sentimento de quem goza a mota dessa forma. Para quê reinventar a roda?</p>
161	LoneRider	<p>Liberdade!?</p> <p>Para mim significa andar de moto.</p> <p>Aquele momento instantâneo, para mim é liberdade.</p> <p>Depois, é pá depois que se lixe!</p> <p>Às vezes, quando vejo mais cartas do esperado preparo-me para o pior, mas o</p>

		<p>que é certo é que, naquele momento fui livre...</p> <p>...e isso ninguém me tira.</p> <p>O que significa para mim andar de mota?</p> <p>Liberdade.</p>
162	Serzedo	<p>Sim, por vezes ela adormece, aí um gajo tem de ir com mais calma para não perder carga. Sim... Ela adormece mesmo.</p> <p>Eu acho é que... Ou um gajo vive de uma maneira muito diferente quando pega numa mota, ou então uns não conseguem absorver os sentimentos de andar de mota, porque andar de mota é apenas um meio de transporte, ou só sabe bem acima de muito rápido.</p> <p>Mas eu sei o que sinto e sei o que cada vez me faz gostar mais andar de mota, nem que seja debaixo de calor forte com casaco, botas e calças... O que os outros sentem, isso é lá com eles, está mais do que visto.</p> <p>"V"</p>
163	Cloud	<p>Eu não sou exemplo para ninguém, muitos diriam que eu nem moto tenho, mas uma coisa é certa, nenhum de vocês conseguiu ainda justificar esse sentimento de liberdade. Já falaram em não ter horários, não ter destino, não ter pressa, ter pressa, andar a 200km/h, andar sem casaco, e no final não conseguiram explicar porque é que isso é 'liberdade'. É que eu muitas vezes faço isso tudo (tirando o andar a 200, o carro só dá 180Km/h) de carro, e até me sinto mais livre, sempre vou sentadinho confortável com o AC on.</p> <p>O que explicou melhor o que sente a andar de mota ainda foi o noobie, o resto foi um pouco como o dfelix reclamou, muito lirismo com pouca explicação.</p> <p>A única liberdade que sinto a andar de moto é o facto de estarmos praticamente num mundo à parte, os carros estão lá e temos que ter cuidado com eles, mas parece que temos uma estrada só para nós, os carros vão ficando para trás e enquanto que num passeio de carro quando aparece algum domingueiro pela frente nem sempre dá para o ignorar, de moto é como se ele não existisse.</p> <p>Tirando isso, tudo o que disseram neste tópico até de comboio dá para fazer</p> <p>E acho que estão a subestimar o dfelix, ele não disse que não gostava de andar de moto ou que não tinha prazer, ele apenas contestou os sentimentos que muitos dizem que sentem como simples lirismos.</p>
164	nelsonajm	<p>Tirada do Baú... Da primeira vez que fui à Concentração de Góis...</p> <p>De certa forma, era libertador... A ausência de compromissos... Dono do meu tempo... O viajar sozinho... acampar...</p>
165	pneves33	<p>Venham mas é andar de mota para arejar as ideias... Cada um sabe o que sente... Se é liberdade, se é medo... Até pode ter orgasmos em cima da mota...</p>

		É andar e o resto é conversa...
166	BMagno	<p>Para mim não tem a ver com liberdade mas sim com suspender o tempo.</p> <p>Nunca vos aconteceu encontrarem um amigo que já não veem há mais de vinte anos mas que assim que se encontram começam a falar das coisas que falavam nessa altura como se não tivesse passado tempo nenhum?</p> <p>É assim que eu me sinto quando ando de mota. Paro num momento lá atrás no tempo.</p>
167	LoneRider	<p>Apesar de parecer uma pessoa extrovertida, os meus amigos mais chegados conhecem a minha essência nostálgica e os delicados equilíbrios que tento manter dentro de mim para que fora seja assim, um poço de alegria. Outros dizem que ponho cara de mau para que não descubram que na realidade sou um coração de manteiga derretida ao sol.</p> <p>Por motivos que me superaram, as férias de Natal se viram marcadas pela impossibilidade de fazer a viagem que estava programada e os dias que estavam pensados para curvas, paisagens e fotografias, passaram-se a organizar roupa, varrer o chão de casa e demais tarefas domésticas.</p> <p>Todo um aborrecimento que me tirou o sono.</p> <p>Necessitava um escape, de visitar a essência do motociclismo.</p> <p>Andar de mota!</p> <p>Eram 4h30 da manhã e andava as voltas na cama, doía-me o corpo, sentia-me cansado de não fazer nada. Ouvia o distante assobio da caldeira de gás que tratava de manter habitável a minha casa, aquecendo o ambiente para uns agradáveis 20°C.</p> <p>Outra volta na cama e volto a perguntar-me:</p> <p>“O que é que te falta Rui?</p> <p>Andar de mota!</p> <p>E se sabes a resposta porque raio te resistes!?</p> <p>Donde vou?</p> <p>Sem destino.</p> <p>Fazer o quê?</p> <p>Logo se vê.</p> <p>Para quê?</p> <p>Andar de mota!”</p> <p>Saltei da cama, fui ao armário e retirei o meu fato de turismo, procurei na gaveta o meu fato térmico, o meu passa montanhas e as luvas de inverno!</p> <p>Em seguida desliguei a caldeira e abri as janelas para que o frio da noite ambientasse a casa.</p> <p>Desci há garagem para subir as malas de Dorothy, lancei-lhe um olhar</p>

		<p>cúmplice como que dizendo:</p> <p>“Prepara os cavalos!</p> <p>Vamos dar uma voltinha sem destino!”</p> <p>Na mala, o tripé da câmara, a câmara, uma muda de roupa, o estojo da barba, um mapa da península, um carregador do telemóvel e a bateria suplementar.</p> <p>Utebo, dois graus negativos, mais ou menos seis da manhã!</p> <p>Frio!?</p> <p>Isso é para frouxos!</p> <p>Pela frente quilómetros de estrada, sem saber bem donde ia parar, apenas com um único objetivo.</p> <p>Andar de Mota!</p> <p>Decidi passar pelo centro de Zaragoza, aproveitando a tranquilidade da madrugada para desfrutar da decoração de natal.</p> <p>Depois apanhei direção ao desconhecido, sem GPS ou mapas, só sabia que ia de encontro ao sol, que se preparava para aparecer no meu Horizonte!</p> <p>A estrada, a minha casa, que serpenteava por montes e vales, oferecendo-me as curvas que tanto ansiava, que fazia com aprumo e concentração, procurando o sol. Lá fora, depois de passar as capas que me protegiam, o frio que gelou todo há minha volta punha à prova o meu equipamento, que se resistia, mantendo a minha temperatura estável e evitando o sofrimento.</p> <p>Contudo, seria por pouco tempo, e os dedos começaram a sentir o frio que, pouco a pouco, contaminava os tecidos das minhas luvas já veteranas.</p> <p>Que fazer para evitar aquele formigueiro gélido que te paralisa de forma dolorosa as extremidades?</p> <p>Não parar de mexer, para facilitar a circulação de sangue.</p> <p>Apesar disso, na minha alma vivia-se júbilo, a cada curva, a cada aceleração, a cada paisagem, o sentimento de liberdade ia contaminando o meu estado de espírito.</p> <p>O sol já se via no horizonte, uma enorme laranja que se levantava, deixando aqueles que caminhavam até ele cegos, montando um espetáculo de sombras e “clareiras” que marcavam a diferença entre estar gelado ou aquecido pelo astro!</p> <p>Algo me chama a atenção, umas ruínas, montadas no dorso de uma colina erosionada pelo tempo.</p> <p>Os sinais indicavam um caminho de terra.</p> <p>Existe alguma coisa que impeça a um Motard de ir donde quer que seja?</p> <p>Não!</p> <p>Foi assim que Dorothy fez a sua primeira incursão por caminhos de terra</p>
--	--	---

		<p>batida.</p> <p>Com o merecido prémio ao final deste.</p> <p>Castelo de La Palma, construído pelos muçulmanos a quando do seu domínio nestas terras.</p> <p>E este é o Ebro, que leva as águas gélidas do Cantábrico até ao Mediterrâneo.</p> <p>O Castelo merece uma visita mais detalhada, mas hoje não era o momento.</p> <p>Limitamo-nos a por o pino vermelho no mapa para no futuro prestar-lhe a atenção que se merece.</p> <p>Voltamos há estrada e despedimo-nos de Sastago...</p> <p>Outra vez a estrada, outra vez a luta travada pelo ar gélido, na tentativa de me demover do meu principal objetivo.</p> <p>Andar de mota!</p> <p>A estrada, a minha igreja, terreno do meu culto, torcia-se para salvar montes e vales, passando por povoações como Escatron ou Caspe, onde assumi o compromisso de voltar para falar de outro Compromisso, muito mais transcendental na história de Espanha.</p> <p>E a estrada volta a exigir a nossa presença no asfalto, porque se aproximam os desafios da serra de Tarragona, já na comunidade do Condado de Barcelona.</p> <p>E o leito de prazer por donde deslizávamos, começa a oferecer-nos curvas rápidas, recortando o monte, subindo e descendo os vales, exigindo a Dorothy aprumo e precisão, roubando-me toda a concentração para que ambos constituíssemos o binómio inexpugnável que venceria todos os desafio que a estrada nos ia plantando no horizonte, quilómetro a quilómetro.</p> <p>Viajava só, levando ilusão e esperança, sem um destino marcado, sem objetivos, sem saber o que fazer, só com uma vontade.</p> <p>Andar de mota!</p> <p>E foi assim que entrei nos domínios da capital catalã, sem saber bem o porquê, mas feliz por tudo o que já tinha vivido até então.</p> <p>Donde ir?</p> <p>Vamos ao circuito de Montemeló.</p> <p>Vagueamos por ali, sem saber donde ir ou donde parar...</p> <p>Terminamos fazendo um check-in num dos hotéis das redondezas e despojamos a Dorothy das malas e da minha pessoa o fato que começava a assar-me a “fogo lento”.</p> <p>Donde vamos!?</p> <p>Andar de mota!</p> <p>Aproveita Dorothy!</p>
--	--	---

		<p>Não é todos os dias que se tem uma cidade inteira a teus pés!</p> <p>Tibidabo é um monte que domina toda a cidade, mas é sobejamente conhecido pelo seu parque de atrações.</p> <p>Mas as estradas são o mais atrativo.</p> <p>As curvas técnicas e lentas são predominantes e foi nelas que pusemos há prova os musculados baixos de Dorothy. Quando estas acabaram, dirigimo-nos há capital para voltar a subir, mas desta vez ao castelo!</p> <p>Andamos por ali, até que o sol nos roubou o calor.</p> <p>Era tempo de voltar ao hotel, tomar banho, mudar de roupa e voltar há cidade. O jantar era promissor!</p> <p>Há mesa não iam só estar as delicias culinárias catalãs, mas também dois amigos que vivem na Cidade Condal. Hugo e Ângela, Motards empedernidos, viviam há já uns anos em Barcelona. Conheci-os através do extinto Motonline e com eles travei amizade. Aventureiros, amantes das viagens em comunhão com as duas rodas e um espírito enorme, levavam tempo puxando-me as orelhas por causa de uma visita prometida, e que por esta ou outra razão não me foi possível cumprir.</p> <p>Como o prometido é devido, o serão, para além das esquisitas e deliciosas “tapas de sabores mediterrâneos”, foi bastante entretido. Falamos da Dorothy, da Hikari e das aventuras vividas recentemente, assim como da veteranaria da Maria das Curvas, dos projetos vindouros e dos conselhos que, de igual para igual, se trocam nestas ocasiões!</p> <p>Foi tão bom (desde o meu ponto de vista) que nem fizemos foto para imortalizar o momento.</p> <p>Sinal de que os momentos vividos são e serão memoráveis!</p> <p>Depois...</p> <p>Dormir, descansar os ossos e os cavalos era imperioso.</p> <p>Voltei a abrir o olho passadas as oito da manhã, enroscado no édredon, espreguiço-me com lentidão e sorrio com a ideia de que hoje tinha muito quilómetros para fazer.</p> <p>Era como acordar depois de uma noite de amor, em vez de abraçar a tua amada passando a mão carinhosamente pelos seus seios, enroscava-me no édredon feliz por estar longe de tudo e feliz porque em breve tinha que voltar a tudo!</p> <p>O pequeno-almoço foi adornado pelos fiambres, croissants e, o quase meio litro de leite habitual.</p> <p>Pagamos a conta e montamos as malas em Dorothy.</p> <p>Voltamos há estrada com o mesmo propósito...</p> <p>Andar de mota!</p>
--	--	---

		<p>Donde ir!?</p> <p>Ia com vontade de farejar as curvas, que por referência em Catalunha abundam!</p> <p>Rumei a norte, até aos Pireneus, onde a estrada se volta a torcer.</p> <p>E pronto...</p> <p>A neve é um atrativo mais que convincente!</p> <p>Rumamos em direção do Principado.</p> <p>É verdade que o trânsito intenso retirou um pouco o encanto há coisa, mas agora tinha um objetivo de superação.</p> <p>Subir ao Pas de la Casa.</p> <p>Pas de la Casa é um pico dos Pirenéus que ascende aos 2680 metros de altitude, contudo no patamar dos 2000 metros está a povoação e estação de esqui com o mesmo nome.</p> <p>A ideia era subir até há estação e desfrutar do sol gelado pela neve.</p> <p>Infelizmente, dadas as condições da estrada e os avisos sobre a obrigatoriedade do uso de correntes, ficamos a poucos quilómetros da estação de Sky.</p> <p>Na prática, já tinha visto que as condições se degradavam e a roda traseira da Dorothy já o tinha notado por um par de vezes.</p> <p>Com -4 °C de temperatura era muito possível a formação de gelo e eu queria voltar, apesar de saber que era um aliciante tremendo correr o risco.</p> <p>Mas o objetivo era, e continuava a ser, o mesmo.</p> <p>Andar de moto.</p> <p>E assim foi.</p> <p>Demos a volta e voltamos há estrada.</p> <p>Foi uma pena não chegar ao Pas de la Casa, mas outras oportunidades virão!</p> <p>Quando saímos do “barulho” de Andorra, a estrada voltou a oferecer o melhor que tem. Curvas rápidas, estrada larga e piso de primeira e novamente o binómio a funcionar para rasgar um sorriso de orelha a orelha!</p> <p>Sabíamos que íamos em direção há monotonia, sabíamos que íamos em direção ao de sempre, trabalho, responsabilidades, problemas e o dia-a-dia, mas as baterias estavam renovadas, prontas para novos ciclos e estes dois dias foram só para uma coisa.</p> <p>Uma coisa que me dá muito prazer.</p> <p>Andar de mota!</p>
168	cabs	<p>Muito bom</p> <p>E sair sem destino só para andar de mota é ainda melhor, cheira mais a aventura e descobre-se sempre algum tesourinho que doutra maneira não se</p>

		ia lá dar
169	dt_50r_sm	<p>Primeiro, parabéns por essa excelente volta, digna de 5 estrelas, em segundo, um bem-haja à tua capacidade de em complemento às maravilhosas fotos, dares vida a este tópico!</p> <p>E sim, o que pode ser melhor que partir sem rumo à procura de absolutamente nada a não ser o prazer de andar de moto</p>
170	Johnny_1056	<p>Boas;</p> <p>Lone Rider, compreendo perfeitamente a "necessidade terapêutica" de andar de moto.</p> <p>Também recorro a ela, não tanto quanto gostava mas sempre que possível.</p> <p>Andar com frio leva-nos a estar mais despertos e de certa forma a conseguir uma focagem superior em relação ao que realmente interessa. A Serra da Estrela é muitas vezes o meu reduto de emergência aqui ao lado de casa.</p> <p>As zonas raianas que referes do "teu" lado da fronteira também já foram "lugar de perdição", estradas e paisagens deslumbrantes com a vantagem de estarem também logo aqui ao lado.</p> <p>Há uns anos pernoitei em Zaragoza, quando fui ver o Mundial de SBK ao Motorland. No fim das corridas baixei por Teruel e contornei pelo sul a Serra de Cuenca; encontrei uns troços interessantes.</p> <p>Fiquei deslumbrado e com vontade de voltar com mais tempo. Essa zona de Espanha merece uma visita aprofundada, tal como a sempre eternamente adiada viagem ao Deserto de Tabernas.</p> <p>Quando referi que a Espanha é monótona deve-se basicamente ao eixo mais comum para a atravessar a partir da minha zona pela Meseta Ibérica.</p> <p>Barcelona, por si só merece uma visita específica.</p>
171	devil_lips63	<p>O episódio que vou descrever passou-se ontem, durante o passeio que fiz pelas montanhas. Ia eu nos meus 60/70 Km/h, a apreciar a paisagem e o vento nas ventas, quando sou ultrapassado por um grupo de 3 motards.</p> <p>Quando me arrumei para a beira para lhes facilitar a ultrapassagem, o último da fila mandou alto cumprimento. Pode até ser costume corrente, mas a mim, e no momento, marcou-me bastante, pela positiva claro. Quando se vai de carro não há nada disto, e são estes pequenos pormenores que ajudam ao gosto pelas duas rodas.</p> <p>Acredito que também haja gente menos interessante neste meio, mas felizmente ainda só me apareceram porreiraços (as).</p>
172	carlos-kb	<p>Pá... A minha moto é de alumínio... Aquilo não enferruja. Motos de aço é enferrujam!</p> <p>devil_lips63.... O meu espírito "motard" é o de arranjar num belo grupo de</p>

		<p>amigos, como os daqui do fórum (Xiko, Rod, Noobie, Saphyr, bandido / Carço, Pedromig, Michefpinto, Raminhos, Quatropiscas, Ricky, Rruella, Officer, JohnnyBGood, e outros tantos que tais), delinear um belo itinerário, passar uns bons momentos de camaradagem, boa disposição, bem comidos, bem bebidos, contar umas piadolas, fazer umas brincadeiras (como a dos peixinhos cabeçudos), e tudo com o pretexto de fazer uns bons quilómetros de moto, ajudando-nos mutuamente, respeitando-nos uns aos outros e às "regras" de grupo, tirando todo o prazer do que é "andar" de moto... E no final todos ficarem com imensa vontade de repetir. Para mim este é o melhor espírito motociclista (*) (e como abomino esse afrancesamento do termo)!</p> <p>(*) Abomino este termo de "motard", porque a tradução literal do mesmo para português é simplesmente motociclista. E é isso que no fundo nós somos, independentemente da conduta de cada um e da forma como depois vive este fenómeno.</p>
173	pedromt07	<p>Eu quando me deparo com motas/motards aceno sempre com a mão esquerda. Infelizmente apenas metade retribui, mas não faz mal, desde que alguém retribua</p>
174	tarasofia	<p>Eu não tenho o hábito de cumprimentar os condutores de outros motociclos com que me cruzo, mas quando o outro toma a iniciativa, retribuo.</p> <p>Sinceramente, eu gosto de motas, muito mesmo, mas não sinto qualquer necessidade de frequentar meios relacionados com motociclismo, sejam eles provas ou concentrações. Também nunca me passou pela cabeça pertencer a um motoclube. A coisa mais positiva que retiro dos ajuntamentos de motociclos é poder «babar-me» a olhar para as motas dos outros.</p> <p>Gosto de motas, conduzir uma mota dá-me um gozo do palavrão, não sinto a necessidade de pertencer a uma «matilha», nem aprecio o elitismo (que embora muitos neguem) existe no meio... Ferros só rolam com ferros, plásticos com plásticos, motorrads com motorrads...</p> <p>Gosto de passear com amigos, que tenham mota, não me interessa que tipos de mota são, ou a cilindrada. Sair com outras motas é pelo convívio com os amigos (felizmente parece que a maioria dos utilizadores aqui também tem esta visão)</p> <p>Eu não tenho espírito motard</p>
175	rZm	<p>Eu, sendo um 'cristão' (motociclista) novo, isto é, há cerca de 4 anos, quase sempre fiz questão de cumprimentar outros nossos semelhantes, infelizmente raramente recebo o cumprimento de volta, e admito que começo a estereotipar quem não responde. Enfim, os poucos valem por muitos!</p> <p>Em relação à voltinha primavera, à costa vicentina, vamos a ela. A TL vai</p>

		levar pneus em breve, por isso estará 'good to go!'
176	dfelix	<p>Não podes dar demasiada importância a isso...</p> <p>Há uns quantos anos atrás pegavas na moto para ir ao norte ou ao Algarve e contavas pelos dedos os motociclistas com que te cruzavas.</p> <p>Hoje em dia se for preciso cruzas-te com largas dezenas.</p> <p>Não quer dizer que não exista cumplicidade. Mas acaba por ser sobretudo um gesto instituído só porque se vê outro fulano de moto.</p> <p>Vale o que vale.</p> <p>Costumo responder apenas por cortesia. Mas acaba por ser por "obrigação".</p> <p>O que é um bocado hipócrita.</p> <p>Salvo raras exceções não tomo a iniciativa... Até porque acho isto do "espírito motard" uma valente palhaçada!</p> <p>Curiosamente, acho que já parei para ajudar mais gente do que as vezes que levantei a mão para cumprimentar.</p>
177	dfelix	<p>O fenómeno dos grupos, fóruns e clubes monomarca e monomodelo já existia antes do boom da GS!</p> <p>Há 10 anos atrás já tinhas fóruns só de hornets, de fz's, hayabusas e outros modelos populares, marcas ou estilos...</p> <p>O TMCP por exemplo, tem 23 anos.</p> <p>Todos eles se juntam, organizam encontros e passeios... Pelo que achar que exatamente a mesma receita aplicada às GS é elitismo, parece-me um bocado parolo!</p>
178	jofra	<p>Sofro desse mal, tenho uma transalp 650, e as vezes quando passo por motards com certos tipos de motas (maioritariamente R's) começam-se a rir ou a olhar de lado (vejo isso nas bombas ou semáforos), não ligo claro.</p> <p>Quanto ao cumprimentos, sou um dos que cumprimenta tudo o que tem duas rodas, as vezes não sou respondido (durante a semana é para esquecer...) outras sou (mais no fins de semana quando a malta vai passear), curiosamente noto que a malta BMW responde menos.. Não sei porque</p>
179	Saphyr	<p>Bem, vocês são mais papistas que o papa, não defendem o ser motard, defendem o não-ser motard.</p> <p>Eu muito sinceramente tenho que confessar que o sou. Não pelo elitismo de ter um veículo que me obriga a andar feito um chouriço, cheio de proteções, ensopado e com frio, comprovando assim a superioridade sobre os comuns e enxutos mortais, nem por andar mais depressa que os outros, até porque a minha faixa na autoestrada geralmente é a da direita, muito menos por pertencer a uma "matilha", 90% do tempo ando sozinho com a pendura e os meus amigos do dia-a-dia andam todos de transportes.</p>

		<p>Mas a verdade é que sou motard. Mesmo encheado, ensopado, com a roupa mais prática. Como diz o quote do Xico, não compraste uma moto, compraste um estilo de vida. Ando feio, com as botas machadas de óleo, de casaco de moto em todo o lado. E prefiro assim, mesmo com os inconvenientes todos, como nunca estar apresentável, ter que usar ceroulas nos dias frios, etc.</p> <p>Há quem tenha moto e não seja assim, andam só com bom tempo e em passeio. Esses é que acho que não se podem dizer motards. Eu, mais do que poder dizer, sinto que tenho que o dizer.</p> <p>Mas cada um se vê a si mesmo como quiser.</p>
180	pedromt07	<p>Devo dizer que estes pequenos momentos são os melhores: chegares ao farol e colegas motard's desviarem-se para tu poderes estar ao lado deles, nos carros numa aconteceria isto, e além disso receber uma boa tarde. Hoje vim desde o arco do cego até à gulbenkian sempre ao lado de uma nx250 e uma xt600, parecia tipo passeio</p>
181	Bad Attitude	<p>Eu já fui cumprimentado 2x</p> <p>Na primeira ainda mal sabia andar em frente quanto mais tirar a mão do guiador e não cumprimentei de volta, na outra quando processei que fui cumprimentado já o gajo da VTR estava a milhas</p> <p>Num futuro próximo espero conseguir cumprimentar alguém</p>
182	Bad Attitude	<p>Eu fui cumprimentado no domingo</p> <p>Como moro perto do Cartaxo apanho o pessoal todo que vai a Dainese, vinha uma ducati monster em sentido contrario eu abrandei e ainda fiquei naquela, cumprimento ou não cumprimento, depois ele esticou o braço para o lado cumprimentou-me, e eu retribui</p> <p>Fiz logo o resto da volta de peito cheio</p>
183	Serzedo	<p>Eu cumprimento o pessoal todo que consigo, não espero que seja o outro, sei que o pessoal é tímido mas vai respondendo.</p> <p>"V"</p>
184	vindaloo	<p>Está associado a muita gente em ciclomotores nunca partilhar desde hábito de saudação pois em muitos casos são resquícios de uma necessidade deslocação.</p> <p>Se passar numa aldeia, e passar por um senhor de mais idade numa scooter também não ando feito parvo a fazer os 'V's</p>
185	mr_trecolarec o	<p>Eu nem é pela cilindrada, mas pelo tipo de moto.</p> <p>Em norma as aceleras por Lisboa e arredores são pessoas que se deslocam de moto e não motards/motociclistas com o espírito de entreajuda. Já não me dou ao trabalho de tentar infelizmente.</p>

186	Pianoman	<p>Eu agradeço uma gentileza de um enlatado sempre com a mão direita.</p> <p>Isto porque a cena de esticar a perna direita parece-me que poderá ser mal compreendida pela maior parte deles e porque agradecer com a mão esquerda poderá não ser bem visível. Essa encarrega-se apenas do "V" de cumprimento a outros motociclistas.</p> <p>Ahhh...e como agradeço com a mão direita SEM deixar de acelerar? Fácil. Tenho um Cruise Control que me permite fazê-lo com a maior das facilidades. Acredito que já várias pessoas tenham ficado espantadas a ver como tal "fenómeno" é possível!</p>
187	Furras	<p>Há uns tempos atrás no caminho do trabalho até casa, desenrasquei um companheiro das duas rodas, numa rotunda chegava eu de um lado e ele do outro, reparei logo que algo se passava com ele/mota, ele encostou eu dei a volta há rotunda e fui ao seu encontro, o companheiro tinha uma Virago 535 com o kit de transmissão nas lonas e consequentemente a corrente muito larga e sai-lhe a corrente em andamento.</p> <p>Lá pusemos a corrente ao sítio e ele seguiu viagem, não sem antes ouvir uma ou outra boca sobre a pouca manutenção feita há mota...</p> <p>Eu ia de pópó</p>
188	LoneRider	<p>É pá!</p> <p>Acho que é melhor parar e perguntar se é necessário alguma coisa do que estar enrascado e ninguém querer saber!</p> <p>Está-se a tentar fazer transparecer que aquele que para num gesto solidário é um otário.</p> <p>Eu acho que aquele que para é pergunta se é necessário alguma coisa só tem boa intenção e se apanha o companheiro a fazer coisas que felizmente não são urgências mecânicas, só tem que agradecer e cada uma segue a sua vida.</p> <p>Otário se calhar, é aquele que acha estas situações cómicas e se parodia com elas.</p> <p>Parar para auxiliar um companheiro, mesmo que não seja o caso é um ato solidário e que entra perfeitamente no espírito de entre ajuda que ainda existe em alguns motociclistas.</p>
189	IgordeMelo	<p>Eu paro sempre!! O pior é que se precisarem de ajuda mecânica, bem que se palavrão, pois eu não percebo um charuto do tema</p> <p>Contudo, sou gajo para ajudar naquilo que conseguir... Só não dou o palavrão!!</p>
190	dfelix	<p>Hoje foi dia de correria. Falta de tempo que levou a atrasos. Atrasos que levaram a excesso de punho direito já na reserva.</p> <p>E para terminar, uma paragem cerebral no momento em que deveria ter</p>

		<p>entrado para a estação de serviço.</p> <p>Resultado... Fiquei sem gasolina à saída da ponte Vasco da Gama no sentido sul.</p> <p>(e já é a terceira vez que me acontece. Segunda precisamente na ponte)</p> <p>Para meu espanto... não parou um, nem dois, nem três...</p> <p>Não contei mas pararam na boa um grupo de 10 motociclistas a perguntar se precisava da ajuda.</p> <p>(De todos destacava-se uma RC8 branca lindíssima... Que vinha na frente e foi o que teve a iniciativa de encostar. Sem ignorar um casal numa FJR que foram super cordiais e atenciosos)</p> <p>Pela indumentária e sobretudo pelo excesso de "espírito" diria que seguiam em grupo para uma concentração.</p> <p>Em situações normais a malta não está tão recetiva a isso.</p> <p>Portanto, aqui fica o meu testemunho (de gajo cético e venenoso sobre o tema) a confirmar que o "espírito" que tanto apregoam ainda existe.</p> <p>Só que...</p> <p>Apareceu ajuda. Mas e depois?</p> <p>Ia cravar gasolina a um deles? Ia cravar uma boleiazinha para ir buscar gota que implicava uma ida e volta a Lisboa com portagem pelo meio? Ia meter malta que seguia a sua viagem a fazer desvios?</p> <p>Naaaa...</p> <p>Agradei. E empurrei 4 quilómetros.</p>
191	Caroço	<p>Lwillow</p> <p>Há quanto tempo andas de moto???</p> <p>"Respeito motard"????? Disse o gajo, mas cheira-me que começaste neste mundo ao mesmo tempo que o Facebook...</p> <p>Eu nos dois anos que ando nisto (desde os meus 12) sempre ouvi falar no espírito motard, derivado de o facto de em todos os filmes que passavam desde o Charlie Chaplin, o gajo da moto era sempre o criminoso, designação criada pelos meninos da cidade que nem de bicicleta andavam para não esfolar os joelhos porque depois não tinham aparência vistosa quando vestiam calções quando passeavam nos seus carros tipo fords t esquecendo-se que os meios de transporte rurais eram os veículos de duas rodas...</p> <p>Manientos como sempre, os ricos da cidade, cada vez que iam a aldeia e se julgavam os maiores, levavam umas belas tapas no focinho, dos gajos das bicicletas e dos a motor, onde fugiam assim que a polícia chegava (sim, porque os meninos ricos já naquela altura a polícia respeitava e não maltratava, tal e qual como ainda hoje é assim)</p>

		<p>Pelos filmes e pelos meninos da cidade, vulgos políticos, o motociclista foi sempre considerado o criminoso vulgo "feio porco e mau " (obs.: da minha parte com muito gosto e prazer)</p> <p>Ora por sermos considerados isso, foi-se criando um ambiente de companheirismo, solidariedade e apoio, onde sempre se cultivou o: parar para ajudar o companheiro, e isso foi transmitido de geração a geração, alguns ainda respeitam, outros deturparam e outros dizem que o fazem e não fazem nada.</p> <p>Mas concluindo, isto não é uma lei, nem uma regra, e muito menos obrigatório, mas era uma verdade.</p> <p>Eu já ajudei, e já fui ajudado ao longo destes 2 anos (desde os meus 12) e acredita que falha minha sempre foi o esquecer-me de meter gasolina, e nunca arrastei nenhum veículo em pelo menos umas 200 vezes que fiquei sem gasolina (chamei a assistência em viagem que é de borla) nos casos que não apareceram companheiros...</p> <p>Quanto ao felix, lamentavelmente o único que posso dizer é chamar-lhe de BURRO com três BBB, porque tem o número da maioria dos companheiros do tempo dele que participam aqui no fórum e bastava ligar para um deles arrancar para o desenrascar...</p> <p>Acho que ele ate pensou nisso, mas como orgulhoso que e betatester dos espíritos e convenções, fez de propósito só para ver quem parava ou se o companheirismo dos nossos tempos ainda estava de pé, mas não deixou de ser burro, porque ele até trabalha na área das " assistências de viagem ".</p> <p>No entanto fico deveras contente...</p> <p>Alguém neste fórum escreve mais do que eu, eu escrevia testamentos, tu escreves livros...</p> <p>Meu companheiro e irmão (ou talvez seja adequado dizer... avô...)</p> <p>felix , vai-te queixar pró... palavrão</p>
192	LWillow	<p>Caroço,</p> <p>Não fui eu que escrevi aquele 'sermão', se tivesses prestado atenção eu disse que tinha ido buscar aquele texto ao Facebook de outro tipo. Apenas o copiei e publiquei aqui para 'agitar as águas' e colocar mais algumas 'achas à fogueira' do tema do tópico.</p> <p>Mas repito que até concordo com algumas das 'azias' daquele sujeito. Há também muito 'show-off' e 'bimbalhice' metida pelo meio desse tal 'espírito motard' assim como muita 'conversa da treta' e 'fardas a condizer' .</p> <p>No fundo acho que o que tu valorizas nesse tal 'espírito motard' é o que eu e muita gente valoriza na vida do 'dia-a-dia' : amizade genuína,</p>

		<p>companheirismo, personalidade de 'boa onda' , solidariedade, convívio, evasão, aventura, , Mas isso é uma postura 'universal' e não 'propriedade dos motociclistas' .</p> <p>Encontras esse mesmo espírito de 'tribo' noutros grupos unidos em torno de outros 'hobbies' /'paixões'/ atividades/ ... Como o pessoal do surf, das moto4, dos jipes, do montanhismo, etc, etc, etc. O 'espírito' é o mesmo só que...'cada um com a sua mania', a dos motociclistas é mais uma, para os apaixonados das motas é O VERDADEIRO e O MELHOR, mas é apenas DIFERENTE (e com muitos 'cromos' também 'à mistura' , alguns deles uma boa...).</p> <p>Resumindo : eu não dou logo 'vantagem' a um gajo só porque anda de mota ou usa um colete cheio de crachás, etc. E acho que andar a apregoar a bíblia do 'espírito motard' é andar a 'vender banha-da-cobra', o que verdadeiramente conta é a pessoa 'em si' ... E depois, se gostar de andar de mota... Ainda melhor!</p>
193	IgordeMelo	<p>Eu quando era miúdo, gostava muito das claquices, coisa que ainda vou espreitando, pois é algo que me fascina, é o espetáculo fora das quatro linhas, na bancada. Era um fedelho que para ser diferente dos da minha idade, como não podia ser rebelde e andar de moto, virei-me para esse "lado". Desde ir para Itália só com a roupa no corpo, com uma faixa de baixo dos braços, ou roubar extintores para fazer fumaradas..ehh</p> <p>Bem, aprendi muita coisa e a conclusão que tiro, e como qualquer subgrupo há aquilo que acima o caro</p> <p>LWillow enuncia, show-off e muita bimbahice. As pessoas não sabem ser low-profile, precisam de se anunciar ao Mundo, para que os restantes reparem e vejam que ele está ali e que merece toda a atenção que podem dar.</p> <p>Sinceramente, não pertenço a nenhum grupo, não faço ideias de pertencer, penso por mim próprio, visto-me como quero, se tiver que ir a um evento da malta de camisa de flanela vou, se tiver que ir a Faro e encontrar "azeiteiros" também o faço. Grupos? Nunca mais! Seleciona-se a malta bacana e esses passam a ser amigos, o resto que se palavrão.</p>
194	7pires	<p>Pequeno texto ligado ao mundo que tanto gosto, as duas rodas.</p> <p>Com mais idade as pessoas vão ficando mais calmas, vão pensando, "Porquê é que tive uma RR?"</p> <p>Será que é bom manter o mesmo espírito e constante numa vida?</p> <p>Há que procurar novos modelos, outras sensações, algo mais ligado à estrada normal e não às ilusões do que se vê nas corridas na TV dos ídolos dos motogp's, motas preparadas para dar 350km/h em circuitos fechados com objetivo de conduzir meio segundo mais rápido que o adversário. É bom</p>

		<p>competir, desenvolver capacidades, melhorar produtos.</p> <p>Quem gosta, e se é fanático, pouco há a fazer!</p> <p>Mesmo depois de ter passado por situações complicadas de saúde, o melhor mesmo é não deixar a modalidade, está entranhada no corpo,</p> <p>Há que controlar e procurar uma "situação" mais adequada à condição física e passar as fases normais de uma vida, genericamente falando:</p> <p>Aos 2anos anda-se de triciclo,</p> <p>Aos 6 a bicicleta,</p> <p>Aos 16 a 1ª 49cc,</p> <p>Aos 20 a 125,</p> <p>Aos 24 o motãozorro do palavrão com 200cv para se fazer palavrão de toda a maneira,</p> <p>Aos 35 lá se acalma e passa-se para uma sem plásticos com a desculpa que se anda mais devagar,</p> <p>Aos 40 talvez uma choper ou uma mais calma,</p> <p>Aos 50 possivelmente vem um veículo para ser usado para o que serve realmente, andar na estrada como todo comum mortal, depois de tanta porrada se ter apanhado ou erros feitos e dar graças que cá se está todo inteiro ou com algumas mazelas, que até sabe bem mostrar, mas altura custou e não foi pouco!</p> <p>Cada pessoa tem o seu feitio e ponto de vista, nenhuma pessoa é igual, um speedados e outros calmos, com tempo tudo vai passando, a que crescer e apreender a não fazer tanto disparate e seguir a vida normalmente, nem passar etapas da vida desde que se tem triciclo até ao mota que se adapta a si,</p> <p>Há que nascer viver, deixar descendentes e descansar em paz, mas bem velhinho! O percurso natural da vida,</p> <p>Para finalizar, como se costuma dizer:</p> <p>"Nem te adiantes, nem te atrases, sê um bom relógio"</p>
195	LoneRider	<p>As coisas que mais curto na vida são motas, café, música, comer e claro. ...</p> <p>A minha gaja nua!</p> <p>Também gosto de ver as gajas dos outros nua, mas não é a mesma coisa!</p>
196	Mr.Ricky	<p>O que eu mais gosto...</p> <p>Motos... Sexo... Sexo na moto... Música... Sexo... Sexo a ouvir musica...</p> <p>Filmes...</p> <p>Agora a sério, basicamente gosto de motos, música, filmes, mulher e filhos, férias, fins-de-semana, passear, convívio com petiscos e boa bebida... E sexo...</p>

197	quatropiscas	Sei lá, gosto de tanta coisa... Adoro a minha filha e mulher, gosto de carros, motos, sexo, comida, café, viagens, passeios, séries, filmes, conviver com os meus amigos.
198	Caroço	<p>Gosto de motos rápidas, cerveja fresca e mulheres quentes...</p> <p>Também de tudo o que tem a ver com desportos radicais, estou lá...</p> <p>Sempre me dediquei à chamada tecnologia inversa (que uns chamam de pirataria, mas que eu chamo de estudo) desde os telemóveis, encriptação dos fornecedores de serviços tv, ao software, Fascina-me esta área.</p> <p>Não menos importante, a música, pegar no saxofone e dar umas gaitadas, os bombeiros, embora não tao ativo como antes, sempre dei o meu melhor para ajudar os outros (muitas vezes sem recursos nenhuns) mas a satisfação de salvar uma vida é única, ajudar o próximo e fazer o bem sem olhar a quem faz parte do meu feitio, alegra-me ver um sorriso na cara das outras pessoas, e sim, apesar de já ter perdido muito com isso, continuo a faze-lo, e serei assim até morrer.</p> <p>Já mencionei a cerveja????</p>
199	7even	<p>O que eu mais gosto?...</p> <p>Complicado...</p> <ul style="list-style-type: none"> - Bonsais, mas depois de 20 anos a criar vários, acho que não levo grande jeito... - Modelismo ferroviário, já tenho muito material, mas vai ter de ficar para a reforma. - Passear com a minha outra metade, na moto de preferência. - Comer. - Beber uns copos e ficar ... Zen... - Ver filmes que captem o meu imaginário. <p>Não está por ordem!!</p> <p>E chega, senão dizem que gosto de quase tudo.</p>
200	LoneRider	<p>Ao administrador, agradecia que mantivesse este tópico aqui (em offtopic) por favor.</p> <p>Não se trata de lavar roupa suja, mas sim de uma perceção minha que pode (espero) que gere debate sobre curiosidades e o poder de encaixe do pessoal!</p> <p>Quando foi criado o fórum do Motorrad Fans, inscrevi-me e apresentei-me com a minha forma peculiar de escrever e comunicar. Alias, eu sabia que no grupo do Facebook por muito era visto como "persona non grata", só porque chamava tanqueta às GS e ventoinhas às BMW. Tanto que acabei por ser banido, com luva branca do grupo.</p> <p>O que é certo é que no Fórum homólogo também já não posso entrar e</p>

		<p>comentar.</p> <p>Gostaria de perguntar ao Carlos-kb se o mesmo está operacional ou se se trata de mais um fórum abandonado à deriva!</p> <p>Agora, enquanto amante das motos já muitos amigos me chamaram motoqueiro, motociclista, motorista (em Espanha) e até outros qualificativos mais generalistas. Existe por aqui, ele que se acuse, um membro que noutra fórum me chamou ditador ao qual eu reagi com uma gargalhada.</p> <p>Trata-se de ter poder de encaixe, de reverter coisas que podem ser desvantajosas em momentos de descontração para aprender com isso mesmo. Eu quando pratiquei desporto chamaram-me inúmeras vezes Filho da palavrão, ao qual respondia com ironia: "Não sei, nunca lá fui!"</p> <p>Tu que farias se entrasses num fórum e descobrisses que foste banido só porque o pessoal não te curte?</p> <p>Tu que farias se houvesse alguém que te apartasse de um grupo ou comunidade só porque tens uma forma diferente de ver as coisas?</p> <p>Achas que, só porque o teu semelhante vê as coisas de outra forma, não podes fazer com ele laços de amizade?</p> <p>Sem acusar uma crise existencial, mas tomando como exemplo a minha pessoa, que tem uma forma diferente de interatuar, irónica, sarcástica, irreverente, serei um potencial elemento banido das comunidades só porque não obedeco aos cânones estabelecidos?</p>
201	KOK	<p>Isso depende da forma de estar de cada um.</p> <p>Já passei por uma fase, em novo, que adorava confrontos verbais e tirava um prazer estranho e doentio disso mesmo.</p> <p>Creio que os grandes culpados eram os "chats", onde podíamos exacerbar, e no fundo acabava por ser uma terapia depois de um dia de trabalho palavrão. Com op's ou sem eles, a coisa acabava quase sempre do mesmo modo: ou em insulto ou em grandes tainadas de confraternização.</p> <p>Hoje em dia, quero é paz e sossego e desenvolvi uma capacidade impressionante de ignorar ou ficar indiferente a qualquer tipo de provocação mais cáustica. Em contrapartida, o humor ficou muito mais apurado e seletivo, o que seria de esperar com o avançar da idade.</p> <p>O poder de encaixe sempre foi o mesmo, o que mudou foi a maneira como respondo e a quem o faço ou merece que o faça.</p> <p>Quanto ao ser banido de algum lado da comunidade internauta (chats, fóruns, grupos, and so on), nunca me fez qualquer confusão nem me causou algum desconforto, porque as coisas valem pelo que valem, e normalmente neste tipo de coisa, não valem nada.</p>

		<p>Há toda uma vida lá fora, realmente importante e que merece a nossa preocupação.</p> <p>PS: Ainda na tentativa vã de ter um jantar à luz das velas contigo, diria que me identifico muito com a forma como "teclas", mas que nem sempre me sinto com vontade de o fazer e depois ter de me explicar, e como tal, por preguiça, acabo por tomar uma atitude mais low profile e menos confrontadora.</p>
202	nelsonajm	<p>Oh pá... Aquela gente é tão tapada... Penso que no início não o era... Era realmente um grupo meio informal... Onde até se debatiam coisas interessantes... Mas a coisa realmente foi escalando... E chegou ao que é hoje... Uma montra onde o pessoal vai mostrar a última GS que comprou... Ou mostrar a última GS de 2015, porque a de 2014 já não tem aquela luz especial que faz qualquer coisa que nem sei o quê... E não tem o último grito em segurança da Norton ou da AVG... E depois andam todos vestidos da mesma forma... Com aquelas t-shirts e tal... enfim... Eu como não gosto muito de carneiradas... Exceto o ir a Faro...</p> <p>Agora se o pessoal fosse igual a mim... eishhhh era uma grande chatice e ninguém se aturava... Às vezes até a mim me custa aturar a mim próprio...</p> <p>Agora falando deste grupo... MOTONLINERS... Considero a malta que cá anda... normal... Com os seus defeitos e as suas virtudes... Embora eu ache que sou muito melhor que a maioria deles... E que tenho a melhor moto do fórum... E a mais bonita... E que são todos uns badalhocos porque não sabem polir decentemente uns coletores de escape... E que não lavam a mota regularmente... Nem enceram a pintura... Vocês são é mas é todos uns badalhocos de primeira apanha é o que é... Vão dar uma volta ou ver se estou ali na esquina... E já não falo mais com vocês... Aliás vou pedir a tua impugnação do fórum, que levem todas umas valentes chibatadas... E vou sair deste HO... fui...</p>
203	Neumon	<p>Muito pessoal que anda pelos fóruns espalhados pela net não tem poder de encaixe em muitas situações, não sabem distinguir a ironia ou mesmo brincadeiras saudáveis e partem logo para a discussão. Quanto maiores são os fóruns, maior é a probabilidade de isso acontecer mas também se nota que se dilui muito mais.</p> <p>O pior é que quando esse pessoal chega ao topo (administradores), aí é que a porca torce o rabo e começam a limpar tudo o que não vai de encontro os seu princípios.</p> <p>Em tempos participei num fórum, em semelhança ao Mr_Kok, gostava de armar confusão. Agora com a idade (tenho 19) já tenho poder de encaixe e</p>

		<p>quando a coisa descamba sou o primeiro a deixar de responder, já aconteceu diversas vezes noutro fórum.</p> <p>Com isto, quem não gosta passa ao lado</p>
204	LoneRider	<p>Aqui está uma diferença bastante grande.</p> <p>Ser crítico não deve nunca dar direito a ser banido.</p> <p>Se fosse assim vivíamos numa ditadura, porque não se podia ser critico, por exemplo na Assembleia da República!</p> <p>Eu sou amigo no Facebook do Miguel Tiago e do Rodrigo Ribeiro e sou bastante crítico com eles e com as forças políticas em que eles militam e nunca fui afastado.</p> <p>O direito mais fundamental do sistema democrático fundamenta-se na liberdade em todos os aspetos, sendo que esta termina quando afetas a liberdade dos demais. A Liberdade de Expressão é um direito que deve ser reconhecido a todos em qualquer sítio, pode-se discordar, mas sobretudo deve-se respeitar!</p> <p>Um exemplo bem claro está no teu tópico do Carlão, onde te digo a minha opinião (envenenada como sempre) e apesar de fazeres sentir a tua tristeza, considero que respeitas a minha opinião (juro que era no sentido figurativo)! Não é o ban que me chateia.</p> <p>Mas sim ouvir o pessoal a falar em direitos e deveres, democracia e demais palavrões, mas quando estes lhes são incómodos atuam como se fossem ditadores.</p> <p>Recorda FZ, os princípios só servem para quando estes te são inconvenientes.</p>
205	FerroH	<p>Um Fórum é um Fórum...</p> <p>Onde se partilha opiniões, etc...</p> <p>Poderá ser também, a "casa" de todos nós ou não...</p> <p>Agora vou beber uma</p>
206	michelpinto	<p>Ainda bem que a vossa recuperação está a correr bem. Quando ficarem bons combinamos uma volta no centro do país para comemorar!</p>
207	cabs	<p>Obrigado malta</p> <p>Uma das coisas "curiosas" disto é que (dentro das pessoas que me conhecem) houve imensa gente a assumir/perguntar se tinha sido num acidente de mota</p> <p>Percebo em parte a pergunta, pois há esse risco e já me aconteceu (como acontece à maioria).</p> <p>Mas porque raio é que assumem logo isso à partida? Será que as pessoas no geral têm assim tão má ideia das duas rodas?</p>
208	nunones	<p>Same here.</p> <p>Ultimamente já dizia que tinha sido na banheira, ou que tinha deslocado o</p>

		<p>braço devido a esforço extremo..., ou que era disfarce de carnaval.</p> <p>A verdade é que de miúdo nunca parti ossos. De adulto, ossos partidos foi sempre com a mota.</p> <p>É uma reação natural baseada na estatística associada ao "risco de andar de mota".</p>
209	Rod	<p>Respondam como eu respondi a um vizinho, quando me viu de braço ao peito, por causa da tendinite.</p> <p>Virou-se com ar de gozo..."Então outro acidente de mota?"</p> <p>Ao que eu respondi "Não, foi a fazer a posição 34 do Kamasutra "</p>
210	nelsonajm	<p>Por acaso comigo é igual...</p> <p>-Então... esbaldalhaste-te outra vez de mota pá.... Estou farto de te dizer que as motas vão ser a tua desgraça...</p> <p>-Não foi de mota pá... Foi no trabalho... Acidente de trabalho... Aleijei-me no trabalho...</p> <p>-O quê?! Acidente de trabalho?!? Mas tu és arquiteto... Como é que um arquiteto se aleija no pé e no trabalho pá... Vocês não fazem nada...</p> <p>Depois faço uma cara de descrédito que não consigo descrever por palavras...</p>
211	Cloud	<p>Eu é igual. Se for da cintura para baixo, dizem-me para ter mais calma no futebol, se for da cintura para cima dizem que sempre me avisaram que as motos são um perigo. Eu costumo dizer que foi carga de porrada da namorada</p> <p>As melhoras aos quatro então!</p>
212	cabs	<p>Mais uma vez obrigado pelo apoio</p> <p>Eu acho que não ando a abusar, custa-me mais a andar em si, do que a andar de mota (exceto manobras parado que ainda são difíceis).</p> <p>Hoje era só para fazer o habitual percurso casa-faculdade-casa. Mas ao final do dia não resisti e aproveitei a última horita de luz para dar uma voltinha a vir para casa (uns 50-60 quilómetros em vez dos 20).</p> <p>Mas confesso que estou um pouco cansado, não sei se dos dois meses quase parado, se de ser o primeiro dia sem canadianas... Enfim vai ao sítio</p> <p>Se a comitiva norte e sul se quiserem juntar, posso começar a pensar nisso</p> <p>Mas é preferível deixar esticar um pouco mais os dias não? (E no meu caso, esperar até estar um pouco mais em forma)</p>
213	Rod	<p>Há é mentalidade de velhos, felizmente não de todos os velhos.</p> <p>Que o meu pai com 78 já se sentou várias vezes na 848, e antes já tinha estado na R1... E o sorriso de orelha a orelha e o brilho nos olhos ainda conseguem ser maiores que os meus.</p>
214	LoneRider	<p>69 anos (uma idade formosa) monta-se em qualquer moto e ainda conduz a sua scooter.</p>

		Velhos são os trapos...
215	Rod	Há por aí um membro no fórum, com 58 anos que tem uma mota que não é de velho. Se bem que não sei o que é uma mota de velho.
216	Fz1000	É impossível ser-se velho em cima de uma mota.
217	carlos-kb	Igor... take it easy, pá! Não precisas de te chatear. És novo aqui, mas basta leres uma dúzia de tópicos para te aperceberes que isto 90% é pura galhofa e brincadeira, entre amigos que partilham um mesmo gosto... As motos! Para coisas sérias já nos bastam as outras coisas que não entram aqui. Encara este fórum como um grupo de amigos (que na realidade a maioria é), sentados à mesa de uma esplanada, a bebericar umas fresquinhas e a dizer um rol de patacoadas, umas com menos nexos que as outras... Leva as coisas na desportiva e intervém da mesma forma.
218	LoneRider	Ainda aqui há dias li por aí uma notícia de um kota que foi ou vai ser impedido de participar na SeniorTT da ilha de Man por ter 76 anos. Não conta a mota (não é filosófico), conta o espírito, porque não é muito difícil uma corriqueira Harley papar uma R em provas de arranque. É um facto que, a maior idade, os segmentos escolhidos são outros, mas se quiseres um kota em cima de uma R podes ir tirando a roupa que isso encontra-se!
219	Rod	Primeiro temos de definir o que é ser "kota", se for 55 anos e uma ZZR1100 ser considerada uma desportiva... Deves encontrar um todos os dias a fazer a 25 de Abril...
220	carlos-kb	O verdadeiro "Kota XXL" (o Zé Luís), que a grande maioria aqui (felizmente) bem conhece, deve já ter cinquenta e muitos... E é vê-lo frequentemente em muitas das voltinhas que já fizemos, a liderar caravanas de motociclistas em cima da sua radical GSXR1000, acompanhado da Manela, sua esposa, com outra Gixxer1000, em que só muda a cor. edit: Igor, não sei se alguma vez foste a uma Concentração de Faro. Mas quando (e se) o fizeres, faz questão de marcar presença na cerimónia da entrega de troféus (ocorre sempre aos domingos de manhã, depois do desfile). Vais certamente mudar esse ponto de vista de velhos... E tipos de motos!
221	MagJet	É a mesma palavrão em termos abstratos, depois para cada um tudo varia: uns só gostam de Suzuki, outros de japonesas, outros ainda de italianas... Desdenhando tudo o resto. É o que é. Ter e andar de mota é um ato emocional, ligado a escolhas mais

		<p>emocionais do que racionais.</p> <p>Por isso é que há tantas marcas e tantos modelos.</p>
222	carlos-kb	<p>Ena pá... Fico feliz finalmente que se esteja a discutir a moto em si, e não a quantidade de caracteres do texto do tópico.</p> <p>Claro que a MT-03 ou mesmo a 07 lá chegam (aos tais 160/170 Km/h). Mas a questão não é simplesmente lá chegarem... Mas como lá chegam!</p> <p>Talvez por isso, e tendo as outras à disposição e até com acesso mais rápido no evento MT-Tour), sendo que como já havia testado também a 09 noutra ocasião, apenas me interessou experimentar a 10.</p> <p>Pena também, como disse, ter sabido a muito pouco.</p> <p>Igualmente vejo as motos como algo mais passional que racional. Tanto que se assim não fosse, e se comprasse uma moto com base apenas nos parâmetros económicos (IUC, consumos, revisões, etc.), andávamos todos de NCoisa ou CB500S.</p>
223	Johnny_1056	<p>Boas;</p> <p>Vindaloo, não se trata de naves espaciais, apenas de palavrão plastificada que em breve não passa de poluição perdida num aterro ou oceano.</p> <p>Andar de moto, para mim, trata-se de sensações. E nem sequer se trata da cilindrada ou potência da moto.</p> <p>Dou-te um exemplo básico e simples: tenho um carinho muito especial pela Suzuki GN250. Poucas motos devem existir mais simples e básicas, foi a moto com que tirei a carta, nada performante, obsoleta, pouco apta a grandes habilidades, mas há poucos anos dei por mim divertidíssimo durante uma tarde inteira em que andei com uma sem capacete a curtir, descontraidíssimo. Também gosto de performance e andar o mais depressa que consigo, esticar os limites de vez em quando, puxar a corda até ao pentelho de estar quase a parti o focinho; mas para tal continuo fiel ao "estilhaço duma desportiva" velha, gasta, sem ABS (mas com uma bomba radial, pastilhas a sério e tubos decentes), sem controlo de tração (é só rodar até começar a escorregar), sem suspensões eletrónicas (mas com "tornillos" para afinar a gosto), sem display digital (a shift-light às vezes ajuda quando já não vês o ponteiro do conta-rotações e ainda estás à espera de lá haver mais um cheirinho), sem catalisador (não havia falsas preocupações desnecessárias) e com uma injeção básica muito bem concebida que permite subir dos 600m até aos 1990m sem engasganços...</p> <p>Cresci e vivo numa família sem grandes recursos, mas que sempre teve a palavrão da falha técnica de gostar de motos, nunca se conseguiu andar com motos novas, nem topos de gama ou exóticas, sempre se começou com motos</p>

		básicas e baratas. Mas garantidamente qualquer uma melhor que esse monte de palavrão!!
224	LoneRider	<p>Falemos de moto.</p> <p>Existe ética motociclística?</p> <p>Existe sentido de entre ajuda?</p> <p>Existe solidariedade?</p> <p>Espirito e amizade?</p> <p>Falemos do maçarico do Shady que precisa de uma câmara e de fazer um trabalho.</p> <p>Que tal juntarmos o pessoal e fazer os vídeos ao puto que mal tem dinheiro para sair com a sua falcona?</p> <p>Que tal, em vez de discutir sobre a ética da net, dar uma mão a alguém que hoje esta a crescer como indivíduo. Não seria mais ético e moralmente aceitável que estar a debater sobre a ética?</p> <p>Shady estou a 1000 quilómetros de distância mas se precisares de fotos e material porreiro para encher o teu site avisa.</p> <p>Boas curvas</p>
225	Johnny_1056	<p>Boas;</p> <p>Admito que gostava de ver o Motonline de novo em funcionamento da forma como o conheci. Foi o primeiro fórum em que me inscrevi onde conheci algumas pessoas e tive animadas discussões.</p> <p>Quando as coisas começaram a descambar perdeu a piada. Entretanto apareceu este novo espaço e nota-se que um dos grandes motivos por que muitos aqui vieram parar foi exatamente o vazio deixado pelo velho Motonline.</p> <p>Estou agradecido aos carolas que puseram este espaço de pé e logo se vê como aparece o "renascido". Vamos ver.</p>
226	LoneRider	<p>Eu não curto muito estas histórias de ora morre ora nasce...</p> <p>Os fóruns de discussões merecem uma estima com mimo, seja por parte dos administradores, seja por parte dos users!</p> <p>Isto soa a dor de cotovelo.</p>
227	Johnny_1056	<p>Boas;</p> <p>Quer se queira ou não, o velho Motonline foi daqueles que mais se aguentou. Estava lá muita coisa decente, foi uma pena ter-se perdido.</p> <p>Logo se vê com que intenções aparece. Entretanto o Motonliners apareceu e que se mantenha muitos e bons anos em funcionamento.</p>
228	LoneRider	<p>Por acaso...</p> <p>Sou dos que cumprimenta com "V" e paro sempre.</p>

		<p>Tenho safo alguns assim!</p> <p>Mas eu não critico quem não o faça, critico quem não o faça por elitismo ou discriminação.</p> <p>A mim, por questões familiares, educaram-me se forma a pensarmos que somos todos irmãos e todas aquelas "tretas" e tal, mas por rebeldia cresci no sentido de não usar colete nem ligar muito a determinados pergaminhos.</p> <p>Fiz parte de Motoclubes, inclusive sou membro fundador de um, mas é tão bonito, harmonioso e falto de defeitos que acabei por desistir.</p> <p>Quando deixei o meu nick anterior (Galosband) para este novo "nome artístico" foi com a intenção de encarar o mundo com outra visão.</p> <p>Ser eu mesmo, fazer de tudo para ajudar a que me necessite mas seguindo o meu caminho só!</p>
229	carlos-kb	<p>Eu também faço o cumprimento... Quando me apetece ou estou para aí virado. E não me chateio se não me o fizerem em resposta. Mas também não acho que tenha de o fazer em resposta, só porque alguém me o fez.</p> <p>E também páro... Se tiver tempo e possibilidade para o fazer.</p> <p>Agora fazer porta-estandarte disso, abespinhar-me e apontar o dedo aos outros que não o fazem, categorizá-los em "mais ou menos motard" (ou o que quer que isso seja), e padecer de uma atitude nostálgica de que antigamente todos acenavam e paravam, e tudo isto em nome de um suposto espírito apelidado com o mesmo francesismo... please no!</p> <p>Quanto a motoclubes, já fui a alguns, tomar uma ou duas loirinhas. Mas filiar-me, nunca!</p> <p>Não é de todo a minha postura, reunir-me em rebanho, nas sextas e sábados à noite num local a beber e a fumar, e depois vir para a rua sacar ratares e fazer outras alarvidades com a moto, como acontece aqui com o (denominado) "grupo motard", na minha zona... Nem tão pouco prezo andar com as características indumentárias. Mas também não me chateia quem o faz. Aliás, chateia-me mais é alguns "motoclubers" acharem-se tão ou mais que os outros, porque (acham que) vivem para aquilo, sob égide de uma alegada "paixão" que propagandeiam aos quatro ventos.</p>
230	LoneRider	<p>Concordo com tudo o que disseste Carlos há exceção do francesismo.</p> <p>Aquilo que pretendo dizer é que motard significa motociclista e muitos usam o francesismo por força de hábito.</p> <p>Assim como muitos falam em Biker para se distinguir quando quer dizer precisamente a mesma coisa.</p> <p>É precisamente isso que eu não gosto.</p> <p>Pessoal que só porque tem uma visão diferente da coisa, usa-a para dizer que</p>

		<p>é melhor que outros.</p> <p>O mesmo acontece com as marcas e porque um tem uma ventoinha tudo o resto é inferior, ou porque o outro anda arreliado os plásticos são coisa que não obedece aos pergaminhos.</p> <p>Eu posso ser como sou, sendo motard, respeitando todos mas salvando às diferenças dos pontos de vista.</p>
231	LoneRider	<p>Uma delas é andar de mota!</p> <p>A outra é...</p> <p>Andar de mota!</p>
232	jpsimoes	<p>Quando entreguei a minha Daytona, Passei umas horas mal... Mas estava farto de gastar dinheiro nela, teve que ser...</p>
233	carlos-kb	<p>Isto da ligação sentimental à moto, passa muito também pelo que se fez com ela, aonde se foi, etc... por muito que se mude para outra (até provavelmente melhor), aquela que tanto tempo ficou connosco... Bate uma certa nostalgia.</p> <p>No caso que indiquei acima, foi (como calculam), a CB500. Primeiro, por ter sido a moto que tive durante mais tempo (9 anos)... Depois pelos quilómetros que fiz nela, as férias, as viagens, certos momentos que ficam para sempre, etc... era quase uma (fiel) companheira.</p> <p>Aliás, ela tinha sido comprada uns meses antes de começar a namorar com a minha atual mulher (1998)... E connosco ficou até 2007.</p> <p>No dia em que foi vendida e que a vieram buscar, no momento em que a estavam a subir para cima do reboque, bateu um certo sentimento, quer comigo, quer com a minha mulher. Eu ainda, me fiz de "durão", para não parecer lamechas... Mas a minha mulher largou assumidamente uma lagrimazita.</p> <p>Não foi pelo que a moto valia ou deixava de valer... Ou pelo facto de saber que outra se seguiria (pouco tempo depois fiquei com a CBR600F que era do meu irmão)... Mas pelo que aquela moto significou num determinado período e circunstâncias da nossa vida, e pelo que com ela passámos.</p>
234	michelpinto	<p>Quando deixei a Fazer tirei uma fotografia com as duas. Uma a ficava e vinha a outra, novinha em folha. Mas sim, fica sempre uma certa "pena" de não dar para ficar com ela também.</p>
235	LoneRider	<p>Tenho uma lá em casa que tem tanto valor sentimental que...</p>
236	pneves33	<p>Eu bem quero vender a CB500... Mas depois olho para ela e dá-me pena de a ver ir embora... Mas um dia tem de ser.</p>

237	nunomsp	Sempre que vires aquele sinal, a felicidade está logo à frente! Curvas e mais curvas...
238	OFFICER	<p>Por isso é que só ando em meia estação. São 6 meses por ano, mas mesmo no verão ainda dá para andar na maioria dos dias.</p> <p>Ando de moto por prazer, nunca por necessidade ou em dificuldades. Pelo menos até ver.</p>
239	Shady	<p>Eu falhei de todas as vezes que tentei por a segunda por ser muito mansinho.</p> <p>Hoje por acaso havia uma aula livre às 18:00 mas como é sexta-feira e vai estar um trânsito infernal disse que não, apesar de eu querer é andar de moto</p>
240	carlos-kb	Já lhe tomou o gosto, não pára e agora não tem tempo sequer para vir aqui...
241	Shady	<p>E é já amanhã</p> <p>Já me começam a dar os calores as borboletas na barriga</p> <p>Mas em princípio está tudo no caminho certo hoje não falhei nenhuns dos 15 testes que fiz</p>
242	Shady	<p>Terça, Quinta e Sexta tenho aulas de condução</p> <p>Estou mortinho por voltar a sentar-me na moto da escola e andar! Mas depois lembro-me que ainda vai demorar um bocadinho até ter a minha moto e fico triste</p> <p>Depois comunico como correu, lá vou eu voltar as minhas aventuras com a embraiagem</p>
243	Shady	<p>Hey vocês não tem a noção do que eu desfrutei hoje da 16:00 até às 17:00</p> <p>Não deixei a moto ir abaixo uma única vez consegui inverter o sentido numa rua super apertada, e a melhor coisinha de todas foi ver toda a gente que passava por mim de moto a dar-me um thumbs up</p> <p>Até um velhinho com o cabelo todo branco numa BMW igual a kb mas preta, pessoal em desportivas (esse deu rev up quando parou á minha beira no semáforo) e mais gente</p> <p>Palavrão agora tenho de ter moto deia por onde der</p> <p>E as luvas ficaram perfeitas eu estava a queixar-me mas tão um brinquinho.</p> <p>Apanhei foi um frio do caraças e tive de ir de viseira aberta e andei a chorar um bom bocado</p> <p>Nem sei mais que diga estou tão feliz</p>
244	carlos-kb	<p>Temos motard!!! E francesinha!!!!</p> <p>Parabéns pá... Bem-vindo à "irmandade"...</p> <p>E agora, ainda queres desistir de comprar moto???</p>
245	_x_MaD_x_	Obrigado pela dica, inconscientemente já olho para todos os espelhos à procura de rostos quer em mudanças de faixas quer em

		<p>ultrapassagens/"filtragem"</p> <p>Os camiões estavam todos praticamente parados (como os restantes carros) mas mesmo assim ainda houve uma vez que optei por parar até garantir o espaço suficiente (um dos condutores do automóvel deu uma ajuda e um espaço extra).</p> <p>Depois desta aventura citadina o que soube mesmo bem foi cumprimentar outro amante de 2 rodas no primeiro semáforo, isto não se vê em mais veículo nenhum e para mim é a magia das 2 rodas.</p>
246	dfelix	<p>As manhãs de domingo no cabo da roca não deixa de ser algo... Social.</p> <p>Nenhuma outra razão justifica tanta gente se junte no mesmo local se não existisse determinada afinidade... Que são as motos.</p> <p>Há quem chame a isso de "espírito motard". Certamente já ouviste falar.</p> <p>Mas... refiro-me a outro tipo de coletes.</p> <p>Aqueles de cabedal, que fazem a malta se sentir parte de uma irmandade. E que não dispensam o S.Rafael ao peito!</p> <p>Mas esse que sugeres é mais funcional.</p> <p>Penso que imensos países é já obrigatório.</p> <p>Pelo menos sempre que estive na Irlanda via toda a gente com um vestido.</p> <p>(Mas.. lá não se vê um palmo à frente boa parte do ano.)</p> <p>Mas com este capacete para fazer "pendant"...</p>
247	michelpinto	<p>Para mim perde a piada pois a preocupação e cuidados que exige tiram-me a pica de andar. Gosto de andar de moto para desfrutar. Nem sempre dá ao máximo, mas nessas condições dispenso. É um belo desafio, sem dúvida.</p>
248	Johnny_1056	<p>Boas;</p> <p>Grande volta!!</p> <p>As saudades que eu tenho de andar de moto... Acho que já nem sei como é que se consegue gastar mais que um depósito por dia.</p> <p>Carlos-kb, comesas por ter um comportamento miserável em casa e vais ver que as restantes pessoas até vão ficar contentes por te ver partir.</p> <p>Podes é conseguir ordem de soltura por mais que 2 dias, pode ser por tempo indeterminado.</p>
249	LoneRider	<p>Esta é um das essências deste mundo, viajar!</p> <p>Costuma-se dizer que:</p> <p>Quando se viaja de carro vê-se a paisagem. Quando se viaja de moto, fazes parte da paisagem!</p>
250	dfelix	<p>A "aura" da IOM é precisamente o TT...</p> <p>E isso é representativo para um grupo específico de motociclistas.</p> <p>Duvido que a maioria da malta que aspire ir à ilha tenha se dado ao trabalho</p>

		<p>de seguir os resultados da semana passada.</p> <p>Mas entendo que contar que se esteve lá impressione a malta nas conversas de café.</p> <p>Nem que seja só para ficar na tasca a beber cerveja tal como a maioria da malta que vai a Jerez no fim-de-semana do GP!</p> <p>Se queremos assumir uma "meca", acho que seria mais honesto escolher o Ace Café...</p> <p>Esse foi sempre um local de convívio. Todos sabemos que o "culto motociclístico" é movido a "titties and beer".</p>
251	akimoto	<p>Considerações finais</p> <p>Sempre quis conhecer os Picos de Europa pelo significado que advém do mundo motociclista. Não me senti defraudado e penso que é um destino turístico de excelência para quem procura a natureza, o descanso, as caminhadas e as tiradas pelos desfiladeiros em moto.</p> <p>Principalmente para nós habitantes do norte de Portugal, não fica muito longe lá chegar, mesmo num fim-de-semana prolongado para laurear a pevide.</p> <p>A Suzuki Vanvan portou-se bem, mais uma vez fez consumos extraordinários por volta dos 2,8 litros aos cem quilómetros e adorei conduzi-la naquelas espetaculares estradas.</p> <p>Os meus gastos totais não foram elevados, bem pelo contrário, já que os preços dos parques de campismo em Espanha (por onde passei) são pouco mais caros que em Portugal, o combustível até é mais barato e as refeições não foram luxuosas.</p> <p>E Espanha é um país super interessante. Se os Picos foram espetaculares, na volta encontrei lugares singulares duma beleza impressionante.</p> <p>Cada vez gosto mais de viajar e de viajar de moto. Na minha cabeça já se magica outras pequenas e grandes aventuras, seja com que moto for. Mais do que nunca, o tamanho do motor não me impede de viajar, mas também não fecho portas a outras máquinas, mas independentemente disso o importante é mesmo ir.</p> <p>Sempre que volto de viagem, sinto-me diferente. Não sei se melhor ou pior, mas isso a mim pouco me importa. Sinto que construí mais alguma coisa dentro de mim e agradeço a Deus a dádiva que é este nosso planeta e a possibilidade de o poder conhecer. Agradeço-Lhe por nos dar esta pequena bolinha para viver e que em tantos milhões de anos-luz é impossível encontrar semelhante.</p> <p>Total da viagem – 1855 quilómetros</p> <p>Gastos em combustível – 62,95€</p>

		<p>Gastos em estadias – 58,15€</p> <p>(com uma pequeníssima margem de erro)</p> <p>Espero que tenham gostado, um bem-haja a todos.</p>
252	Johnny_1056	<p>Boas;</p> <p>Akimoto, pegar numa moto e poder desfrutar dela é das melhores coisas que se pode fazer, independentemente da sua cilindrada. Já me diverti que nem um cão com uma simples Suzuki TU250.</p> <p>Até me irrita porque os Picos da Europa estão aqui ao meu lado e nem assim!!</p> <p>Dá para sair de manhã e ir almoçar a Cangas de Oniz!!</p> <p>Acontece sempre qualquer coisa ou falta tempo, dinheiro, moto ou tudo junto ao mesmo tempo e o que é certo é que ainda não pus lá os cotos!!</p> <p>Sinto saudades do tempo em que andava verdadeiramente de moto... Agora é só shots rápidos no intervalo de qualquer coisa que tenha obrigatoriamente de fazer.</p> <p>Andar com uma moto pequena, pelo menos obriga-te a tomar as coisas com calma e desfrutar verdadeiramente o momento e a paisagem. Isso pode ser muito fixe.</p>
253	akimoto	<p>Isso é uma grande verdade, sem dúvida. E aquelas partes do planeamento da viagem que fazes um pouco mais às escuras muitas vezes levam a sítios que te ficam para sempre na memória.</p> <p>Deixa-me explicar que tudo o que eu escrevi ao longo deste tópico, seja a minha pequena história ou as respostas aos nossos companheiros, não é nenhuma justificação para me sentir bem por ter "só" uma 125cc. Escrevo apenas para mostrar como é bom ter uma moto, seja ela qual for. Amanhã poderia ter uma moto maior, mas certamente não o farei porque (ainda) sinto-me satisfeito com a minha Suzuki. E de me lembrar que quando a comprei há uns anos pensava que nunca iria encontrar um bom negócio e então tinha planeado comprar uma scooter porque seria mais "racional"...</p> <p>E assim consigo perceber esse teu sentimento quando falas em "andar verdadeiramente de moto". E torcerei para que encontres novamente esse teu andar de moto. Um abraço.</p>
254	akimoto	<p>Obrigado Nelson. O prazer recolhido no fim de uma viagem destas é incalculável, seja qual for a máquina.</p>
255	Rod	<p>Muitos parabéns pela voltinha e excelente crónica.</p> <p>Só posso calcular o prazer que retiraste desta "passeata", neste momento sinto um pouuiiqqqquuuuuinnhhhhooo de inveja.</p> <p>Carlos, era interessante fazer uma voltinha fórum Motonliners, e eu tenho casa a meio caminho, perto de Abrantes.</p>

256	carlos-kb	<p>Plagiadores... Não podem ver boas ideias a ninguém!</p> <p>Mas a nossa foi diferente, por incluir a passagem em todas as travessias rodoviárias possíveis.</p> <p>Mas a ideia em viagens de moto é essa mesma... Quanto mais longe e interessantes, melhor!</p> <p>Voltinhas cá no burgo, já estão mais que batidas de tantas vezes se terem feito.</p> <p>Não há-de faltar muito para concretizar essa ambição de fazer a nossa "route 66". 4 dias bastam... o 1º para chegar a Chaves... Os dois seguintes para fazer a N2 até Faro... E o 4º para regressar do Algarve a Lisboa.</p> <p>Depende de como se fazem esses 250 quilómetros, e o que encontras neles.</p> <p>Olha a crónica do "camiño" do Lone... As tiradas diárias que ele fazia não eram muito extensas, mas devem ter valido bem por cada momento.</p> <p>De moto, não interessa para onde vais, mas por onde passas. E a ideia pode ser essa... Gozar e viver cada momento, cada quilómetro, cada paisagem, cada paragem.</p>
257	Karlytus	<p>Excelente relato e forma de ver a vida... De forma positiva! Fiquei cheio de vontade de ir pegar na mota e dar uma volta... Não dá... Já é tarde... Fica pra Sábado...</p>
258	LoneRider	<p>Essa parte do andar de mota gostei!</p>
259	Johnny_1056	<p>Boas;</p> <p>Este pessoal vem dar uma volta ao meu "quintal" e nem sequer pede autorização!! Que palavrão é esta??!</p> <p>A Serra é um local de culto para mim, o local onde já mais "investi" a andar de moto por pura e simples diversão.</p> <p>Adoro ir lá com tempo seco, principalmente na Primavera, mas um passeio durante o Outono como o vosso acaba muitas vezes por ser quase terapêutico.</p> <p>Espero que se tenham divertido.</p>
260	LoneRider	<p>Aposto que isso te vai fazer crescer muito.</p> <p>As viagens de mota são especialmente boas para alimentar a auto estima, abrir os horizontes e melhorar na condução e domínio da tua montada.</p> <p>Eu sei o que dizes.</p> <p>É bué de fixe deitar-se na cama morto de cansaço, mas bué feliz!</p> <p>No dia 2 de Setembro aterrei na cama, cansado e gelado, com o frio entranhado nos ossos.</p> <p>No fundo sentia-me tão bem que tremer de frio não era sofrimento mas sim uma expressão corporal da minha felicidade.</p> <p>Até aquele dia tinha feito 1000 quilómetros debaixo de chuva, mas deambular</p>

		<p>pelos vales cobertos de neve encheu-me a alma.</p> <p>Ver nevar montado na moto, subir as montanhas como o Stelvio num dia de temporal de neve como aquele é tão reconfortante que o frio só se sente quando estamos no Hotel, enroscado nas mantas da cama.</p> <p>Não desistas nunca de perseguir os teus sonhos miúda!</p> <p>Normalmente, os sonhos metem-se por estradas com muitas curvas!!!</p>
261	Nfilipe	<p>Li uma frase num fórum qualquer que dizia que viajar numa moto com bastante potência, cilindrada com todo o tipo de assistências e mais alguma coisa qualquer um a faz. Agora viajar em motos com pouca tecnologia, pouca cilindrada, pouca potência já não é para todos. Há gente a fazer milhares de quilómetros em 125cc, motos que aqui não se recomendaria para ir ao pão!</p> <p>Acho que em certa medida o grande espírito de aventura está um pouco aí, é uma experiência largamente diferente do que viajar confortavelmente e rapidamente numa moto de grande cilindrada. Acho que até mesmo a experiência pessoal na interação com ambiente/natureza quanto mais crua e despida for de luxos mais irá oferecer sobre a parte humana e espiritual, porque até numa moto dessas não se chega ao destino rápido, logo expande-se o potencial de poder sentir a jornada de outra forma que um motão simplesmente não oferece.</p>
262	tarasofia	<p>Eu acho que aqui era importante introduzir um detalhe que talvez todos aqui conheçam... o fascínio por andar de duas rodas.</p> <p>Ora na minha opinião, esse fascínio ou é intrínseco e nasce com a pessoa, ou é muito facilmente contraído (assim como uma doença)... E é exatamente esse contágio que eu pretendo evitar. Se não for bem-sucedida, e o meu «rebento» e/ou a minha «enxerta» padecerem deste mal, obviamente que não me oporei... E farei o que estiver ao meu alcance para que desfrutem dele da forma mais segura e responsável possível. Até pode ter calhado aqui na minha ninhada um daqueles seres que incompreensivelmente não suportam 2 rodas (a probabilidade é grande já que apenas em primos de 3º grau tenho familiares que me compreendem).</p>
263	luisnogueira	<p>Boa tarde. Eu sou o Luís, tenho 33 anos e não conduzo uma moto há 8 dias</p> <p>Como diz o título do tópico, estou a ressacar. Não consigo andar de moto desde dia 25 de Julho, já lá vão 8 dias. Cheguei a casa ao final do dia e ela apagou-se (literalmente), apercebi-me que não tinha luzes à frente quando entro na garagem. Já andava a custar a pegar há uns dias, neste dia quando cheguei a casa não havia luzes, já andava desconfiado de problemas com o retificador, fui medir a bateria em vazio e estava com uns belos 12,7V. Não parecia nada mau. Assim que rodava a chave, passava a ter 4V... hmmm, algo</p>

		<p>se passava ali. Primeiro passo, trocar retificador, no dia seguinte lá coloquei o que o mecânico me emprestou para desenrascar, nada... mesma situação, conclusão, aparentemente foi mesmo a bateria que foi à vida, tinha 2 anos, 1 mês e 3 dias! Com isto de troca retificador e afins, e perceber qual seria realmente o problema...passaram-se uns dias. Só consegui ir comprar a bateria na 6ªfeira. O fim-de-semana foi para ir para fora e como tal nada de trocar bateria, chegada tardia no domingo à noite e sem tempo útil para tratar do assunto também. Adivinhava-se um início de semana terrível, a começar com a mota parada na garagem. Mas a esperança imperava, segunda ao final da tarde estava reservado para montar a bateria e ir matar saudades... puro engano, a bateria lá foi montada, e milagre... a mota já trabalhava, que som tão lindo, nisto vou acender as luzes, mais um revés... nada de luz à frente. As luzes que eu pensava não acenderem apenas porque a bateria quebrava para os 4/5V quando rodava a chave afinal tinham mesmo fundido, tanto os médios como o mínimo. Ora sem luzes, nada de andar de mota.</p> <p>Raios já está tudo fechado, não consigo ir comprar lâmpadas, e as lâmpadas suplentes que tenho em casa são H7 e w5w e estas são t4W e H4!!!</p> <p>Espero que hoje seja o dia, lâmpadas compradas. Vamos ver se tudo corre pelo melhor logo à tarde e se não há mais surpresas!</p> <p>E aparentemente o problema não será mesmo o retificador. Ainda vou ter de medir como fica a bateria em carga e com a mota a trabalhar para ver as medidas de tensão para perceber se a bateria morreu mesmo sozinha ou se foi eventualmente o retificador que a matou.</p> <p>Desculpem lá o testamento em forma de desabafo! Depois de andar cerca de 3 semanas sem sentar o traseiro no carro, esta semana sem mota está a torturar, ainda para mais com este bom tempo que tem estado. Acho que os verdadeiros amantes das 2 rodas vão perceber este desespero!</p>
264	VMassa	Estou há 3 dias sem andar de mota e entendo-te muito bem... QUE RESSACA!!!!
265	marco.clara	Estou há 3 horas e meia sem andar de mota... Entendo-te perfeitamente!
266	Caroço	<p>Porque nasci no meio delas, fui mecânico delas, foi a minha primeira profissão, gosto de andar a altas velocidades e quantos mais cavalos tiver e mais velocidade atingir melhor, gosto de desrespeitar regras porque não vivo a vida com base nas regras impostas por outros, e muito menos me associo a quem tem duas caras, uma de bonitinho e por detrás é pior que outros, resumindo.</p> <p>Gosto de motos rápidas, cerveja fresca e mulheres quentes.</p>

		<p>Mantenho-me porque neste mundo tenho companheirismo, espírito de interajuda e um pequeno código de honra que infelizmente está a acabar.</p> <p>Quando falei em falsos moralismos, não me referi a ninguém, única e simplesmente foi a minha resposta a este tópico, e para mim falso moralismo é quem defende uma razão e por detrás é totalmente diferente dessa razão que defende.</p> <p>Á anos que vejo condutores a barafustar, umas vezes ignoro, outras respondo e muitas outras já andei inclusive á pancada por causa disso, e todos cometem erros e fazem coisas com as quais pessoalmente discordamos, seja a conduzir, seja em qualquer ato na vida, cabe-me a mim e a cada um de vocês reagir como bem entender.</p> <p>Agora não venham é armado em santinhos que os motociclistas disso tem pouco... Todos nós motociclistas, temos a nossa veia nervosa, por isso é que gostamos de motos, é comum... E essa veia, não é santa.</p> <p>Chamem-me antiquado, mas também já todos sabem que detesto estes novos termos dos ing's, de me preocupar quantos ingredientes compões a gasolina de 95 octanas, ou porque é que o fio de massa ao quadro de um cdi é preto, sou mais simplista, porque para mim a vida é curta e não perco horas a tentar esmiuçar pormenores que me consomem tempo e que no final não me vão servir para nada, e muito menos com o que os outros fazem ou pensam.</p>
267	Vmassa	<p>Quanto a vocês não sei mas eu ando de mota porque é mais prático, mais divertido, gasto menos, não tenho stress em estacionar, não pago emel ou parque da faculdade, não há trânsito para mim e, por ultimo e não menos importante, porque me mete um sorriso do caraças cada vez que enrolo punho e quando raspo com os ombros no chão a curvar!</p>
268	nelsonajm	<p>Pela primeira vez na vida estou a usar o forro térmico do casaco... e mesmo assim o frio no pescoço é terrível.... mas temos de ser duros... mas também gosto destes dias para andar de moto...</p>
269	Mr.Ricky	<p>Hoje parecia uma cebola... Estava com várias camadas!!!</p> <p>Mas tirando as mãos, estou quente!!!</p> <p>Todos os dias são bons para andar de moto!!!</p>
270	Caroço	<p>Acabado de chegar de mais uma quinta-feira da nossas, às quais somos fieis desde 2003, com poucas faltas...</p> <p>Hoje a conversa foi sobre Jerez e relembrar as histórias dos tempos em que às quintas, saíamos do francês para Jerez de la frontera</p> <p>Vimos passar exibicionistas, higiénicos, umas gajas a caminho do main, e até a ramona típica da psp parou lá onde estávamos para beberem café.</p> <p>Sem problemas, sem paragens, sem ing's, mais uma noite repleta de boa</p>

		convivência...
271	dt_50r_sm	<p>Rod, mas olha que não foi um caso isolado e nem tão pouco o original! A primeira foto postada pelo KB foi tirada do interior de uma também moto 4 a diesel, conhecida como fã fumoooo!</p> <p>Motas velhas é no que dá</p> <p>E olha que ainda assim, não fosse o stress de ir enlatado, ir agarrado ao volante mas a roer-me por dentro por ter a moto na box vale bem a pena pelo convívio saudável e camaradagem que a malta transmite!</p>
272	Diogo.fps	<p>Regressando ao tópico..</p> <p>Hoje (acho que pela primeira vez em 6 meses), passei por um "rapaz" numa chopper no campo pequeno, que me deu o cumprimento em V para baixo.</p> <p>E mais tarde a voltar para casa, fiz uma parte do caminho ao pé de uma CBR600 acho, e depois num semáforo fiquei a falar com o rapaz, pelo que percebi tinha comprado a moto há pouco tempo, estava um brinco. E já vinha com um Yoshimura com um som engraçado</p> <p>Não sei se com vocês é assim, mas estes cumprimentos e estas small talks alegam-me sempre</p>
273	LoneRider	<p>Imaginem que com apenas 13 anos de idade vêm uma moto e...</p> <p>....o mundo para.</p> <p>A paixão é tão grande que a partir daquele momento não pára de pensar na moto e no desejo de ter uma igual.</p> <p>Mas a vida é madrasta e, não só não te permite ter uma igual, como te impede de voltar a ver a moto.</p> <p>A vida vai passando e vais contando esse acontecimento nostálgico, primeiro aos teus filhos, depois aos teus netos, até que um dia...</p> <p>O teu neto te leva a ver uma moto numa garagem, que é exatamente igual a que ele viu, com direito a sentar-se nela e a sentir-se o seu condutor.</p> <p>Isto não tem preço!</p>
274	michelfpinto	Nunca se é velho demais para realizar um sonho! Nem para procurar realizá-lo.
275	OFFICER	Felizmente! A moto é algo de puro prazer apenas, pelo menos enquanto for possível deslocar-me de A para B sem precisar dela como já tive que fazer.
276	LoneRider	<p>Quando vais de carro vês a paisagem.</p> <p>Quando vais de moto fazes parte da paisagem.</p> <p>Conseguem imaginar esta fotografia sem a beleza musculada de Maria das Curvas?</p>
277	pneves33	Pastelar tipo... A 90... 100... 120, porque em plena n125 mais que isso é suicídio, mais ainda nesta altura, tu numa estrada congestionada também

		<p>andas a abrir?</p> <p>Não sou gajo dado a grandes velocidades, já vi muita coisa e já passei por algumas situações que se fosse a rasgar, já não estava cá para contar...e tenho de dar o exemplo, já viste a barraca que dava os meus alunos chegarem a escola de condução e não têm aulas porque o instrutor ficou sem carta por excesso de velocidade?</p> <p>O andar de moto não se resume apenas e só andar a 200 ou mais em reta...</p> <p>Cada um anda o que quer e como quer...</p> <p>Depois, só ao sábado, porque durante a semana tenho o carro da escola para ir e vir ao trabalho e levo sempre mais uma pessoa comigo... Que já me disse, nunca há-de sentar o rabo numa moto... Ao sábado como já vou sozinho, já posso levar a moto, ao domingo, quando dá, também pego nela e vou dar umas voltas sem destino nem hora marcada.</p>
278	nelsonajm	<p>Realmente é uma grande mariquice... Mas sentimo-nos tão bem quando compramos alguma coisa para as nossas motos...</p>
279	LoneRider	<p>Luís agora a sério.</p> <p>Um gajo não pode ser perfeito e tal, mas pronto pá eu até te posso convidar a que me pagues um café um dia deste pá!</p> <p>O amor por uma moto é algo difícil de explicar, sentimentos tão genuínos como aqueles que nos levam a partilhar a vida com os nossos problemas, só que desta feita sem aumentar a carga de problemas inerente.</p> <p>Sim Luís, e preciso um Master em ciências políticas para decifrar esta frase.</p> <p>Mas não te preocupes, se aceitares o meu convite eu explico-te bem tudo de uma tal maneira que vais chegar a casa e vais lamber tudo bem lambido!!!</p> <p>E o segredo está em lamber bem a coisa!</p> <p>Pergunta lá ao Carlos se não é verdade!?</p>
280	d.rodrigues	<p>Há quem fale bem, há quem fale mal... A mim só me interessa uma coisa, o gozo de ter duas rodas!!!</p>
281	tiagomssilva	<p>Concordo plenamente amigo. Liberdade acima de tudo</p>
282	Rod	<p>No meio disto tudo... Eu gosto é de andar de moto (desde que não seja BMW para não pagar muito nas revisões)</p>
283	LoneRider	<p>Vejo bastantes carências de facto.</p> <p>Olha bem para esta secção do fórum</p> <p>http://motonliners.pt/forum-eventos-e-encontros</p> <p>O tópico Last call Bombarral é capaz de acabar com as tuas carências.</p> <p>Depois é uma secção onde tu mesmo podes abrir e editar os teus tópicos, fazendo o apelo à voltinha.</p>

		Aqui o pessoal gosta em disso, ter uma desculpa, seja qual for, para andar de moto.
284	LWillow	<p>Eu dou valor a quem se mantém fiel sempre a um hobby/paixão, mas também acho redutor que isso aconteça.</p> <p>A minha prioridade ('ao fim e ao cabo') é sempre a mesma: Sentir-me vivo, retirar prazer e saber gozar dos meus tempos livres. A forma de conseguir isso pode variar e inclui motas e muitas outras coisas.</p> <p>P.s. Deixar de andar de moto penso que será das últimas coisas que deixarei de fazer.</p> <p>Apesar de agora também me parecer uma 'missão impossível', acredito que mais depressa deixarei de fumar do que não andar de moto.</p>
285	dfelix	<p>Compro a que me der mais tesão!</p> <p>Tem que me dar enorme gozo conduzir.</p> <p>Tem que me fazer olhar para trás quando me afasto dela.</p> <p>A vida é demasiado curta para perder tempo com motos que não me transmitem nada.</p>
286	Snap	<p>Para mim andar moto é simples, tens de ter gosto pela moto e respeito pelos outros.</p> <p>Não estou habituado a rolar a grandes velocidades mas também não me considero o maior pastelão da zona.</p> <p>Terei todo o gosto em fazer umas voltas com o pessoal, mas provavelmente serei sempre a última pessoa a confirmar.</p> <p>Outras vezes será, amanhã estou de folga alguém quer rolar?</p> <p>Lembro-me da primeira vez que fui a Lisboa de moto.</p> <p>Atestei na bomba próximo a minha casa e cheguei a Fil na reserva, sai de Lisboa e a mulher estava a minha espera para jantar, atestei e cheguei a área de serviço de... Estarreja na reserva, ainda pensei que tinha de empurrar a moto</p>
287	vindaloo	<p>E o post em tom mais sério,</p> <p>Ainda bem que estás satisfeito. É uma sensação impagável e que não temos muitas vezes na vida...</p> <p>O meu conselho é que desfrutes, te divirtas com a moto, mas acima de tudo que dê tempo ao tempo.</p> <p>Não tens que viver tudo hoje à tarde ou amanhã, nem há evolução saudável e consistente dessa maneira.</p>
288	Furras	Lone num ponto de vista de utilização diária da burra, os consumos são algo a ter em conta (pelo menos para a minha carteira conta), agora não posso de todo discordar do que dizes.

		<p>Pegar na mota e ir rolar, apenas e só isso, não me passa pela cabeça quanto estou a gastar etc...</p> <p>Até porque como referes, andar de mota é um "escape" aos stresses que todos somos sujeitos diariamente, e se fores a andar preocupado com os números...</p> <p>Não destressas eheheheh</p>
289	nelsonajm	<p>Seus hereges... Vejam lá como falam da minha marreca...</p> <p>A minha "marreca" está para as primeiras de 85/86 como a Scarlet Johansen estará para uma Elizabeth Hurley...</p> <p>Têm que ver que a "WP" já era duma era em que se passava algumas horas no ginásio a moldar a figura e a ganhar massa... A treinar glúteos, peitorais, quadris... and so on... Antigamente não se suava desta forma...</p> <p>Em suma... Desde a primeira que em 1985 até ao último modelo antes da era SRAD... Considero-as todas marrecas... Toda a sua gênese está lá em todos os modelos... O duplo berço, a forma do depósito, duplas óticas, e o motor foi uma evolução dos anteriores... Mesmo sendo líquida, não deixa de ter os mesmo predicados, enquanto que quando apareceram as SRAD a coisa aí mudou mesmo radicalmente, tendo o motor rompido com o que habitualmente a Suzuki fazia.</p> <p>Até a forma de construir a moto mudou radicalmente, e quem teve "marrecas" sabe do que falo, as motos eram fabricadas quase como de um tanque blindado se tratasse... Se olharmos para o sub-quadro duma SRAD e seguintes, e depois para o de uma marreca... parece que o material usado só no sub-quadro dava para construir um quadro completo das mais modernas...</p> <p>Nesta altura as motos eram muito sobre dimensionadas... mas eu gosto assim... são estes pequenos pormenores que me enchem a alma quando olho para ela... e mais ainda quando se conduz... eu sei que devo ser maluco... com todas estas minha pancas... mas adoro pegar na "preguiça" ir dar um giro, e a meio da volta paro num qualquer tasco e peço uma mini preta e uma sandes de presunto... e fico a olhar para aquelas linhas... tiro mais umas fotos... e dou um suspiro... e penso... és minha porra...</p>
290	akimoto	<p>Engraçado. Comentei há poucos dias com um amigo algo semelhante. Sinto o mesmo em relação á N16. Quando era pequeno, antes do malogrado IP5, a N16 era o valente caminho para Viseu (e Vilar Formoso) utilizado pelo meu pai, para visitar um tia e uns primos que ainda por lá vivem. Houve uma ou outra vez que fomos pela 227. Qual delas a mais serpenteante. Bebia muito chá pelo caminho</p> <p>Hoje é exatamente o contrário. Atravessar estas duas de moto até Viseu dá muito prazer.</p>

291	LoneRider	<p>Olha-me este...</p> <p>Tão caladinho que ele andava!</p> <p>É isso Marco, isto é motociclismo, isto é viver pá!!!</p> <p>E vais logo para onde eu menos conheço!</p> <p>Quero mais!</p>
292	LoneRider	<p>O gajo do piano igual ao teu está numa de ir afiar as unhas até Porto Covo!</p> <p>Aproveita o embalo e compõe uma partitura com ele!</p> <p>Apesar de haver muitas formas de entender esta coisa de motociclismo, o mototurismo é sem dúvida a sua forma mais gratificante.</p> <p>E ser um solitário uma visão íntima deste mundo que não desejo abandonar.</p> <p>Depois desta voltinha eu era um gajo reabilitado, e ao mesmo tempo a curtir uma trip de curvas!</p> <p>Existe quem pense que dar uma queda é o expoente máximo, mas eu passo bem sem os entre folhos dos problemas e estou sempre em pulgas por uma boa dose de curvas.</p> <p>No sábado dia 31, fui eu e outro marado ao monte com os animais, debaixo de um nevoeiro denso e com temperaturas negativas. Ao fim a coisa correu mal porque torci o guiador à Artax mas o balanço foi mais que positivo.</p> <p>Estou-me a lembrar do companheiro Velásquez quando lhe disse que aspirava encontrar a paz interior, como os monges tibetanos, mas em vez de meditar, essa paz e equilíbrio interior encontro-a na moto.</p>
293	LoneRider	<p>Está é uma forma muito fixe de viver o motociclismo.</p> <p>Sais de casa, curtes a tua mota e depois contas aos teus amigos.</p> <p>Vives momentos duas vezes e repetes emoções sempre que lês a crónica.</p> <p>Eu nem sou dos melhores, nem pretendo ser, mas o que sim quero dizer é que não se deve de ter medo de escrever o que se viveu ou o que se visitou. Nem precisa de estar adornado com factos históricos ou vivências intensas, etc, etc; basta contar o que achas que deves contar, com seriedade ou com sentido de humor.</p> <p>Ao final, sentes a necessidade de voltar a sair, para voltar a contar, para voltar a sair e voltar a contar...</p> <p>Isso gera enriquecimento cultural, vivências e calo, que mais tarde te permite chamar de tenrinho aos que agora começam como tu!</p>
294	vindaloo	<p>Decidi aprontar-me para arrancar para esta volta, por várias razões:</p> <p>A principal é que gosto de andar de mota. Procuro dispor-me a fazer uma coisa que gosto, e estou muitas vezes pronto.</p> <p>A nossa vida infelizmente obriga-nos frequentemente sob a forma de comportamentos, atitudes e hábitos a assumirmos comportamentos pró-forma</p>

		<p>ou de projeção do que queremos ser.</p> <p>Seja a postura íntegra e profissional para um cliente, uma história cirurgicamente contada num grupo para parecer 'fixe' ou até 'não fixe', seja simplesmente um sorriso tranquilizador para a família enquanto se diz que 'está tudo bem'...</p> <p>Por isso, gosto de capacetes fechados. Enquanto se rola... Não há adereços. Nem físicos, nem mentais.</p> <p>É sim, o tempo para refletir cada vez me faz mais falta, e se puder juntar essa necessidade, uma mota, conhecer outras pessoas, lugares, paragens e costumes, estar com malinha do melhor...</p> <p>...qual é mesmo a razão para não o fazer?</p>
295	Velasquez87	<p>Podes crer meu caro.</p> <p>Muitas vezes deixamos de fazer a tal voltinha, ou voltão pelo próprio desconhecido ou desculpas, até por situações que à ultima hora são impedimento...e perdemos muito mais do que aquilo que pensamos que não vamos perder, do que o 'oportunidades não faltarão', do que aquilo que não percorremos, do que aquilo que não vimos ou não conhecemos, pelas curvas que não fizemos ou pela serra que não subimos...e que tanto vale a pena, no fundo o viver a fazer uma das coisas que mais se gosta</p> <p>Tal como o Michel espero 'o próximo episódio'</p>
296	marco.clara	<p>Muitas vezes, numa simples conversa sobre uma mesa de café, dão-se os primeiros passos para um caminho mais longo. Assim foi quando aqui há uns tempos atrás, numa troca de aldrabices numa esplanada em Sortelha, se começou a falar de viagens (algumas já feitas, aquela que se fazia no momento, e as que se planeavam fazer).</p> <p>Uma ideia foi exposta, e eu comprei-a de imediato. Ainda não tinha pensado nisso... Aliás, outros planos para vadiar existiam (por coincidência ou não nas mesmas datas), mas aquele destino pareceu subitamente muito apelativo. Não só pelo destino em si, apesar de ser carregado de simbolismo e isso ser um fator importante. Um local que para muitos marca o início ou fim de algo, mas que no final pode ter o significado que cada um lhe quiser atribuir. Um desafio interessante enquanto caminho, pelos quilómetros desconhecidos que pretendíamos calcorrear, e pelos locais que teríamos oportunidade de visitar.</p> <p>O lutar contra a escassez do tempo, problema habitual, e o saltar por cima dos obstáculos que se apresentariam até à data contribuiu para um aumento de ansiedade que teve o culminar quando finalmente parti para me juntar à equipa da qual faria parte nos dias seguintes. O momento em que chegamos ao ponto de encontro (e reencontro) transmite sempre aquela sensação de</p>

		<p>"agora é que vai começar". E assim foi, depois de rolar até Pombal, finalmente "começámos". Seria o primeiro de 4 dias de caminhos, locais e situações que sabíamos de antemão ficariam para sempre.</p> <p>O nosso destino do final do primeiro dia seria mais a norte, o que nos levou por pontes e caminhos onde a natureza exibia despidoradamente o seu esplendor. Onde nos permitiríamos absorver a beleza da paisagem, nos intervalos dos quilómetros que percorríamos a bom ritmo debaixo de um calor maior que o esperado, mas que não representava obstáculo para o tipo de determinação que nos movia.</p> <p>Conforto? Não era isso que sentíamos mas não era isso que procurávamos (talvez por isso não me tenha custado transportar os "tarecos" do Vindaloo...).</p> <p>E a manhã passou-se assim, até descobrirmos um verdadeiro oásis onde nos permitiríamos almoçar e recuperar energias para a segunda parte do dia.</p> <p>É interessante recordar que sempre que parávamos, por muito bem que nos soubesse descansar, só conseguíamos pensar em voltar à estrada e recuperar a nossa viagem individual, a mistura da gestão dos nossos instintos enquanto nos fazemos às curvas com as divagações que permitimos ao nosso pensamento sobre outros temas que pouco ou nada têm a ver com o andar de mota, mas são uma parte importante do que nos move e que nos leva àquele preciso momento.</p> <p>Após mais uma boa tirada, a visão das nossas montadas à beira da estrada. Como que pareciam chamar-nos de volta para poder finalmente seguir o caminho...</p> <p>(Continua...)</p>
297	vindaloo	<p>Em viagem, desde o ponto de partida, até ao destino, só parte do caminho se faz por estrada.</p> <p>Cabe a cada um encontrar no decorrer o seu espaço. Um apaixonado por história, segue por cidades e muralhas, castelos e catedrais. Um apreciador da natureza por serra e vales, floresta e rios.</p> <p>Um motard... Segue por aqui:</p> <p>Mas mais importante, seja qual for o tipo de viagem, há algo que marca a viagem de forma única, sem exceção, e que são os companheiros desse mesmo caminho:</p> <p>O Bruno, aka BFreire, e que tal como eu, também tem um caminho a percorrer.</p> <p>Mas nesta viagem não pode ser os dias todos em cima da mota, e mesmo não podendo estar toda a viagem não deixou de querer fazer uns quilómetros connosco e fazer parte desta voltinha.</p>

		<p>Grande companheiro.</p> <p>Foram quilómetros suficientes para deixar saudade nos dias que sucederam, e vontade que um dia os nossos passos se voltem a cruzar!</p> <p>Há uma subida que ficou por fazer, com base numa terra cheia de flores rasteiras que conto com o teu convite.</p> <p>E o Marco aka marco.clara, sempre bem-disposto e tranquilo.</p> <p>Não se poderia encontrar melhor companhia e camaradagem.</p> <p>Agradeço-te teres-me aturado quando me apeteceu ficar calado, e teres acompanhado quando me apeteceu a cerveja a mais. Agradeço-te as trocas de impressões e a assertividade.</p> <p>Se tivesse que te descrever com uma palavra seria: Sábio.</p> <p>... e uma viagem e uma coleta de bons momentos. Se também nos pudermos deixar uma marca positiva... porque não?</p> <p>(Arte&grafismo by Marco)</p>
298	Nfilipe	<p>É mesmo assim, andar por aí, fazer quilómetros, explorar zonas históricas, paisagens, aldeias, cidades, comer do bom e rolar em cima da mota antes que um gajo fique velho, empenado e só lá vá com viagra!</p>
299	marco.clara	<p>Depois do episódio da birra da burra, o resto do dia decorreu sem sobressaltos. Apesar de partirmos com cerca de 1 hora de atraso em relação ao que desejávamos, como tivemos de adaptar o nosso percurso original, que passava naquele preciso momento pelo meio do Inferno que se vivia no centro de Portugal, ajustámos os timings. Optámos por rumar mais em direção a oeste. Ainda assim o fumo que transformava um dia quente num dia de inverno com um calor doentio, não nos deixava esquecer o drama que se vivia uns quilómetros ao lado...</p> <p>Cruzámo-nos durante a manhã com as mais variadas cilindradas e tipos de motas e mais heterogéneos grupos de motards, até que nos lembrámos que era o fim-de-semana do lés-a-lés. Algo que no nosso espírito mais de mototurista do que simples motard, nos tinha passado ao lado até ao momento. Uns quantos "V" extra e lá seguimos caminho. Passámos por alguns locais que poderia fazer sentido referir aqui, e outros que nem tanto. Não tirei fotos, não estava para aí virado.</p> <p>Dado o imprevisto pelo qual nos guiávamos, acabámos por fazer uns troços de autoestrada não planeados. Algo que tínhamos evitado até ao momento, tirando um episódio em Espanha, no qual (devido a um corte de estrada) percorremos meia dúzia de quilómetros em autovia para nos quedarmos barrados à saída da mesma, por uma cancela, quando percebemos que a Via Verde não tinha funcionado... Mas como as motas se "espremem" em qualquer</p>

		<p>lado, lá seguimos caminho... (guardo correspondência cá por casa num dia destes).</p> <p>Uma paragem numa esplanada qualquer, para aviar uma sandes qualquer, enquanto nos debatíamos com mixed feelings. O bem-estar da viagem que tínhamos feito até ao momento e continuávamos ainda a fazer, versus a tragédia que se vivia ali ao lado, fruto dos incêndios. Ao sair do local onde tinha estacionado a ventoinha italiana (acho que lhe vou começar a chamar de "bastarda"), um "mata velhos" corta-me o caminho. Ignoro e saio pela frente. O sentimento de gratidão por não estar enfiado num autocarro num trajeto de 5 horas até Lisboa, ainda se fazia sentir.</p> <p>O caminho que fazíamos, apesar de improvisado, era bom. E assim se manteve durante todo o dia, mais ou menos até chegarmos à Mealhada, onde resolvemos visitar um local já conhecido, o Theatro Caffé. Lá dentro vivia-se intensamente o jogo da seleção. Cá fora, eu e o meu companheiro de viagem vivíamos intensamente o visitar de todos os momentos, locais e situações, que tínhamos experimentado até então. Por mim falando, naquele instante não poderia estar mais realizado e agradecido por ter vivido o que tinha vivido nos últimos 4 dias. Uma última (e única) foto, naquele dia, para depois decidirmos seguir caminho, já orientando o nosso azimute para casa. Faríamos mais uns quantos quilómetros para depois o Diogo seguir o seu caminho, e eu o meu. E assim foi.</p> <p>O final do nosso percurso, essencialmente feito em linha reta, não espelhava de maneira nenhuma a intensidade dos caminhos percorridos nos anteriores quase 2000 quilómetros. Despedida do Diogo em andamento. Chegado a casa, estacionei a burra, agradei-lhe uma última vez não me ter deixado apeado, jantei com os meus e dormi o sono dos justos, sonhando com tudo aquilo que tive o privilégio de viver nos 4 dias anteriores.</p> <p>Não posso terminar esta crónica, sem deixar um grande abraço e sobretudo um grande bem-haja ao Diogo, que permitiu que eu fizesse minha uma viagem que inicialmente era só dele, e que partilhou as minhas desventuras sobre duas rodas (uma vez mais) com grande espírito de entreajuda e camaradagem, nunca deixando que me sentisse só.</p> <p>Sei que o conceito de motard e o tema do espírito motard é algo sensível e sujeito a debate neste fórum, mas arriscaria deixar aqui a seguinte afirmação. Toda a gente pode ter uma mota, mas nem todos podem ser motards.</p> <p>Obrigado Diogo!</p>
300	LWillow	<p>O Lone continua 'em altas' na sua narrativa!</p> <p>Esta RIM foi um sucesso não só pelo desfrutar de rotas extraordinárias bem</p>

		<p>como pelo excelente ambiente e relações de amizade entre os intervenientes!</p> <p>Prova disso foi ter acabado de me despedir do Michel (Pinto), do Diogo/Vindaloo e do JPSimões depois de termos estado a petiscar uma saladinha de polvo e a beber uns canecos!</p> <p>Como sabiam que iam passar aqui por perto de minha casa telefonaram-me para nos encontrarmos!</p> <p>Para além das memórias, este 'efeito secundário' da RIM é algo precioso!</p>
301	carlos-kb	<p>O Vídeo ficou fantástico.</p> <p>Muitos parabéns à Eli pelo excelente trabalho de captação das imagens e depois respetivo "corte e costura". Está excelente... Nota máxima, digna de uma verdadeira profissional do ramo!!!</p> <p>E fica a vontade de marcar já presença na próxima.</p> <p>Bem hajam Michel (Michelfpinto), Eli, Marco (Marco.Clara), Rui (Lone Rider), Diogo (Vindaloo), Miguel (Mdcfeiteira), Nuno (Nunones), Luís (LWillow) e Tiago (Tiago_JBM).... e aos "wild card" Miguel (Inc_pt), José Carlos (Kok), Paulo (Marazzi), Claudio (ClaXav), Fábio (Serzedo), Pendurinha e Mivla (Quem falta? Espero que ninguém)... Quer fosse no jantar, como no roteiro do Douro ou pelo resto dos 4 dias, fizeram desta RIM um enorme momento de convívio, boa disposição, camaradagem e união, ao longo das muitas centenas de quilómetros percorridos, e que ficarão como marca indelével deste espaço que é o fórum... E daquilo que nos une aqui... As motos!</p> <p>Vocês são GRANDES!!!!</p>
302	LoneRider	<p>O mais importante neste mapa é constatar que neste fórum existem membros que já rodaram centenas de quilómetros juntos.</p> <p>Que um fórum seja plataforma para este tipo de eventos diz muito de quem o orchestra, dos músicos e da música que nele se toca.</p> <p>O melhor nisto tudo é que a ideia saiu, um pouco de forma espontânea, da mente de 3 ou 4 membros durante um jantar...</p> <p>Carlos pá!</p> <p>Para o ano serão 1000 quilómetros.</p> <p>Chegarei ao pé de vocês no último estágio de Cu-beduinismo (calo sangrante)!</p>
303	michelfpinto	<p>Sem dúvida, o importante é o convívio e o que isso proporcionou a todos os que fizeram parte da RIM.</p> <p>E acho que é um bom exemplo para quem entra no fórum perceber que existe um ambiente deste género por cá, e que um dia podem fazer parte dele também.</p>

304	LWillow	<p>Sim, é importante que essa 'mais-valia' seja a 'âncora' deste fórum/clube/ 'ajuntamento'/ ...</p> <p>Eu já fiz uma quantidade significativa de viagens/passeios com uma grande diversidade de grupos/ gente para poder apurar uma conclusão e de facto toda esta malta que participou na RIM está no 'top' !</p> <p>A diversidade/pluralidade de personalidades/temperamentos 'funde-se' facilmente num ideal comum de boa-disposição, gosto pelas motas, respeito e companheirismo. Parece fácil de acontecer mas... Não é assim tão comum!</p>
305	Caroço	<p>Boas,</p> <p>Da minha parte só posso dizer que foi um privilégio conhecer toda a malta sem exceção, rolar com eles naquela estrada maravilhosa, partilhar experiências, conhecer novas caras (e aquelas por detrás do nick) e a própria zona.</p> <p>Nuno, tenho ido a muitos encontros, mas o teu foi excecional, da minha parte nomeio-te já organizador MOR dos encontros (exceto o de Idanha-a-Nova, que esse vou ser eu).</p> <p>Quanto à carne de porco à alentejana, foi servida numa travessa igual à que serviram o bacalhau, para 3, comi a minha dose, mas nestes encontros, habitualmente falo e bebo mais do que o que como. (Fiquei foi palavrão porque não consegui o número de telemóvel da empregada (meu deus, ela tinha uns olhos lindos...)).</p> <p>Lone MERMÃO, falei de ti várias vezes, mas depois de andar com o claxclav e mais uns quantos, esqueci... TU É QUE NA VALES NADINHA...</p> <p>Foi um dia muito bem passado, foi uma organização excelente, e acima de tudo, vi amizade, vi que afinal somos uma família já bem grande, tolerante e humilde, apercebi-me que a nossa forma de estar neste mundo é semelhante, e que independentemente de onde vimos, o que importou a todos foi: com quem estamos, peço a todos que não deixem que nada interfira nem estrague esta grande amizade que já é bem patente neste Grupo.</p> <p>Desculpem as minhas asneiras, brincadeiras e até críticas, mas sou impulsivo, tenho mais defeitos que qualidades, mas a minha intenção é apenas provocar rizadas e matar complexos.</p> <p>Ao professor Lwillow, um especial obrigado por me emprestar a televisão para eu poder repousar.</p> <p>Pedi a todos para dizerem que tinham chegado bem, e isso é importante para mim, é isso que considero o fecho da volta em pleno, e corresponderam.</p> <p>No entanto, vão vir para aqui com umas histórias meio esquisitas que se passaram comigo depois, Aviso já que desnego tudo.</p>

		<p>Faltaram os restantes elementos (cloud, tu tavas no topo da lista) mas espero que possam vir numa próxima.</p> <p>E é mesmo assim que termino:</p> <p>Quando é a próxima?</p>
306	Nfilipe	<p>À pouco li algo que deu a entender que Espanha é bastante rica culturalmente, muita história, castelos, igrejas, museus! Tem daquilo que gosto bastante!</p> <p>Tanto como andar de mota, gosto de explorar e visitar cidades, monumentos e por aí fora. Andar de mota para mim é o complemento à grande vontade que tenho de viajar e descobrir novos sítios. Pode ser que ainda este ano consiga ir para aí fazer uma volta como manda a lei!</p>
307	michefpinto	<p>A pessoa quis sair porque não se revia no fórum e na forma como funciona, algo legítimo.</p> <p>Que existem coisas a melhorar em todos, penso que isso é normal, nem sempre temos a melhor atitude. Talvez na receção das pessoas convenha sermos no geral mais contidos para quem chega...</p> <p>No geral acho que o fórum funciona um pouco como uma mesa de café com pessoal que se conhece. As conversas são no geral em torno das motas, aventuras que já tiveram juntos, picardias e palhaçada, etc etc... Este ambiente acaba por ser menos acolhedor para quem se junta porque está fora disso tudo e acaba por se sentir meio excluído. Além disso penso que muitas pessoas vêm cá e registam-se para tirar uma dúvida e depois vão à sua vida, pois não tem intenção de cá ficar na conversa. Outros talvez se assustem com a receção ou esperavam outro tipo de ambiente, e não sendo algo que gostem vão-se embora.</p> <p>Por fim, ninguém é obrigado a juntar-se às voltas, e existem várias pessoas por cá que nunca o fizeram e não é por isso que são colocadas de parte. Mas é inegável que é a melhor forma de o pessoal se dar a conhecer e começar a participar de uma forma "física" no fórum. Existem muitos exemplos de pessoas que hoje são amigos e se conheceram aqui no fórum.</p>
308	marco.clara	<p>Ora bem, seguindo o tom sisudo que ultimamente tem sido apanágio deste fórum, ocorre-me dar a minha patacoada também e dizer o seguinte:</p> <p>O porquê de eu fazer parte deste fórum...</p> <ul style="list-style-type: none"> - Porque agrega um grupo de pessoas que tem um interesse comum, o qual partilho: as motas! - Porque me proporcionou e proporciona participar em passeios, convívios e viagens que contribuem positivamente para a minha experiência enquanto motociclista. - Porque me permite conhecer pessoas com características diversificadas, que

		<p>aportando mais ou menos valor vão contribuindo para que eu aprenda qualquer coisa.</p> <p>- Porque ao longo do tempo me permitiu criar amizades com algumas dessas pessoas, através dos tais momentos de convívio, que muito prezo.</p> <p>- Porque aqui nada é nem deve ser levado muito a sério, que para isso já temos a nossa vida e rotina diária a contribuir.</p> <p>E o busfils da questão encontra-se neste último ponto que refiro. De há algum tempo para cá, as pessoas aqui começaram a levar-se demasiado a sério, a si próprias e às outras. Não temos de gostar todos uns dos outros e não temos de estar sempre de acordo. Cabe-nos a nós decidir e medir as nossas ações e reações e, no limite, se não gostarmos de algo, simplesmente fazermos o que as nossas mãezinhas nos ensinaram: colocar de lado no prato!</p> <p>A questão é: PAREM DE SE LEVAR DEMASIADO A SÉRIO! Garanto-vos que isto tem tudo muito mais piada se assim for.</p> <p>Com licença, vou andar de mota.</p>
309	Caroço	<p>Pessoal, apelo aquilo que realmente somos.</p> <p>Um grupo de amigos que gosta de andar de moto.</p> <p>Todos temos os nossos ideais opiniões, e forma de estar nesta casa.</p> <p>Mas chega uma altura, em que temos que parar, repensar, discutir entre todos, dizer o que nos vai na alma, e continuar unidos e seguir para frente.</p> <p>É assim que se cria um grupo forte e coeso.</p> <p>Tal e qual como o caminho que o fórum estava a levar era motivo vi de discussão, foi aberta a discussão, cada um desabafa, esclarecemos, e continuamos, sob pena de se a discussão continua tempo demais, cada um começa a puxar pelo seu ego e a coisa desmorona-se.</p> <p>Este tópico teve o seu devido efeito e existiram aqui pontos que acho que são importantes e que todos nós devemos ter em conta.</p> <p>Está na altura de parar por aqui, fazermos um retrospectiva de nós próprios e seguir para a frente.</p> <p>Não podemos mudar o passado, mas podemos melhorar o futuro.</p> <p>Abraço</p>
310	ClaXav	<p>Peço desculpa vou dar a minha opinião (como se interessasse a alguém).</p> <p>O fórum motonliners.pt é assim quem gostar ou não se importar regista-se, quem no gostar não regista.</p> <p>Acho que por aqui ainda não surgiu ninguém abusivo ou inconveniente.</p> <p>Somos um fórum onde a maior parte dos utilizadores ativos se conheceram através do fórum e mantém contacto dentro e fora dele. Isto, tanto quanto sei não se verifica noutros espaços virtuais.</p>

		<p>A vantagem direta do nosso ser assim, é o facto de não ser necessário manter certas e determinadas aparências para que do outro lado do teclado não fiquem com uma ideia errada da nossa pessoa. Aqui quase todos sabem quem é o gajo que está do outro lado.</p> <p>Este fórum (para mim) é muito bom, único e deveria manter o registo. O Lone e todos os outros devem dizer tudo o que quiserem nas apresentações. Claro que sempre dentro dos limites motonliners.</p> <p>Mais uma vez tenho pena que o Rod tenha tomado essa decisão e espero que se registe novamente daqui a uns tempos ROD 2.0</p>
311	Furras	<p>Em relação a este assunto...</p> <p>Só tenho a dizer uma coisa, este é o único fórum onde estou registado e participo!!!</p> <p>Nunca senti necessidade de me registar num outro fórum qualquer... Porquê? Porque aqui e apesar de muitos de nós não se conhecerem pessoalmente, reside um sentimento de companheirismo e camaradagem de salutar, e porque aqui não há mariquices também</p> <p>É verdade que um gajo que se apresente e tenha menos poder de encaixe fique algo "perplexo" com a receção, mas se assim for, é porque não se inteirou do "modus operandi" do fórum antes de se registar e apresentar.</p> <p>Em relação às "brincadeiras" com que alguns se ofendem, eu na minha vida brinco, gozo, chateio... etc, aqueles que mais gosto, os que não gosto não brinco com eles... if you know what i mean.</p> <p>Em jeito de conclusão, calma nas apresentações e punho enrolado após isso. E que este continue a ser o ÚNICO FORUM ONDE ESTOU REGISTADO E PARTICIPO.</p>
312	PBarros	<p>Boas a todos.</p> <p>Estando de acordo com a ideia geral transmitida aqui pelo LoneRider, gostava de vos dizer que estando eu registado em 5 fóruns de motas, consigo perceber as enormíssimas diferenças entre todos eles, ao nível do tipo de conversas, linguagem, formas de encarar críticas, maneira de brincar com os companheiros, etc...</p> <p>Quando me "dá na gana" participo aqui e ali, conforme sei e posso...</p> <p>Até hoje tenho sabido "encaixar" as críticas, por vezes mordazes, feitas à minha "máquina"</p> <p>Todos os fóruns são importantes, e quando a conversa não agrada, "passamos à frente"...</p> <p>Eu pelo menos, não vou a fóruns de motas para me chatear/aborrecer!!!!</p> <p>Para isso já basta as finanças, a segurança social, o supermercado, etc !!!</p>

		<p>Eu quero é andar de mota!!!</p> <p>Só faz falta que cá está/vem para brincar, aprender, desabafar, trocar ideias, "achincalhar" o "estaminé", etc</p> <p>Fiquem bem</p>
313	Mr.Ricky	<p>Calma! Se sempre houver passeio no dia 8, vai haver também o passeio para a celebração das melhoras do Rod!!!</p> <p>E vai haver passeio para comemorar a moto nova do Shady!</p> <p>E vai haver passeio para comemorar a substituta da Suzy de rabo empinado!</p> <p>E vai haver passeio para discutir como se desliga a moto, se no botão ou na chave!</p> <p>E vai haver passeio...</p> <p>...bom já percebeste, haja gasolina e motos, que é uma boa razão para se fazer um passeio!</p>
314	FulioJaria	<p>Eu cheguei bem aparte do frio, espero que os restantes também. Muito bom convívio, companhia e passeio só mesmo o briol é que dispensava!</p>
315	carlos-kb	<p>Mais do mesmo! E outra coisa não seria de se esperar Mais um grande dia...</p> <p>Num excelente passeio, grande camaradagem, um percurso interessante, belas estradas, uma boa almoçarada... Venha o próximo!</p> <p>Devia estar a falar de um qualquer filme de terror, com o Michel... e o Luís (quatropiscas) muito atento!</p>
316	Karlytus	<p>Epah as coisas que tu sabes..</p> <p>Desconhecia. Mas falando a sério, não me incomoda. Desde que não me peçam boleia.</p> <p>Andar de mota é a melhor coisa do mundo, seja para homens, mulheres ou assim-assim.</p>
317	inc_pt	<p>Tendo em conta o tipo de mota prefiro nacional, agora também pode ser AE.</p> <p>Eu vou por qualquer sítio, quero é passear</p>
318	xiko_dsg	<p>Subscrevo ao que já foi dito...pessoal todo 5*, dia mesmo muito bem passado com curvinhas espetaculares</p> <p>A ver se consigo pegar nos vídeos esta semana para editar aquilo e meter por aqui...senão o Rod trata disso</p>
319	LoneRider	<p>Vocês não tem a mínima ideia do que é curtir mota, pois não!?</p> <p>Eu quando saio, madrugando e nunca tenho hora para chegar...</p> <p>Nem hora nem dia!</p>
320	LoneRider	<p>Eu gostava de vos ver a fazer a Penitência!</p> <p>Cambada de tenrinhos!</p> <p>Isto de ir andar de mota tem as suas vantagens!</p> <p>A primeira é que o pessoal curte bué umas curvas. A segunda é que se pode</p>

		<p>mentir sem dar tempo para ser desmentido (entre pausa e pausa, anda-se de mota e é tão bom que nos esquecemos das mentiras).</p> <p>Depois madrugar é aquele momento de libertação de toda e qualquer preguiça, que nos faz ficar leve e ter bom humor logo pela manhã.</p> <p>E por ultimo, não ter hora de chegar. Prolongar o dia de 24h em 48, 72, 96 ou mais horas!</p> <p>Quem sabe ou entende essa alegria de chegar todo roto a casa e ainda ter energia e humor para dar carinho a quem te espera?</p> <p>Bora la pessoal!!!!</p> <p>Façam 1800 km e venham cá beber um café!</p>
321	michelpinto	<p>Possuídos pela vontade de andar de mota!</p> <p>As nossas motas não têm mais proteção e conforto, isso faz mudar muito e ser bem menos penoso. Mas é uma tirada considerável.</p>
322	MagJet	<p>Claro que normalmente o que faço e gosto mais é pegar na mota e simplesmente ir, seja sozinho ou com amigos, sem quaisquer regras.</p> <p>Mas como esta é uma oportunidade para meter o olho em muitas café racer e dar um pulo a Espanha, se estiver bom tempo sou mesmo capaz de ir!</p>
323	LoneRider	<p>O que mais me preocupa é que, em parte lhe dou razão!</p> <p>É bom que o pessoal se junte para confraternizar, mas existem muitos que utilizam as motos para o fazer e só estão presentes onde há cerveja e um porco no espeto.</p> <p>Isto das motas vai muito mais além disso, e o ar que respiramos, é a ferramenta para as desmontar, e borracha queimada e momentos de diversão a solo ou em companhia, tendo como ponto importante as motas e não o porco no espeto.</p> <p>Ali debate-se sobre motas, aventuras e desventuras e não sobre o modelo xpto na moda...</p> <p>Eu sei e quero deixa-lo bem claro, que o objetivo deste tópico é diferente, mas também compreendo o DFelix na sua postura!</p>
324	carlos-kb	<p>Como já estou na tal idade da ternura, já me posso dar ao luxo de certas lamechices... Por isso cá vai!</p> <p>Perante o mega jantar que se fez ontem... Todo o convívio e camaradagem...</p> <p>Por todo o divertimento, galhofa, amizade e boa disposição...</p> <p>.... A todos que ajudaram a tornar aquele momento inesquecível!</p> <p>UM MUITO OBRIGADO!</p> <p>Vocês são GRANDES!!!</p>
325	Shady	<p>Deixem-se disso já fizeram isso no último passeio não quero abusar desse companheirismo motard</p>

326	michefpinto	Carlos, só vi a tua mensagem agora. Como referi ainda não temos. Tirando o Bombarral o que queremos é andar de mota. Já perguntei ao Lone se está por cá amanhã e combinávamos algo a meio caminho. Manda aí umas sugestões.
327	nelsonajm	Se o mote é andar de moto... Não arranjem desculpas do tipo que a estrada tem poucas curvas e muitas retas para se baldarem...
328	michefpinto	A feira sinceramente não me chama nada. A ir só mesmo pelo convívio. Se fosse como a da FIL valia a pena ir pela feira, assim só mesmo o almoço e confraternização, que essa vale sempre bem a pena.
329	quatropiscas	Eu quero é andar de mota!
330	carlos-kb	<p>Pessoal... acabei de chegar a casa!</p> <p>Pequena (grande) voltinha... Serviu para fazer o gosto ao punho, desbastar as chicken coiso e conviver com este pessoal.</p> <p>Não podia deixar de enaltecer a grande surpresa, que foi a presença inesperada do Lone Rider no passeio.</p> <p>Um gajo que faz quase dois milhares de quilómetros para fazer umas curvas com o pessoal (mesmo que tenha aproveitado para outros afazeres de carácter pessoal por cá), aparece na zona Oeste, brinda-nos com um festival de condução com uma mota de quase 300 kgs em ordem de marcha, e arranca de regresso à capital do Reino de Aragão... Tem legitimidade para chamar aqui no fórum, de tenrinhos a todos e quaisquer uns.</p> <p>Bem hajas Lone. Gostei imenso de te ver!</p> <p>Boa viagem de regresso a Zaragoza... Aonde quer que já vás.</p> <p>Quanto ao resto... Não falhou! Pessoal 7 estrelas, com um k.d.u. a condizer (excetuando o patrão), um belo coffee break no Bombarral, aonde imperou a boa disposição... Curvas e mais curvas... A subida ao Montejunto. Mais do mesmo portanto...</p> <p>... e agora, até já... tenho ali os frangos para grelhar à minha espera!</p>
331	LoneRider	<p>Olá pessoal!</p> <p>Já cheguei a casa, depois de 1080km.</p> <p>Ao pessoal que gabou a minha condução hoje e em especial aos menos experimentados nisto eu apenas tenho a dizer que isto é fruto de muitos quilómetros de mota e alguns dissabores, para além da persistência em andar sempre de mota.</p> <p>Embora já tivesse feito as curvas do Bombarral noutras ocasiões, fazia já tempo que não andava por lá e assim, aproveitei a roda do Gordep para fazer aquela estrada deliciosa com outras garantias.</p>

		<p>Foi um imenso prazer voltar a ver o pessoal, o Patrão de mota e conhecer alguns dos users mais jovens do Fórum.</p> <p>A estes espero que esta manhã tenha servido como inspiração para muitas mais curvas, não por causa deste que vos escreve, mas por causa de tudo aquilo que o Marco já descreveu.</p> <p>É aí que reside o espírito da coisa, onde parece que andamos todos à molhada e em contínua algazarra, mas depois, quando estamos na vertical, aflora uma das coisas mais fixas da vida!</p> <p>A amizade.</p> <p>Em suma...</p> <p>Vocês não valem nadinha!</p> <p>São todos umas meninas a andar de mota!</p>
332	LoneRider	O que interessa é andar de mota!!!
333	carlos-kb	<p>Acho perfeitamente viável. Como disse atrás, até 350 quilómetros para ida e regresso + 150 quilómetros para o passeio juntando as duas comitativas, fazem-se na boa. Foi isso que aconteceu no ano passado e funcionou, não sei porquê tanta problemática agora.</p> <p>Inc, o que terás de fazer nesta altura do campeonato, é elegeres tu, como organizador, o percurso mais sugestivo, para que a volta "conte uma história" que agrade a todos. Porque o resto é trancar punho em Auto Estrada para ir e para vir.</p> <p>Quem quiser ir vai... Quem começar com mesquinhices, fique em casa. Infelizmente, é muito difícil agradar a gregos e a troianos... E para fazeres a vontade a uns, contrarias a vontade de outros.</p> <p>Os meninos que foram à RIM, perceberam nessa pequena aventura que aquilo foi muito mais que ir dar um passeio mais alargado de moto. Algumas peripécias por que passaram nesses 3 dias (e 4 para alguns), fez-lhes criar laços de respeito, entreajuda e camaradagem, que quem ficou de fora, não perceberá.</p>
334	carlos-kb	<p>Pessoal, a ideia surgiu numa conversa há pouco com outros users. Visto o big boss (Officer) estar "desmotado", e nunca ter participado num passeio do fórum que ele próprio criou, que tal o pessoal se juntar (participantes e não participantes), e entre todos (que quisessem, evidentemente), pagarmos-lhe o aluguer de uma moto para ele poder marcar presença no passeio?</p> <p>Se a ideia for a avante, e tendo em conta o valor de um aluguer diário de 24h (já andámos a sondar preços), acho que facilmente conseguimos com cerca de uma dezena de contribuintes, dar esta prendinha ao "patrão"!</p>

		<p>A caução depois já seria com ele, mas como a mesma fica em pré-depósito, e se tudo corresse bem (que vai correr, claro), a mesma nunca chega a sair sequer da conta dele.</p> <p>Que acham? Fica lançada a ideia.</p> <p>Da minha parte estou disposto a contribuir até 10 euros.</p>
335	quatropiscas	<p>Pessoal, apesar de não ir, contém com contribuição minha para alugar uma mota ao patrão!</p>
336	Cloud	<p>Aqui tenho que concordar com o officer. Aliás, já por aqui confessei que muitas das voltinhas que dou por aqui faço-as mais com o objetivo de conviver com o pessoal do que das curvas em si. Até acho que para fazer umas curvas é muito melhor ir-se sozinho ou apenas com 1 ou 2 amigos, bastam mais de 4 ou 5 pessoas para não se conseguir andar a grandes ritmos.</p>
337	vindaloo	<p>Deixo ainda uma opinião/reflexão:</p> <p>O que vos faz pegar na mota e estoirar 3 depósitos num dos dias mais quentes do ano?</p> <p>A mim é a sempre a vontade de ter um dia diferente. Sentir que há uma história que pode ser contada, quebrar a rotina e desanuviar daquilo que de uma maneira ou outra nos corre menos bem no dia-a-dia e não conseguimos evitar. E claro... Descarregar a adrenalina.</p> <p>Embora sem uma grande expectativa para este passeio, cheguei a casa com o sentimento de que foram cumpridos os pressupostos acima. Pelo que o saldo é positivo. Hoje valeu a pena.</p> <p>O que levamos de um dia como o de hoje para o futuro nunca será o tempo que se esteve à espera de alguém, ou se a estrada era melhor ou pior mas sim as conversas que tiveram com o vosso capacete, o desafio que sentimos em determinadas fases do percurso que penso que todos ultrapassámos e pequenos momentos de camaradagem para quem esteve a rolar ao lado.</p> <p>Não tenho como definir melhor o conceito de espírito motard do que saber lançar um sorriso à aventura e ao inesperado. Deixar que a estrada nos dê conforto... Num momento de desconforto.</p> <p>Se fosse tudo demasiado certinho, planeado e corresse tudo exatamente perfeito hoje não valia a pena ter saído de mota. Amanhã não teria nada para contar ou pensar.</p> <p>Todos podíamos ter pegado no carro, ligado o GPS e o AC, combinado horas, ter posto o alarme no telemóvel à hora de iniciar a viagem de regresso, ter chegado a casa à hora pensada... ou podíamos ir ao shopping, ou .. etc. bahh.</p> <p>Aos que andam de mota pelas mesmas razões que eu, espero voltar a andar de mota com vocês!</p>

		Eu disse-o várias vezes hoje: Pensei que não ia andar de mota, mas afinal andei.
338	OFFICER	<p>Pessoal agora em tom sério (que é difícil com os morcões).</p> <p>Obrigado a todos os presentes, obrigado também a quem contribuiu para a minha presença, já não fazia um passeio assim há anos! Tenho o corpo todo dorido mas valeu a pena.</p> <p>Foi bom ver um passeio deste fórum com cerca de 20 motos e com presenças praticamente de norte a sul.</p> <p>Pessoal 5 estrelas!</p> <p>PS: vindaloo podes meter até 20 fotos por post pá!</p>
339	ClaXav	O contributo para o aluguer da moto é o mínimo que qualquer utilizador deste fórum devia fazer, obrigado por maneres isto a andar para a frente.
340	marco.clara	Idem. Também tenho casa à disposição em Pedrogão de São Pedro (perto de Penamacor). Mas tal como tu, acho que nestas andanças devemos privilegiar o convívio!
341	vindaloo	<p>Não me vou alongar, mas considero que este encontro foi mesmo muito especial.</p> <p>Inesquecível.</p> <p>Combinámos ir andar de mota e fomos. E como hoje já o transmiti sinceramente, não me recordo em muito tempo de me ter sentido tão bem num passeio de mota. Nem em cima da minha própria mota.</p> <p>Como eu sei que me compreendem, este é o melhor elogio que vos consigo exprimir por palavras.</p> <p>Obrigado Rui, Carlos, Marco e Michel.</p>
342	carlos-kb	<p>Começando pelos agradecimentos... Não tens de agradecer, porque ali (e perdoem-me o vulgarismo), estivemos literalmente fiéis ao lema dos mosqueteiros.</p> <p>É absolutamente verdade o que referes. Só quem viveu cada momento daqueles dias em que estivemos juntos, poderá compreender. Não foi apenas um passeio em que 5 maganos se juntaram para andar de mota... Mas o que foi cada momento, cada local e cada sentimento obtido no decorrer de todo este tempo.</p> <p>É natural que o pessoal agora até esteja (em maior ou menor grau), curioso para ver as fotos, para ler a crónica, para ver os vídeos. Para mim, nenhuma foto, vídeo ou narrativa poderá jamais exprimir o que foi fazer parte desta pequena aventura. Os locais por onde passámos... O que vimos... O que sentimos... O que fizemos... E perdoem-me o lamechismo, isso ficará para sempre connosco.</p>

		<p>O parar no meio da Serra da Malcata, e a sensação de solidão, sendo apenas nós no meio de toda aquela envolvente...</p> <p>... o apuro que foi meter as motos dentro do Castelo de Vide e depois conseguir tirá-las de lá (entre todos e quase ao colo)....</p> <p>... o descer da Peña de Francia e seguir aquela estrada estreitíssima, cheia de pedras, gravilha, escavada na vertente nua da Serra, e novamente sermos apenas nós e a natureza...</p> <p>... O chegar a Ciudad Rodrigo e olhar aquele céu carregado, no horizonte por onde os raios de sol rompiam e desenhavam um pintura do mais belo que os olhos poderão ver....</p> <p>... o passar nos campos de Alcântara, ao lusco fusco, e ver as dezenas de cabras brancas em liberdade, correndo em pânico pelos campos fora, à passagem do ruído dos nossos motores...</p> <p>... o parar a meio dos ganchos fechadíssimos das Batuecas (o tal mini Stelvio como o Lone os designou), olhando cá abaixo e vendo todo aquele traçado sinuoso que rasgava a paisagem e pelo qual havíamos passado imediatamente antes...</p> <p>.... olhar a estrada no horizonte, e ver aquela "montanha russa" de subidas e descidas em reta, após a fronteira de Segura, vendo os pontinhos negros das motos e condutores naquele sobe e desce permanente e ritmado...</p> <p>.... deambularmos com as motos pelas ruelas labirínticas, vazias e estreitas dos "pueblos" perdidos no meio do território, enquanto o GPS recalculava a rota certa...</p> <p>... aquelas estradas mais parecidas com caminhos que de repente se estreitavam ainda mais e nos faziam transpor riachos num pequeno improvisado de ponte...</p> <p>... o passar e ver os locais a acenar, desejando-nos simplesmente "boa viagem" ou "buen viaje"...</p> <p>Não temos fotos nem vídeos disto... e mesmo que as tivéssemos, e por mais que o narrássemos, jamais conseguiríamos transmitir aos demais todo este sentimento vivido em cada local e em cada momento. É algo que ficará apenas com quem lá esteve... Porque para além de um passeio de moto para ir "andar de moto", de um itinerário mais ou menos cumprido conforme delineado, e de um destino que tínhamos, estes dias valeram sobretudo pelos momentos... Por cada um deles.</p> <p>A verdade é que nunca havia sentido tão proximamente o facto de que viajando de moto, não somos algo na paisagem, mas fazemos parte dessa paisagem... Que não interessa o destino para onde vamos, mas por onde</p>
--	--	--

		<p>vamos e por onde passamos!</p> <p>Por isso, caro Diogo... Só nós é que o compreenderemos, como tão bem disseste!</p> <p>Ali, deixámos de ser o Vindaloo, o Lone Rider, o Carlos-Kb, o Marco. Clara e o Michelfpinto, por detrás da "capa" de um fórum, para sermos simplesmente o Rui, o Diogo, o Carlos, o Marco e o Michel.</p> <p>E se há que agradecer de forma especial a alguém, esse agradecimento será todo para o Rui, pelo trabalho em desenhar e levar a cabo esta RIM, pela atitude e pela postura, que nos proporcionou viver e sentir isto desta forma.</p> <p>Vocês são GRANDES!!!</p> <p>Ora isso tenho imensa pena de ter perdido, por um par de horas.... Era alguém que eu gostaria muito de conhecer e trocar meia dúzia de palavras.</p> <p>Mas a necessidade de ter de vos "abandonar" em Vilar Formoso e meter os cavais a caminho de casa, com uma pequena paragem para descansar, seguindo rumo a Lisboa madrugada adentro (trabalho a quanto obrigas), fez-me perder esse momento. Espero que outras oportunidades para o conhecer, surjam.</p>
343	LoneRider	<p>Ora bem pessoal...</p> <p>Obrigado pela boa companhia, pelos momentos proporcionados e as curvas.</p> <p>Foi um fim-de-semana muito fixe onde 5 motos ajudaram a criar laços de amizade onde a entre ajuda e a entrega de cada um nos fez ser uma equipa.</p> <p>Elas, as protagonistas estiveram à altura, especialmente as ventoinhas pois não avariaram.</p> <p>As curvas, essas, estão sempre lá para quem quiser ir curtir.</p> <p>A Rota Internacional deve voltar a repetir-se todos os anos e farei todo ao meu alcance para que os momentos inesquecíveis que vivemos na primeira edição se repitam.</p> <p>Por fim, o culpado de tudo isto é o meu herói. Tu, David que soubeste reunir esta maralha com estas qualidades todas, estás feito ao bife, porque não vales mesmo nadinha!</p>
344	LWillow	<p>Gostei do que li Vindaloo! É esse que também acho que deva ser o 'espírito' de rolar em grupo</p> <p>Como motociclista (= piloto de motos) avalio-me com um 'Minimamente Satisfatório' , faço uma condução defensiva , 'corto-me' um pouco nas curvas e acelero nas retas , o normal para um gajo que sente que os seus tempos áureos já lá vão e que não lhe sobra muito dinheiro para andar a trocar de moto caso espatife a que tem .</p> <p>No entanto, ainda tenho ganas para não 'atirar a toalha ao chão' perante os</p>

		<p>desafios, continuo a alimentar o espírito aventureiro e adoro desfrutar do que o 'andar de mota' proporciona (muitas vezes 'pisando o risco' da segurança a favor da satisfação da adrenalina).</p> <p>Estas iniciativas (tipo RIM ou outras do género) são 'a minha praia' neste microcosmos das 2 rodas. Dá-me prazer andar de mota sobretudo numa de 'reação em cadeia' , isto é, acompanhado por gente que tem tanto ou mais prazer que eu nessa mesma coisa.</p> <p>P.s. Sim, também já deu para ver que há por aqui alguns 'lobos do asfalto' , gente com 'currículo' nesta paixão do motociclismo. Eu 'dispersei-me' ao longo da minha vida relativamente aos hobbies e 'paixões' e por isso não tenho o 'calo' que muitos têm a 'andar de mota', esse tal acumulado de experiência para tratar a mota por tu.</p>
345	LoneRider	<p>É pá eu estou aqui e estou a pensar na RIM do ano 2018, cujo destino é ambicioso.</p> <p>Para alguns (para mim quase que obrigatoriamente) pode supor ter que por uma semana de férias para consumir o trajeto que estou a pensar.</p> <p>Só posso dizer que será 100% em solo espanhol, carregado de histórias, um número infundável de curvas e sítios interessantes, uns famosos, outros nem tanto.</p> <p>Como estamos a falar de 5 a 6 noites fora de casa, o orçamento aumenta, paga-se mais por refeição e por noite, mas em compensação tens menos 20 a 25 cêntimos menos por litro de gasolina, para além de que uma dormida de 60 só pagas metade se fores para um quarto gay.</p> <p>Para alguns pode parecer um gasto supérfluo, mas para ir a algum lado que não seja ir ali ao virar da esquina, convém estar disposto a gastar algum dinheiro.</p> <p>Aquilo que se ganha, e falo por experiência própria, mas também podes perguntar a pessoal que nunca fez nada do género, é tão positivo e reparador que a vontade é não voltar a casa.</p> <p>Mas a prova mais fiável do que te acabo de dizer é que, na segunda edição da RIM repetem todos os membros da edição do ano passado.</p> <p>Para terminar, que não quero ser chato, viajar em moto, ou o moto turismo, é talvez a expressão máxima do verdadeiro significado da palavra viajar.</p> <p>É como que um grito de liberdade onde tu e o teu animal são tudo o que é necessário para viver bons momentos. Enfim...</p> <p>Ser feliz!</p> <p>Isso, não há dinheiro que pague.</p>

346	LoneRider	<p>Bora lá miúda!!!</p> <p>Bora lá curtir andar de mota!!!</p> <p>Luís pá!</p> <p>Existem duas coisas na vida que nunca deves desatender.</p> <p>Uma delas são os problemas e a outra é mota...</p> <p>Ou seja, parece-me que és bem merecedor de (voluntariamente) pagares o Imposto a devida altura!</p> <p>Se não houver stress espero marcar presença no N&S.</p>
347	airaf	<p>Olá a todos.</p> <p>Sou o Rui e moro em Braga.</p> <p>Mota não tenho, pois a maria não dá autorização de aquisição Mas o sonho persegue o homem e um dia será dia. A carta já cá mora, falta a companhia de duas rodas.</p> <p>Tenho andado em algumas motas e o que posso dizer é que se faz magia quando estou em cima delas. Não sei bem explicar a sensação, mas vocês conhecem.</p> <p>Acompanho os fóruns pois alongamos o nosso saber e conhecemos novas caras.</p> <p>Fiquem bem que a gente vê-se por aqui e por aí.</p> <p>Cumprimentos,</p>
348	Rod	<p>Bem-vinda, aqui não há grupos, clubes ou associações.</p> <p>Apenas pessoal que se junta, convida e esporadicamente faz uns passeios valentes como podes comprovar na secção das crónicas.</p> <p>E já me esquecia, muito feios, não tomamos banho há meses e muito maus...</p>
349	Karlytus	<p>Bem-vindo Miguel!</p> <p>Compreendo-te pois também tenho uma menina pequena e não é fácil arranjar tempo para nós (eu e a mota) mas acredita que é a minha terapia.. Uns vão ao psicólogo ou tomam antidepressivos, eu, ando de mota!!!</p> <p>Quanto à queda.. epah isso quase nem conta.. Olha eu já deixei a mota cair porque pensava que tinha o descanso.. e não tinha.. quando a vi passar dos 50 graus já era tarde..</p> <p>Abraço e boas curvas!!</p>
350	quatropiscas	<p>Bem, onde é que já vi este filme. Também vim de uma família onde as motas eram a forma que Satanás tinha na Terra. Mas o que é certo é que há 4 anos tirei a carta, comprei mota e, desde então (com as limitações que os filhos impõem), tenho desfrutado bastante e só me arrependo de não ter começado mais cedo.</p> <p>Tem juízo e vais ver que tudo vai correr bem. Ainda para mais, vives num dos</p>

		<p>melhores sítios para ter mota em Portugal, tal é o faltar de estradas com curvas na região.</p> <p>Vai contando as novidades.</p>
351	nunomsp	<p>Olá.</p> <p>Chamo-me Nuno, tenho uma ZZR1200 e uma EN500.</p> <p>Gosto de fazer uns passeios de mota no relax e curtir umas curvas para aliviar o stress.</p> <p>As minhas meninas:</p> <p>Saudações motards. "v"</p>
352	LoneRider	<p>Para isso tens os fóruns.</p> <p>É uma forma muito útil de apresentar, debater, argumentar, socializar e aprender.</p> <p>Queres ajudar quem agora começa!?</p> <p>Desliga a camara e aprende primeiro. Pensa na possibilidade de voltar a ligar a câmara daqui a 15 anos, depois de algumas centenas de milhar de km, muitas horas de leitura e debate nos fóruns e edições da especialidade e milhões de experiências que te abrem os olhos cada vez que te sentes o maior da rua.</p> <p>Falo por experiência própria HFM e de vez enquanto, quando tenho a minha auto estima pelas nuvens, trato de me convencer que ao mais mínimo erro sou carne picada para o Mcdonald.</p>
353	carlos-kb	<p>Fá-las e há mais tempo que qualquer japonesa.... Aliás, se não fosse em 1923 ter havido uma R32 e um senhor chamado Max Friz, possivelmente tudo o que conhecemos hoje em dia, seria diferente.... incluindo haver "ventoinhas" de 4 rodas!</p> <p>Aqui o bullying é geral e recíproco de uns para os outros, como irás perceber. Mas são todos keyboard warriors... e como se diz, cães que ladram....</p> <p>O "núcleo duro" do fórum conhecem-se todos pessoalmente... Até ao momento em que realmente nos juntamos e nos fazemos à estrada, em que a camaradagem e a inter-ajuda persistem!!!</p> <p>Junta-te a nós e serás (tão mau) como nós!</p> <p>Edit: Trata é de apresentar a tua Mariazinha II.... E com muitas fotos, porque aqui há um lema.... "se não há fotos, não existe ou nunca aconteceu"!</p>
354	LoneRider	<p>E a R3 também.</p> <p>E aqui no fórum há uma à venda.</p> <p>O dono quer trocar aquilo por um quadrúpede....</p> <p>Mais un tótó...</p> <p>Pá não me leves a mal, sou um gajo esquisito.</p> <p>Para mim as motas são uma forma de vida, e tem tanto de importância que as</p>

		<p>vezes são parte de mim.</p> <p>Não é fanatismo, é uma forma de estar.</p> <p>Por isso, não posso deixar de sofrer ao ver as motos serem tratadas como um simples objecto, quando elas te fazem sentir emoções.</p> <p>Dá igual a moto que compres, o estilo ou a potência, cilindrada ou capacidade de carga, é uma moto que num momento dado te vai fazer sorrir.</p> <p>Aprende, sim este é o ensinamento de hoje!</p> <p>Trata bem da tua mota e ela tratará melhor de ti.</p>
355	LoneRider	<p>Kok, tem cuidado Kok!</p> <p>Ainda te dizem que depois não tens piada nenhuma pá! !!</p> <p>Olá Serrano!</p> <p>Acho que fazes muito bem em vir para aqui pó pé da gente!</p> <p>Lembra-te de uma coisa, só o pessoal que anda de mota é que sabe o que é o verdadeiro significado da palavra liberdade!</p> <p>Eu era para injectar umas grandes doses de veneno e falar mal do fórum e tal, mas como é coisa que não mete muita piada, o melhor é dar-te as boas vindas de uma forma formal e standartizada.</p> <p>Sendo assim, em vez de rires ou chorares com as palavras do pessoal, o teu tópico de apresentação vai ser uma grande seca resumido a duas palavras.</p> <p>Bem-vindo!</p>
356	madvan	<p>Viva pessoal,</p> <p>Chamo-me Marcos, sou de V.N.Gaia e tenho 35 anos.</p> <p>Ando de mota à pouco mais de 3 anos. Comecei com uma keeway rkv 125 e tenho neste momento uma CB500 de 97.</p> <p>A keeway comprei apenas para ir para o trabalho, durante 2 anos raramente a usei para outro efeito.</p> <p>Troquei para a CB pois queria algo mais fiável e parece que entretanto o bichinho mordeu.. Já tenho feito uns passeios e estou a adorar!</p> <p>Registei-me pois pareceu-me que este fórum tem atividade recente, ao contrário do que tem sido habitual com outros fóruns que vou encontrando.</p> <p>Vamos lá ver como corre e se dá para fazer algumas amizades novas!</p> <p>Um abraço</p> <p>Marcos</p>
357	LoneRider	<p>És um cromo pá!!</p> <p>E dos grandes....</p> <p>Deita o excel para o lixo e segue o coração.</p> <p>Vais ver que nunca te enganas na escolha.</p>

358	quatropiscas	<p>Bem-vindo!</p> <p>Quanto à moto, de fizeres contas suficientes, não a vais comprar. A moto reveste-se de irracionalidade, senão, não vale a pena.</p>
359	carlos-kb	<p>Vergonha??? Vergonha é estar com o pessoal e esquecer de pagar a rodada!</p> <p>Aparece num passeio com a tua 125.... Que serás tão bem recebido como se viesses de 600 ou 1000cc.</p> <p>Já tivemos pessoal em voltinhas também com 125cc. E não foram nem menos nem mais que os restantes, com montadas maiores.</p> <p>O que interessa é o convívio e camaradagem, independentemente dos cc e dos cavalos da burra que cada um monta.</p> <p>Praticamente todos começámos com coisas modestas e fomos trilhando a nossa evolução. Cabe-te a ti fazer o mesmo.</p> <p>Junta-te a nós... E serás como nós, independentemente da moto que tens.</p> <p>Boas curvas.</p>
360	JLx	<p>Olá pessoal</p> <p>Julguei que o Facebook tinha acabado com os fóruns mas dei com este e as conversas que li agradaram-me muito. Até aqui fui leitor. Hoje decidi participar.</p> <p>Vou andar por aqui a aprender convosco. Ainda não conclui os meus primeiros 10.000 quilómetros e comecei em maio de 2017. Já não me sentava numa moto há 25 anos.</p> <p>A moto para mim é puro prazer. Embora a use quase todos os dias para ir trabalhar, só lhe pego mesmo por gozo pois só faço 1,5 quilómetros para cada lado. Quando chove vou a pé para não ter de tirar e por fato de chuva.</p> <p>Boas curvas para todos. Gostava de vos encontrar por aí.</p> <p>Uso uma BMW700GS.</p>
361	Furras	<p>Andar de moto é tudo menos uma questão de números e opções racionais.</p> <p>Pelo que entendo a moto para ti é uma forma de poupar €, e assim sendo não irás conseguir entender o que grande parte da malta está a tentar explicar...</p> <p>Eu já tive uma cbf125 e sim foi uma boa parceira, depois dessa e para os mesmos trajetos tive motos que gastam muito mais em todos os aspetos (consumos, manutenções, seguros impostos etc...) passei a andar com a carteira um bocado "mais vazia" mas o coração... esse passou a andar muito mais cheio</p>
362	dmanteigas	<p>A questão é que isto não é sobre mim, é sobre o dono deste tópico que pediu auxílio sobre a escolha de uma moto com o propósito de fazer o percurso Montijo-Lisboa. Não disse que era um amante das duas rodas, não tem estilo de moto preferido e vai começar a conduzir aos 38 anos. Portanto parto do</p>

		<p>princípio que é alguém que, como tantos outros, pretende comprar uma moto não por gosto mas porque pretende um meio de transporte que permita evitar o trânsito e ser económico.</p> <p>Eu adoro andar de moto. Sou um apaixonado das duas rodas desde sempre. Tirei a licença de 50cc aos 14 anos e com essa idade já ia diariamente para a escola de moto. Mesmo com carro sempre usei a moto para todas as viagens possíveis. E tiro um prazer enorme a andar em qualquer moto. Bolas, até na porcária da ecooltra eu tenho prazer em andar em vez de andar com o carro pelo meio de Lisboa ou de metro. Quando estava em Torres, só em dias de chuva torrencial é que abdicava da moto e tenho/tinha um prazer enorme em conduzi-la naqueles percursos diários. Se tivesse possibilidade, preferia ir com outra moto como é óbvio. Mas racionalmente, para quê? Eu já tirava prazer da viagem e mais prazer ainda quando fazia as contas e ao prazer das duas rodas se juntava o prazer da poupança. É algo que só os pobres vão entender, vocês que estão todos bem na vida podem palavrão mais 2000€/ano para fazer as viagens diárias numa moto que só de IUC paga 2 meses de combustível da CBF. Agora que já não sou tão pobre e vou usar a moto para fazer aquilo que realmente gosto de fazer com uma moto (que não inclui ir e voltar para o trabalho) já deixar a emoção sobrepor-se à razão (ou nem tanto vá, se não sei bem o que é que comprava)</p> <p>PS: a GT já está comprada (sinalizada vá). Ou porque é que achas que tenho estado tão ativo no fórum com dias tão bons para andar de moto? A partir de Junho podem apagar a conta que só volto a aparecer lá para Novembro ou Dezembro a perguntar valores da revisão dos 30000</p>
363	Fz1000	<p>Rod, tenho montes de filmagens. logo te passo o link quando a coisa estiver editada.</p> <p>A estrada logo meto aqui, quanto ao roteiro acima mencionado, o que fizemos ontem é melhor, mas não sou esquisito, quero é andar de moto.</p>

Anexo 3. *Ranking* de autores

Posição	Autor	Comentários recolhidos
1	LoneRider	54
2	carlos-kb	32

3	micelfpinto	17
4	dfelix	15
5	OFFICER	14
6	MagJet	12
7	nelsonajm	12
8	marco.clara	10
9	Nfilipe	10
10	vindaloo	9
11	Rod	9
12	nunomsp	9
13	LWillow	8
14	Johnny_1056	8
15	Caroço	7
16	pedromt07	6
17	cabs	6
18	quatropiscas	6
19	Shady	5

20	pneves33	5
21	Serzedo	5
22	Furras	5
23	ClaXav	5
24	Fz1000	5
25	Cloud	4
26	hjjs	4
27	akimoto	4
28	Mr.Ricky	4
29	Karlytus	4
30	mr_trecolareco	3
31	KOK	3
32	jofra	2
33	VMassa	2
34	Pianoman	2
35	IgordeMelo	2
36	tkm_[pt]	2

37	Pvale	2
38	Moto2cool	2
39	FerroH	2
40	Bad Attitude	2
41	tarasofia	2
42	dt_50r_sm	2
43	Velasquez87	2
44	madvan	1
45	airaf	1
46	xiko_dsg	1
47	inc_pt	1
48	FulioJaria	1
49	tiagomssilva	1
50	PBarros	1
51	Snap	1
52	Diogo.fps	1
53	luisnogueira	1

54	nunones	1
55	_x_MaD_x_	1
56	Saphyr	1
57	Axel	1
58	rZm	1
59	d.rodrigues	1
60	dmanteigas	1
61	LuisDrager	1
62	BMagno	1
63	Tiago Rosado	1
64	jpsimoes	1
65	PSantos007	1
66	n00b1e	1
67	ISA MAR	1
68	Rik	1
69	thejuv	1
70	MrOverclock	1

71	GN250	1
72	ChicoMPM	1
73	JLx	1
74	FabioBrasil	1
75	devil_lips63	1
76	Neumon	1
77	rruella	1
78	paulinhov	1
79	Sonia-pendura	1
80	7even	1
81	7pires	1
82	MuscleCruiser	1

Anexo 4. Codificação de drivers

Posição	Driver	Codificações
1	Viajar	124
2	Prazer	86
3	Convívio	42

4	Camaradagem	21
5	Desfruto	18
6	Liberdade	18
7	Descompressão	14
8	Solidariedade	9
9	Partilha	6

Anexo 5. Codificação de temáticas

Posição	Temática	Codificações
1	Fórum	70
2	Espírito <i>motard</i>	30
3	Redes sociais	22
4	Participação	20
5	Motonline	13
6	Preconceito	12
7	<i>Motard</i>	9
8	Saudade	7
9	Ligação ao motociclo	5

10	Conhecimento	4
11	Paixão	4
12	Aumento de <i>motards</i>	3
13	Ansiedade	2
14	Segurança	2